

ISSN: 1679-9887

# **PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA**

*Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura*

## **PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA**

Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura.

**Psicanálise & Barroco em revista** é publicada pela linha de pesquisa Memória Subjetividade e Criação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

### **EDITORES RESPONSÁVEIS**

Editora-Chefe: Denise Maurano Mello  
Editora: Nilda Martins Sirelli

### **CONSELHO EDITORIAL**

Angela Coutinho (UNIV. SANTA ÚRSULA/RJ)  
Carlos Eduardo Leal Vianna Soares (FAMATH)  
Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)  
Edson Luiz André de Souza (UFRGS)  
Eliana Yunes (PUC/RJ)  
Jean-Claude S. Soares (UFJF)  
Júlio Cesar de Souza Tavares (UFF/RJ)  
Luciano da Fonseca Elia (UERJ)  
Marco Antônio Coutinho Jorge (UERJ)  
Sérgio Paulo Rouanet (Academia Brasileira de Letras)  
Rogério Lustosa Bastos (UFRJ)  
Sérgio Nazar David (UERJ)  
Sônia Alberti (UERJ)

### **CONSELHO CIENTÍFICO**

Ana Petros (UNT/AR)  
Betty Bernardo Fuks (PUC/RJ e CES/MG)  
Jean-Michel Vivès (UCA/FR)  
Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV. PARIS VII/FR)  
Paola Mieli (SVA/NY)  
Paolo Lollo (UNIV. PARIS XIII/FR)

### **EQUIPE TÉCNICA**

Revisora de normas técnicas de publicação: Renata Figueredo dos Santos, Julia Pontes Aguiard Fiad, Alexandre, Matheus Philipe S. Faria,

Tatiana Sodré, Bruno Carvalho da Silva  
Técnico de Informática: Bruno Carvalho da Silva  
Revisor de Inglês: Bruno Carvalho da Silva

### **PARECERISTAS *Ad-Hoc***

Alinne Nogueira Silva Coppus (UFRJ)  
Andrea Bieri (UNIRIO)  
Ana Vicentini de Azevedo (UFSCAR)  
Cláudia Bodin (Universidade de Paris VII)  
Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)  
Daniela S. Chatelard (UNB)  
Ecio Pisetta (UNIRIO)  
Edson Luiz André de Souza (UFRGS)  
Hélia Freitas (UERJ)  
Josaida de Oliveira Gondar (UNIRIO)  
La ria Fontenele (UFC)  
Lucia Maria de Freitas Perez (UERJ)  
Luiz Alberto Pinheiro de Freitas (IBMR)  
Marlen de Martino (FURG)  
Mariângela Máximo Dias (UERJ)  
Maria Das Graças Leite Villela Dias (UFSJ)  
Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO)  
Nadiá de Paulo Ferreira (UERJ)  
Orlando Cruxen (UFC)  
Rodolfo Petronio (UNIRIO)  
Sandra Edler (SPID)  
Sonia Leite (CPRJ)  
Tereza Calomeni (UFF)  
Valéria Wilke (UNIRIO)  
Walter Kohan (UNIRIO)  
Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos (UERJ)

© *Copyright* **Psicanálise & Barroco em revista**

**Endereço para correspondência / *Address for correspondence /  
Adresse pour correspondance***

Psicanálise & Barroco em revista

Programa de Pós-Graduação em Memória Social, UNIRIO – Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro.

Avenida Pasteur, 458, 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Secretaria — (21) 2542-2820 | Coordenação — (21) 2542-2708

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

**PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA**

Ano 15, Número 01: Edição julho de 2017,  
Rio de Janeiro, RJ.

# PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

(ISSN:1679-9887)

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

Ano 15, Número 01: Edição Julho de 2017.

## SUMÁRIO

EDITORIAL .....	7
O FENÔMENO DAS MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO COMPORTAMENTO DAS MASSAS .....	11
SUJEITO, DISCURSO E IDEOLOGIA: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA SOBRE A POSIÇÃO DO SUJEITO EM DISCURSOS MIDIÁTICOS .....	35
O SUJEITO DA PSICANÁLISE E O COGITO CARTESIANO: UMA QUESTÃO ESTRUTURAL .....	63
CONSIDERAÇÕES SOBRE O FALO E AS PSICOSES .....	87
DE A BELA ADORMECIDA À MALÉVOLA: O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE .....	105
O MONSTRO DEMASIADAMENTE HUMANO: O OLHAR DA PSICANÁLISE SOBRE O DESAMPARO .....	131
ESCRITA E EMBRIAGUEZ EM FERNANDO PESSOA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO .....	153
A LINGUAGEM DA IMAGEM: NOTAS SOBRE O SUJEITO EM CAUSA NA TV E NO CINEMA .....	183
CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PSICANALISTA FRENTE À ARTE .....	197
O LADO OCULTO DA INFÂNCIA: UM OLHAR PSICANALÍTICO ACERCA DA PERVERSIDADE INFANTIL .....	231
APROPRIAÇÕES DO SABER PSICANALÍTICO PELA PSICOPEDAGOGIA: CONTRIBUIÇÕES AO CAMPO DO DESEJO .....	259
CONTENTS .....	279
SOMMAIRE .....	280



## EDITORIAL

*Denise Maurano Mello e Nilda Sirelli*

É com muita alegria que apresentamos a mais nova edição de *Psicanálise e Barroco em Revista!* Fomos presenteados com belíssimos artigos, versando a articulação da psicanálise com as artes, com a cultura e a política, com o feminino e a educação. Vamos percorrer cada um desses textos, para que nosso leitor fique com gostinho de quero mais, e seja convidado a leitura!

Iniciamos com o texto **“O fenômeno das manifestações de rua no Brasil: uma leitura psicanalítica do comportamento das massas”** de Vera Lúcia Prates dos Santos Nogueira. O texto se debruça sobre um tema atual e de extrema relevância: as manifestações de rua que aconteceram no Brasil em 2015 e 2016, mas que ainda avançam, por vezes, carregadas de agressividade e violência. A autora retoma os textos freudianos que versam sobre o posicionamento das massas, que agem por identificação, e os efeitos do discurso capitalista sobre esses sujeitos. Ao mesmo tempo, aponta a possibilidade de um sujeito desejante emergir com um posicionamento decidido, diante da política que inclui cada um de nós.

Ainda discutindo o campo da cultura, Lucas de Oliveira Alves, Jane Martins e Maurício Eugênio Maliska no artigo **“Sujeito, discurso e ideologia: uma compreensão psicanalítica sobre a posição do sujeito em discursos midiáticos”** articulam a constituição e a posição do sujeito nos discursos midiáticos, com os quatro discursos propostos por Lacan. Identificam correlações entre a mídia e o discurso universitário e capitalista, além da possibilidade da assunção do discurso da histórica. Compreende-se, ainda, que a mídia atua no campo ideológico, alienando sujeitos em significantes por meio de uma fantasia social que molda a realidade.

Magali Milene Silva, em **“O sujeito da psicanálise e o *cogito* cartesiano – uma questão estrutural”**, explora o modo como Lacan se propõe a pensar o sujeito da psicanálise em sua assertiva de que este é o sujeito da ciência moderna tal como depreendido do *cogito* cartesiano. São percorridas as principais referências de Lacan sobre Descartes, buscando situar a leitura lacaniana do *cogito* como estrutural, para então problematizar a visada de alguns autores como Charles Melman, de que estaríamos em uma nova era, a pós-modernidade, com novos sujeitos, diversos daquele sobre o qual a psicanálise opera. Pensando o sujeito e o laço social, a autora

evidencia que o mal-estar inerente a cada sujeito continua a ser sustentado pelo inconsciente.

Outra discussão contemporânea refere-se à transexualidade. Lauro Barbosa, em **“Considerações sobre o falo e as psicoses”**, evidencia a relação e a disjunção entre o empuxo a mulher, presente nas psicoses, e a transexualidade. Para tal, faz uma ampla pesquisa nos textos lacanianos, evidenciando a tendência da psicose à feminização, e, a apropriação que alguns psicanalistas fazem dessa assertiva, considerando a transexualidade enquanto um fenômeno próprio ao campo das psicoses. O autor destaca que a tendência à feminização nas psicoses decorre da forclusão do Nome-do-Pai e da *zerificação* do falo, introduzindo uma dialetização: mesmo que as psicoses, através da noção de *empuxo-à-mulher*, possam se aproximar à transexualidade em alguns casos, ambas não são, necessariamente, correspondentes.

Falando em sexualidade e cultura, o texto **“De A Bela Adormecida à Malévola: o papel da mulher na sociedade”** de Karen Sihe e Fernanda Real Dotto analisa, através dos filmes “Malévola” e “A bela adormecida” as mudanças no lugar discursivo que a mulher vem ocupando no laço social. Realiza uma reflexão histórica e filosófica acerca do papel feminino ao longo das releituras do próprio conto, como forma de reescrever a sociedade e seus papéis de gênero.

Retomando os clássicos literários, Rafael Santos Barboza parte da obra *Frankenstein (ou O Moderno Prometeu)*, escrito por Mary Shelley em 1818, para pensar os conceitos de desamparo e estranho em psicanálise. No artigo **“O monstro demasiadamente humano: o olhar da psicanálise sobre o desamparo”** evidencia que todo sujeito nasce no desamparo, sendo acolhido pelo Outro, contudo, Frankenstein é destituído de uma posição no laço social, não encontrando qualquer amparo. Sua origem e sua imagem fragmentada são motivo de estranhamento e rechaço, mas é preciso lembrar, que o estranho é também familiar, de forma que revela algo íntimo a cada um de nós.

O artigo **“Escrita e embriaguez em Fernando Pessoa: um estudo psicanalítico”** de Yrismara Pereira da Cruz e Raul Max Lucas da Costa entrelaçam o álcool e a escrita em Pessoa, no sentido de ambas serem utilizadas como medidas paliativas frente ao mal-estar, e por terem o efeito de “narcose”. Freud já evidenciava que a arte era umas das maiores fontes de satisfação de uma cultura, e que cada

sujeito precisa inventar para si formas de lidar com o mal estar, sendo os entorpecentes uma dessas vias.

A arte é uma produção da cultura frente ao mal estar, e suas manifestações se articulam a subjetividade. O artigo **“A linguagem da imagem: notas sobre o sujeito em causa na tv e no cinema”** de Maysa Puccinelli e Daniela Scheinkman Chatelard esclarecem que a montagem da imagem televisiva e cinematográfica é tributária de uma lógica de produção que determina a linguagem final de ambas. O pano de fundo teórico que sustenta esta discussão está referido às contribuições lacanianas, sobretudo, ao enredamento pulsional escópico, á captura do sujeito na cadeia significante e á produção de sentido figurada pela fantasia. Veremos que, enquanto um tipo de linguagem cinematográfica pode se construir sob uma racionalidade que comporte o sujeito, a imagem televisiva se erige na contramão desta lógica. Lacan ensina que a imagem desperta uma fascinação, pois nela o sujeito suporta uma miragem de totalidade, não é a toa as artes que se ligam as imagens tomarem grande lugar na nossa cultura e na nossa vida.

Marcelo de Oliveira Prado e Tiago Ravanello, no artigo **“Considerações sobre o papel do psicanalista frente à arte”**, estabelecem uma categorização da relação entre a arte e a psicanálise na obra freudiana a partir de uma análise realizada com os quatro discursos propostos por Lacan. Os autores propõem três categorias de análise: a análise do autor a partir da obra, a análise do discurso de personagens de uma obra de ficção para demonstração de um saber já construído, e da arte enquanto explicitador do impacto real de *das Ding* com o discurso do analista.

A partir do livro (que também deu origem a um filme) **“Precisamos falar sobre o Kevin”** (2007), de Lionel Shriver, o texto **“O lado oculto da infância: um olhar psicanalítico acerca da perversidade infantil”**, de Andressa Alves Ferreira e Marcos Pippi de Medeiros, destacam a perversidade infantil a partir da teoria psicanalítica. O trabalho parte de formulações teóricas acerca da perversão para, a partir disso, construir um ensaio onde será analisada a infância de Kevin Khatchadourian, autor de um massacre que teve como consequência a morte de onze pessoas, além de seu pai e sua irmã. No ensaio, busca-se tecer considerações, identificando elementos marcantes de sua vida, como sua relação com seus pais e com a sociedade, a fim de construir indagações acerca da perversidade infantil nos processos subjetivos e sociais contemporâneos.

Freud ensina que toda criança é um perverso polimorfo, contudo, cultura e educação incidem produzindo novas organizações na libido infantil. Ele ainda esclarece que nesse processo o laço com o outro é fundamental. O artigo **“Apropriações do saber psicanalítico pela psicopedagogia: contribuições ao campo do desejo”** de Joyce Hilario Maranhão, Camilla Araújo Lopes Vieira e Karla Patrícia Holanda Martins discute quais leituras a psicopedagogia faz da psicanálise para apoiar sua práxis e que contribuições do campo psicanalítico são possíveis para se considerar o sujeito e suas dimensões transferenciais no processo psicopedagógico. Evidenciam que a psicanálise pode contribuir para intervir nas dificuldades de aprendizagem por incluir no campo educacional o desejo do sujeito em sua relação com o saber.

Desejamos a todos uma boa leitura!

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# O FENÔMENO DAS MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO COMPORTAMENTO DAS MASSAS

*Vera Lúcia Prates dos Santos Nogueira<sup>1</sup>*

## RESUMO

Neste trabalho procura-se analisar a compreensão do fenômeno das massas e seus deslocamentos, e mais especificamente as manifestações de rua ocorridas no Brasil, durante os anos de 2015 e 2016.

A partir do marco teórico principal de Freud e de Lacan, procurou-se investigar os fatos que levaram à existência de tantas pessoas se reunirem com um único objetivo, o de protestar nas ruas brasileiras contra os políticos tradicionais, partidos políticos e a corrupção.

Assim, no presente trabalho, pretende-se abordar as massas, que se movem inquietas e ruidosas pelas ruas do Brasil, bem como seus comportamentos e seus anseios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Massas. Manifestações de rua. Brasil. Política. Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Formada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integrante da equipe de Saúde Mental do Instituto Municipal Philippe Pinel. Correspondente integrante da Escola Brasileira de Psicanálise, seção Rio. Psicanalista. Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 540, 607, Rio de Janeiro. [v\\_nogueira@hotmail.com](mailto:v_nogueira@hotmail.com).

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão a respeito do comportamento das massas nas manifestações de rua no Brasil, durante os anos de 2015 e 2016.

O trabalho parte da observação empírica de como as massas se conduziram em aprovações ou desaprovações ao modo em que o Brasil foi governado durante o referido período, a partir do que foi constatado nas diversas manifestações, inclusive com grande destaque dado pelos meios de comunicação social, que dedicaram grande parte da sua intensa programação para a transmissão dos eventos, nas principais cidades brasileiras.

Assim, pretende-se, como objeto específico, verificar o que querem dizer as massas nas manifestações de rua, o que ocorre com estas e quais os efeitos tanto sobre a subjetividade quanto ao que se refere à condução da vida política do país.

Como hipótese, pode-se afirmar a possibilidade de manipulação das massas para se atingir os resultados pretendidos pela classe social mais abastada, uma vez que as massas podem não ter compreendido a motivação da sua convocação.

Assim, no presente trabalho, pretende-se abordar o assunto das massas, que se movem inquietas e ruidosas pelas ruas de todo o país e sobre como se comportam.

## **A VIOLÊNCIA, A AGRESSIVIDADE E O ÍMPETO CONSUMISTA**

O homem: violência e agressividade

Para dizer sobre o fenômeno das manifestações, é preciso, antes de tudo que tomemos o homem como um ser social, como um sujeito em suas relações com o outro semelhante, pois que ele já nasce num meio social que é a família. Assim, iniciamos com Freud (1921/1980, p.91), que, em “Psicologia de grupo e a análise do ego”, diz o seguinte:

As relações de um indivíduo com os pais, com os irmãos e irmãs, com o objeto de seu amor e com seu médico, na realidade, todas as relações que até o presente constituíram o principal tema da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar serem consideradas como fenômenos sociais [...].

No mesmo artigo, Freud afirma que na psicologia de grupo, as relações com os pais etc. são deixadas de lado, e o que fica isolado é o que trata da influência que exerce sobre um indivíduo um grande número de pessoas simultaneamente. Para ele:

A psicologia de grupo interessa-se assim pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizaram em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido. (Freud, 1921/1980, p. 92).

A fim de tratar do fenômeno das massas, Freud, partindo da análise a respeito de “A alma coletiva segundo Le Bon”, reconhece que uma característica típica do indivíduo na massa é “um sentimento de poder invencível [...] sendo a massa anônima [...] desaparece por completo o sentimento de responsabilidade que sempre retém os indivíduos.” (Freud, 1920-1923/2011, p. 20).

Le Bon, como concorda Freud, registra os “fenômenos de ordem hipnótica”, como ocorre nas massas, em que se observa “o indivíduo sacrificar facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo”, tornando-se sensível à “sugestionabilidade [...] tendo perdido sua personalidade consciente, ele obedece a todas as sugestões do operador que a fez perdê-la, e comete os atos mais contrários a seu caráter e a seu costume.” (Freud, 1920-1923/2011, p. 21-22).

Também, a partir de Le Bon, em consequência do estado hipnótico, “pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala da civilização [...] na massa é um instintivo, e em consequência um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos.” (Freud, 1920-1923/2011, p. 24).

Tomando em consideração a formação de um grupo, segundo Freud, não cabendo diferenciar se neste há apenas duas pessoas ou uma multidão delas, constata-se que do agrupamento de pessoas, resultam vários fenômenos, como a violência e a agressividade.

Tais fenômenos têm sido observados em todos os tempos e foram descritos por vários autores, que se ocuparam em desenvolver sobre o tema. Um deles, Thomas Hobbes (1651/1974), em *Leviatã*, no capítulo “Da condição natural da humanidade relativamente à sua felicidade e miséria”, abordando sobre a natureza do homem, apresenta a competição, a desconfiança e a glória como três causas de discórdia.

A competição leva os homens a se atacarem porque querem se tornar senhores das pessoas, mulheres, filhos e rebanhos dos outros homens. A desconfiança impele à violência para defendê-los, e a glória, que gera a violência por ninharias, como um sorriso, uma diferença de opinião etc.

Tendo em vista, então, a natureza do homem, se não há um líder, se não há leis às quais se submeterem, os homens partem para guerrear, e, como diz Hobbes

(1651/1974, p.79), “uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens”, uma guerra que permanece inclusive na vontade de travar batalha, não apenas na batalha em si.

Essa vontade e disposição que o homem tem sempre a guerrear expressa uma forma de lidar com seus conflitos. Desse modo, há que se considerar a respeito dessa tendência e as consequências disso no mundo hoje, um mundo capitalista, onde os excessos consumistas não permitem fazer cessar o mal-estar do sujeito e o levam a desaparecer e fazer viger a imagem.

Freud (1930[1929]/1980) situa o tema da agressividade na civilização e o desenvolve em “O mal-estar” tomando a agressividade como algo inerente ao homem, sendo a inclinação para a agressão, além de um fator que causa perturbações no relacionamento entre os homens e forçar a um grande dispêndio de energia, não é fácil a eles abandonarem a satisfação dessa inclinação.

[...] os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. [...] Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração com a sua própria espécie é algo estranho. (1930[1929]/1980, p. 133).

O momento político atual mostra claramente quão intensa é a cota de disposição ao ataque, sendo desconsiderada qualquer noção de civilidade, importando apenas os exacerbados narcisismos - Freud adota o termo narcisismo para referir-se ao amor pela imagem de mim mesmo como outro; Lacan fala em registro do imaginário - daqueles que pretendem ações que têm trazido a desordem ao país. Parece desconhecem, em sua eterna e infrutífera busca da total felicidade, que desta só é possível conseguir migalhas e que a civilização impõe sacrifícios, como diz Freud (1930[1929]/1980, p. 137), não só à sexualidade, mas também à agressividade.

## **AS MASSAS E A CRUELDADE**

Tem-se observado nos dias de hoje, com incomum frequência, que no vaivém das massas, milhares de pessoas que se aglomeram em manifestações nas ruas de várias cidades do Brasil, clamando pela defesa da democracia e apontando distorções em diferentes áreas do comando do país, apresentam-se, muitas vezes, com ânimos inflamados, o que tem levado a excessos, a agressões físicas, à troca de insultos em

larga escala constatados e registrados em vídeos, fotografias etc. Não há conversações entre as partes que se opõem, o diálogo está ausente.

Ortega y Gasset (s.d) denomina como “homem massa”, um sujeito “esvaziado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil às disciplinas internacionais”. Para esse fenômeno, a mídia tem exercido um fundamental papel, pois, como diz Tarde (2005, p. 28), “as grandes conversões de massas, hoje, são os jornalistas que realizam.”

Nesses eventos populares, apurou-se que se questionou muito o efeito moral da corrupção, porém sem apontar com eficácia suas verdadeiras causas. Grande parte dos manifestantes deposita cegamente toda a sua esperança, de um país melhor e mais justo, nas mãos da burocracia, particularmente a Judicial.

Foi constatado ainda que uma grande maioria dos integrantes dessas massas defende ideias de segregação, xenofobia, racismo e preconceito de qualquer tipo, como ideológico por ser de esquerda, por ter admiração pelos estudos de Karl Marx ou até mesmo pelo fato de uma pessoa ter o gosto pela cor vermelha, por exemplo.

Como apurou Tarde (2005, p. 34), “as multidões políticas, urbanas em sua maior parte, são as mais apaixonadas e furiosas. Versáteis, por sorte, passam da execração à adoração, de um acesso de cólera a um acesso de alegria, com extrema facilidade.”

Jorge Forbes, em entrevista ao *Planeta digital*, atribui a crise social no país hoje à falta de diálogo entre as pessoas, que estão “aferradas a verdades estanques”. E acrescenta que “estamos em uma guerra civil verbal. A um passo de uma guerra civil carnal. E quando o diálogo termina, o próximo passo é a agressão física”.

Freud (1930[1929]/1980, p. 95) afirma que o sofrimento é o que nos afeta muito mais facilmente, ao contrário da sempre almejada felicidade. Para ele,

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e a dissolução [...]; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja o mais penoso do que qualquer outro.

Se, então, são os nossos relacionamentos com os outros homens a causa do sofrimento mais penoso que qualquer outro, como abordar aqui o fenômeno das massas? Como abordar a intensidade das manifestações, que, nos dias atuais, são apresentadas, não mais de maneira imparcial, pelos noticiários diários, os quais

exibem fatos, que se fazem acompanhar de contundentes críticas em relação aos acontecimentos que ameaçam a tranquilidade dos brasileiros hoje?

Quanto a isso, podemos dizer da dificuldade desde sempre existente nos relacionamentos dos homens com os outros homens e o labor que a convivência acarreta, temas esses abordados por Freud (1930[1929]/1980) ao se referir ao assassinato do pai da horda pelos filhos, que sentiram remorso após matarem o pai. O remorso se deveria à ambivalência primordial de sentimentos dos filhos em relação ao pai; os filhos o odiavam, mas também o amavam.

Após a agressão, o amor (remorso) veio onde antes era o ódio, criando o superego pela identificação com o pai; se ao superego é dado o poder paterno, como punição pelo assassinato que cometeram, isso os impede de repetirem o ato. Segundo Freud (1930[1929]/1980, p.156),

[...] todos estão fadados a sentir culpa, porque o sentimento de culpa é uma expressão tanto do conflito devido à ambivalência, quanto da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou morte. Esse conflito é posto em ação tão logo os homens se defrontem com a tarefa de viverem juntos.

Para Freud, o conflito se expressa inicialmente no complexo edipiano, cria a consciência e o primeiro sentimento de culpa. E prossegue: “Quando se faz uma tentativa para ampliar a comunidade, o mesmo conflito continua sob formas que dependem do passado [...] O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo” (Freud, 1930[1929]/1980, p. 157), ou seja, à grande massa, nas manifestações de rua, como temos tratado aqui.

Freud afirma que há duas pulsões que coexistem na vida de cada um de nós e que raramente aparecem isoladas uma da outra, embora em proporções diferentes: Eros e Tanatos (pulsão de morte). Em relação à pulsão de morte, postula que “uma parte da pulsão é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade.” (Freud, 1930[1929]/1980, p. 141). Para ele, é inata a “inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade” (1930[1929]/1980, p. 142), a qual está intimamente ligada à pulsão sexual. (Freud, 1905/1980).

A propósito do tema da crueldade, esta é um fenômeno da civilização. Segundo Nietzsche (1998, p. 55), conforme citado por Adriana Testa (2011, p. 87), a crueldade era uma prática para regular as ações humanas, “[...] fazer-sofrer produz bem estar em sumo grau, na medida em que o prejudicado trocava o dano, assim como o

desprazer que este lhe produzia, por um extraordinário contra gozo: o fazer-sofrer, - uma autêntica festa”.

Podendo ser relacionados com o modo como se comportam alguns segmentos das massas, atos cruéis foram amplamente observados nas manifestações de rua, quando, por exemplo, uma jovem foi espancada porque usava uma vestimenta cuja cor não era condizente com aquelas que o grupo contrário ostentava. Outro exemplo diz respeito a um jovem ciclista espancado apenas por estar “fora do seu grupo”. Assim, vários foram os atos violentos, cínicos e cruéis ocorridos diante dos aplausos de muitos presentes, sem qualquer questionamento, enquanto outros assistiam atônitos.

Com efeito, Folena de Oliveira (2016, p. 133) observa que: “A crueldade torna-se corriqueira ao ponto de agradar a massa da população e tornar-se um espetáculo público, promovido e organizado pelo Estado”.

Embora amplamente divulgado que as manifestações têm transcorrido em clima de paz, tem-se visto inúmeros episódios de agressividade entre os manifestantes que compõem a grande massa da população, de excessos dentre aqueles que, por se sentirem ameaçados diante de uma possível perda do que representa o “quem pode mais”, o que pode ser traduzida por uma perda de gozo, aqueles, por não aceitarem a perda, antecipam-na.

Ocorreu no aeroporto de Curitiba manifestantes hostilizarem a senadora Gleisi Hoffmann (do PT), com palavras ofensivas e com insultos. Também, durante os protestos, outros episódios de agressividade e violência, como os da tarde de 01/06/2016, foram registrados em vídeo e publicados pelo jornal online Pragmatismo político (2016). As agressões físicas, nesse caso, não vieram dos manifestantes entre si, mas daqueles que deveriam zelar pela segurança do povo. A matéria, cujo título “Mulher é covardemente agredida pela PM (Polícia Militar) durante protesto contra Temer”, refere-se a uma jovem mulher agredida por um grupo da PM de São Paulo quando, defendendo a moradia popular, ela protestava contra os cortes do programa “Minha Casa, Minha Vida” em que a proposta do atual governo é de retirar os subsídios.

## **O SUJEITO E O CONSUMO**

Diante de tudo isso, o que esperar do sujeito imerso numa cultura do “sempre o novo”? A existência hoje de infindável lista de objetos de consumo, de acordo com a

produção capitalista, diz de um gozo a mais, ou seja, como formulado por Lacan, que teve como referência a mais-valia de Marx, diz de um mais-de-gozar que pode deslocar o sujeito de sua questão.

Assim, do mesmo modo que as imagens em profusão no mundo contemporâneo, que o consumismo e seus gadgets - assim nomeados por Lacan (1972-73/1982, p.110) para falar dos objetos de consumo que a lógica capitalista produz, e que dão, muitas vezes, status social, sendo assim, objetos de gozo -, que as drogadições (porque o sujeito não pode se haver com seu desejo e se presta a ser como que consumido pelo produto), poderíamos também considerar que os protestos das massas a favor do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff não seriam diferentes dessa massiva busca do sujeito por uma solução instantânea de situações, onde esperar se tornou impossível. Fascinados por um determinado objeto, ou mesmo por um ideal tornado objeto, tais sujeitos perseguem um propósito, como esse do impedimento da presidenta Dilma.

Assim, o não poder esperar, o imediatismo, o empuxo ao gozo do novo, colocam em evidência o mal-estar que o sujeito não pode suportar. Nessa “cultura da imediatez” (Lipovetsky, 2004, p. 80), é importante a manifestação de Bauman (2001, p. 185) de que “o adiamento da satisfação perdeu seu fascínio”.

Nesse empuxo ao imediatismo do mundo contemporâneo, a cultura capitalista fez ruir todo o encanto que pode conter uma espera. O mal-estar fez com que se instalasse uma cultura do presente que urge seja sempre presente, “[...] um presente que substitui a ação coletiva pelas felicidades privadas, a tradição pelo movimento, as esperanças do futuro pelo êxtase do presente sempre novo.” (Lipovetsky, 2004, p. 60-61).

Estar no enalço de soluções imediatas, do novo sempre novo, é o que pode ser lido nas palavras de Miller (2005, p. 330-331), em *El Otro que no existe e sus comités de ética*: “O culto do novo inexoravelmente faz do sujeito mesmo um objeto obsoleto, um dejetivo”, cuja consequência é o desaparecimento do sujeito desejante, o seu apagamento diante de um objeto da realidade. O sujeito, enfim, não se dá conta de que foi afetado pelo capitalismo.

## DOS ATOS CONTRA O SUJEITO E A VOZ DO POVO NA ERA DO DECLÍNIO DO PAI

### O GOZO DAS MASSAS

Os atos contra o sujeito ou contra o outro são abordados por Bentes (2014) em seu livro *As patologias do ato*. Para a autora, as patologias do ato como sintomas sociais representam impulsões a gozar, impulsões essas que surgem em consequência do declínio da função paterna.

Como patologias do laço, esses atos, sob o ponto de vista do discurso jurídico ou filosófico, requerem uma nova posição do sujeito frente à sociedade e à consciência, ou seja, que o sujeito se retrate. “O que para o discurso jurídico é da ordem da moral, do universal, para a psicanálise trata-se não do para-todos, do universal, mas da singularidade do gozo.” (Bentes, 2014, p. 163)

Diante do caos que se observa hoje em muitos níveis das relações dos homens uns com os outros, e do que representa a responsabilidade e o consentimento do sujeito frente ao Outro, pode-se afirmar que

[...] se na contemporaneidade a desordem no simbólico permite uma não regulação do gozo, o controle vem do social, do juiz ou dos comitês de ética, cujos instrumentos são as cifras e as avaliações em um arremedo de democracia, um para-todos que compromete a singularidade e a vigência do estatuto do sujeito dividido. Nestes tempos o sujeito divide com outros uma mesma categoria, um tipo que lhe dá um nome e que o mantém para sempre anônimo. (Bentes, 2014, p.165).

É o que se pode constatar nessa época dos grandes grupos, da grande massa; tal como nos chamados novos sintomas, o sujeito se apresenta identificado ao objeto de gozo, como o “sou toxicômano”, “sou bulímico”, “sou Moro”, além de tantas outras denominações que só os tornam anônimos, colados a um rótulo que os exclui da castração, num curto-circuito de gozo. Trata-se não de uma renúncia ao gozo, mas de um imperativo de gozo. A esse respeito, diz Lacan (1972-73/1982, p.11): “Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo do gozo – Goza!”

Nas manifestações de rua, duas correntes opostas são observadas, os contra e os favoráveis ao governo. Dias diferentes foram marcados para as manifestações de cada grupo, sendo possível atestar, com isso, a inviabilidade de se viver e conviver democraticamente, dialogando, conversando, discutindo as convicções de cada um, divergindo politicamente.

Essa separação, no entanto, serve para evidenciar que não se trata apenas de desacordos, de divergência de opiniões, visa-se a que não haja confrontos. E se o

que há são os confrontos, isso nos leva a concluir que mais se trata de um diálogo de surdos, onde as falas são cortadas, como nos aponta Pierre Naveau (1988, p. 110) em seu artigo, “Marx e o sintoma”.

As massas gritam palavras de ordem (“Fora Dilma”, “Fora Cunha”, “Somos Moro” etc.), o que não quer dizer que não se encontrem com a fala rebaixada, como é próprio do capitalismo.

A esse respeito, Naveau desenvolve o que chama de “acontecimento histórico”, interpretado como um sintoma, uma metáfora de falas impossíveis de serem expressadas, a não ser que colocadas em atos. Ele cita Michelet para dizer que a voz do povo é muda, e a guerra social é que impede o povo de falar.

O povo quer a paz, mas se a palavra não lhe é dada, lhe é retirada, então é através do acontecimento histórico que ele toma parte na guerra social. O acontecimento histórico? Quer dizer, os motins, as greves, as manifestações de rua, ou bem, ao contrário, e, certamente em seu detrimento, as tomadas de poder por golpes de estado, os aprisionamentos ou condenações ao exílio. O acontecimento histórico, sucessivamente, dá a palavra ao povo ou a retira e, eventualmente, a estrangula, a degola. (Naveau, 1988, p.104).

É fala corrente a de que o brasileiro é acomodado. No entanto, as manifestações ocorridas em diversas cidades do país não endossam essa afirmação, na medida em que as grandes massas se movimentam, gritam palavras de ordem, manifestando suas posições, as quais podem influenciar as decisões dos parlamentares sobre as questões que envolvem o futuro do país. Nesse caso, são vozes que vêm no lugar da fala antes impossível.

## **A VOZ DAS MASSAS**

Pode-se dizer que as manifestações de rua são o acontecimento histórico que dá voz ao povo. Naveau questiona se não seria, nesse caso, uma maneira de desacordo entre as palavras e os atos. Segundo ele, Michelet, sensível à mudez da voz do povo, apela ao teatro, porque aí o povo participa em ato. Nas palavras de Naveau (1988, p.109), “a fala popular [...] é uma fala colocada em ato, atirada.”

Assim, considerando a participação do povo, pode-se entender as manifestações de rua sob dois aspectos, ou seja, o povo é, ao mesmo tempo, ruidoso e mudo. O povo ruidoso, assim é quando se faz ouvir, é quando faz valer o “acontecimento histórico”, que pode provocar mudanças. Como exemplo ocorrido em todo o país, com as manifestações de junho de 2013, o povo se fez ouvir ao contestar o aumento no preço das passagens de ônibus. E é mudo quando assim o tornaram

aqueles que se julgam os melhores no comando, “os donos do poder”, que, ao ignorarem a fala do povo, o calam, como bem expresso por Marcos Coimbra (2016) no artigo “O povo e a crise”, da Carta Capital: “Sábio o povo, o que não quer dizer que seja ouvido. Como em inúmeras situações de nossa história, quem se acha no direito de tutelá-lo está prestes a ignorá-lo outra vez.”

Segundo ainda os estudos de Coimbra, viu-se no país um povo mudo desde o tempo do nascimento da República, quando todos assistiram atônitos, num papel de meros espectadores, o grande feito da história do Brasil. Merece nota, desse modo, que a história testemunha que seus fatos muito pouco mudam pela manifestação popular.

Já na atualidade, verifica-se como melhor exemplo o que o Brasil inteiro presenciou no dia 17/04/2016, na Câmara dos Deputados. Os parlamentares, em sua maioria e guiados por seu líder, ao desconsiderarem a voz do povo, não só nas manifestações de rua, mas principalmente nos resultados das urnas, aprovaram abertura de processo de *impeachment* contra a presidenta da república Dilma Rousseff.

Na busca de poder, numa possível falsa avaliação, deixaram de lado valores importantes para si e para o povo. As sábias palavras de Freud (1930[1929]/1980, p.81) bem servem para endossar essa situação:

Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão. Facilmente, poder-se-ia ficar inclinado a supor que, no final das contas, apenas uma minoria aprecia esses grandes homens, ao passo que a maioria pouco se importa com eles.

## **A LEI E O LAÇO SOCIAL**

### **A AUTORIDADE PÚBLICA, A LEI E O COMPLEXO DE ÉDIPO**

No cenário atual da política, uma frase foi proferida por uma autoridade do Judiciário para, em seguida, ser repetida quase à exaustão por outras autoridades e também pelo povo: “ninguém está acima da lei”; quer dizer, não há quem esteja isento de ser submetido à lei do Estado, e que a lei vem como garantia de igualdade do ponto de vista jurídico. Essa afirmação universalizante pode, em certas circunstâncias, desresponsabilizar o sujeito, prestando-se assim a utilizações indesejáveis e perversas da lei.

Célio Garcia (2001, p. 10) interroga o que significa a palavra lei. Ela é, “em seu sentido mais amplo, a relação constante e necessária entre fenômenos. No sentido jurídico, é a regra escrita, instituída pelo legislador”. Em psicanálise, a lei está baseada no que se refere ao Complexo de Édipo, à barreira contra o incesto e o parricídio.

Lacan faz uma leitura do complexo de Édipo freudiano e adota a tríade pai, mãe e filho, não mais como à época de Freud, na composição familiar, mas passará a falar em função materna e função paterna, o que poderá ser encontrada inclusive nas novas configurações familiares hoje.

A lei permite aos homens conviverem uns com os outros, permite um melhor convívio entre os povos. Assim sendo, “ela é um modo de fazer laço social” (Mattos, 2001, p.178), já que o homem não prescinde de conviver com o outro, o semelhante.

O laço social foi formulado por Lacan, e implica em tomá-lo como discurso, como o que estabelece vínculo entre os seres falantes. Lacan (1982, p.28) diz que “essa noção de discurso deve ser tomada como liame social”, que é o laço do sujeito com a linguagem. Enquanto Freud fala de uma qualidade comum para que os grupos se formem, Lacan formula que é a palavra que tem essa qualidade.

Quando Lacan toma o laço social como discurso, também quer dizer que os discursos de que ele trata não necessitam da fala para atuar.

Os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavras, que vêm em seguida alojar-se nele” (Lacan, 1992, p.158).

Cada um dos discursos, que se diferenciam pela posição dos significantes em articulação, indica um determinado tipo de laço social. São eles: do mestre, do universitário, da histérica e do analista.

Há também um quinto discurso, o do capitalista, o qual não pode ser considerado um discurso como os outros por não deixar lugar à falta. Dito de outro modo, muito diferente da troca constante de bens de consumo, que não deixa lugar a que o sujeito reinvente a cada vez saídas via desejo, o que estabelece o laço social é a falta de objeto. Como uma inversão do discurso do mestre, no discurso capitalista não há lei, só imperativo, não há laço social, porque este produz discurso. E sobre o sujeito no discurso do capitalismo, ele é o consumidor ideal, cujo parceiro ideal é um objeto da realidade, já que, no capitalismo, que não crê no sujeito barrado, inexistente a condição de impossibilidade de que sujeito e objeto se acomodem.

No que se refere ao laço social e os discursos, também diz Miller (2003):

[...] é bem a democracia que autoriza a pluralidade do laço social. É bem em regime de democracia que o laço social universitário pode se manter como laço social fundado sobre a relação com o saber. Temos o exemplo de outros tipos de sociedade que não permitem de modo algum a autonomia da relação com o saber. A histeria, o discurso da histeria, é uma dissidência, uma dissidência discursiva. E sabemos que há regimes sociais que classificam a dissidência, que reprimem a dissidência enquanto tal, que a medicam e que a trancafiam.

E acrescentando sobre o discurso analítico, enuncia o seguinte:

[...] não falamos do discurso da análise, que com efeito para alguns tipos de regimes sociais é estritamente proibido. Dito de outra forma, a subsistência mesmo do discurso analítico, enquanto laço social específico, da mesma forma que o discurso universitário ou o discurso histórico, supõem certa forma de organização social não importa qual seja. Em particular, a que temos conhecido como forma totalitária não permite essa fragmentação e essa pluralização do laço social. (Miller, 2003).

## QUE LAÇOS NAS MANIFESTAÇÕES DE RUA

Constata-se que no vaivém dos protestos, os laços não são laços duradouros, mas há que se conformá-los à realidade política do Brasil hoje, considerar o que leva as pessoas, nessas manifestações, a se conectarem a partir de um ponto de referência fixo. As pessoas, cada uma, estão reunidas por identificação a um líder, ou mesmo a idéia de um líder, mesmo que ele não esteja presente, e por identificação aos demais membros do grupo (Freud, 1921/1980, p.121).

Segundo Freud (1921/1980, p.133), a identificação é a “mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo”. A organização libidinal dos grupos (Freud, 1921/1980, p.139) é compreendida então pelos mecanismos de identificação com o líder, a qual é

[...] partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. [...] Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder. (Freud, 1921/1980, p.136).

Freud (1921/1980, p.119) cita a Igreja e o Exército para dizer da função do líder como o que determina a consolidação do grupo, e mostrar o laço entre cada um e o líder, que ama a todos igualmente, e entre os membros do grupo uns com os outros.

As manifestações vêm mostrar como a identificação se dá a um só e mesmo objeto, em substituição a um ideal. Assim, "*Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do*

*ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego". (Freud, 1921/1980, p.147, grifo do autor).*

No entanto, o próprio Freud adverte sobre o principal fenômeno da psicologia de grupo, que é a falta de liberdade individual no grupo. Se cada um se move com a massa, o preço a se pagar é o de não haver ali um sujeito desejante, ou seja, não há espaço para a singularidade.

## **OS EXCESSOS NAS MANIFESTAÇÕES DE RUA E O MAL-ESTAR**

### **O SUPEREU**

Os excessos são patentes tanto da parte das autoridades, que se fazem representar pelo povo brasileiro, como das massas. Com relação a estas, fica evidente na frase destacada pelo jornal *El País*, no dia 14/03/2016: “Entre as pessoas que saíram de novo à rua no Brasil contra a corrupção e para exigir a saída de Rousseff, só um personagem se salva: o juiz...”, ou seja, surge para aquele segmento da massa, um juiz, não na sua função de julgar os conflitos que são submetidos à sua apreciação e fazer cumprir a lei, mas um homem sendo endeusado, encarnando assim o supereu que ordena ao gozo.

Enquanto uma parte da população exalta o juiz, uma outra recua diante do modo austero com que apresenta a lei, ou seja, se ele surge como todo-poderoso, um deus, ele é também uma ameaça, porque o que faz valer é tão somente uma “ordem de ferro”, segundo expressão usada por Lacan no Seminário 21 (inédito, aula 10).

Os que o exaltam o fazem como saída para o mal-estar diante do real da ameaça. A Deus, é preciso diante dele curvar-se, fazer-lhe vênias, é preciso que se O ame, ou pode sobrevir o castigo.

Segundo Freud, o homem no começo era um “débil organismo animal”. E a propósito das coisas que o homem pode reivindicar como aquisição sua, ou seja, com a aquisição da cultura,

[...] formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses. A estes, atribuía tudo o que parecia inatingível aos seus desejos ou lhe era proibido. Pode-se dizer, portanto, que esses deuses constituíam ideais culturais. Hoje, ele se aproximou bastante da consecução desse ideal, ele próprio quase se tornou um deus. [...] O homem, por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de prótese”. (Freud, 1930[1929]/1980, p.111).

Nessa fantasia de superioridade e narcisicamente em fascínio por si mesmos, a investidura de poder cai-lhes bem como uma ajustada prótese, sem a qual não funcionam.

O que o povo, em massa, quer é justiça e segurança, o que remete ao sentimento de desamparo, que aponta para a perda ou a obtenção do amor e a proteção do pai. Assim, podemos dizer que o homem está em busca de proteção contra o que o ameace com sofrimento. E essa tentativa de saída do mal-estar denota uma busca do que é a felicidade.

### **A BUSCA DAS MASSAS PELA SUPOSTA FELICIDADE**

A esse respeito, Freud (1930[1929]/1980, p. 95) adverte que “a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’. O que chamamos felicidade [...] é possível apenas como manifestação episódica.”

Além disso, também em “O mal-estar na civilização” (1930[1929]/1980, p. 116), Freud diz: “A primeira exigência da civilização, portanto, é a da justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo”. Essa afirmação responde ao que se passa com as manifestações nas ruas. As massas de ambas as posições (pró e contra o governo) reclamam o que supõem uma violação dos direitos constitucionais, reclamam dos fazedores das leis, eles próprios descumprindo e não honrando o compromisso com o povo.

Quanto aos inúmeros protestos pelo país, não ocorrem, ou pelo menos não partem de classes sociais ditas menos favorecidas, que poderiam reivindicar direitos básicos para sua sobrevivência. O que se tem visto é o que leva muitos sujeitos a se posicionarem diante de seu semelhante, julgando-se superiores por pertencerem a uma classe social e econômica mais abastada. Tudo isso, entretanto, vem como para tamponar o furo, a divisão subjetiva. Como aponta Nieves Soria (2005, p. 11) em seu artigo “Mutações do real”, esse sujeito “fala outra língua [...] desabilitada do impossível, que deixa de lado as coisas do amor”.

Em relação a isso, destacamos um fato que pode servir de exemplo. Todos os brasileiros puderam presenciar os deputados no plenário da Câmara, invocando o amor “pelo meu pai”, “pela minha família”, “pelos meus filhos” etc., como justificativa para seus atos. Trata-se de sujeitos, nesse caso, que não se angustiam, falam de amor para o qual estão desabilitados enquanto poderosos consumidores.

E se deixam de lado as coisas do amor, são sujeitos que, não balizados pelo Nome-do-Pai, preferem um outro tipo de nomeação: “nomear-para”, segundo Lacan no Seminário 21 (inédito). O Nome-do-Pai funda um tipo de nomeação que inclui a aceitação de uma impossibilidade. Já o “nomear-para” vem como uma “ordem de ferro”, geralmente materna. Soria (2008, p.47) cita Lacan para dizer que, nesse tipo de nomeação, não é necessário o pai, basta a mãe, com sua nomeação rígida devido à perda da dimensão amorosa, porque o amor é antes de tudo amor ao pai.

Com o nomear-para, é o Outro que nomeia o filho para algo, que passa a vida cumprindo um mandato materno, enquanto “a nomeação paterna, nomeia o filho dizendo: *‘tu és meu filho, faz teu caminho’*” (Soria, 2008, p.47, grifo do autor). Esse nomear-para “desloca o real do outro, sua dimensão de objeto, de resto incalculável” (Soria, 2005, p.6); ou seja, as relações entre homem e mulher, nesse caso, precisam ser calculáveis, previsíveis.

Em nossa época, em que está vigente o declínio do pai, houve um deslocamento da função paterna, que é uma das consequências do capitalismo, cujo discurso contém o empuxo ao gozo do supereu. Portanto, se antes se contava com a lei do pai, a que diz não ao gozo, trata-se aí de um supereu que difere de hoje, o qual ordena ao gozo.

A esse respeito, podemos acrescentar o que diz Grostein (2002, p. 19), em seu artigo “Não há *semblant* de discurso”:

Miller [...] ao tratar da questão da política, vai dizer que vivemos uma época de nostalgia da cidade, e conseqüentemente um declínio da importância das leis. Poderíamos supor que vivemos mais de acordo com os costumes, regras, normas do que o respeito às leis.

## **A POLÍTICA DA PSICANÁLISE E A INCIDÊNCIA DA POLÍTICA NA PSICANÁLISE**

No que se refere à política da psicanálise, esta é a política do sintoma, se baseia no inconsciente, porque é com o inconsciente que o analista vai lidar. Tendo isso em consideração, podemos citar o tema desenvolvido por Marie-Hélène Brousse (2003) no Seminário Internacional do Campo Freudiano, em São Paulo, que é uma frase dita por Lacan no Seminário 14 (inédito): “O inconsciente é a política”. Brousse (2003, p. 17) destaca uma observação de Miller, qual seja, a de que Lacan dá, com seu dito, uma definição do inconsciente. Ele não define política, porque não concerne à responsabilidade do analista.

Vidal (2012, p. 18) considera que “A proposição ‘o inconsciente é a política’, longe de estipular uma hegemonia do inconsciente, limita seus efeitos à política, como um campo estruturado e restrito de relação entre os seres falantes”. A frase proposta por Lacan vem, desse modo, questionar as relações, sempre carregadas de profundos equívocos, existentes entre os seres falantes.

O que ocorre na política brasileira, no momento presente, tem sua incidência sobre a psicanálise, já que o psicanalista também participa da atualidade do acontecer político; é com o que ele tem sempre que se haver, pois está na cidade.

Brousse (2003) já dissera que, tendo em conta a política da psicanálise, sejamos levados a nos interrogar sobre a política, ou melhor, que a prática do analista esteja inserida na vida pública de acordo com o contexto da época. O analista precisa se interessar pelo que se refere ao político e à cidade. Ou, como adverte Lacan (1953, p. 322), em “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”:

Que antes renuncie a isso (à prática psicanalítica), portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico.

Ao analista, além de estar de acordo com a subjetividade da época e saber se orientar nela, é preciso também não julgar. Cabe ao analista, portanto, uma neutralidade em relação ao eu, enquanto adaptação social, e ao supereu, enquanto imperativo de gozo. Isso não quer dizer de uma neutralidade qualquer, “mas é uma neutralidade que é de um compromisso para o sujeito” (Brousse, 2003, p.21).

E como já dito anteriormente sobre os discursos, enquanto laço social, e a psicanálise como um desses discursos, muito vem acrescentar a seguinte afirmação de Brousse (2003, p.22): “É justamente porque a psicanálise é um laço social, portanto um tratamento do gozo, que ela está necessariamente misturada na questão do político”, e, por isso mesmo, renovada em cada caso.

Por tal razão, entende-se importante fazer uma abordagem dos movimentos de massas no Brasil, entre 2015 e 2016, e o seu envolvimento político, a partir de uma análise pela teoria psicanalítica para tentar contribuir na construção dos movimentos dos grupos sociais, nas suas reivindicações de rua, principalmente sob a ótica das desorganizações, que é comum às massas nas suas manifestações políticas e sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se ter sido possível demonstrar neste trabalho alguns aspectos considerados fundamentais para a compreensão do fenômeno das massas e seus deslocamentos e, mais especificamente, o fenômeno das manifestações de rua.

A ocorrência quase diária de fatos que nos levaram a questionar sobre a existência de tantas pessoas se reunirem com um único objetivo, o de protestar, também nos proporcionou a oportunidade de verificar a importância do líder na constituição dos grupos. O assunto foi tratado com rigor por Freud, que nos encorajou a enveredar neste estudo em relação à posição do povo diante dos acontecimentos políticos do país e constatar como as massas se formam, como pensam e como agem. Considera-se legítima a preocupação de Freud em demonstrar que a coesão de um grupo se dá devido à existência de um líder, com o qual cada um do grupo se identifica, além dos membros do grupo identificarem-se entre si. Sem o líder, resta a confusão, resta uma massa desordenada e caótica.

A massa é conduzida assim pela vertente imaginária, não contando aí o aspecto da singularidade, ou seja, o desejo do sujeito. Este, não tendo acesso à questão que o divide, que o faz desejar, desaparece nos protestos das massas.

É possível afirmar que, na civilização hoje, os excessos da produção capitalista tenham seus efeitos sobre o sujeito, que, num gozo imediatista (que coloca em evidência o mal-estar do sujeito), tem que ser atendido sem demora, que a renovação seja antes mesmo que o ciclo anterior tenha se completado, como já tratado em relação aos protestos que pediam o fim do mandato da presidente Dilma Rousseff. É como o capitalismo intervém sobre o sujeito, o qual, imerso no empuxo ao consumo, torna-se puro resto, apagado.

Ressalta-se algumas consequências do agrupamento de pessoas, consequências essas como a agressividade, a violência e a crueldade, que são fenômenos meticulosamente trabalhados por Freud, além de outros autores, e que foi possível serem constatados numa frequência considerável nos numerosos protestos ocorridos em muitas cidades do país.

Por fim, a experiência de nos debruçarmos sobre o tema das manifestações de rua proporcionou a oportunidade de um conhecimento mais aprimorado de fatos relacionados à política no Brasil de hoje. E sobre este estudo, que, muito longe de esgotar o assunto, possa servir tanto para situar os fatos como para um

posicionamento decidido de cada um diante do que se refere à política brasileira com seus desdobramentos, ou melhor, que o sujeito seja desejante.

Por fim, realça-se que os movimentos de massas não esgotam as necessidades humanas fundamentais; eles representam mais um desejo imediato e sem a percepção de futuro e as consequências dos atos produzidos, que podem beneficiar a classe dominante, a qual controla os meios de produção em detrimento aos interesses da esmagadora massa, que se manifestaram livremente nas ruas do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ARIAS, J. (2016) “Somos todos Sergio Moro”. El País, 14 março 2016. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/13/opinion/1457899365\\_762866.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/13/opinion/1457899365_762866.html)> Acesso em 11 de abril de 2016.
- BARROS, M. et al (2005) “Corpo e função paterna”. In: Papers do Comitê de Ação da Escol@Un@. Nova série, n. 10, outubro 2005. Disponível em: <<http://wapol.org/pt/articulos/Template.asp>> Acesso em: 8 de abril de 2016.
- BAUMAN, Z. (2001) Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BENTES, L.V.G. (2014) As patologias do ato. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho.
- BROUSSE, M. H. (2003) O inconsciente é a política. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.
- COIMBRA, M. (2016) “O povo e a crise”. Carta Capital, Revista online. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/895/o-povo-e-a-criese>> Acesso em 11 de abril de 2016.
- FOLENA DE OLIVEIRA, J. R. (2016) Do conflito ao equilíbrio: Política, Judiciário e Audiências Públicas. Rio de Janeiro: Pachamama.
- FORBES, J. (2016) “Vivemos uma guerra civil verbal”. Revista Planeta digital. Entrevista concedida a Renata Valério de Mesquita. Disponível em: <<http://www.revistaplaneta.com.br/vivemos-uma-guerra-civil-verbal/>> Acesso em 15 de junho de 2016.
- FREUD, S. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: FREUD, S. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII.
- \_\_\_\_\_. (1920-1923) “Psicologia das massas e análise do eu e outros textos”. In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 15.
- \_\_\_\_\_. (1921) “Psicologia de grupo e a análise do ego”. In: FREUD, S. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII.
- \_\_\_\_\_. (1930[1929]) “O mal-estar na civilização”. In: FREUD, S. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI.
- GARCIA, C. (2001) “A lei e a norma”. In: Curinga, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte: EBP-MG, v. 17, nov. 2001.
- GROSTEIN, S.A. (2002) “Não há semblant de discurso”. In: Carta de São Paulo. Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo: EBP-SP, nov. 2002.
- HOBBS, T. (1651) Leviatã. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1974. (Coleção Os Pensadores - v. XIV).
- LACAN, J. (1953) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1969-70) O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1972-73) O Seminário, livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- \_\_\_\_\_. (1973-74) Le Séminaire, livre XXI: Le non-dupes errent. Inédito.
- LIPOVETSKY, G. (2004) Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarola.

- MATTOS, S. (2001) “Da lei ao fora-da-lei”. In: *Curinga, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. Belo Horizonte: EBP-MG, v. 17, nov. 2001.
- MILLER, J-A. (2003) Um esforço de poesia. Seminário inédito. Aula 11.
- \_\_\_\_\_. (2005) *El Otro que no existe e sus comités de ética*, colaboración de Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós.
- “Mulher é covardemente agredida pela PM durante protesto contra Temer”. In: *Pragmatismo político*, 2 junho 2016. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/06/mulher-e-covardemente-agredida-pela-pm-durante-protesto-contra-temer.html>> Acesso em 3 de junho de 2016.
- NAVEAU, P. (1988) “Marx e o sintoma”. In: *Falo: Revista Brasileira do Campo Freudiano*, ano II, n.3. Salvador: Fator, julho-dezembro de 1988.
- ORTEGA Y GASSET, J. M. (s.d) *A rebelião das massas*. Lisboa: Relógio D’Água.
- SORIA DAFUNCHIO, N. (2005). “Mutações do real do ser falante”. In: *Papers do Comitê de Ação da Escol@ Un@*. Nova série, n. 10, outubro 2005. Disponível em: <<http://wapol.org/pt/articulos/Template.asp>> Acesso em: 8 de abril de 2016.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Confines de las psicosis*. Buenos Aires: Del Bucle.
- TARDE, G. (2005) *A opinião e as massas*. Martins Fontes: São Paulo.
- TESTA, A. (2011) “Crueldade”. In: *Scilicet: A ordem simbólica no século XXI*. Associação Mundial de Psicanálise. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- VIDAL, E. (2012) “O inconsciente é a política”. In: *Política e psicanálise – Efeitos d’Escola*. *Revista da Escola Letra Freudiana*, ano XXXI, n. 44. Rio de Janeiro: 7Letras.

## **THE PHENOMENON OF STREET MANIFESTATIONS IN BRAZIL: A PSYCHOANALYTIC READING OF MASS BEHAVIOR**

### **ABSTRACT**

In this work, the aim is to analyze the understanding of the phenomenon of the masses and their displacements, and more specifically the street demonstrations that took place in Brazil during the years of 2015 and 2016. From the main theoretical framework of Freud and Lacan, an attempt was made to investigate the facts that led to the existence of so many people meeting with a single objective, that of protesting in the Brazilian streets against traditional politicians, political parties and corruption. Thus, in the present work, we intend to approach the masses, who move restless and noisy through the streets of Brazil, as well as their behaviors and their yearnings.

**KEYWORDS:** Pastas. Manifestations of the street. Brazil. Policy. Psychoanalysis.

## **LE PHENOMENE DES MANIFESTATIONS DE RUE AU BRESIL: LECTURE COMPORTEMENTS PSYCHANALITQUES MASSES**

### **RÉSUMÉ**

Dans cette étude, nous avons cherché à analyser la compréhension du phénomène des masses et leurs mouvements, et plus particulièrement les manifestations de rue qui ont eu lieu au Brésil au cours des années 2015 et 2016. A partir du principal cadre théorique de Freud et Lacan, nous avons cherché à enquêter sur les faits qui ont conduit à l'existence de tant de gens se réunissent avec un seul but, pour protester dans les rues du Brésil contre les politiciens traditionnels, les partis politiques et la corruption. Dans le présent travail, faire face aux masses est destinée, déplacer les rues agitées et bruyantes du Brésil, ainsi que leur comportement et leurs attentes.

**MOTS-CLÉS:** Messes. Les manifestations de rue. Brésil. Politique. Psychanalyse.

*O Fenômeno das Manifestações de Rua no Brasil: Uma Leitura Psicanalítica do Compartimento das Massas*

Recebido em: 18-01-2017

Aprovado em: 15-03-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# SUJEITO, DISCURSO E IDEOLOGIA: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA SOBRE A POSIÇÃO DO SUJEITO EM DISCURSOS MIDIÁTICOS

*Lucas de Oliveira Alves*<sup>1</sup>

*Jane Martins*<sup>2</sup>

*Maurício Eugênio Maliska*<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho propõe-se a discutir a constituição e a posição do sujeito nos discursos midiáticos, a partir de uma compreensão destes como correlatos aos discursos propostos por Lacan. Outro sim, articula-se a esta discussão conceitos acerca da ideologia apresentados por Althusser, Chomsky e, sobretudo Žižek. Esta pesquisa orienta-se pela “função sujeito” em suas possíveis relações com o significante, o objeto *a* e o Outro. Nela identifica-se correlações entre a mídia e o discurso universitário e capitalista, além da possibilidade da assunção do discurso da histórica. Compreende-se, ainda, que a mídia atua no campo ideológico, alienando sujeitos em significantes por meio de uma fantasia social que molda a realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Mídia. Ideologia.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Avenida Santa Catarina, 919, 88780-000, Centro, Imbituba, SC. (48) 99615-5984. [lukass.oliveira@hotmail.com](mailto:lukass.oliveira@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestre em Ergonomia (UFSC). Doutora em Psicologia Clínica (PUC).

<sup>3</sup> Psicanalista, membro de Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica. Doutor em Linguística e Psicologia (UFSC). Professor do Curso de Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

## **INTRODUÇÃO**

No decurso da vida moderna, constata-se a influência da mídia, seja em sua forma impressa, televisiva ou virtual, atuando na catalisação das fantasias, demandas e desejos das pessoas. No bojo dos regimes democráticos, a mídia manifesta suas variadas facetas, intervindo como aparelho ideológico no horizonte outorgado pelo Estado.

Este artigo tem como cerne uma discussão sobre a posição do sujeito enredado em discursos midiáticos, tratando-se, portanto, de uma compreensão do sujeito implicado no social. Ao encontro desta proposta, Freud (1921/1996, p. 77), na introdução de sua obra “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”, em 1921, ao examinar o caráter indissociável do homem e seu grupo, afirma:

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, neste sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.

Partindo da teoria dos discursos de Lacan (discurso do mestre, da universidade, da histórica e do analista), tenciona-se viabilizar uma compreensão da posição do sujeito nos discursos operantes na mídia, analisando como estes discursos, em correlação aos discursos propostos por Lacan, incidem sobre o sujeito e operam para constituí-lo. Pretende-se, ainda, realizar uma compreensão da relação do sujeito com a ideologia a partir de sua posição nos discursos.

## **SUJEITO, DISCURSOS E IDEOLOGIA**

### **O SUJEITO E O OUTRO**

O conceito de sujeito elaborado por Lacan está estritamente ligado ao campo teórico da linguagem, à medida que para o psicanalista o sujeito do inconsciente não nasce ou se desenvolve, mas se constitui na linguagem. Se constitui em sistemas de representação, traços de memória e signos de percepção, que se organizam em metáforas e metonímias (ELIA, 2004, p. 36).

O Outro é definido por Lacan (2008, p. 50) como “o lugar do código ou, ainda, o lugar que encerra o tesouro da linguagem, de onde o sujeito extrai os significantes”. O Outro pode, também, ser definido como a instância simbólica

na qual o sujeito deposita um suposto saber sobre si, e que, como declara Lacan (2008, p. 293) “pode ser representado pela mãe, pelo pai, uma instituição, ou até uma ilha deserta”.

O sujeito se constitui, essencialmente, em sua relação com o Outro. No primeiro momento desta relação, dá-se o processo de alienação. Nela, o sujeito ocupa um lugar designado pelo Outro e diz-se que ele está submerso na linguagem, pois todas suas demandas são pressupostas externamente. Em um segundo momento, ele separa-se do Outro, assumindo o desejo deste: ‘O desejo do homem é o desejo do Outro’. (FINK, 1998).

O corte com o Outro se expressa na percepção da criança em relação ao desejo da mãe (o Outro materno). Em decorrência deste corte, Lacan postula o advento do objeto *a* - objeto causa de desejo no sujeito. O objeto *a* atua como o operador das fantasias do sujeito (FINK, 1998).

Neste sentido, Lacan (2008) define a fantasia como o fiador do desejo do Outro, o suporte imaginário que sustenta a ilusão da convergência do desejo do sujeito com o suposto desejo do Outro. O autor declara ainda que o gozo é almejado num esforço de reencontro com o Outro, algo que, como dito em Freud, leva o sujeito a repetir em busca do objeto perdido, ou seja, o leva a assumir sua falta e tentar recuperar esta unidade simbiótica.

Em um terceiro momento da constituição do sujeito, ocorre o processo de subjetivação. Este processo ocorre na forma de lampejos e diz que o sujeito se precipita como um furo na cadeia de significantes, estabelecendo um elo entre eles e atravessando as fantasias que direcionam seu desejo ao Outro e ao gozo (FINK, 1998).

## **OS QUATRO DISCURSOS**

Em “O mal-estar na civilização”, Freud assevera que o estabelecimento de vínculos são a maior causa de sofrimento humano. O mal-estar na civilização é, em essência, o mal-estar dos laços sociais, expressos nos atos de governar, educar, analisar e fazer desejar. Estes atos foram denominados de discursos por Lacan, pois os laços sociais são constituídos pela linguagem. (QUINET, 2010).

Lacan, no seminário livro 17 – o avesso da psicanálise (1969-1970), apresenta um quadro com quatro pontos fixos denominados de agente, o trabalho/outro, a produção/a perda e a verdade, por onde os matemas  $S_1$

*Sujeito, Discurso e Ideologia: Uma Compreensão Psicanalítica sobre a Posição do Sujeito em Discursos Midiáticos*

(significante-mestre),  $S_2$  (significante do saber), o  $\$$  (sujeito do inconsciente) e  $a$  (objeto causa do desejo) circulam, determinando uma das quatro modalidades de discurso de acordo com sua posição. Como Lacan expõe, os elementos fixos estão situados da seguinte maneira:

Figura 1 – Representação dos elementos fixos.

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow \frac{\text{trabalho}}{\text{produção}}$$

Fonte: Lacan (1992, p. 161)

Sobre os elementos que circulam para a configuração de cada discurso<sup>4</sup>, Lacan (1992, p. 65) expõe:

Figura 2 – Representação dos elementos em cada discurso.

$$\begin{array}{cc} M & U \\ \frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a} & \frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$} \\ \\ \frac{\$}{a} \rightarrow \frac{s_1}{S_2} & \frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1} \\ H & A \end{array}$$

Fonte: Lacan (1992, p. 65)

O discurso do mestre constitui-se como um tipo de discurso primário entre os quatro discursos, pois incorpora a função alienadora do significante ao qual estamos todos assujeitados. Sabe-se que no processo de ontogênese do sujeito, sua primeira posição em relação ao Outro é a alienação. Somente a partir da alienação, o sujeito pode advir como sujeito e transitar pelas outras modalidades de discurso. (FINK, 1998, p. 161).

---

<sup>4</sup> Cada discurso é designado pela primeira letra de sua tipologia: Mestre (M), Universidade (U), Histórica (H) e Analista (A).

Para Lacan (1992), o saber é o gozo do Outro, já que o sujeito é um ser da linguagem que repete; repete operando na lógica do Outro que lhe aliena e limita seu saber. O limite deste saber é o limite do sujeito do inconsciente diante do gozo, um gozo que é do Outro e não do sujeito, restando a este, a busca pela restauração deste gozo.

Do momento da separação do sujeito com o Outro surge o objeto *a*, que no contexto do discurso do mestre fora denominado mais-de-gozar, uma homologia ao conceito de mais-valia de Marx (Lacan, 1992, p. 17).

Sobre esta homologia, Lacan (2008, p. 44) destaca:

O mais-de-gozar apareceu em meus últimos discursos numa função de homologia em relação à mais-valia marxista. Dizer homologia é dizer, justamente, que a relação entre eles não é de analogia. Trata-se, com efeito, da mesma coisa. Trata-se do mesmo tecido, na medida em que se trata do recorte da tesoura do discurso.

Lacan (2008, p. 19) declara que o mais-de-gozar é uma função de renúncia do gozo sob o efeito do discurso, aquilo que dá lugar ao objeto *a*. No momento em que o mercado define como mercadoria um objeto do trabalho humano, esse objeto é prenhe de algo da mais-valia.

Quinet (2010, p. 30), sobre discurso e gozo, argumenta:

Mediante o instrumento da linguagem, o discurso instaura relações fundamentais e estáveis no campo do gozo, a partir de uma série de enunciados primordiais que determinam aquele laço social específico. Trata-se de “um discurso sem palavras”, pois, segundo Lacan, “não há necessidade de enunciações para que nossa conduta, nossos atos eventualmente se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais”.

No discurso do mestre, tem-se o significante-mestre ( $S_1$ ), operando como agente, e o significante do saber ( $S_2$ ), operando como o trabalho ou o outro. O outro é aquele que trabalha para o mestre, encarnando o saber que o mestre despreza, e o despreza porque só lhe concerne gozar com o saber-fazer do outro. Na posição da produção, o objeto *a* simboliza o mais-de-gozar, aquilo do qual o mestre se apropria para barrar a verdade do sujeito dividido, pois na categoria de sujeito completo, o mestre é onipotente e goza sem limites. (FINK, 1998).

Ao fazer girar os matemas, o significante do saber ocupa o lugar do agente, originando o discurso universitário. Segundo Fink (1998), este discurso se constitui na sequência do discurso do mestre por seu caráter histórico, uma vez

## *Sujeito, Discurso e Ideologia: Uma Compreensão Psicanalítica sobre a Posição do Sujeito em Discursos Midiáticos*

que a formalização científica, imbuída no discurso universitário, aparece na sequência histórica das relações servis operantes na cultura como as relações feudais e escravistas, por exemplo.

No discurso da universidade tem-se, portanto, o discurso do saber na posição de agente operando à serviço do mestre, o qual, situa-se agora escondido abaixo da barra na posição de verdade. O agente atua sobre o objeto *a*, como forma de sustentá-lo e justificá-lo, ou seja, o discurso da formalização científica, positivista e métrico, atua a serviço da lógica do capital, procurando justificar a mais-valia (FINK, 1998). Nesta dialética, o sujeito do inconsciente está na posição de produção/perda, barrado como no discurso do mestre.

No discurso da histórica, tem-se o sujeito do inconsciente na posição de agente e o objeto *a* como sua verdade. Este sujeito dirige-se ao mestre na posição de trabalho/outro, obtendo o saber como produto.

Fink (1998) aponta o discurso da histórica como o oposto do discurso da universidade, pois no segundo segue-se o significante-mestre disfarçando-o com um sistema fabricado. Já no discurso da histórica, o sujeito dividido demanda do mestre a produção de um saber que o faça gozar. O objeto *a* aparece na posição de verdade, representando o real, aquilo que proporciona a produção do saber psicanalítico: o inominável e as contradições insolúveis.

Finalmente, no discurso do analista, tem-se o objeto *a* – a falta e causa de desejo - na posição de agente, dirigindo-se ao sujeito dividido e fazendo-o produzir um significante-mestre. Na posição de verdade, encontra-se o significante do saber e, neste sentido, Lacan (1992, p. 33) indaga: “O que é a verdade como saber? ” Verdade e saber têm uma característica própria: nunca se pode dizê-las, a não ser pela metade.

## **IDEOLOGIA**

A clássica definição de ideologia, exposta em “Ideologia Alemã” (Marx e Engels), pode ser expressa, sucintamente, como o conjunto de ideias da classe dominante que detém o poder em determinado período histórico. Este conjunto de ideias conferem aos interesses particulares o disfarce de interesses gerais, encobrendo o domínio de classe e legitimando a dominação (KELLNER, 2001, p. 77).

Žižek, debruçando-se sobre Marx, Hegel e Lacan, sugere algumas definições ao conceito de ideologia. Embasando-se em uma teoria de Hegel, o autor (1996) apresenta o conceito de ideologia, demarcando-o em relação aos elementos de uma tríade. No primeiro elemento da tríade, denominado “Em-si”, tem-se a ideologia em sua concretude aparente, com seus conceitos, doutrinas e conjunto de ideias destinadas a nos convencer de sua veracidade.

No segundo elemento da tríade: “Para-si”, efetua-se a externalização da ideologia ou a materialização de sua verdade. Para se sustentar, a ideologia precisa institucionalizar-se, ser representada materialmente ou por meio de rituais, para que assim, tenha efeito retroativo sobre a base ideológica interna. O “Para-si” é representado pelos clássicos “Aparelhos Ideológicos de Estado” elucidados por Louis Althusser (ŽIŽEK, 1996), os quais, de acordo com o próprio Althusser (1996), operam na escola, igreja, família, mídia, sistema jurídico, política, sindicato e cultura; instituições, sistemas e espaços que além de possuírem um ponto material, atuam impondo regras, rituais e crenças. Althusser (1996) declara, ainda, que todos os aparelhos ideológicos de Estado contribuem para as relações capitalistas de produção.

No terceiro elemento, denominado “Em-si-e-Para-si”, a ideologia interpõe-se como algo espontâneo, operando como algo naturalizado. Sobre este fenômeno, Žižek (1996, p. 20) destaca:

[...] o que com isso se divisa é um terceiro continente de fenômenos ideológicos: nem a ideologia como doutrina explícita, como convicções articuladas sobre a natureza do homem, da sociedade e do universo, nem a ideologia em sua existência material (as instituições, rituais e políticas que lhe dão corpo), mas a rede elusiva de pressupostos e atitudes implícitos, quase “espontâneos”, que formam um momento irreduzível da reprodução de práticas “não ideológicas” (econômicas, legais, políticas, sexuais, etc).

Acerca do que se pretende afigurar como “ideológico” ou “não-ideológico” Slavoj Žižek (1996, p. 9) alerta: “Quando um processo é denunciado como ‘ideológico por excelência’, pode-se ter certeza de que seu inverso é não menos ideológico.” Com esta afirmação, o autor aponta que não há espaço extra ideológico na cultura, pois o conjunto de ideias e ações que se contrapõem a uma suposta ideologia constitui-se, igualmente, como algo ideológico.

O autor (1996, p. 26), como forma de situar a ideologia no campo psicanalítico, implica-a aos conceitos lacanianos de simbólico e real no processo de constituição da realidade. Desta forma, ele declara:

Dito de maneira simples, a realidade nunca é diretamente "ela mesma"; só se apresenta através de sua simbolização incompleta/falha. As aparições espectrais emergem justamente nessa lacuna que separa perenemente a realidade e o real, e em virtude da qual a realidade tem o caráter de uma ficção (simbólica): o espectro dá corpo aquilo que escapa à realidade (simbolicamente estruturada).

Lacan (2008, p. 311) afirma que “tudo que é recalcado no simbólico reaparece no real”, e é no real que o gozo se apresenta, pois “no sistema do sujeito, ele não é simbolizado nem simbolizável em parte alguma”.

Valendo-se da concepção lacaniana de simbólico e real, Žižek coloca a realidade no lugar do universo simbólico. Percebe-se a exterioridade na e pela rede de significantes, procurando encobrir o real, o lugar do incognoscível, do inominável, do gozo. Todavia, este processo de simbolização é sempre falho, criando lacunas entre a realidade e o real; lacunas por onde a realidade, tal como a experienciamos, mostra sua falta e seu caráter ficcional.

Lacan (2008), neste sentido, ao comentar o livro *Theory of Fictions* (Teoria das Ficções), compreende o termo *fictions* (ficções) não como algo ilusório ou enganoso, mas como aquilo que constitui a verdade. A verdade, na medida em que só pode ser situada no local onde se produz a fala, ou seja, no simbólico, tem uma estrutura de ficção.

Desta forma, a divisão entre a "verdadeira" realidade e a ilusão perde sua fundamentação, haja vista que a "realidade" que vivenciamos nunca é real, mas sempre ficcional. Para que a realidade emerja, algo precisa ser forcluído dela, ou seja, a "realidade", tal como a verdade, nunca é "toda". O que se oculta não é a realidade, mas seu “recalcamento” – recalcamento que fundamenta a própria realidade. (ŽIŽEK, 1996).

Freud já expunha esta lógica de recalcamento em nível de civilização/cultura na obra “O mal-estar na civilização” (1929), da qual se extrai: “A sublimação da pulsão constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível as atividades psíquicas superiores, científicas artísticas ou ideológicas [...]” (FREUD, 1996, p.103). Ao longo desta obra, Freud elucida que a sublimação opera sobre o recalcado,

conduzindo a pulsão às realizações culturais. Todavia, a pulsão pode sofrer outras vicissitudes, deflagrando o que o autor denominou de o mal-estar na civilização.

Safatle (2003) argumenta que Žižek aproxima o conceito de ideologia ao de fantasia. A fantasia, em psicanálise, trata de uma cena imaginária, na qual o sujeito representa seu desejo, investindo libidinalmente nos objetos, significando-os e valorando-os. Para Žižek, a ideologia pode ser compreendida, desta maneira, como uma fantasia social que determina o valor e significação da realidade compartilhada.

Freud apresenta o conceito de fantasia como correlato da realidade psíquica. Em sua obra “A Interpretação dos Sonhos” (1900), como forma de solucionar a oposição inconciliável entre real e imaginário, interno e externo, o autor nos fala que a realidade material nunca é atingida como tal, na medida em que apreendemos o externo a partir de nossa realidade psíquica, núcleo do psiquismo e dos desejos inconscientes cuja fantasia é a “expressão máxima e verdadeira” (PLON, ROUDINESCO, 1998, p. 224).

O sujeito (\$) é captado pelo Outro através de um paradoxal objeto causa do desejo (*a*), por meio do segredo supostamente oculto no Outro:  $\$ \langle a \rangle$  - a fórmula lacaniana da fantasia. Que significa, então, dizer que a fantasia ideológica estrutura a própria realidade? Significa que, como defende Lacan, na articulação entre sonho e realidade, a fantasia permeia ambos, e no que tange a realidade: ela é o suporte que dá coerência ao que se denomina “realidade”. (ŽIŽEK, 1996)

## **NA TEIA DO DISCURSO: UMA PROPOSIÇÃO DE ANÁLISE**

### **SUJEITO, MÍDIA E DISCURSO**

Componentes da mídia como jornais, revistas, propagandas, obras fílmicas e televisivas, atuam por meio de suas imagens, sons e espetáculos na construção da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais (KELLNER, 2001, p. 9). Este fenômeno, já largamente estudado e debatido, possui recorrentes leituras a partir da dinâmica do sujeito consciente em estudos da comunicação social, ciências sociais e humanas.

Na presente discussão, pretende-se realizar uma compreensão da relação sujeito-mídia a partir do vértice do sujeito do inconsciente, em sua relação com o Outro, definido por Lacan (1992, p. 13) como “o campo que surge – posto que não há nenhum Outro - a partir da intervenção do significante”.

Para desenvolver esta discussão, faz-se necessária a pressuposição de um sujeito que se identifique com a alteridade da ordem inconsciente que a mídia pode representar, seja como outro do imaginário ou o Outro, ora representando uma imagem constitutiva do eu, ora representando um tesouro de significantes.

Para Lacan, na identificação imaginária, o eu se nutre de imagens do mundo, pela qual se estende uma única dimensão, abolindo a distinção interno/externo e eu/imagem do outro. O eu se constitui, narcisicamente, a partir das imagens em que se reconhece, alienando-se em tudo aquilo da imagem que é conotado como sexual, ou seja, onde sua libido<sup>5</sup> é investida. (NASIO, 1995). Por esta perspectiva, o eu que se aliena em conteúdos imagéticos da mídia não os percebe como externos, mas como partes constitutivas de si em uma dimensão imaginária.

No tocante à identificação simbólica, Lacan assevera que o sujeito se identifica com o significante, conceito que pode designar uma palavra, um gesto, o detalhe de um relato, um sofrimento, ou mesmo, um silêncio. É nesta identificação, propriamente, que se constitui o sujeito do inconsciente, imerso em cadeias significantes que o conduzem e o representam a despeito de si (NASIO, 1995).

Face a esta explanação, afirma-se que é pela constituição fantasmática e identificatória, que o sujeito será conduzido nos discursos, assumindo uma posição (de agente, trabalho/outro, produto/perda ou verdade) que moldará seu laço social. Desta forma, assevera-se que a mídia, ao cooptar sujeitos em suas narrativas, não pode encerrar uma modalidade exclusiva de discurso.

Em contrapartida, acredita-se que da mesma forma que a universidade tenda, embora não seja a regra, a instaurar o discurso universitário para os

---

<sup>5</sup> A libido é definida como uma dimensão fundamental da pulsão. É uma energia psíquica que investe os objetos, podendo deslocar seus investimentos, mudando de objeto e de objetivo. (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 473).

estudantes, a mídia, de acordo com a maneira que atua na cultura, visa instaurar algumas formas de laço social ao seu leitor/telespectador/fã e, desta maneira, constituí-lo e ser por ele constituída em um discurso.

Concernente à mídia e seus efeitos na cultura, Kellner (2001, p. 10) argumenta que os meios de informação que integram a mídia são uma vasta fonte, muitas vezes não constatada, de pedagogia cultural, contribuindo para moldar o comportamento, pensamentos, sentimentos, crenças e desejos das pessoas. O filósofo, linguista e ativista político Noam Chomsky (2013), por seu turno, argumenta que nos Estados democráticos, a mídia, as escolas e a cultura popular são direcionadas para a produção de um consenso na população, visando a manutenção de quem detém o poder de verdade: a classe empresarial.

A mídia, como se pode constatar em suas diversas formas de expressão, serve-se de palavras, imagens, sons, intervalos e silêncios em suas construções narrativas - elementos, que ao encontro das dimensões constitutivas do sujeito, podem ocupar o estatuto de significantes - direcionando a percepção de quem a acompanha. À mídia cabe, então, imbuindo-se da perspectiva de Žižek (1996, p. 17) de que “os sentidos são estruturados a partir da articulação hegemônica de significantes soltos”, apresentar e organizar os significantes a fim de exercer sua “função de pedagoga cultural”.

Além disso, a mídia se vale de maneira recorrente dos saberes científicos para discorrer acerca dos fenômenos culturais: a utilização de cálculos percentuais em pesquisas de opinião, apresentação de conjunturas econômicas expressas em gráficos, a participação de cientistas de diversos segmentos em jornais, revistas e televisão, explanando sobre aquilo que concerne à cultura, são exemplos de como o saber formal, assentado no discurso científico, pode ser utilizado pela mídia para sustentar panoramas e a alienação significativa do sujeito.

A mídia, ainda como assevera Althusser (1996, p. 121), está na condição de AIE (Aparelho Ideológico de Estado) da informação, e ao encontro da definição de Žižek (1996) sobre ideologia, equiparada à dimensão simbólica que fundamenta a realidade, sustenta-se que o discurso da mídia, ao propor construções significantes que sustentam um saber, pode apresentar-se como correlato do discurso universitário.

Acerca do discurso universitário, Quinet (2010, p. 33) suscita: “No discurso universitário, a educação se dá pela aplicação do saber (S<sub>2</sub>/S<sub>1</sub>) como saber universal, sustentado, porém, por autores, inventores ou descobridores (S<sub>1</sub>) desse saber”. Na perspectiva desta afirmação, observa-se que a mídia, além de utilizar os saberes científicos para sustentar determinadas perspectivas da realidade - compreendendo que a realidade nunca é algo somente em si, mas como argumenta Žižek (1996), sustentada pela tríade hegeliana “em-si”, “para-si”, “em-si-e-para-si”, inerente às ideologias que a constituem – também se vale da seleção de enunciados, e dos significantes que os compõem, para construir um saber dos acontecimentos econômicos, políticos e sociais.

Versa em Foucault que a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um determinado período. Certos enunciados são expostos, ao passo que outros, são silenciados - estratégias que controlam os sentidos e as verdades, permitindo a circulação de alguns saberes em determinada época. (GREGOLIN, 2007).

Em um sentido semelhante, Lacan (1992, p. 57) conclui que: “Quaisquer que sejam os fatos do mundo, eu acrescentaria, seja o que for que enunciemos sobre ele, a tautologia da totalidade do discurso é o que constitui o mundo”. Quinet (2010) afirma ainda que, na concepção lacaniana, o S<sub>2</sub> (significante do saber) trata da repetição do S<sub>1</sub> (significante-mestre), uma repetição que assim como a primeira experiência de gozo, nunca é igual a ela mesma, mas uma falta que gera repetições contínuas em cadeias significantes, encarnando um saber e um meio de gozo.

A mídia, portanto, ao selecionar e repetir significantes em exposições e publicações periódicas, seja na forma de programações e propagandas que se repetem na televisão ou em sequências de temáticas organizadas em jornais e revistas, não opera somente pela utilização de saberes universais – compreendendo os saberes científicos como aqueles que ocupam tal posto na cultura - mas opera ela mesma, pela seleção e redundância do que enuncia, como autora de um saber universal, encarnando um meio de gozo.

O discurso universitário, como já elucidado, possui uma estreita relação com o discurso do mestre, visto que o significante-mestre incorpora sua verdade. Ambas os discursos mantêm o sujeito abaixo da barra nos matemas, recalcado

e alienado ao desejo do Outro. Lacan (1992) afirma que aquilo que no discurso do mestre é o significante-mestre, pode ser chamado de congruente ou equivaler ao significante do saber no discurso universitário. No discurso universitário, o  $S_2$  age como portador da ordem do mestre.

Ao encontro do que se afirmar sobre a relação do discurso do mestre e do universitário, e a maneira como eles podem operar na mídia, Chomsky (2013, p. 13) comenta: “[...] propaganda de Estado, quando apoiada pelas classes cultas e quando nenhuma divergência é permitida, pode ter um grande efeito. Foi uma lição aprendida por Hitler e vários outros e tem sido aplicada até o dia de hoje. ” Ou seja, quando os meios de informação pretendem conservar um mestre, que encarna uma forma de governo totalitária ou não - e quando totalitária, o processo fica ainda mais nítido - utilizam-se as pessoas cultas para justificar esta conservação.

Ainda, sobre discurso universitário e seus efeitos sobre o sujeito, Quinet (2010, p. 42) afirma:

O ato perverso é o que melhor ilustra o discurso universitário, ou melhor, ele revela a perversão educativa. Autorizado pelo imperativo ( $S_1$ ), o perverso age com seu saber sobre o gozo do qual ele se situa como autor em nome do Outro da verdade; ele age sobre sua vítima objetivada [...]

O autor (2010) salienta que em nome de um saber que se pretende unificante, único e unívoco, o discurso universitário tiraniza o outro, colocando-o na posição de objeto de gozo. Este laço educacional promove sua tirania enunciando o imperativo de tudo saber ou, ainda, por meio de uma imposição de leitura única.

Lacan (1991, p. 170) comenta: “[...] o discurso universitário institui um lugar da exploração mais ou menos tolerável”. O saber na posição de agente, fruto da queda das relações entre senhor e escravo, posiciona o outro no lugar do objeto a como produto deste discurso. A mais-valia é, portanto, o outro que é dominado por esse discurso, etiquetado como crédito, unidade de valor (LACAN, 1991). Ou seja, este discurso sustenta a produção capitalista, e o que se produz em nome do Outro da verdade, tal como no ato perverso, é justamente o outro-objeto, excluindo-se o sujeito do inconsciente.

## **O DISCURSO CAPITALISTA: UM DESDOBRAMENTO DO DISCURSO DO MESTRE NA CONTEMPORANEIDADE.**

Para Lacan (1992), o desenvolvimento do discurso do mestre mostrou sua essência no discurso capitalista, em sua curiosa copulação com a ciência do discurso universitário. Ciência que atua por meio do imperativo “Continua a saber em um certo campo”, um campo que não concerne à verdade do sujeito - a verdade do discurso analítico - mas que ao contrário, o faz renunciar a ela.

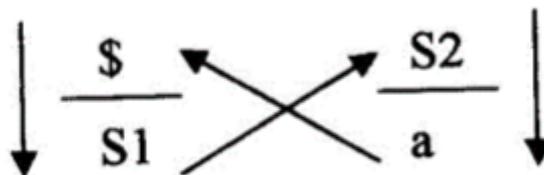
Ao encontro deste enlaçamento, vale lembrar o que Althusser (1996, p. 121) expôs: “Todos os aparelhos ideológicos de Estado, sejam quais forem, contribuem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações capitalistas de exploração.” Ou seja, para Althusser (1996), assim como para Chomsky (2013), o Estado se coaduna aos interesses capitalistas e utiliza aparelhos ideológicos para promover estes interesses. Desta forma, além de correlata ao discurso universitário, a mídia pode apresentar-se, na perspectiva do que Lacan vem a nomear em “Televisão” (1974) de discurso capitalista, como propositora deste discurso.

Quinet (2010) afirma que Lacan, em “Televisão” (1974), retifica sua posição em “O Averso da Psicanálise” (1969), afirmando que o discurso universitário não é o preponderante em nossa sociedade, mas sim, o discurso capitalista - um discurso do mestre moderno composto a partir da inversão dos elementos da primeira fração, como se pode ver na figura.

Figura 3 e 4 – Representação dos matemas no Discurso Capitalista



Figura 3: Tradução da fórmula do discurso capitalista.  
Fonte: Quinet, A., 2006, p. 38.



Fonte: Quinet (2010, p. 38)

Quinet (2010, p. 38 – 39), sobre este discurso, explica:

O que caracteriza o discurso capitalista é a *forclusão da castração*, ou seja, forclusão da sexualidade e da diferença dos sexos. Na verdade, é um discurso que exclui o outro do laço social, pois o sujeito só se relaciona com os objetos-mercadoria comandado pelo significante-mestre *capital*. É um discurso que não faz laço social – como verificamos em seu matema, em que não há relação entre o agente e outro a quem esse discurso se dirigia. No lugar da verdade encontra-se o capital (S1) como significante-mestre desse discurso; o sujeito é reduzido a um consumidor (S) de objetos, os *gadgets* (a) produzidos pela ciência e tecnologia (S2).

Bauman (2000), em sua obra “Modernidade Líquida”, revela de maneira sintética a compreensão de Quinet acerca desta nova forma de operar do discurso do mestre. Ele argumenta que na modernidade vivemos a liquidez das relações. Transitamos do capitalismo pesado, com sua estrutura rígida e previsível, para um capitalismo leve, erigido em uma lógica de valorização das liberdades individuais e do consumismo, em detrimento do controle estatal e econômico sólidos de outrora.

Na perspectiva desta modernidade líquida, o discurso capitalista atua alocando o sujeito na posição de consumidor de objetos produzidos pela ciência e tecnologia, excluindo o outro do laço social. Para Quinet (2003), o discurso capitalista diferencia-se do discurso do mestre no tocante à vinculação entre o senhor e o proletário. Na era do capital globalizado, o mestre/senhor torna-se impessoal e, em relação a ele, Lacan afirma que somos todos proletários.

Face ao exposto, assevera-se que a mídia, por meio do estabelecimento dos padrões de consumo subservientes à lógica de dominação do sujeito pelo capital, enreda sujeitos no discurso capitalista. Neste sentido, Judith Williamson (apud Kellner, 2001), argumenta que a propaganda interpela os indivíduos e convida-os a identificar-se com produtos, imagens e comportamentos. Ela apresenta uma imagem utópica de novidade, sedução, sucesso e prestígio mediante a compra de certos bens, atuando como instrumento de socialização e determinando a demanda do consumidor.

De acordo com o exposto, a propaganda tem, portanto, uma função que Althusser e Pêcheux (1996) já haviam atribuído à ideologia em suas dimensões de aparelho repressor e ideológico do Estado: de interpelar indivíduos e “recrutá-los” à posição de sujeitos – no caso, de sujeitos consumidores. Nessa dinâmica se fala do sujeito, se fala ao sujeito, antes que ele possa dizer: Eu falo!

Quinet (2003, p. 41), sobre o discurso capitalista, ressalta ainda:

O discurso do capitalista não é regulador, ele é segregador. A única via de tratar as diferenças em nossa sociedade científica capitalista é a segregação determinada pelo mercado: os que têm ou não acesso aos produtos da ciência. Trata-se, portanto, de um discurso que não forma propriamente laço social, mas segrega. Daí a proliferação dos *sem*: terra, teto, emprego, comida etc.

O discurso capitalista impele violentamente o sujeito ao gozo, sob a forma de consumo e lucro desmedido, gerando, além do sofrimento psíquico, violências. Este concebe sujeitos descomprometidos e alheios aos dilemas éticos (ROSA, CARIGNATO, BERTA, 2006, p. 45).

Lacan (2008, p. 18) nos fala que o discurso detém os meios de gozar, haja vista que no mercado do Outro se estabelece um mais-de-gozar que é captado por alguns. Quinet (2003) reitera que o discurso compreendido como laço social implica na renúncia ao gozo absoluto, forjando o que Lacan denomina de mais-de-gozar a ser captado. Fora do laço social, o sujeito é direcionado, através de suas pulsões, a tratar o outro como objeto a ser consumido sexualmente e fatalmente em uma tentativa de alcançar o impossível gozo absoluto.

Percebe-se, assim, que é nessa proximidade entre gozo e pulsão de morte, que o discurso capitalista, em sua posição atípica de discurso que desintegra laços, fomenta o descomprometimento ético consigo e com o outro, gerando segregação, violência e sofrimento psíquico.

No discurso capitalista, em um lugar de dominação semelhante ao discurso do mestre/universitário, há um Outro que fala pelo sujeito, barrando-o enquanto sujeito do inconsciente, mas arrojando-o à posição de um consumidor descomprometido com o outro e vigorosamente comprometido com o gozo.

O discurso capitalista estimula a ilusão de completude não mais com a constituição de um par, mas sim com um parceiro conectável e desconectável<sup>6</sup>, o que pode efetivamente levar a decepção, tristeza, tédio e nostalgia e a diversos tipos de toxicomanias (QUINET, 2010).

---

<sup>6</sup> Descrição semelhante à conferida por Bauman acerca do amor líquido.

## **O DISCURSO DA HISTÉRICA**

Não obstante a mídia tenha sido associada à noção de aparelho ideológico, ao considerar-se a diversidade de espaços midiáticos na contemporaneidade e as diferentes opiniões outorgadas em um mesmo veículo de comunicação, é preciso, também, concebê-la como um espaço pluralizado e contraditório, capaz de desarticular a “articulação hegemônica de significantes” e propiciar a irrupção do discurso da histórica.

Quinet (2010) aponta a histeria como o avesso do discurso universitário, pois faz objeção ao totalitarismo do saber - o saber unívoco que emana do mestre. A histeria como produção de saber provocado pelo sujeito é o que fez Lacan encontrar a afinidade da genuína ciência, aquela capaz de pensar o mal-estar na civilização, com o discurso da histórica.

Sobre a correlação entre discurso histórico e ciência, Lacan (1998) em “Ciência e Verdade”, salienta que a ciência psicanalítica está implicada no saber sobre o objeto *a*, o objeto causa de desejo inserido na divisão do sujeito do inconsciente. Lacan (1992, p. 33) ressalta que “o objeto *a* promove a queda do efeito do discurso, demandando o abandono de qualquer referência que constitua um saber”.

A diversidade de opiniões, versões da realidade e críticas que emanam nos espaços midiáticos, apresentam, portanto, a possibilidade da irrupção do discurso histórico, o qual, ao trazer como verdade o real do sujeito dividido (o objeto *a*) e interrogar o saber do significante-mestre, desestabiliza os efeitos de seu discurso dominante.

## **SUJEITO E IDEOLOGIA**

Ao encontro do que se argumentou sobre a posição do sujeito no discurso capitalista, Žižek (1996) propõe algumas leituras sobre as relações sociais neste discurso. O autor afirma que houve uma modificação nas relações entre os homens com o advento do capitalismo. Nas sociedades capitalistas, há um deslocamento da relação entre Senhor e Escravo no sentido hegeliano - a

relação vigente entre os homens nas sociedades pré-capitalistas - para a relação entre coisas, também denominada por Marx de fetichismo de mercadoria<sup>7</sup>.

As relações sociais deixam de ser imediatamente transparentes como o eram sob a forma das relações interpessoais de dominação e servidão. Elas assumem, de acordo com Žižek (1996), uma dinâmica onde a relação entre homens não é mais explicitamente hierárquica, mas determinada por interesses egoístas, onde cada qual age como um bom utilitarista. O outro é apenas um sujeito que visa seus próprios interesses e só é válido na medida em que possui algo. Em outras palavras, o outro é o equivalente a uma mercadoria capaz de satisfazer algumas necessidades daquele que o objetiva.

Consonante à argumentação de Quinet (2010), Žižek (1996) revela que no capitalismo, sobretudo no sistema capitalista que se afigura na atualidade, a relação entre o agente e o outro do discurso do mestre não é mais a mesma, pois houve um deslocamento desta relação servil para uma relação direta entre o sujeito e a mercadoria. No discurso capitalista, as relações com as mercadorias passam a ser fetichizadas em detrimento das relações entre homens, criando-se uma cultura de segregação.

Žižek (1996, p. 310), sobre capitalismo e ideologia, comenta ainda:

---

<sup>7</sup> Žižek (1996, p. 303) argumenta que este fetichismo opera à maneira do desmentido fetichista: “Sei que a mãe não tem o falo, mas ainda assim, acredito que ela tem”; “Sei que o dinheiro é um material como os outros, mas ainda assim, é como se ele fosse feito de uma substância especial.”

Freud (1927/1996, p. 155 -157) em seu texto “Fetichismo” relata o caso clínico de um paciente que tinha como pré-condição fetichista um brilho no nariz. O nariz constituía um fetiche, que incidentalmente, ele dotara, à sua vontade, do brilho luminoso que não era perceptível a outros. De maneira análoga, pode-se pensar a “substância especial” da mercadoria, descrita por Žižek, como o equivalente ao brilho no nariz.

Neste mesmo texto, Freud comenta que o fetiche é um substituto do falo percebido como ausente na mãe, atuando como uma defesa ao horror da castração.

O fetichismo de mercadoria funciona, portanto, como uma denegação (dupla negação, pois o sujeito permanece negando aquilo que sabe) da castração. O sujeito denega a falta da mercadoria e, ao se identificar com ela, denega a sua castração.

(...) é preciso buscar a descoberta do sintoma<sup>8</sup> na maneira como Marx concebeu a passagem do feudalismo para o capitalismo. Com o estabelecimento da sociedade burguesa, as relações de dominação e servidão são *recalcadas*: formalmente, parecemos estar lidando apenas com sujeitos livres; a verdade recalcada - a da persistência da dominação e da servidão - emerge num sintoma que subverte a aparência ideológica de igualdade, liberdade e assim por diante.

A ideologia não serve para mascarar uma realidade, mas é ela mesma uma construção fantasiosa que serve de esteio a nossa própria realidade, estruturando as relações sociais reais e efetivas e com isso, mascarando um insuportável núcleo do real impossível: uma divisão social traumática que não pode ser simbolizada, algo próximo ao que Marx denominara de luta de classes (ŽIŽEK, 1996).

Para Žižek, o sintoma dos laços sociais surge a partir do recalçamento das relações servis, em virtude de um encobrimento da estrutura persistente de dominação. As ideologias, ao justificarem este sistema e, portanto, mascararem uma relação de poder, não encobrem uma realidade – uma vez que essa é sempre ficcional e moldurada ideologicamente - mas acobertam o real, aquilo que não pode ser simbolizado e, por conseguinte, retorna evidenciando as divisões e contradições sociais.

Articulando este raciocínio à análise dos discursos midiáticos, afirma-se que pela via da “histericização”, o real encoberto pela (s) ideologia (s) preponderantes na mídia é desvelado, pois como declara Fink (1998): o discurso histórico é aquele cuja verdade possui o estatuto do real, aquilo que divide o sujeito e se insinua denunciando a (im)completude e a (meia) verdade de um saber construído.

Por meio do exposto, afirma-se que a mídia, mesmo quando articulada em prol dos discursos universitário e capitalista, outorga a emergência de ideologias, convergentes ou divergentes na constituição de um laço social, propiciando a

---

<sup>8</sup> Lacan assevera que Marx inventou o sintoma mediante a identificação de uma certa fissura, de uma assimetria, de um certo desequilíbrio “patológico” que desmente o universalismo de direitos e deveres na sociedade; um desequilíbrio que funciona como seu elemento constitutivo e não pode ser abolido. O sintoma social, portanto, trata de um elemento particular que subverte seu próprio fundamento universal (Žižek, 1996, p. 306). De maneira análoga, é possível pensar no joguinho homófono de Lacan no que concerne ao sintoma: no lugar onde se gerava o sintoma, pode-se gerar o *sinthoma*.

“histericização discursiva” e permitindo que o não simbolizável da luta de classes – ou o não simbolizável da disputa ideológica, uma vez que tanto a classe oprimida quanto a classe opressora possuem suas ideologias - venha à tona, revelando o núcleo traumático e extirpado da “realidade”.

Concernente ao *modus operandi* da mídia em sua atuação ideológica, Hernandez (2006) afirma que para persuadir o público a crer na verdade que enuncia, a mídia elabora uma encenação, uma representação da realidade que deve ser aceita pelo público. Ambos, público e mídia, devem partilhar de uma mesma visão de mundo, de uma ideologia que os torna “cúmplices” na forma de significar a realidade.

Pelo vértice da argumentação de Žižek (1996), faz-se possível pensar a ideologia como um lugar simbólico onde fantasias semelhantes aglutinam sujeitos em torno de uma fantasia compartilhada – compartilhada pelos sujeitos que se identificam e se alienam nas articulações significantes da mídia.

Em “Como Ler Lacan”, Žižek (2010, p. 18) apresenta, ainda, uma perspectiva comple/mentar sobre o conceito de ideologia:

Apesar de todo o seu poder fundador, o Outro é frágil, insubstancial, propriamente *virtual*, no sentido de que seu status é o de um pressuposto subjetivo. Ele só existe na medida em que sujeitos *agem como se ele existisse*. Seu status é semelhante ao de uma causa ideológica como Comunismo ou Nação: ele é a substância dos indivíduos que se reconhecem nele, o fundamento de toda a sua existência, o ponto de referência que fornece o horizonte supremo de significado [...]

Ao aproximar o conceito de ideologia ao estatuto de Outro, consubstanciada à articulação que se construiu até o momento entre mídia e ideologia, pode-se pontuar que o espaço midiático, além de um lugar de compartilhamento de fantasias, opera na sustentação, ou mesmo, na assunção de “Outros”.

Sobre este aspecto, faz-se possível problematizar a construção de ídolos na mídia: esportistas, artistas, políticos, apresentadores e líderes religiosos tornam-se, tal qual um Outro, propositores de maneiras de se comportar, ver e sentir o mundo, atuando diretamente na esfera ideológica dos sujeitos e bussolando-os.

Žižek (1996, p. 34), ao encontro do que pretende discutir, desvela a seguinte articulação:

A censura padrão à psicanálise é que, na medida em que intervém no campo do social e/ou político, ela sempre acaba, em última instância, em alguma versão da teoria da "horda" encabeçada pelo líder temido-amado, que domina os sujeitos através do vínculo "orgânico" libidinal da transferência, de uma comunidade constituída por um crime primevo e, portanto, unida pela culpa compartilhada. A primeira resposta a essa censura parece óbvia: não foi justamente esse complexo teórico - a relação entre a massa e seu Líder - o ponto cego da história do marxismo, aquilo que o pensamento marxista foi incapaz de conceituar, de "simbolizar", seu "foraclusão" que depois retornou no real, sob a forma do chamado "culto à personalidade" stalinista? A solução teórica e prática do problema do populismo autoritário, que volta e meia frustra os projetos políticos progressistas, só é concebível hoje em dia através da teoria psicanalítica. Entretanto, isso não implica, em absoluto, que a psicanálise se restrinja de algum modo, em seu alcance, ao gesto negativo de delinear a economia libidinal das comunidades protototalitárias "regressivas": no avesso necessário desse gesto, a psicanálise também delinea a economia simbólica de como - de tempos em tempos, pelo menos - somos capazes de romper o círculo vicioso que gera o fechamento "totalitário". Por exemplo, quando Claude Lefort articulou a ideia de "invenção democrática", ele o fez através de uma referência às categorias lacanianas do Simbólico e do Real: a "invenção democrática" consiste na afirmação do lugar vazio e puramente simbólico do Poder, que nenhum sujeito "real" jamais pode ocupar.

Por meio do exemplo histórico do stalinismo, Žižek alerta sobre a tendência social à política totalitarista. Uma tendência que se desvela a partir do retorno do recalcado, um eterno retorno da não-simbolização da morte do pai da horda primitiva que espreita as sociedades democráticas. É, pois, uma ressalva às consequências de um sujeito real ocupar o lugar simbólico do Outro.

Sobre este aspecto, indaga-se se a mídia, com sua permanente projeção cultural de ídolos, está dispensando mestres a ocuparem este lugar simbólico que, nas palavras de Žižek, não pode ser ocupado por um sujeito real. Lugar que deve permanecer em vacância para que os laços sociais continuem a girar, como na Roda Viva (1968), que tudo faz girar, da canção de Chico Buarque. Roda que faz rodar os significantes: mundo, roda-gigante, moinho, pião, tempo e o próprio sujeito, que à sua revelia, como aquele que quer ter voz ativa e no seu destino mandar, tem o seu destino, carregado para lá.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise efetuada mostra a correlação entre os discursos midiáticos e alguns discursos, ou laços sociais, teorizados por Lacan. Partindo-se da articulação da teoria psicanalítica aos argumentos de Chomsky (2013), Kellner (2001) e Althusser (1996), concluiu-se que a mídia pode atuar como correlata do

agente no discurso universitário, perpetrando ao outro um saber que o mercantiliza, o valora a partir de significantes do saber, mas o exclui enquanto sujeito do inconsciente, recalcando-o em nome dos imperativos do Outro.

A mídia pode apresentar-se, ainda, como uma propositora do discurso capitalista, um desdobramento do discurso do mestre na contemporaneidade. Neste discurso, os sujeitos assumem a posição de consumidores de gadgets produzidos pela ciência e tecnologia e, pelo imperativo do gozo, fragilizam suas possibilidades de laços sociais.

Levando em conta o que na cultura foi denominado por Marx como “luta de classes” - espaço do embate ideológico apontado por Žižek (1996) como aquele onde o “real não simbolizado pela realidade” emerge - identificou-se a irreversibilidade do aparecimento do discurso histórico na mídia, uma modalidade de laço social onde o sujeito do inconsciente advém, trazendo o real do seu sintoma para contestar o mestre. Na contramão dos discursos de dominação, o discurso histórico rompe as articulações hegemônicas dos significantes e permite a produção de novos saberes.

Concernente ao aspecto ideológico, compreende-se pela perspectiva de Žižek, que a mídia, ao intervir na articulação de significantes, opera sobre as fantasias que passam a ser compartilhadas por sujeitos em sociedade, definindo suas percepções da “realidade”. Realidade que para a psicanálise está no lugar da fundação simbólica e em oposição ao real.

A discussão de Žižek acerca das relações sociais no capitalismo, vai ao encontro da argumentação da psicanálise sobre os discursos de dominação na contemporaneidade – discurso universitário e discurso do mestre/capitalista. Quinet (2010) assevera que os discursos do mestre e do universitário encontram seu paroxismo no discurso capitalista, atuando na abolição do sujeito desejante, tudo fazendo para que ele ceda de seu desejo.

Face a esta conjuntura, Rosa, Carignato e Berta (2006) apontam uma função política, política em seu sentido amplo, ao discurso analítico. Eles asseveram que a psicanálise, por meio da assunção do sujeito do inconsciente e sua propulsão ao encontro com o núcleo traumático do real, lugar de seu desejo e de sua verdade, faz objeção à instrumentalização social do gozo operante na contemporaneidade.

A psicanálise, portanto, interroga os discursos que recalcam e alienam o sujeito ao Outro (Mestre e Universitário) e o discurso capitalista, permitindo o seu giro nos laços sociais e o encontro do sujeito com o real de seu desejo, lugar de sua meia verdade, de sua castração. O laço social analítico, em suma, permite ao sujeito do inconsciente se constituir em sua subjetividade, assumindo, de maneira extrínseca aos significantes impostos, a sua posição na *pólis*.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). Um Mapa da Ideologia (p. 105-142). Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.
- CHOMSKY, Noam. Mídia – Propaganda política e manipulação. Rio de Janeiro: WMF Martins Fontes, 2013.
- ELIA, Luciano. O Conceito de Sujeito. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FINK, Bruce. O Sujeito Lacaniano – Entre a Linguagem e o Gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921). In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. 18, p. 75 – 148). Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. O Mal-estar na Civilização (1930 [1929]). In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. 21, p. 67 – 150). Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. Fetichismo (1927). In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. 21, p. 151 – 162). Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 4, n. 11, p. 11 – 25, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/viewFile/6865/6201>>. Acesso em: ago. 2016.
- HERNANDES, Nilton. A Mídia e seus Truques – O que jornal, revista, tv, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.
- KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. Bauru: EDUSC, 2001.
- LACAN, Jacques. O Seminário “de um Outro ao outro” – livro 16. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Original publicado em 1969).
- \_\_\_\_\_. O Seminário “o avesso da psicanálise” – livro 17. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (Original publicado em 1970).
- \_\_\_\_\_. Ciência e Verdade. In: \_\_\_\_\_. Escritos. (p. 869 – 892). Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Original publicado em 1966).
- NASIO, Juan David. Lições sobre os 7 conceitos cruciais de psicanálise. 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. O Mecanismo do (Des) Conhecimento Ideológico. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). Um Mapa da Ideologia. (P. 143 – 152). Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- PLON, Michel; ROUDINESCO, Elizabeth. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- QUINET, Antônio. Psicose e Laço Social. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. Os Outros em Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROSA, Miriam Debieux; CARIGNATO, Taeco Toma; BERTA, Sandra Letícia. Ética e Política: A psicanálise diante da realidade, dos ideais e da violência contemporânea. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 35-48, jan. – Jun. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982006000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100003)>. Acesso em: set. 2016.

SAFATLE, Vladimir. Pós-fácio: A Política do real de Slavoj Žižek. In: Slavoj Žižek. *Bem-Vindo ao Deserto do Real!* (P. 188-199). São Paulo: Boitempo, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. O Espectro da Ideologia. In: \_\_\_\_\_. *Um Mapa da Ideologia* (p. 7 – 38). Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_. “Como Marx inventou o sintoma?”. In: \_\_\_\_\_. *Um Mapa da Ideologia* (p. 297 – 332). Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

\_\_\_\_\_. *Como Ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

## **SUBJECT, SPEECH AND IDEOLOGY: A PSYCHOANALYTICAL UNDERSTANDING ABOUT THE POSITION OF THE SUBJECT IN MEDIA**

### **ABSTRACT**

This work proposes to discuss the constitution and the position of the subject in the media speeches, starting from an understanding of these speeches as correlates to the discourses proposed by Lacan. Moreover, concepts about the ideology presented by Althusser, Chomsky and, above all, Žižek are articulated to this discussion. This research is oriented by the “subject function” and your possible relations with the signifier, the object a and the Other. Through this research, it identifies correlations between the media and the university and capitalist speech, as well as the possibility of the assumption of hysterical speech. It also understands that the media acts in the ideological field, alienating subjects in signifiers through a social fantasy that shapes the reality.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Speech. Media. Ideology.

## **SUJET, DISCOURS ET IDÉOLOGIE: UNE COMPRÉHENSION PSYCHANALYTIQUE SUR LE POSITION DU SUJET EN DISCOURSES MÉDIATIQUES**

### **RÉSUMÉ**

Cet article propose discuter la constitution et la position du sujet dans les discours médiatiques, à partir d'une compréhension de ceux-ci comme liée aux discours proposés par Lacan. En outre, il est articulé à cette discussion concepts sur l'idéologie présentée par Althusser, Chomsky et surtout Žižek. Cette recherche est guidée par la "fonction sujet" dans leur relation possible avec le signifiant, l'objet *a* et l'Autre. Il identifie les corrélations entre le média et le discours universitaire et le discours capitaliste, au-delà de la possibilité de émergence du discours de l'hystérique. Il est entendu encore que le média opère dans le domaine idéologique, aliénant des sujets en signifiant à travers d'un imaginaire social qui façonne la réalité.

**MOTS-CLÉS:** Psychanalyse. Discours. Média. Idéologie.

*Sujeito, Discurso e Ideologia: Uma Compreensão Psicanalítica sobre a Posição do Sujeito em Discursos Midiáticos*

Recebido em: 06-12-2016

Aprovado em: 17-01-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# O SUJEITO DA PSICANÁLISE E O COGITO CARTESIANO: UMA QUESTÃO ESTRUTURAL

*Magali Milene Silva*<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é explorar o modo como Lacan se propõe a pensar o sujeito da psicanálise em sua assertiva de que este é o sujeito da ciência moderna tal como depreendido do *cogito* cartesiano. São percorridas as principais referências de Lacan sobre Descartes, buscando situar a leitura lacaniana do *cogito* como estrutural, não condizente com a proposta veiculada por alguns autores como Charles Melman, de que estaríamos em uma nova era, a pós-modernidade, com novos sujeitos, diversos daquele sobre o qual a psicanálise opera. Conclui-se pela sustentação do mal-estar expresso na resistência do sujeito do inconsciente à qualificação em detrimento da tentativa contemporânea de classificá-lo, articulando-o a atributos comuns em nosso momento histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Sujeito. Cogito. Descartes Lacan.

---

<sup>1</sup> Professora do departamento de psicologia do Unilavras. Doutorado em psicanálise pela UERJ (2012), Mestrado em psicologia pela UFMG (2007). Graduação em psicologia pela UFSJ (2003). (35) 98834-3097 [magalimilene@gmail.com](mailto:magalimilene@gmail.com)

## **INTRODUÇÃO**

A produção psicanalítica contemporânea traz a preocupação com fenômenos clínicos considerados específicos ou exacerbados em nossa época como as toxicomanias, as patologias do ato, as patologias narcísicas, os transtornos alimentares e os fenômenos psicossomáticos, dentre outros. Podemos discutir o caráter inédito ou mesmo os crescentes incidência e prevalência a eles atribuídos, mas interessa aqui uma articulação específica, que associa esses chamados “novos sintomas” a um novo sujeito, como afirma Charles Melman (2003). Afirmativas como essa são bem recebidas pela cultura, que, em atendimento à demanda capitalista, aclama as novidades. Elas nos conduzem, entretanto, a nos perguntarmos qual o sentido da noção de sujeito em psicanálise para que se possa falar em novos sujeitos. A assertiva lacaniana de que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência moderna oferece um campo interessante para explorar a questão. Ela permite questionar, por exemplo, se, ao articular o sujeito ao pensamento moderno, Lacan estaria evocando uma possível historicidade, a qual justificaria concepções desse tipo, que associam mudanças sociais a novos sujeitos. Assim, o objetivo deste artigo é explorar o modo como Lacan se propõe a pensar o sujeito da psicanálise, verificando se ele é condizente com a proposta de novos sujeitos.

Para a história da filosofia, modernidade se refere, em termos gerais, às produções filosóficas a partir do século XVII embora não se trate de uma datação específica, e sim da caracterização de certo modo de pensamento. Na verdade, a periodização da história da filosofia só é sistematizada com Hegel, em sua obra *Lições de história da filosofia* (1806), de quem herdamos a divisão da filosofia em antiga, medieval e moderna (Marcondes, 2001). Essa última só se consolidou no século XVII.

O nascimento da modernidade está relacionado a fatores históricos que mudaram drasticamente o modo de funcionamento das sociedades como a descoberta das Américas: o desenvolvimento do mercantilismo, a superação do sistema feudal e o surgimento dos Estados nacionais. Danilo Marcondes (2001, p. 141), em seu livro sobre a história da filosofia, destaca três fatores que influenciaram decisivamente o pensamento moderno: o humanismo renascentista do século XV, a Reforma protestante do século XVI e a revolução

científica do século XVII. O humanismo, ao colocar o homem como centro de interesses ético, estético e político, medida para todas as coisas, rompeu com a visão teocêntrica e a tradição, pluralizando os valores. A Reforma protestante recusou a autoridade institucional da igreja e pregou que a consciência individual deve ser a fonte de construções ética e religiosa, questionando as orientações tradicionais e trazendo as orientações moral e religiosa para o debate. A revolução científica, em especial a partir de Copérnico, abalou o modo tradicional de pensamento ao retirar a Terra, e com isso o homem, do centro do universo. Além disso, as teorias científicas de Galileu, buscando a matematização e a empiricidade, revolucionam a maneira de considerar o mundo físico, acabando por se tornar, segundo Alexandre Koyré (1982), o gérmen da ciência moderna<sup>2</sup>. Essas influências, às vezes contraditórias entre si, irão aparecer nas principais formulações do pensamento moderno.

Com vistas a esses antecedentes, podemos dizer que a ideia de modernidade está, portanto, relacionada “à ruptura com a tradição, ao novo, à oposição à autoridade da fé pela razão humana e à valorização do indivíduo livre e autônomo em oposição às instituições” (Marcondes, 2001, p. 160). É nesse momento de rupturas e transformações que o pensamento de René Descartes toma lugar – momento de angústia que se repetirá em sua obra, chegando à dúvida como única certeza<sup>3</sup>.

## O COGITO CARTESIANO

Primeiramente, merece destaque o fato de Descartes escrever em primeira pessoa e de não evocar uma escola de pensamento, mas o próprio ser pensante, que entra em cena como autoridade na construção do conhecimento verdadeiro.

---

<sup>2</sup> Entretanto, é com a estruturação do *cogito* cartesiano que a ciência moderna, na concepção de Lacan, alcançará sua fundamentação, como será apresentado a seguir. A expressão “ciência moderna” será utilizada neste texto, mas tendo em vista que só se pode falar de ciência propriamente dita como moderna. Assim, seguindo Koyré (1982), podemos dizer que a ciência moderna é resultado de um corte com a episteme antiga, inaugurando um novo campo de articulações para o pensamento, transição do mundo fechado ao universo infinito, como se referiu o autor.

<sup>3</sup> O estudo do pensamento de Descartes nos interessa particularmente devido ao uso que dele fará Lacan ao propor que o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito cartesiano.

Sua obra *Discurso do método*, publicada em 1637, traz suas reflexões sobre a possibilidade de um método que pudesse conduzir o espírito à verdade, possibilitando uma orientação segura numa época de incertezas e rupturas. Descartes traz a racionalidade como único caminho para a verdade e considera o erro efeito do mau uso da razão. Nessa obra, apresenta sua formulação do cogito, a célebre expressão “penso, logo existo<sup>4</sup>”, que é melhor desenvolvida no texto *Meditações*, publicado em 1641.

Nas meditações, seu objetivo é estabelecer os fundamentos do conhecimento científico, procurando chegar a um conhecimento verdadeiro, que não possa ser refutado. A fim de verificar sobre o que é possível ter certeza, explora exaustivamente a dúvida, considerando que tudo que é passível de inspirar dúvida não é verdadeiro. Seu argumento se manifesta em três níveis: denunciando a ilusão dos sentidos, levantando a possibilidade do engano pelo sonho e supondo a existência de um “gênio maligno”, que conduziria a consciência ao engano. Demonstra que não podemos confiar nos sentidos, pois eles podem nos enganar, transmitindo impressões diversas da realidade. Do mesmo modo, não podemos ter certeza indubitável de que não estamos sonhando, de forma que tudo que acreditamos estar acontecendo pode ser apenas um sonho, e não decorrente da realidade externa. É possível ainda que o homem tenha sido criado por um deus enganador (gênio maligno), que engane a consciência sobre a existência de todas as coisas, incluindo aí até mesmo as verdades matemáticas.

A primeira meditação se conclui com essa dúvida radical. Na segunda, continuando na extensão da dúvida, Descartes formula que não pode ter certeza da própria existência, senão no ato de dela duvidar. Só se pode ter certeza de si a partir da dúvida: é o próprio pensamento que fornece alguma certeza de existência ou do ser., portanto, eu sou uma coisa que pensa e que existe durante o tempo que pensa. Ou, para utilizarmos a tradução sugerida por Elia, só sou ao pensar. “Mas o que sou eu, então? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que

---

<sup>4</sup> Luciano Elia (2007) afirma que “penso, logo sou” seria uma tradução mais adequada para “*cogito, ergo sum*”. Ao tratarmos do modo como Lacan considera essa locução, por ele se referir à divisão do sujeito entre ser e pensar, usaremos essa proposta de tradução de Elia.

pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente” (Descartes, 1999, p. 262). Essa fórmula, entretanto, é garantia do pensamento como forma, não como conteúdo, pensamento sem qualidades. Indica a existência do pensamento puro, que é possível pela própria existência do ato de pensar. O conteúdo do pensamento, no entanto, qualquer que seja, pode ser posto em dúvida. “Só o meu pensar é verdadeiro no tempo e no ato de sua enunciação, não meu pensamento nem o objeto pensado”, conforme analisa Dunker (2008, p. 178).

A conclusão de Descartes no ápice da segunda meditação é simples: “eu penso, eu sou”. O pensamento fornece uma garantia de existência, mas essa garantia, além de pontual e evanescente, é apenas formal e não garante a veracidade do pensamento. A hipérbole da dúvida é extremamente incômoda e Descartes prossegue na tentativa de resgate das certezas demitidas. Então, ele propõe que é uma coisa que pensa, ser que pensa, *res cogitans* (substância pensante), buscando alguma identidade para esse ser de pura suspensão que se apresenta no ápice da dúvida metódica. Mesmo nesse movimento, a garantia do cogito não é uma garantia de existência em si, mas da garantia da existência de uma articulação e de algo que a sustenta, a *res cogitans*, diferente da *res extensa* (substância material), que está presente nos corpos. Não há no ponto de enunciação do cogito qualquer garantia material – o cogito não garante a existência das coisas, apenas do pensamento; e não garante também a exatidão do conteúdo pensado, apenas o ato de pensar.

Visto que o objetivo de Descartes é abordar a possibilidade do conhecimento, ele precisa ultrapassar esse ponto. O filósofo o faz com o recurso a Deus, a *res infinita*. Na terceira e na quarta meditações, examina a realidade que lhe é possível conhecer: o pensamento. Verifica que este é composto de ideias e que estas podem ser consideradas verdadeiras quando se apresentam de maneira clara e distinta à consciência. Para fundamentar a veracidade dos pensamentos claros e distintos, considera a ideia de Deus, de um ser perfeito e infinito, que, ao se apresentar ao pensamento, é a mais clara e distinta de todas as ideias. O homem, ser imperfeito, não poderia ter ideia da perfeição se não fosse inspirado por Deus. “De toda força do argumento de que aqui me servi para demonstrar a existência de Deus consiste em que reconheço que seria impossível que minha natureza fosse tal como é, isto é, que eu tivesse em mim

a ideia de um Deus, se Deus não existisse de fato” (Descartes, 1999, p. 289). Esse Deus, sendo perfeito, não teria nenhuma necessidade e, portanto, não teria necessidade de ser enganador, como foi suposto no auge da exploração da dúvida.

É supondo um Deus perfeito na mente do homem que Descartes pode afirmar que as ideias que são claras e evidentes são verdadeiras. Deus funciona como uma espécie de garantia da existência do mundo e de sua inteligibilidade, garantia externa da validade do pensamento. O conhecimento verdadeiro é aquele que traduz a representação verdadeira, a correspondência adequada entre a ideia e o objeto do mundo. Ou seja, entre as coisas do mundo feitas por Deus e as ideias do mundo inspiradas no pensamento por Ele.

Na quinta e na sexta meditações, Descartes analisa o conhecimento das ideias abstratas e dos objetos do mundo, demonstrando como esse conhecimento é possível, sempre utilizando Deus como garantia de que não se encontra no equívoco e no erro.

Na verdade, a dúvida formulada por Descartes é tão radical que acaba não sendo superada mesmo com seu recurso a Deus. Ao acompanharmos suas formulações ao longo das meditações, é fácil seguirmos seus argumentos na hipérbole da dúvida até a proposição de que esta é a única certeza. No entanto, quando pretende resgatar Deus como garantia da possibilidade do conhecimento, o texto torna-se menos fluido como se ele mesmo precisasse se convencer desse argumento. Apesar da tentativa de encontrar um fundamento para o conhecimento, com a formulação cartesiana do cogito, o conhecimento não pode mais ser concebido como certeza absoluta.

## **O SUJEITO DA PSICANÁLISE E O COGITO CARTESIANO**

Jacques Lacan atribuiu à articulação do cogito cartesiano o advento do sujeito da ciência e afirma que é sobre esse sujeito que a psicanálise opera: suas

práxis não implicam outro sujeito senão o da ciência” (Lacan, 1966/1998, p. 878)<sup>5</sup>.

A formulação do cogito cartesiano teria introduzido um corte<sup>6</sup> na história do pensamento ao buscar como horizonte a autofundamentação da certeza de si, destituindo as garantias da religião, da tradição e do conhecimento adquirido pelos sentidos. O cogito encarna, desse modo, o estatuto do sujeito que suporta o discurso da ciência moderna (Safatle, 2000).

Ao atribuir um sujeito ao cogito cartesiano, Lacan o relaciona com um momento de angústia na história do pensamento, o que não é sem consequências, como precisa Elia (2007, p. 13):

A aparição do sujeito no cenário do pensamento se fez através da angústia e da incerteza em relação ao que se dera até então como um mundo mais ou menos compreensível para o entendimento do homem. Não se trata de dizer que não tenha havido crises no pensamento até esse momento, mas de saber discernir a magnitude dessa crise em particular – o advento da ciência moderna e sua separação da filosofia – e fazer a verificação precisa de seu valor de corte maior.

Segundo Milner (1996, p. 34), a leitura lacaniana do cogito privilegia seu ponto extremo, na hipérbole da dúvida, em que pode afirmar: eu penso, eu sou (ego cogito, ego sum). É interessante destacar que se trata desse ponto extremo, pois, nessa primeira enunciação do cogito, não há substancialização do ser pensante. Nesse momento radical, trata-se da afirmativa “eu sou algo indeterminado”. Safatle (2000) nos lembra que é somente após essa enunciação radical da dúvida que Descartes apresenta a noção de *res cogitans* e torna possível ao sujeito dizer “eu sou uma coisa que pensa”. Como vimos, num segundo momento, Descartes retoma qualificações para o sujeito e funda a

---

<sup>5</sup> É importante ressaltarmos que a atribuição de um sujeito ao *cogito* cartesiano é uma leitura de Lacan. Descartes não fala de um sujeito, nem o extrai como efeito de seu pensamento, mas de uma coisa (*res*), substância pensante.

<sup>6</sup> Filiando-se às propostas de Koyré e Kojève, Lacan adota não só a existência de cortes como considera a ciência moderna como um corte maior, uma descontinuidade capaz de afetar todos os discursos possíveis. Posteriormente, com a teoria dos quatro discursos, Lacan imprime um tratamento especial à noção de corte, desistoricizando-o, tomando o corte como não cronológico (Milner, 1996).

garantia do conhecimento em Deus, mas não é essa formulação que interessa a Lacan ao tratar do sujeito da ciência<sup>7</sup>.

A referência a Descartes aparece anteriormente na obra de Lacan<sup>8</sup>, mas é no texto da conferência “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957) que começa a desenvolver sua articulação do sujeito cartesiano com o sujeito da psicanálise (Sales, 2008; Safatle, 2000), aproximando o sujeito cartesiano do sujeito do inconsciente freudiano. Na fórmula cartesiana “eu penso, eu sou” (egocogito, ego sum), o pensamento é o único suporte do ser do sujeito. Na verdade, o pensamento que não pode ter certeza sequer de si é o próprio sujeito. Trata-se do pensamento como articulação não como conteúdo, pois, na hipérbole da dúvida, não é possível ter certeza de nada.

Lacan nos lembra que Freud aposta na existência de um pensamento inconsciente, cuja articulação (significante) remete ao sujeito que a suporta<sup>9</sup>. Retomando, a afirmativa de Freud “wo Es war, soll Ich werden”, que propõe traduzir como “lá onde isso estava, lá como sujeito, devo [eu] advir”, discute como a cadeia significante produz sentido ao se articular, tendo o sujeito como suporte dessa produção. É o próprio sujeito inconsciente que deve advir para além da fala assumida como própria, que se identifica com o eu. Ou seja, o sujeito é o que se furta ao eu.

Este trecho de Freud – “wo Es war, soll Ich werden” – permite a Lacan trabalhar com a fórmula cartesiana “penso, logo sou”, considerando a existência do sujeito do inconsciente. Lacan nos apresenta, então, a assertiva: penso onde não sou, logo sou onde não penso (Lacan, 1957/1998, p. 521). Essa disjunção aponta para o sujeito que está além do eu. É para esse ponto, que na fala escapa às intenções do eu, que o analista deve olhar para alcançar o sujeito da psicanálise – sujeito do inconsciente.

---

<sup>7</sup> Na sequência da discussão, utilizaremos a expressão “penso, logo sou”, conforme aparece nas referências consultadas, sem, no entanto, desconsiderar que nos referimos à hipérbole da dúvida, formulada por Descartes num primeiro momento apenas como “eu penso, eu sou”.

<sup>8</sup> Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). Nesse texto, o recurso a Descartes tem um sentido diferente do que será adotado posteriormente e será importante para sua obra. Trata-se de uma crítica à concepção psicologizante do sujeito cartesiano difundida por Henry Ey.

<sup>9</sup> Em nota de rodapé acrescentada em *A interpretação dos sonhos* em 1925, Freud (1900/1996, p. 538) esclarece que a essência do sonho não é o conteúdo latente, mas o trabalho do sonho. Ou seja, o inconsciente não é um conteúdo a ser revelado, mas uma lei de articulação, conhecida por seus efeitos.

O jogo significativo da metonímia e da metáfora, ou, em termos freudianos, a condensação e o deslocamento presentes no pensamento inconsciente, se dá à revelia da consciência que diz “eu” mesmo que se possa aí sentir os seus efeitos: “Não se trata de saber se falo de mim de conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim, sou idêntico àquilo de quem falo” (Lacan, 1957/1998, p. 520). A suposição do sujeito do inconsciente nos conduz a responder negativamente a essa questão de Lacan, remetendo-nos ao sujeito da enunciação, subjacente ao furo da linguagem, para além do sujeito consciente presente no enunciado. “O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou brinquedo de meu pensamento: penso naquilo que sou lá onde não penso pensar” (Lacan, 1957/1998, p. 521). Fórmula emblemática do sujeito do inconsciente, pois ele está sempre aquém ou além do significante, embora engendrado por sua articulação, sujeito, pois, essencialmente cindido.

Em “A ciência e a verdade”, aula de abertura do seminário de 1965-1966, Lacan traz a proposta de escrita do cogito com aspas na segunda oração: penso: “logo sou”, formulação que nos conduz a pensar o sujeito cartesiano como sujeito de um significante (Milner, 1996). Escrito desse modo, o cogito revelaria que “o pensamento só funda o ser ao se vincular à fala, onde toda operação toca na essência da linguagem” (Lacan, 1966/1998, p. 879), mostrando a divisão do sujeito pela linguagem, divisão impossível de se superar, uma vez que não há metalinguagem. Trata-se de um sujeito concebido como puro efeito de linguagem, bastante diverso de uma individualidade empírica.

Ao utilizar a dúvida como método para se chegar ao conhecimento claro e evidente, alcançando como única certeza a existência derivada do pensamento, Descartes privilegia a estrutura do pensar em detrimento de seu conteúdo, privilegiando, com isso, o sujeito sem qualidades, e não o indivíduo empírico. Ao sujeito da ciência, não cabem qualidades. Ao contrário, a matematização exige sua desqualificação. Sujeito sem qualidades evocado por um pensamento sem qualidades, tão bem caracterizado por Milner (1996, p. 33):

Não lhe convirão as marcas qualitativas da individualidade empírica, seja ela psíquica ou somática: tampouco lhe convirão as propriedades qualitativas de uma alma: ele não é nem mortal nem imortal, puro nem impuro, justo nem injusto, pecador nem santo, condenado nem salvo; não lhe convirão nem mesmo as propriedades formais que durante muito tempo havíamos imaginado constitutivas da subjetividade como tal: ele não tem nem Si, nem reflexividade, nem consciência.

Sabemos que Descartes avança nas suas argumentações e retoma a consciência e o pensamento qualificado recorrendo a Deus como garantia dessa qualificação. Lacan, no entanto, procura sustentar esse lugar do pensamento sem qualidades e se detém no ápice do *cogito*, que ele nomeia como sujeito.

## **O SUJEITO SOBRE O QUAL OPERA A PSICANÁLISE**

O pensamento sem qualidades também está presente em Freud quando este defende a ideia fundamental de um pensamento inconsciente que ultrapassa a consciência de si e as intenções do eu. A própria regra da associação livre, ao pedir que se fale o que vier à mente, sem julgar o que se está a dizer, remete a esse processo (Elia, 2007, p. 18-19). Podemos dizer, portanto, que a desqualificação (retirada de atributos) do sujeito é inerente e fundamental à psicanálise. Conforme afirma Teixeira (2000, p. 238), o sujeito evocado por Lacan é um “sujeito vazio, sem qualidades, purificado de toda intenção preliminar de significação”. Sujeito que, como a certeza evocada pela ponta extrema do cogito, é pontual e evanescente (Lacan, 1966/1998, p. 872). A certeza do cogito não é “um momento que se possa ter por assentado uma vez que foi atravessado. É preciso que ele seja, de cada vez, por cada um, repetido” (Lacan, 1964/1998, p. 212, lição de 3 de junho de 1964). É o próprio Descartes (1999, p. 260) quem o diz, pois, ao se perguntar por quanto tempo pode afirmar que existe, responde: “Durante todo o tempo em que eu penso”. O sujeito evocado por Lacan no cogito cartesiano é sem qualidade, evanescente e pontual; não é empírico, mas efeito de articulação significativa e essencialmente dividido.

A ciência estabelece as condições de aparecimento do sujeito, mas não opera sobre ele, tarefa que a psicanálise toma para si. Todavia, em sua leitura do cogito cartesiano, Lacan acaba por fazer uma subversão do sujeito, tomando-o de modo diverso ao que se pode depreender da leitura de Descartes. Ao tomar o cogito como um ato de fala, Lacan insere um hiato no interior dessa articulação, o que se explicita pela diferenciação entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. Além do sujeito do enunciado, o “eu”, que aparece na fórmula “eu penso”, que pode ser concebido como objeto empírico, o ato de fala evoca o sujeito da enunciação o “eu” transcendental que diz “eu penso” (Safatle, 2000). A enunciação, como o inconsciente, não aparece no enunciado, mas no que se diz. Descartes não faz essa diferenciação e, portanto, não insere a divisão no coração do sujeito embora estabeleça as condições para tal. Ao contrário, procura evocar o sujeito da consciência, senhor em sua casa, mesmo no manejo da dúvida. Segundo Juranville (1987, p. 127), é possível separar a análise

cartesiana em três tempos: o primeiro refere-se ao ato de pensar, o segundo diria respeito à certeza do ser do sujeito que pensa qualquer que seja o conteúdo do pensamento e o terceiro refere-se à determinação desse que pensa como substância pensante (*res cogitans*), esse último retomando a possibilidade de qualificação e substancialização para o sujeito. Nesse processo, Descartes acaba por recorrer a Deus como garantia da identidade e substância do sujeito do pensamento. Lacan, por outro lado, ao aplicar ao cogito as leis do significante, toma o sujeito como sem substância e sem identidade possível, senão pontual, evanescente e parcial; sujeito não da consciência racional, mas do inconsciente estruturado como linguagem. Privilegia, como já indicamos, o sujeito no ápice da exploração da dúvida, sujeito do cogito.

Cabe destacar ainda que o sujeito, para Lacan, não é uma coisa (substância) pensante, mas a expressão de uma divisão estrutural (Juranville, 1987, p. 103). “O sujeito cartesiano como sujeito do pensamento significa autoconsciência e mestria. O sujeito da psicanálise, como sujeito do pensamento inconsciente significa escravo, não mestre” (Sales, 2008, p. 297); sujeito assujeitado à linguagem e submetido ao jogo significante.

Considerar o sujeito como efeito da articulação significante conduz Lacan, desde o início de suas discussões sobre o cogito cartesiano, a diferenciar-se deste ao insistir na divisão do sujeito. Ao “penso, logo sou” cartesiano, ele opõe a disjunção entre pensamento e ser expressa na fórmula “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (Lacan, 1957/1998, p. 521), disjunção que se refere à noção de pensamento inconsciente, como visto anteriormente. Descartes, por sua vez, busca suturar a incerteza do sujeito pensante mediante o recurso a Deus, que viria fornecer uma garantia externa de que o pensamento e o pensado são verdadeiros. Na perspectiva de Lacan, entretanto, o campo do Outro se define exatamente por faltar nele o elemento que viria operar essa sutura, o que o matema  $S(A)$  expressa bem. O sujeito da psicanálise, portanto, é fundamental e estruturalmente dividido. Lacan se detém na primeira evidência das meditações: penso, logo sou. O inconsciente o leva a supor a inconsistência da segunda: Deus existe.

O Outro, para Lacan, não pode figurar como uma garantia para o sujeito: ele não é completo, não existe e não é perfeito. Segundo Dunker (2008, p. 181).

Os três atributos fundamentais de Deus serão objeto de um trabalho de negatização: a universalidade, o Outro se transformará em uma universalidade fraturada (o significante do Outro como faltoso), a existência do Outro será revertida em ex-sistência (o Outro não existe) e a perfeição será anexada a um tipo especial de objeto, caracterizado por sua negatividade (o objeto *a*).

O sujeito da psicanálise, na visão de Lacan, é o sujeito do cogito no ápice da dúvida, na suspensão de todos os atributos e também de toda garantia.

Posteriormente<sup>10</sup>, Lacan irá trabalhar esta disjunção entre pensar e ser pela via da negativa: “ou não sou, ou não penso”<sup>11</sup>. O corte estabelecido por Descartes no pensamento inaugura a ciência como a possibilidade de trabalhar com o objeto sem qualidades no plano do pensamento sobre o objeto, não no plano do ser do objeto. Esse tipo de articulação permite trabalhar com notações, possibilitando a matematização da ciência, encontrada já nos trabalhos de Galileu. Desse modo, interessa à ciência o pensamento sobre o objeto, não o objeto em si, pois, nas proposições de Descartes, só se pode garantir a existência do pensamento, não das coisas; não pode garantir o ser. Podemos dizer, então, que o objeto só existe na ordem simbólica e que essa articulação cartesiana opera a separação entre o que é da ordem do ser e o que é da ordem do pensamento. Descartes busca superar esse hiato com o recurso a Deus, utilizando-o como garantia da correspondência entre pensamento e ser, mas o que interessa a Lacan é a articulação anterior, na hipérbole da dúvida, e os efeitos que ela opera.

A proposição “ou não sou, ou não penso” caracteriza o sujeito como sem garantias, quer no pensamento, quer no ser, constituindo um campo onde o problema da orientação se coloca sem que uma solução possa ser encaminhada. O sujeito não pode dizer “sou”, pois, ao dizer, lança mão do significante que o determina e que não é, pois é da ordem do pensamento. Do mesmo modo, se diz “penso”, há a evocação de algo que não pensa que faz pensar, um eu transcendental (diferenciação sujeito do enunciado/ sujeito da

---

<sup>10</sup> LACAN, 1966-1967 /2008. O Seminário, livro 14. A lógica do fantasma.

<sup>11</sup> LACAN, 1966-1967/2008, lição VII, de 11 de janeiro de 1967.

enunciação)<sup>12</sup>. Portanto, o sujeito evocado pela ciência não pode dizer nem “penso”, nem “sou”. É com o sujeito fundado nessa disjunção pela ciência, mas sobre o qual ela não opera, que a psicanálise trabalha. Todavia, o caminho proposto pela psicanálise não é em direção ao retorno da questão do ser<sup>13</sup>, nem do abandono do ser em prol do pensamento, tampouco da busca da junção entre pensamento e ser, mas dá sustentação nesse impasse colocado pelo advento da ciência moderna. Ou seja, da sustentação do sujeito em sua posição de sujeito.

Ao fundar sua certeza do ser na renúncia a todos os saberes, mantendo apenas o próprio ato do pensamento como certeza, Descartes despe o sujeito de todo conteúdo, fundando a certeza do ser num conjunto vazio, como bem destaca Safatle (2000, p. 7, grifo do autor):

Um esvaziamento que levará o sujeito a reconhecer-se no vazio do puro pensamento transparente a si mesmo. Pois o *cogito* nada mais é do que a *condição de representação de toda representatividade*. Ele não é um conteúdo mental, mas, antes, a condição *a priori* da existência de tais conteúdo.

Ou seja, o sujeito cartesiano só existe na articulação de pensamento, não no conteúdo do que é articulado – o que é retomado por Lacan ao propor que o sujeito existe entre dois significantes. “Foi depois que Descartes fez a prova de todos os acessos ao saber, que ele fundou esse pensamento, propriamente falando do esvaziamento do ser, para não ser ávido senão de certeza, e que

---

<sup>12</sup> Conforme comenta Lacan (1966-1967/2008), a questão que atravessa o *cogito* é: há um ser do eu fora do discurso?

<sup>13</sup> “O que eu quero produzir frente a vocês é isso: é que, uma vez que a experiência, a experiência que, ela mesma, é sequência e efeito desse franqueamento do pensamento, que representa, enfim, alguma coisa que se pode chamar recusa da questão do Ser – e precisamente uma vez que essa recusa engendrou essa sequência, este novo levantamento da abordagem do mundo que se chama a ciência – que se alguma coisa, no interior dos efeitos desse franqueamento se produziu, que se chama a descoberta freudiana, ou ainda seu pensamento, como seu pensamento sobre o pensamento. O ponto essencial é que esse, em nenhum caso, quer dizer um retorno ao pensamento do Ser. Nada, naquilo que Freud traz, quer se trate do inconsciente ou do isso, não faz retorno a alguma coisa que, no nível do pensamento, nos recoloca no plano da interrogação do Ser” (Lacan, 1966-1967/2008, lição VII, de 11 de janeiro de 1967, p. 123).

resulte nisso, que nós já chamamos de esvaziamento”<sup>14</sup>. O sujeito lacaniano não é senão esta divisão mesma entre pensar e ser, uma vez que “o *cogito* levanta o problema da identidade do sujeito no exato momento da autoenunciação de si” (Safatle, 2000, p. 3).

No texto das *Meditações*, Descartes (1999) utiliza a referência a Deus como suporte que permite alguma identidade ao sujeito ao garantir o conteúdo do pensamento (as ideias claras e distintas que se apresentam à consciência são correspondentes das coisas, pois Deus, sendo perfeito, não enganaria a consciência).

Segundo Safatle (2000, p. 12), “Descartes teria sido assim o responsável involuntário por dois dispositivos fundamentais para a psicanálise: a estrutura evanescente do sujeito e a ultrapassagem forçada desta estrutura através do apelo a um Outro (Deus)”. A subversão lacaniana do *cogito*, porém, consiste em apontar a inconsistência tanto do sujeito quanto do Outro a que ele recorre. Entretanto, no escopo desta seção, iremos nos deter nos argumentos lacanianos que discutem a coincidência entre o sujeito da psicanálise, o sujeito da ciência e o sujeito cartesiano, apontando a divisão como inerente à sua constituição.

O sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito da ciência, para o qual a ciência moderna oferece condições de possibilidade, mas com o qual ela não opera. Adotar essa assertiva lacaniana implica conceber que a ciência moderna determina um modo de constituição do sujeito, ao mesmo tempo em que instaura um corte, inaugurando um novo campo (Milner, 1996, p. 29). O sujeito é efeito da constituição do campo da ciência, mas esse campo, por suas próprias condições de constituição, não pode lhe fornecer orientação

O trabalho de Thomas Kuhn <sup>15</sup> (2009) demonstra como a própria constituição da ciência lhe confere um caráter de instabilidade e parcialidade

---

<sup>14</sup> Lacan, 1966-1967/2008, lição VII, de 11 de janeiro de 1967, p. 125. No lugar dessa interrogação do ser colocada pela emergência da ciência moderna, Lacan situa a emergência do Outro como lugar da palavra.

<sup>15</sup> Físico americano que se dedicou ao estudo da história e filosofia da ciência, criando polêmicas ao definir a ciência como essencialmente paradigmática.

permanentes, de forma que qualquer orientação que ela possa oferecer deverá ser igualmente parcial e provisória.

De acordo com Kuhn (2009), a revolução, isto é, a adoção de novos paradigmas e o abandono de paradigmas anteriores<sup>16</sup>, é inerente à ciência. A ciência normal<sup>17</sup> funciona por meio da adoção de um ou mais paradigmas afins, que estabelecem um campo de problemas e soluções aceitas que serão pesquisados. Um paradigma é um modelo de pesquisa que parte de uma ou mais premissas afins, que configuram um campo, como, por exemplo, a astronomia copernicana e a dinâmica newtoniana, com o qual a ciência normal irá trabalhar, a fim de desenvolver o conhecimento que pode ser produzido a partir dessa adoção paradigmática. No entanto, a ciência normal é constantemente acometida por fenômenos que não podem ser facilmente explicados pelo paradigma adotado e que, ao persistirem, acabam gerando uma crise.

As crises dos paradigmas podem terminar de três maneiras: a ciência normal pode ser capaz de tratar do problema que conduziu à crise, apesar das dificuldades, sem modificar o paradigma; o problema pode persistir e os cientistas concluírem que não há solução para aquele problema no estado atual de sua área de estudo; e pode surgir um novo paradigma, que se propõe capaz de resolver o problema. Esse último caso, quando ocorre, acaba gerando a reconstrução da área de estudos.

A análise de Kuhn sobre a estrutura da construção do conhecimento científico traz algumas articulações interessantes que merecem destaque. A primeira delas diz respeito à afirmativa de que a ciência é essencialmente paradigmática. Isso implica que parte de uma aposta a partir da qual consequências são extraídas. É claro que não é uma aposta totalmente

---

<sup>16</sup> “Consideramos revoluções científicas aqueles episódios de desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (Kuhn, 2009, p. 125).

<sup>17</sup> “Ciência normal significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior” (Kuhn, 2006, p. 29).

arbitrária. Geralmente, um novo paradigma deve mostrar vantagens nos problemas que podem ser postos em relação ao anterior, mas, ainda assim, a adoção de um novo paradigma é uma decisão que quase nunca é unânime entre os cientistas de uma área numa determinada época.

Outra ideia importante na obra de Kuhn é a noção de revolução. Propor que a ciência é marcada pela revolução é afirmar que ela se faz pela constante revisão e substituição dos paradigmas, o que gera universos de conhecimento diferentes – os cientistas trabalham com mundos diferentes de acordo com o paradigma adotado. A revolução quer dizer que há ruptura entre os paradigmas, quer dizer que o conhecimento produzido é essencialmente novo. Em termos pragmáticos, isso implica que a orientação fornecida pelo conhecimento científico está sujeita a constantes revisões, nunca podendo considerar-se total ou definitiva. A revolução científica indica que a imprecisão e o indecidível fazem constantemente parte da ciência e se relacionam com a produção de paradigmas.

Um último aspecto que interessa ressaltar diz respeito à “memória” na produção científica. Um novo paradigma só é adotado a partir de crises e divergências e quase nunca é uma decisão unânime dentro de uma área. Mas, uma vez adotado, a pesquisa normalmente se desenvolve dentro dele como se fosse a única possibilidade (ao menos até a irrupção de uma nova crise)<sup>18</sup>.

A análise de Kuhn é condizente com o *cogito* cartesiano que articula o movimento de pensar como certeza, não o conteúdo do pensamento. Considerar a ciência como paradigmática significa que o conhecimento produzido com a adoção de um paradigma pode ser abandonado (considerado equivocado) com a adoção de outro incompatível com o primeiro e mostra, mais uma vez, a situação de fragilidade (e divisão) em que a ciência lança o sujeito por ela engendrado. Aponta, ainda, a impossibilidade de a ciência servir como orientação para os problemas inerentes à divisão do sujeito por sua estrutura mesma de constituição do problema.

---

<sup>18</sup> Esse fato fornece indicações das razões por que um novo paradigma é geralmente proposto por um pesquisador jovem na pesquisa da ciência normal, que ainda não entrou totalmente no “mundo” produzido por aquele paradigma.

## SUJEITO DA PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE

A discussão precedente nos conduz a afirmar que, se o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência, é diante dele que estamos na contemporaneidade. Quando Lacan faz essa afirmativa, ele não descreve uma correspondência cronológica ou histórica entre psicanálise e ciência moderna, mas uma correlação de estrutura. Defendem-se, aqui, duas hipóteses negativas: a contemporaneidade não expressa uma nova era no pensamento (pós-modernidade) e não articula um sujeito diferente do sujeito moderno tal como depreendido por Lacan do *cogito* cartesiano.

No entanto, alguns autores não compartilham essa posição. Jean-Pierre Lebrun, autor que se dedica a estudar os efeitos clínicos das mudanças sociais contemporâneas, não centraliza suas análises no estudo da ciência como uma estrutura de articulação do pensamento que tem como efeito o sujeito dividido. Ele propõe outra via, que pretende considerar a ciência em seus efeitos sociais. Acredita que estamos diante de um novo momento do desenvolvimento da ciência, um tempo terceiro de sua história, sendo a ciência clássica grega o primeiro e o nascimento da ciência moderna o segundo. Esse momento contemporâneo dos efeitos sociais da ciência é marcado pelo povoamento na vida cotidiana de objetos produzidos pela ciência, de modo que a vida não pode mais ser pensada sem esses objetos. Tempo que, especialmente após Hiroshima, não pensa mais a ciência como unívoca ou essencialmente positiva. Mas, principalmente, trata-se de um atravessamento da vida cotidiana pela ciência que muda os parâmetros habituais. O autor situa a viagem do homem à Lua como evento emblemático desse novo momento, exemplar da ideia de que a ciência pode ultrapassar tudo o que num determinado momento é pensado como limite. Assim, algo que não pode ser realizado hoje não é entendido no

imaginário social como uma impossibilidade<sup>19</sup>, mas como uma impotência que o avanço da ciência acabará por sanar<sup>20</sup>.

O discurso que veicula essa ciência, nomeada pós-moderna, é o discurso técnico, que traz os postulados científicos como verdades últimas a serem aceitas, verdades enunciadas por si mesmas, sem sujeito, apagando a dimensão da enunciação. A sociedade contemporânea legitimaria esse discurso, consentindo com o que o autor chama de totalitarismo pragmático. Trata-se de um sistema totalitário não porque tudo é permitido, mas porque tudo é possível<sup>21</sup>.

Por totalitarismo pragmático deve-se entender a autonomia adquirida por um sistema organizado em torno de uma lógica que pretende dar conta racionalmente de tudo, a tal ponto que chegaria – sem deliberadamente querer, mas também querendo saber – a não mais deixar lugar para o sujeito. A disposição do discurso tecnocientífico para ser esse sistema simbólico que pretende dar conta do real e a partir do qual, como parece que se deixa crer, tudo se origina o deixa inteiramente congruente com tornar-se esse sistema (Lebrun, 2004, p. 68).

É difícil acompanhar o passo dado aqui pelo autor. Ele apresenta a ideia de uma nova ciência, a ciência pós-moderna, em ruptura com a ciência moderna, da qual Lacan depreende o sujeito da psicanálise. Ruptura que acarretaria a impossibilidade de aparecimento do sujeito. Mas, ao fazer essa análise, não se situa no mesmo nível de problemas. Como o próprio autor declara, sua preocupação é a consideração da ciência no campo social.

Retomando nossa análise anterior (Silva, 2012) sobre a noção de pós-modernidade, não podemos dizer que se trata de uma ruptura no campo da estruturação do pensamento que responda à constituição de uma nova era da história das ideias. Além disso, não parece ser essa a posição de Lebrun, uma vez que ele analisa uma mudança na concepção social da ciência, não uma

---

<sup>19</sup> O cientista, em sua prática de pesquisa, se depara incessantemente com o impossível, mas o que o autor ressalta é a tomada da ciência pela sociedade capitalista em seu ideal de poder oferecer todo objeto que se puder desejar consumir.

<sup>20</sup> A insistência no mal-estar na contemporaneidade, como discutido na seção precedente, nos indica, no mínimo, a insistência do sujeito do inconsciente.

<sup>21</sup> O autor remete essa ideia à obra de Hanna Arendt. A autora, no entanto, trabalha essa noção como característica da modernidade. Ver ARENDT, H. *Le système totalitaire*. Paris: Point Seuil.

mudança estrutural no interior desta. A maior dificuldade da proposta de Lebrun reside na junção entre estes dois campos de análise: o campo da estruturação de uma forma de articulação do saber (a ciência), que tem como efeito a emergência do sujeito, e o campo dos fenômenos sociais. São níveis diferentes de constituição do problema e que, igualmente, conduzem a diferentes encaminhamentos. Ao passar de um campo de análise para o outro, fica difícil verificar a transposição das deduções, de modo que elas acabam por ser aceitas mais do que demonstradas.

Na verdade, este é o ponto nevrálgico do estudo sobre o sujeito do inconsciente na contemporaneidade: que relação estabelecer entre o sujeito do inconsciente e o indivíduo social? Uma relação direta e determinista facilmente autoriza a ideia de que haveria novos sujeitos ou mesmo de que a emergência do sujeito não é possível em nosso contexto social. No entanto, como verificamos a respeito da assertiva de Lacan de que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência, essa relação direta não é adequada. Lacan, em sua leitura de Descartes, trata de uma articulação de pensamento que tem como efeito o sujeito dividido. Lacan não se refere, no entanto, a uma articulação qualquer, mas àquela que estabelece um corte na história das ideias, uma cesura maior, que oferece novas condições lógicas para a organização do pensamento e, com isso, inaugura a ciência moderna.

Podemos, então, continuar com Rouanet (1987) em sua proposta de que a contemporaneidade não expressa uma nova era na história do pensamento, mas se trata, na verdade, de uma exacerbação das características da modernidade, aliada a um movimento social de conscientização da radicalidade da aposta moderna de demissão da tradição e de busca de apoio na ciência. E acrescentamos que pensar o sujeito da ciência e o sujeito da psicanálise, tal como propõe Lacan como sem qualidades e essencialmente dividido, talvez seja tão incômodo que acabe convocando a necessidade equivocada de construção de qualificações, como a ideia de um sujeito pós-moderno. A esse caminho, podemos nos opor com Freud (1929-1930/1996) em sua aposta no mal-estar como inerente aos seres de cultura. Aliás, mal-estar poderia ser um nome para o sujeito da psicanálise. Assim, fica o convite freudiano, convite colocado pela ciência moderna na leitura lacaniana, de sustentar o mal-estar.

**REFERÊNCIAS:**

- ARENDDT, Hannah. Le Système Totalitaire. In: ARENDT, Hannah. *Origines du Totalitarisme*: tomo III. Paris: Points Seuil, 1972.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*: Regras para a direção do espírito. São Paulo: Martin Claret, 2007 [1637].
- DESCARTES, René. *Meditações*. São Paulo: Nova Cultural, 1999 [1641]. (Coleção Os pensadores).
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Descartes e o método psicanalítico. *Revista Estudos Lacanianos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.169-186, jan./ jun. 2008.
- ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). In: \_\_\_\_\_. *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. VI-VII, v. 4-5.
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1929/1930). In: \_\_\_\_\_. *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.
- JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.
- KOYRÉ, Alexandre. As origens da ciência moderna. In: \_\_\_\_\_. *Estudos da História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Brasília: Ed. da UnB, 1982. p. 56-79.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Debates).
- LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 496-533.
- \_\_\_\_\_. A ciência e a verdade (1966). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, p. 869-892.
- \_\_\_\_\_. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 152-196.
- \_\_\_\_\_. O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. O seminário, livro 14: A lógica da fantasia, 1966-1967. Recife, PE: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.
- LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite*: ensaio para uma clínica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade*: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- MILNER, Jean-Claude. *A obra clara*: Lacan, a ciência, a filosofia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SAFATLE, Vladimir. A ilusão da transparência: sobre a leitura lacaniana do *cogito* cartesiano. *Agora*, Rio de Janeiro, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.geocities.com/vladimirsafate/vladi014.htm?200717>>. Acesso em: 17 maio 2007.

SALES, Benes Alencar. Lacan e sua leitura do cogito cartesiano. In: MOURÃO, A.; LIMA, M. N. (Org.). *As identificações e a identificação sexual*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico – Interseção Psicanalítica do Brasil – Companhia de Freud, 2008.

SILVA, Magali Milene. *Psicanálise, estrutura e laço social: por uma clínica do sujeito*. 2012. Tese (Doutorado)-Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TEIXEIRA, Antônio. Sujeito sem qualidades, ciência sem consciência. In: TEIXEIRA, A.; MASSARA, G. *Dez Encontros entre Psicanálise e Filosofia*. Belo Horizonte: Opera Prima, 2000.

## **THE SUBJECT OF PSYCHOANALYSIS AND THE CARTESIAN COGITO - A STRUCTURAL QUESTION**

### **ABSTRACT**

The aim of this article is to explore the way how Lacan proposes to think the subject of psychoanalysis in his assertive that the subject is of modern science such as deduced from the cartesian cogito. Are traced the Lacan's main references over Descartes, seeking to situate a cogito's lacanian reading as structural, not consistent with the proposal conveyed by some authors like Charles Melman, that we would be in a new era, the postmodernity, with new subjects, several from that on which psychoanalysis operates. It is concluded by the support of the malaise expressed in the resistance of the subject from the unconscious to the qualification in detriment of the contemporary attempt to classify it, articulating it with common attributes in our historical moment.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Subject. Cogito. Descartes. Lacan.

## L'OBJET DE LA PSYCHANALYSE ET DE COGITO CARTESIEN – UNE QUESTION STRUCTURELLE

### RESUME

Le but de cet article est d'explorer la façon dont Lacan se propose de penser le sujet de la psychanalyse dans son affirmation que c'est le sujet de la science moderne comme compris de le Cogito Cartésien. Les principales références de Lacan sur Descartes sont explorés par la recherche de situer la lecture Lacanian de l'Cogito comme structural, pas conforme à la proposition véhiculée par certains auteurs comme Charles, que nous serions dans une nouvelle ère, la post-modernisme, avec de nouveaux sujets, distingués de celui sur lequel opère la psychanalyse. Il est donc conclu par le soutien du malaise exprimé dans la résistance du sujet de l'inconscient à se qualifier au détriment de la tentative contemporaine de la classer, l'articuler à des attributs communs dans notre moment historique.

**MOTS-CLÉS:** Psychanalyse. Sujet. Cogito. Descartes. Lacan.

Recebido em: 18-03-2017

Aprovado em: 15-04-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O FALO E AS PSICOSES

*Lauro Barbosa*<sup>1</sup>

## RESUMO

Em *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (1971), Lacan observou a face psicótica dos casos de transexuais apresentados no livro *Sexo e Gênero* de Robert Stoller, realçando que tal observação foi eludida por Stoller, justamente, por lhe faltar qualquer referência ao conceito de forclusão. Desde o texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose* (1957-58), Lacan havia pontuado a presença de um *gozo transexualista* em Schreber através do *Esquema I*, bem como pôde descrever em *O aturdido* (1973) o efeito de *empuxo-à-mulher* que se especifica na psicose de Schreber. Em aspectos gerais, a leitura lacaniana introduziu à teoria psicanalítica um campo rico que não está alheio aos contextos das psicoses e de sua tendência à feminização. Se, a partir de Lacan, alguns psicanalistas consideram a transexualidade enquanto um fenômeno próprio ao campo das psicoses, o presente artigo objetiva interrogar tal consideração remetendo-se aos fundamentos que constituem a teoria das psicoses em Freud e Lacan através de uma investigação sobre a tendência à feminização nas psicoses, decorrente da forclusão do Nome-do-Pai e da *zerificação* do falo, introduzindo uma dialetização: mesmo que as psicoses, através da noção de *empuxo-à-mulher*, possam se aproximar à transexualidade em alguns casos, ambas não são, necessariamente, correspondentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nome-do-Pai. Falo. Forclusão. Gozo transexualista.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Sudeste do Pará; Especialista em Psicologia Clínica pela Pontifícia Católica do Rio de Janeiro e Mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Folha 31, Quadra 7, Lote Especial, s/n, 68507-590, Marabá, PA. (94) 21077101. [lauros@gmail.com](mailto:lauros@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A teoria lacaniana das psicoses, a partir da noção de forclusão do significante Nome-do-Pai tornou-se fundamental à prática psicanalítica, uma vez que inaugurou a possibilidade de uma *clínica das psicoses* por introduzir “a concepção a ser formada do manejo, nesse tratamento, da transferência” (LACAN, 1957-58/1998, p.590), justamente, quando torna possível pensar a psicose enquanto estrutura clínica originalmente diferente da neurose e da perversão:

“é um acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, a forclusão do Nome- do –Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (LACAN, 1957-58/1998, p.582).

As estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão) dizem respeito ao posicionamento do sujeito frente à castração, e conseqüentemente, para cada estrutura, a castração determinará o acesso do sujeito ao mundo simbólico de um modo específico. No cerne da teoria lacaniana, uma vez que a metáfora paterna assume um papel central, articulam-se dois grandes conceitos referentes à entrada do sujeito no simbólico: o *Nome-do-Pai*, como aquele que significa a Lei e o desejo, visto que “a lei está a serviço do desejo que ela institui pela proibição do incesto” (LACAN, 1964/1998, p. 866); e o *Falo*, o qual a função imaginária representa o “pivô do processo simbólico que arremata, em ambos os sexos, o questionamento do sexo pelo complexo de castração” (LACAN, 1957-58/1998, p. 561).

Em seu retorno a Freud, Lacan verifica que, no primeiro tempo do complexo de Édipo, ou há *Bejahung* ou há *Verwerfung*. O primeiro termo conduz ao segundo tempo do Édipo, concernente à divisão do campo das neuroses (*Verdrängung*) e das perversões (*Verleugnung*). Já o segundo, o conceito de *Verwerfung*, – ou Forclusão, segundo a tradução lacaniana – a teoria psicanalítica, de Freud a Lacan, lhe atribui o estatuto de mecanismo específico da psicose, designando que não só o significante Nome-do-Pai, não está inscrito no simbólico, como também, e em consequência, o Falo.

Lacan demarca uma diferença radical entre neurose e psicose, em que a forclusão está para as psicoses assim como o recalque para as neuroses, o

que implica dizer que as consequências dessas respostas diante à castração não são as mesmas, e, por conseguinte, o manejo da transferência no tratamento também não será igual.

É graças a este trabalho que “o conceito de psicose, pela primeira vez desde Feuchtersleben<sup>2</sup>, recebeu um significado rigoroso” (MALEVAL, 2009, p. 276), permitindo diferenciarmos com clareza o campo das psicoses do das neuroses. Como bem pontua Alberti (1999, p.08), nessa estrutura, “a fala do Outro é uma ordem, exigência – assim como sua presença – da qual o sujeito não pode escapar, não cabendo lugar para uma fala que o sustentaria como desejante”. Tal condição – ao contrário da neurose, em que o significante Nome-do-Pai possibilita para o sujeito a metaforização do desejo do Outro e o abandono da posição de objeto, advindo um sujeito do desejo – faz do psicótico, quando desencadeada a psicose, uma testemunha do inconsciente a céu aberto. O psicótico é um “mártir do inconsciente” (LACAN, 1955-56/2002, p. 153).

O conceito de forclusão desconstrói a noção de uma impossibilidade da clínica psicanalítica com psicóticos e esclarece que “usar a técnica que ele [Freud] instituiu fora da experiência a que ela se aplica é tão estúpido quanto esfalfar-se nos remos quando o barco está encalhado na areia” (LACAN, 1957-58/1998, p. 590).

Como sabemos, Freud desconsidera a possibilidade de tratamento psicanalítico aos psicóticos quando cita em *A dinâmica da transferência* (FREUD, 1912/1992, p. 118) que a transferência com pacientes paranoicos se torna essencialmente uma transferência negativa. No entanto, a cautela sobre o tratamento de psicóticos anunciada em Freud nos parece suficientemente adequada. Se, posteriormente, ele (FREUD, 1924a/1992, p 216) entende que “somente o estudo psicanalítico dos neuróticos pode oferecer uma preparação a um entendimento das psicoses”, a sua primeira atitude de não aconselhar uma clínica das psicoses parece revelar “um reconhecimento, ao mesmo tempo precocíssimo e preconceituoso, da especificidade da transferência psicótica”

---

<sup>2</sup> O médico psiquiatra Baron Ernst von Feuchtersleben recebeu o crédito de primeiro autor a utilizar o termo 'psicose' no livro *Os princípios da Psicologia Médica*, de 1845 (BEER, 1996, p. 274).

(ALLOUCH, 1997, p. 433). Reconhecimento exposto em um de seus últimos trabalhos: “temos de renunciar à ideia de experimentar nosso plano de cura com os psicóticos; renunciar a ele talvez para sempre ou talvez apenas por enquanto, até que tenhamos encontrado outro plano que se lhes adapte melhor” (FREUD, 1938/1992, p. 174).

## **O CONCEITO DE *VERWERFUNG***

Apesar de a teoria psicanalítica ser construída a partir da clínica com neuróticos, é fato que Freud inaugura uma investigação psicanalítica sobre as psicoses. Desde o *Rascunho H* – texto que realiza uma das primeiras referências clínicas à paranoia na obra freudiana –, ao averiguar a importância do delírio para o paranoico, Freud estipula as pontuações iniciais para a criação de uma teoria das psicoses: “a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que o eu se defende de alguma outra ideia intoleravelmente penosa. Assim, [essas pessoas] *amam seus delírios como a si mesmas*. É esse o segredo” (FREUD, 1895/1992, p.251) – o que, posteriormente, resulta em uma de suas contribuições fundamentais quando esclarece que “a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, a reconstrução” (FREUD, 1911/1992, p.65).

Como nos lembra Coutinho Jorge (2003, p. 35), “o psicótico, por meio da produção do delírio, tenta suprir a falta da instauração da fantasia. Na psicose, é essa capacidade de frear o empuxo – ao gozo, que a fantasia presentifica a todo instante para cada um de nós, que não aparece”. Se Freud, em *A Perda da realidade na neurose e na psicose* (1924b), averigua que, na psicose, a ideia delirante se substitui à realidade porque esta é tão insuportável que passa a ser negada, a sua investigação não só esclarece que a psicose não é o delírio, como também se aproxima de detectar a existência de um mecanismo de defesa específico da psicose.

A concepção teórica de mecanismo específico da psicose e suas opções terminológicas em Freud são problemáticas. Um dos primeiros termos empregados a propósito da psicose é o termo *Verwerfung*, em *As neuropsicoses de defesa* (FREUD, 1894/ 1992, p. 59): “existe uma modalidade de defesa muito mais enérgica e eficaz que consiste no fato de que o eu rejeita (*verwerfen*) a

representação insuportável junto com o seu afeto, e se comporta como se a representação nunca tivesse ocorrido”.

Em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911), Freud corrige a concepção da projeção, exposta anteriormente, como uma rejeição que ocorre de imediato para o exterior: “não era exato dizer que a sensação reprimida (*unterdrückt*) no interior era projetada para o exterior; reconhecemos antes que o que foi abolido (*das Aufgehobene*) no interior volta do exterior” (FREUD, 1911/1992, p. 78), o que se aproxima da noção de *Verwerfung*.

A problemática fica mais evidente quando certas “opções terminológicas de Freud podem ser por vezes enganadoras, particularmente quando fala de recalque a propósito da psicose” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 196), como averiguado em trechos do texto sobre Schreber, revelando a dificuldade de formular uma concepção teórica a respeito da defesa psicótica.

Somado a isto, “nos diversos textos de Freud existe uma ambiguidade indubitável quanto ao que é rejeitado (*verworfen*) ou recusado (*verleugnet*) quando a criança não aceita a castração” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 197). Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925a), Freud aproxima a noção de *Verleugnung* ao mecanismo da psicose: “surge um processo que eu gostaria de designar pelo nome de recusa (*Verleugnung*), processo que parece não ser nem raro nem muito perigoso na vida da criança, mas que no adulto seria o ponto de partida para uma psicose” (FREUD, 1925a/1992, p. 271-272).

Já em *Esboço de Psicanálise*, Freud (1938a/1992, p. 203) aponta que “a causa precipitadora da irrupção de uma psicose é ou que a realidade se tornou insuportavelmente penosa ou que as pulsões tenham cobrado um esforço extraordinário”. Ora, desde as suas primeiras publicações, ele descrevia a defesa psicótica em termos parecidos: “o eu arranca-se à representação insuportável, mas esta está indissolivelmente ligada a um fragmento da realidade e, realizando esta ação, o eu desligou-se também total ou parcialmente da realidade” (FREUD, 1894/1992, p. 60).

Tal concepção torna-se mais clara com aquela exposta em *História de uma neurose infantil* (1918), quando, após esclarecer que “uma repressão [*Verdrängung*] é algo muito diferente de uma rejeição [*Verwerfung*]” (FREUD,

1918/1992, p. 74), Freud diz ter conhecido a atitude de seu paciente diante da castração: “[O homem dos lobos] rejeitava [a castração] e apegava-se à teoria de relação sexual pelo ânus. Quando digo que ele a havia rejeitado, é que não quis nada saber sobre a castração, no sentido do recalque. [...] Era como se ela não tivesse existido” (FREUD, 1918/1992, p. 78).

Apesar das diversas opções terminológicas, algumas contraditórias, diríamos que o estudo freudiano acerca da defesa psicótica aponta em um sentido, o qual permite Lacan evidenciar observações cruciais acerca dessa problemática. Apoiando-se no texto *A negativa* (1925b/1972), no qual Freud fala de duas operações: *Einbeziehung ins Ich* (introdução do eu/sujeito) e a *Ausstossung aus dem Ich* (expulsão para fora do eu/sujeito). Lacan descreve a primeira destas operações relacionada à *Bejahung*, afirmação primordial; e a segunda associada à *Verwerfung*, equivalente a não operação da afirmação primordial – “essa *Verwerfung* está implicada no texto da *Verneinung*” (LACAN, 1955-56/2008, p. 176). Tal como observou Hyppolite (1971, p. 56), têm-se “duas formas primeiras: a força de atração [*Einbeziehung*] e a força de expulsão<sup>3</sup>, ao que parece, sob o domínio do princípio do prazer”. Nesse contexto, “estabelece-se uma primeira dicotomia: o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o qual cai sob o golpe da *Verwerfung* terá um outro” (LACAN, 1955-56/2008, p. 100), isto é, “há, portanto, na origem, *Bejahung*, isto é afirmação do que é, ou *Verwerfung*” (LACAN, 1955-56/2008, p. 176).

Se Freud destaca em sua investigação sobre o *Homem dos Lobos* que o sujeito não queria nada saber da castração, no sentido do recalque, e a palavra *Verwerfung* aparece conectada a essa ideia, Lacan apodera-se desse desenvolvimento: “não me prendo especialmente ao termo, prendo-me ao que ele quer dizer” (LACAN, 1955-56/2008, p. 177). Na leitura lacaniana, portanto, a *Verwerfung* corresponde ao mecanismo específico da estrutura da psicose,

---

<sup>3</sup> “Sem que Freud use aí o termo *Verwerfung*, é mais fortemente ainda acentuado, já que ele coloca *Ausstossung*, que significa expulsão” (HYPPOLITE, 1971, p. 52).

como exposto em *O Seminário, livro 03: As psicoses (1955-56)*, quando é possível diferenciar os sintomas na neurose e as alucinações na psicose:

Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo simbólico, de alguma coisa, no entanto ele experimentou e que não é outra coisa naquelas circunstâncias e não a ameaça de castração. [...] O que cai sob o golpe do recalque retorna, pois, o recalque e o retorno do recalado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos. Em compensação, o que sob o golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente. [...] tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real (LACAN, 1955-56/2008, p. 21-22).

Na *Verwerfung*, ausência de *Bejahung*, trata-se “da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível” (LACAN, 1955-56/2008, p. 178). Consiste na forclusão primordial de um significante fundamental – o Nome-do-Pai enquanto significante da lei e do desejo e o falo enquanto significante da castração – para fora do universo simbólico do sujeito, tal como exposto em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose (1957-58)*:

A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode, pois, responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica (LACAN, 1957-58/1998, p.564).

Se fica claro pensar a psicose como uma estrutura clínica originalmente diferente da neurose e da perversão, observamos uma passagem do complexo à estrutura, com o conceito de forclusão elevado à categoria de conceito operatório, o ponto capital para pensar a estrutura psicótica. Sabemos que “não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (LACAN, 1957-58/1999, p. 171). Falta ao psicótico, portanto, o que funda a significação, isto é, o significante primordial Nome-do-Pai: a significação do falo “é, com efeito, na economia subjetiva, tal como a vemos comandada pelo inconsciente, uma significação que só é evocada pelo que chamamos de metáfora paterna” (LACAN, 1957-58/1998, p. 561), que deve ser evocada “no imaginário do sujeito pela metáfora paterna” (LACAN, 1957-58/1998, p. 563). Se toda significação é fálica, o psicótico, por não instituir simbolicamente tal significante, realizará outra articulação entre

significante e significado, diversa da metáfora paterna. Não se trata aqui de uma indiferença ao pai, mas uma defesa radical diante da Lei.

O sujeito fica tão impactado diante da castração que “expulsa qualquer possibilidade de inscrevê-la simbolicamente, o que lhe trará consequências nefastas, a partir das quais o sujeito é impelido a trabalhar para barrá-las” (ALBERTI, 2011).

Quando desencadeada a psicose, o inconsciente está a céu aberto: por não existir a possibilidade de utilizar-se do significante Nome-do-Pai, não há mais velamento e, por exemplo, se escuta vozes que vem do Real. Eis a relação entre a *Verwerfung* e a alucinação: “o que é recusado na ordem simbólica ressurgem no real” (LACAN, 1955-56/2008, p. 22). O esquema L de Lacan, “figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seu desvio pelos dois eu, a e a’, e suas relações imaginárias” (LACAN, 1955-56/2008, p. 23). Quando a alucinação reaparece no real, ela nos mostra que “o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade” (LACAN, 1955-56/2008, p. 24).

A relação entre *Verwerfung* e alucinação pode ainda ser vista no caso do *Homem dos Lobos*, “o qual não deixa de testemunhar tendências e propriedades psicóticas” (LACAN, 1955-56/2008, p. 21). Freud expõe o relato do paciente quando, aos cinco anos, corta o seu dedo brincando com uma faca:

Estava brincando no jardim perto da babá, fazendo cortes com meu canivete na casca de uma das nogueiras que aparecem em meu sonho também. De repente, para meu inexprimível terror, notei ter cortado fora o dedo mínimo da mão, de modo que ele se achava pendurado, preso apenas pela pele. Não senti dor, mas um grande medo. Não me atrevi a dizer nada à babá, que se encontrava a apenas alguns passos de distância, mas deixei-me cair sobre o assento mais próximo e lá fiquei sentado, incapaz de dirigir outro olhar ao meu dedo. Por fim, me acalmei, olhei para ele e vi que estava inteiramente ileso (FREUD, 1918/1992, p. 79).

Freud (1918/1992, p. 79) presume que “essa alucinação pertence ao período no qual foi levado a reconhecer a realidade da castração”. A relação observada por Lacan entre o fenômeno elementar e o nada querer saber sobre a castração, traduz-se pelo aforismo citado acima: aqui que é foracluído do simbólico, retorna no real.

## A ZERIFICAÇÃO DA REFERÊNCIA SIMBÓLICA AO FALO E O GOZO TRANSEXUALISTA EM SCHREBER

O complexo de Édipo é essencial à sexualidade porque “introduz o funcionamento do significante como tal na conquista do dito homem ou mulher” (LACAN, 1955-56/2008, p 221). O sujeito, diz Lacan (1957-58/2008, p. 208), “encontra o seu lugar num aparelho simbólico pré-formado que instaura a lei na sexualidade; e essa lei não permite mais ao sujeito realizar sua sexualidade senão no plano simbólico”, pois “é pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, a realização genital – que o homem se viriliza e a mulher aceita sua função feminina” (LACAN, 1955-56/2008, p. 208). Se a entrada do significante é determinante na lógica da sexuação, a forclusão do Nome-do-Pai compromete essa sexuação. Sobre a relação do sujeito com o sexo e com a linguagem, Lacan (1955-56/2008, p. 283) questiona: “as duas vertentes, macho e fêmea, da sexualidade, não são dados, não são nada que possamos deduzir de uma experiência. Como poderia o indivíduo se achar nisso aí, se ele não tivesse o sistema do significante? ”.

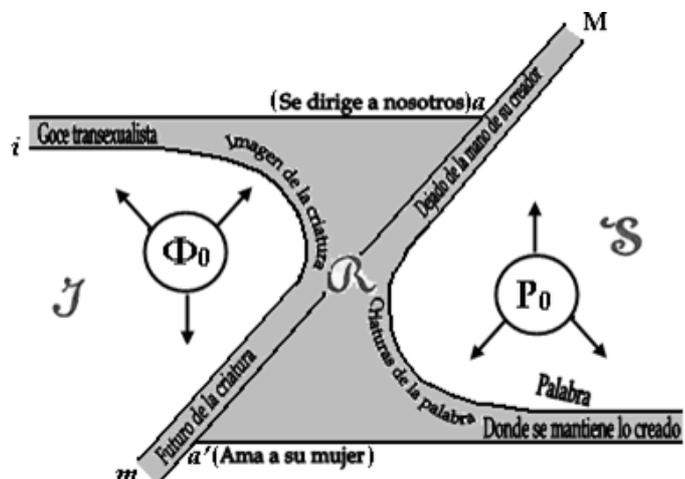
O significante Nome-do-Pai tem uma função estruturante quanto à assunção do sexo do sujeito. A forclusão compromete a relação com o falo e, conseqüentemente, a identificação com o sexo, ser homem ou mulher. O Presidente Schreber nos mostra isso. Ainda no período pré-psicótico, ele é bruscamente invadido por uma imagem, “aquela menos propícia, parece, para entrar no espírito de um homem de sua espécie e de seu estilo, segundo a qual deveria ser belo ser uma mulher sendo copulada” (LACAN, 1955-56/2008, p. 225). Ele vive algo da ordem da perplexidade logo após a indicação para *Senatspräsident*: “por ter que ser o falo, ele estará fadado a se tornar uma mulher” (LACAN, 1957-58/1998, p. 571). Esse período de confusão incide acerca de seu sexo, demonstrando certa impossibilidade de acesso a algo que possa realizá-lo no tipo viril.

Desencadeada a psicose, não há em Schreber “nenhum outro meio de realizar-se, de afirmar-se como sexual, senão admitindo-se como uma mulher, transformado em mulher” (LACAN, 1955-56/2008, p. 286), posto que a *zerificação* do falo ( $\phi = 0$ ) impossibilita o acesso a virilidade – forma de dizer que não existe o homem na psicose e qualquer aproximação ao tipo viril ocorre por

um mecanismo de compensação imaginária. Diante da forclusão do Nome-do-Pai, “será preciso que o sujeito dela se encarregue e assume a sua compensação, longamente, na vida, por uma série de identificações puramente conformistas a personagens que lhe darão o sentimento do que é preciso fazer para ser um homem” (LACAN, 1955-56/2008, p. 239).

A investigação da feminilidade nos expõe que “ali onde não há material simbólico, há obstáculo, falha, na realização da identificação essencial à realização da sexualidade do sujeito” (LACAN, 1955-56/2008, p. 207). Se “Schreber se vê forçado a eviração, é porque a falta de metáfora simbólica abre um verdadeiro furo” (POLLO, 2002, p. 96). Furo este associável ao feminino, na medida em que “não há, propriamente, simbolização do sexo da mulher como tal” (LACAN, 1955-56/2008, p. 206). No entanto, na histeria – neurose de base –, “a desvantagem em que se acha a mulher quanto ao acesso à identidade, [...] transforma-se numa vantagem, graças à sua identificação imaginária com o pai, que lhe é perfeitamente acessível, em virtude especialmente de sua posição na composição do Édipo” (LACAN, 1955-56/2008, p. 202). Já na psicose, torna-se visível a tendência à feminização, efetivamente estipulada por Lacan através do termo “empuxo-à-mulher”, no texto *O aturdido* (LACAN, 1973/2003, p. 466). Se Schreber relata a imagem da copulação quando indicado a assumir um cargo de considerável importância, temos na sequência a sua transformação em mulher, isto é, “seu corpo é progressivamente invadido por imagens de identificação feminina as quais ele abre a porta, deixa apoderar-se” (LACAN, 1955-56/2008, p. 299).

Lacan constrói o esquema I para exemplificar o ocorrido:



Diante da eviração, Schreber encontrará uma maneira para resolver a falta simbólica que se revelou no campo imaginário onde estavam ancoradas as suas identificações imaginárias sexuais. Ao contrário de uma fantasia homossexual, Lacan aponta através do *Esquema I*, exposto acima, a presença de um gozo transexualista.

Se a transformação em mulher é centro do delírio de Schreber, podemos perceber que “não é por estar foracluído do pênis, mas por ter que ser o falo, que estará fadado a se tornar uma mulher” (LACAN, 1957-58/1998, p. 571), pois a “adivinhação do inconsciente adverte o sujeito, desde muito cedo, de que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (LACAN, 1957-58/1998, p. 572). Como desenvolvemos anteriormente, em Schreber, ser a mulher de Deus, procriando uma nova raça de homens, torna-se um significante funcionando como metáfora delirante (BARBOSA e ALBERTI, 2015, p. 281), isto é, “o sujeito será não simplesmente uma mulher, passível de ser tomada como objeto a pôr um homem, mas toda-mulher, uma Outra não castrada e não castrável: A Mulher que falta aos homens” (POLLO, 2002, p. 96).

## OS TRANSEXUAIS EM LACAN

Há poucas situações sobre os transexuais em Lacan. Quando retoma a dialética imaginária do descobrir e do surpreender, Lacan (1956-57/1995, p. 277) cita um de seus pacientes transexuais que, em uma apresentação de paciente, descreve “o caráter realmente dilacerante da surpresa dolorosa que ele experimentou no dia em que, pela primeira vez, viu sua irmã nua”.

Por conseguinte, ao retomar a tese intitulada *Sexo e Gênero* de Stoller, Lacan (1971/2009, p. 30) destaca que o transexual demonstra um “desejo muito enérgico de passar, seja por que meio for, para o sexo oposto, nem que seja submetendo-se a uma operação, quando se está do lado masculino” e pontua o “caráter completamente inoperante do aparato dialético” com que o autor trata a questão sobre os casos de transexuais, em específico, complementa Lacan (1971/2009, p. 30): “uma das coisas mais surpreendentes é que a face psicótica desses casos é completamente eludida pelo autor, (...) já que nunca lhe chegou aos ouvidos a foraclusão lacaniana”.

Em *O Seminário, livro 19: ...ou pior* (1971-72), Lacan destaca a errância no ato de realizar a execução de retirada do órgão sexual, justamente, porque o transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual:

Nessas condições, para aceder ao outro sexo, é necessário realmente pagar o preço, justamente o da pequena diferença que passa enganosamente para o real por intermédio do órgão, justamente no que ele deixa de ser tomado como tal e, ao mesmo tempo, revela o que significa ser o órgão. Um órgão só é instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante. É como significante que o transexual não o quer mais, e não como órgão. No que ele padece de um erro, que é justamente o erro comum. Sua paixão, a do transexual, é a loucura de querer livrar-se desse erro, o erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado. O transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual, o qual, como enunciado, é impossível. Existe apenas um erro, que é querer forçar pela cirurgia o discurso sexual, que, na medida em que é impossível, é a passagem do real (LACAN, 1971-72/2012, p. 17).

Sobre a errância e a psicose, Sonia Alberti desenvolveu em uma mesa-redonda<sup>4</sup> que Lacan, uma vez leitor assíduo de James Joyce, aprendeu um fazer com a linguagem que lhe permitiu equivocalidades – tais como o título de seu seminário *Les non-dupes errent* (Os não-tolos erram), ainda inédito, associado foneticamente com o sintagma *Les noms du père* (Os nomes do pai) –, o que o introduziu em um campo que não está alheio aos contextos da psicose e da errância, no entanto, ambos se avizinham sem serem, necessariamente, a mesma coisa.

Ao nos remetermos aos fundamentos que constituem a descoberta freudiana e o ensino de Lacan, fica claro a possibilidade de empuxo-à-mulher nas psicoses, posto que o psicótico se posiciona do lado de fora da partilha dos sexos, no entanto, não encontramos substratos suficientes para definir a transexualidade enquanto um fenômeno próprio ao campo das psicoses. Pelo contrário, mesmo com todo o debate sobre identidade de gênero e, em específico, sobre a transexualidade – vale ressaltar que não abordamos aqui o fenômeno em mulheres –, se “seja com o que for que a psicanálise lide na clínica,

---

<sup>4</sup> Contribuições a questões cruciais da Psicanálise quanto à sexualidade a partir de uma clínica para além das neuroses no VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental em 2016.

jamais se trata de outra coisa que não do sujeito” (ALLOUCH, 1997, p. 387), o fenômeno transexual deve ser analisado caso a caso.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, S. Apresentação. In: ALBERTI, S. (org.). **Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo**. Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. Aulas proferidas no Curso de Especialização em Psicanálise e Saúde Mental na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na disciplina Questões da clínica psicanalítica II, durante o período de agosto a dezembro de 2011.
- ALLOUCH, J. **Marguerite ou a “Aimée” de Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- BARBOSA, L; ALBERTI, S. A questão da procriação feminina na estrutura psicótica. In: **Revista Trivium**. Ano VII, Ed.2, p. 269-285, 2015.
- BEER, M. Psychosis: A history of the concept. In: **Comprehensive Psychiatry**. Vol. 37, p. 273-291, 1996.
- COUTINHO JORGE, M. A Pulsão de Morte. In: **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte: Círculo Brasileiro de Psicanálise, nº 26, p. 23-29, Outubro, 2003.
- FREUD, S. (1894). Las neuropsicosis de defensa. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. III. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1895a). Manuscrito H: Paranoia. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.
- \_\_\_\_\_. (1911). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1912). Sobre la dinámica de transferencia. In: FREUD, S. **Obras Completas** vol.XII. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1992.
- \_\_\_\_\_. (1918). De la historia de una neurosis infantil. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XVII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1924a). Breve informe sobre el psicoanálisis. FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1924b). Der Realitätsverlust in Neurose und Psychose. In: FREUD, S. **Studienausgabe**. Frankfurt a.M., S.Fischer, V. III, 1972.
- \_\_\_\_\_. (1925a). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1925b). Die Verneinung. FREUD, S. **Studienausgabe**. Frankfurt a. M., S. Fischer, V. III, 1972.
- \_\_\_\_\_. (1938a). Esquema del psicoanálisis. In: FREUD, S. **Obras Completas**, Vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu Ed, 1992.
- HYPOLITE, J. **Ensaio de psicanálise e filosofia**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores, 1971.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1955-56). O Seminário, Livro 03: **As Psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. (1956-57). O Seminário, livro 04: **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. (1957-58). O Seminário, livro 05: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. (1964). O Seminário, livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. (1971). O seminário, livro 18: **De um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALEVAL, J-C. **Locuras histéricas y psicosis dissociativas**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

POLLO, V. A paranoia e o saber. In: QUINET, A. (org.). **Na mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos**. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2002.

STOLLER, R. Sex and gender: The development of masculinity and femininity. London: Karnac Books Ltd, 1974.

## CONSIDERATIONS ABOUT PHALLUS AND PSYCHOSIS

### ABSTRACT

In the *Seminar, book 18: On a discourse that might not be a semblance* (1971), Lacan observed the psychotic face of the cases of transsexuals presented in Robert Stoller's *Sex and Gender*. According to Lacan, Stoller's account lacks reference to the concept of forclusion. In the text *on a question preliminary to any possible treatment of psychosis* (1957-58), Lacan emphasized the presence of transsexualist enjoyment in Schreber through *I-Scheme*, as well as being able to describe in *L'étourdit* (1973) the effect of *push-towards-woman* relationship specified in Schreber's psychosis. Lacanian reading has introduced to the psychoanalytic theory a rich field that is related to the contexts of psychosis and its tendency to feminization. Considering that since Lacan's writings some psychoanalysts view transsexuality as a phenomenon peculiar to the field of psychosis, this article aims to question this approach by referring to the foundations that constitute the theory of psychosis in Freud and Lacan. It will be done by the investigation of the tendency to feminization in psychosis, which results from the forclusion of the Name-of-Father and the *zerification* of the phallus. The point in question is: even though the psychosis, through the notion of *push-towards-woman*, can approach transsexuality in some cases, both do not necessarily match.

**KEYWORDS:** Name-of-the-Father. Phallus. Forclusion. Transsexualist enjoyment.

## CONSIDERATIONS SUR PHALLUS ET PSYCHOSES

### RÉSUMÉ

Dans le Séminaire, livre 18: *D'un discours qui ne serait pas du semblant* (1971), Lacan a observé le visage psychotique des cas de transsexuelles présentés dans le livre *Sexe et Genre* de Robert Stoller, soulignant que cette observation a été éludé par Stoller, pour vous toute référence à défaut du concept de forclusion. Dans le texte *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose* (1957-1958), Lacan a souligné la présence de la jouissance transsexualiste dans Schreber par le schema I, ainsi que d'être en mesure de décrire dans *L'étourdit* (1973) l'effet de *pousse-à-la-femme* spécifiée dans la psychose de Schreber. La lecture lacanienne a introduit la théorie psychanalytique un champ riche qui n'est pas étrangère au contexte de la psychose et de sa tendance à la féminisation. Considérant les écrits de Lacan, quelques psychanalystes voir transsexualité le phénomène propre au domaine de la psychose, cet article vise l'approche de cette question se référant aux fondations par qué la théorie constituer de la psychose chez Freud et Lacan. Il se fero par l'enquête de la tendance à la féminisation dans la psychose, qui résulte de la forclusion du Nom-du-Père et zéro phallus. Le point en question est: même si la psychose, à travers la notion de *pousse-à-la-femme*, peut, dans certains cas, l'approche transsexualité, à la fois non sont nécessairement liés.

**MOTS-CLÉS:** Nom-du-Père. Phallus. Forclusion  
Jouissanceranssexualiste.

*Considerações sobre o Falo e as Psicoses*

Recebido em: 08-03-2017

Aprovado em:13-04-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

# DE A BELA ADORMECIDA À MALÉVOLA: O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

*Karen Sihe*<sup>1</sup>

*Fernanda Real Dotto*<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo teve por objetivo analisar o papel da mulher na sociedade, através da animação A Bela Adormecida e sua releitura, o filme Malévola, discutindo a concepção de feminino exposta neles. Utilizando o método de análise de conteúdo, realizando a transcrição e análise de algumas falas e cenas. Fez-se uma reflexão histórica, psicológica e filosófica acerca do papel feminino. Dessa forma, foi possível verificar modificações ao longo das releituras do próprio conto, como forma de reescrever a sociedade e seus papéis, identificando-se assim, as mudanças do papel da mulher na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher. Papel social da mulher. Feminino. Sociedade.

---

<sup>1</sup> Karen Sihe Lima da Rosa. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS. [karensihe@gmail.com](mailto:karensihe@gmail.com).

<sup>2</sup> Fernanda Real Dotto. Orientadora. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano. Especialista em Teoria Psicanalítica na Clínica Psicoterápica pelo Contemporâneo, Instituto de Psicanálise e Transdisciplinariedade de Porto Alegre, RS. Especialista em Dinâmica de Grupos pela Sociedade Brasileira de Dinâmica de Grupos de Porto Alegre, RS. Professora do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS. [fernandareal@hotmail.com](mailto:fernandareal@hotmail.com).

## **INTRODUÇÃO**

O papel da mulher, ao longo da história, também é representado através dos contos infantis. Esses contos, na maioria das vezes, retratavam a mulher em um lugar de submissão, este sendo bastante restrito sujeito ao poder masculino. O filme atual, *Malévola* (DISNEY, 2014), traz uma mulher um tanto diferente da que era trazida até então nos contos de fadas. Mais forte, viril, tomando decisões e enfrentando os conflitos, sem que o personagem masculino a auxilie, ou esteja efetivamente presente e/ou ativo no enredo. Esse filme é uma releitura da animação *A Bela Adormecida* (DISNEY, 1959), ambos abordados na pesquisa.

Esse lugar feminino que, por muitos anos, as mulheres vêm lutando, a fim de obter liberdade, emancipação e empoderamento, igualdade de direitos, entre outros. Acaba por conquistar alguns desses ao longo do tempo, obtendo um pouco da concretização dessas conquistas elucidada através desse novo papel exposto no filme *Malévola* (releitura da animação<sup>3</sup> *A Bela Adormecida*).

No filme *A Bela Adormecida*, a princesa Aurora é a mais passiva, se comparada com os outros contos de sua categoria, como *Branca de Neve*, *Cinderela*, *A Bela e a Fera*. Não demonstra muitos desejos, manifestações e atos. O outro papel feminino exposto no filme é o de *Malévola*. Essa que é uma bruxa malvada, que deseja o mal à Aurora. Na animação, os papéis principais e ativos são masculinos.

Entretanto, no filme *Malévola*, Aurora parece manifestar-se mais. Além disso, *Malévola*, então, possui papel principal. Nesse filme, a mulher retratada é mais ativa. Quase que retratando o lado dela da história, que antes era apenas a bruxa má, sem mostrar-nos motivos para assim ser, apenas era.

Tendo em vista as mudanças desse papel da mulher e das exigências no mundo contemporâneo, percebeu-se a necessidade de pensar e analisar a sua trajetória ao longo da história, a partir do filme. Isso como forma de refletir quanto

---

<sup>3</sup> *A Bela Adormecida* irá ser tratada como animação, enquanto *Malévola* como filme, para melhor entendimento ao longo do texto.

ao lugar que a mulher “busca ocupar”. Foi feita uma análise dos filmes, a partir de alguns recortes de falas e cenas, como forma de análise de conteúdo.

Em relação à importância dos estudos dos contos, cita Franz:

Contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Consequentemente, o valor deles para a investigação científica do inconsciente é sobejamente superior a qualquer outro material. Nesta forma pura, as imagens arquetípicas fornecem-nos as melhores pistas para compreensão dos processos que se passam na psique coletiva. (FRANZ, 1915, p. 4)

Pretendeu-se assim, obter um estudo acerca do “ser mulher” e da feminilidade na contemporaneidade. Tendo em vista, a multiplicidade de funções e responsabilidades acumuladas, ao longo da história.

Desta forma, o presente artigo discorre sobre as mudanças na sociedade em relação aos papéis e, a visão em relação à mulher. O objetivo principal do trabalho não foi encontrar respostas, mas proporcionar uma reflexão, para que se pudesse observar, repensar e discutir acerca do tema e essa relação.

O interesse pelo tema surgiu através de questionamentos acerca do papel social feminino na contemporaneidade. Esse papel que sempre foi exposto através de meios de comunicação, filmes, contos, entre outros. A partir disso, percebeu-se que nos contos atuais, como no filme *Malévola*, vêm sendo exposto, também, um papel feminino bastante diferente dos que víamos há pouco tempo atrás. Por isso, pareceu ser bastante apropriado para poder discutir e pensar sobre o lugar ou os “lugares” ocupados pela mulher contemporânea. É de fundamental relevância que, para compreender esta mulher, rememorar sua trajetória, suas mudanças e seus “lugares” ao longo da sua história na sociedade, tendo assim, o entendimento de que “lugar” é esse, o qual ela está ocupando hoje.

Além de *Malévola*, é importante ressaltar que os filmes infantis, sendo um meio de comunicação formador de opiniões, bastante acessível às crianças, trazem à sociedade outras formas de ver o papel feminino. Revela-se assim, um estudo importante de ser olhado atentamente pela Psicologia, em função de suas relações e influências.

Por fim, o presente artigo teve como objetivo analisar o papel da mulher na sociedade através dessa animação e desse filme, assim, discutindo a

concepção de feminino neles. E a partir disso, verificar as mudanças do feminino no contemporâneo e sua influência nas mudanças de atitude da mulher.

Nesta pesquisa, adotou-se a abordagem qualitativa, havendo a possibilidade de abarcar variadas dimensões da questão a ser pesquisada por meio dos dados colhidos através dos filmes, não envolvendo a quantificação, mas sim, a qualificação das variáveis observadas. (MINAYO, 2003).

Godoy (1995) expõe que a pesquisa qualitativa possui vários tipos de investigação, apoiados em diferentes quadros de orientação técnica e metodológica, como o interacionismo simbólico, a etnometodologia, o materialismo dialético e fenomenologia.

Quanto ao instrumento para coleta de dados, foi realizado uma análise do filme *Malévola*, produzido em 2012 e lançado no ano de 2014, esse que é uma releitura do filme *A Bela Adormecida*, que começou a ser produzido em 1950 e lançado no ano de 1959, ambos pela Walt Disney. Os dados serão analisados à luz da psicanálise, o papel da mulher na contemporaneidade, como também ao longo da história da sociedade, percorrendo alguns autores que explanam sobre esse papel.

Como método para análise do material selecionado, foi utilizada Análise de Conteúdo, proposta por Bauer (2002), a ser realizada sob a transcrição das falas do filme e análise de cenas. O autor propõe o método enquanto um conjunto de técnicas, baseadas no exercício da redução dos dados, organizando o conteúdo textual em categorias que serão, posteriormente, discutidas.

Primeiramente, o filme e a animação foram vistos, por várias vezes, a fim de serem melhor analisados. Após, algumas falas foram eleitas para serem transcritas ao longo do trabalho, assim como, alguns recortes de cenas, a fim de relacioná-los com a teoria. Assim, a partir da transcrição das falas e recortes do filme e da animação, realizou-se uma análise minuciosa, a partir da qual foram criadas as categorias de análise, designados neste estudo como: o feminino na animação e no filme; como terminam a animação e o filme e a noção de amor.

No âmbito da análise de meios audiovisuais, Rose (2002) atenta para a necessidade de se considerar a complexidade deste tipo de análise, posto que, os meios audiovisuais são complexos de sentidos, imagens, técnicas e composições de sequências de cenas. Não sendo possível assim, uma análise que capte uma verdade única do material, mas sim, uma translação e uma

simplificação. Tendo-se ainda como questão, ter explícitos os fundamentos teóricos, éticos e práticos da técnica, abrindo espaço onde o estudo possa ser debatido e julgado.

A imagem, com ou sem o acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas, ao mesmo tempo, poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais, como aponta Loizos (2002), visto que facilita, significativamente, no processo ilustrativo. O vídeo tem uma função de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e de difícil descrição por um único observador. O autor indica ainda, para o papel do registro visual, enquanto comprobatório.

“A análise de conteúdo tem por objetivo compreender criticamente as comunicações e seus sentidos, assim como, conteúdo manifesto ou latente, significações explícitas ou ocultas”(CHIZZOTTI, 2006, p. 98). Segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de todos os tipos de documentos que, ao serem analisados, auxiliam para o conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social que de outro modo seria inacessível.

A pesquisa foi estruturada pela abordagem psicanalítica. Iribarry (2003) expõe que as pesquisas na psicanálise tratam sempre de uma apropriação do autor, esse que acaba por descobrir seu próprio método ao pesquisar o método freudiano. Tornando o estudo, uma apropriação do pesquisador. O autor explica que há, pelo menos, duas diferenças entre a pesquisa psicanalítica e as demais abordagens, sendo uma delas, o fato de que não inclui em seus objetivos a necessidade de uma inferência generalizadora. E a outra diferença é que as estratégias de análise de resultados acabam por trabalhar com o significante e não com o signo.

Para a realização do presente estudo, são consideradas as contribuições que o tema pode trazer para a Psicologia, visto a importância de se trabalhar e discutir os processos de constituição da feminilidade e do “Ser Mulher” na contemporaneidade.

Para a Psicologia, refletir sobre os conceitos, agentes e demais aspectos que contemplam uma aproximação de compreender a trajetória da mulher e da feminilidade torna-se fundamental, tendo em vista que esses processos atravessam e perpassam os indivíduos e suas relações. A partir da análise do

filme permeado pela leitura psicanalítica, tem-se uma intencionalidade de compreender que “busca” é essa? Que “lugar” ou que “lugares”? De certa forma, isso fala do nível de satisfação ou não consigo mesma e com suas relações como um todo, a partir de sua trajetória atual, mas marcada intensamente por uma história social.

Em relação aos contos e histórias, Franz (1915) discorre que, através dos escritos de Platão, pudemos saber que contavam às crianças histórias simbólicas, dentre várias civilizações foram maneiras de entretenimento, tanto de adultos quanto de crianças. Havia criações de contos de fadas, esses que possuíam padrões parecidos com os que existem hoje. Através desses estudos, percebe-se que os temas bases das histórias continuam quase que os mesmos, alterando algumas questões, alguns de até 25.000 anos a.C.

Os contos de fadas são muito enriquecedores e satisfatórios, tanto para a criança quanto para o adulto. Esses que acabam por ensinar algumas questões específicas da vida contemporânea em sociedade. Aponta que os contos antigos, por existirem antes disso, trazem problemas interiores dos seres humanos (BETTELHEIM, 1980).

Ele também expõe que, ao longo dos séculos, os contos tornam-se cada vez mais refinados, transmitindo muitos significados, atingindo tanto crianças quanto adultos. Assim, pode-se perceber como os novos contos, que surgem como releituras, acabam a elucidar mais sobre as questões da vida contemporânea, justamente por expor questões atuais. E como explanado pelo autor, através disso, a criança encontra a oportunidade de entender um pouco do mundo, no qual deverá aprender a lidar durante sua vida (BETTELHEIM, 1980).

## **O FEMININO NA ANIMAÇÃO E NO FILME**

A partir de estudos da filosofia, pode-se perceber que ao longo da história, a definição sobre o lugar feminino na sociedade perpassa, na maioria das vezes, pela passividade, ao menos em suas definições. Nunes (2000) expõe que, para Aristóteles, o homem era quem gerava o feto, esse que seria o possuidor do calor, capaz de esquentar o sangue e transmitir o calor vital para a formação da vida. E, desta forma, o sexo frio, da fêmea, seria apenas o solo acolhedor, essa que seria passiva e receptora, enquanto o macho, o elemento ativo. O autor traz

que o pensamento cristão também via a mulher como um homem imperfeito, no qual o homem está numa posição superior.

A animação *A Bela Adormecida* foi produzida no ano de 1959, porém, baseada em versões mais antigas desse conto. Sabe-se que, o papel feminino ainda passava pela passividade, ao menos em sua maioria, como esperado. Para Rousseau (1999), a divisão de papéis na sociedade, era bem clara, enquanto o homem atuava na esfera pública, a mulher na doméstica, e essa, então, deveria abdicar de qualquer desejo ou pretensão pessoal que não fosse desse âmbito. Rousseau também nega à mulher o *status* de cidadã, mesmo ele, que possuía propostas de igualdade universal. Como se a mulher fosse representada pelo homem e não existisse sem ele, mas ele sim, sem ela.

Para justificar-se, Rousseau (1999), aponta que não seria uma imposição social à mulher, mas que isso é designado pela natureza, onde não existe inferior ou superior, mas complementares, no qual o homem seria mais apto à vida pública, trabalho e atividades intelectuais e as mulheres, desde então, enquadrada no contexto do lar e da maternidade. Na animação, tanto o papel de Aurora, quanto de sua mãe, nos expuseram um pouco dessa passividade. Da mãe de Aurora, tanto no filme quanto na animação, sabe-se quase nada, nem o nome desta é mencionada, nenhuma das vezes.

Na animação, por ser uma adaptação da versão do século XVII de Charles Perrault, que foi inspirada no conto dos irmãos Grimm, em 1812. Podemos relacioná-la às mulheres padrões da sociedade na época, que tinham como papel principal, viver em função da casa e do marido, ocupando assim, um lugar de passividade. Enquanto Malévola, que agia diferentemente disso, ou de repente por agir diferentemente disso, era a bruxa, apenas a bruxa má, do início ao fim. E assim, foi retratada na animação, desde que inicia, no nascimento de Aurora, o reino recebia seus convidados, e então, chega Malévola e diz, em um tom de chacota: “*Temo que não tenha sido convidada!*” E então uma das fadas logo responde, em um tom bravo: “*Não queremos você aqui*”. Até o fim da trama, quando trava uma batalha contra o príncipe, e as fadas, para que não salvem Aurora, e é derrotada.

A *Bela Adormecida* expõe Malévola como a bruxa má, solteira, independente, que mora fora do reino. Essa bruxa que, na forma física, possui características de um demônio. “O que a figura da bruxa ensina é um certo modo

de enxergar a mulher, principalmente, quando esta expressa poder” (ZORDAN, 2005, p. 332). Poderíamos relacionar talvez, como uma possibilidade de mudança de lugar-passivo para ativo, produzindo um sentido de “existir”?

Nos últimos anos, percebem-se várias mudanças no âmbito do papel feminino na sociedade. E alguns fatos que auxiliaram para essas mudanças, como no início do século XX, como exposto por Stearns (2010), antes da Primeira Guerra Mundial, a mulher ainda possuía um papel submisso e coadjuvante, secundário, na família e sociedade. Sem uma posição social efetiva ou uma profissão intelectual de maior porte. Com início da Primeira Guerra Mundial e o fato de homens terem de atuar nessa, as mulheres puderam desempenhar um papel profissional efetivo na sociedade.

Como elucidado por Bruschini (1994), com a expansão de mercado, urbanização crescente e industrialização acelerada, acarretou um grande crescimento econômico, fato que torna propício o ingresso de novos trabalhadores, inclusive, do sexo feminino. Entretanto, no Brasil, os direitos da mulher demoraram mais em relação aos outros países. Havendo bastante resistência à aceitação, o que ocasionou em mulheres espancadas, enganadas, violentadas e sub-remuneradas.

A partir de então, segundo Barros (1995), as mulheres tiveram a possibilidade de ingressar em universidade, em função da expansão da escolaridade brasileira. Buscando essa melhora na escolarização e ascensão financeira, a mulher pôde se posicionar em outros cargos, até mais importantes. Junto a isso, como também em função disso, cresce o movimento feminista. Que então, acarretaram várias mudanças na sociedade, como por exemplo, a redução da taxa de fecundidade, a partir da década de 1970.

Assim como as mudanças ocorridas na sociedade, é possível verificar mudanças nos contos e releituras desses. Como uma necessidade de acompanhar o leitor, suas demandas e realidades.

Ao iniciar o filme, *Malévola*, a narração já nos situa que questões novas, ou diferentes, irão nos ser remetidas nesse filme, ao dizer: *“Esta é uma velha história de um jeito novo, veremos o quanto dela você conhece.”* O que nos remete às necessidades da atualidade, como trazido por Corso e Corso (2006), as histórias infantis do século XX expõem novas formas que a fantasia encontrou para associar. Podendo, a partir delas, entender melhor sobre as crianças, as

famílias e as pessoas na atualidade. Pois, novas histórias sucedem-se a novas necessidades subjetivas.

Em *A Bela Adormecida*, as fadas expõem um papel engraçado, porém, não muito ativo e presente, são coadjuvantes. Em *Malévola*, continuam com essas características, sendo ainda mais burlescas, essas que não sabem de nada, não conseguem fazer nada e ficam apenas brigando umas com as outras. Passam uma sensação de desorganização e imbecilidade, só pensam nelas mesmas.

Durante o filme, por várias vezes, acabam por esquecer da bebê Aurora, chorando e sem comida. Exposto, sutilmente, pela própria narração “*As fadas não eram as mais indicadas para a tarefa*”. A partir dos dois filmes, pode-se refletir sobre a representação dessas fadas, mulheres, solteiras e mais velhas, com um pouco de depreciação para com elas. Como exposto por Mendonça e Souza (2013), sobre o filme de *A Bela Adormecida*, em relação às fadas boas, essas que são expostas com “aspectos pueris”, perpassando pelo ridículo em vários momentos, o que nos leva a pensar sobre o envelhecimento, ali caracterizadas por mulheres feias e envelhecidas, talvez representando o preconceito das “solteironas” de 1950, essas que seriam incapazes de construir família e gerar filhos. (Esse lugar de representação, lugar que ocupam na sociedade hoje).

Parece que foram retratadas assim, também, por não cumprirem um dos papéis principais designados a uma mulher, o da maternidade. Porém, Jerusalinsky (1971/2014) discorre que a função materna não é desempenhada, a partir de um “saber instintivo”, previamente concebido. No caso da mãe com o bebê, não há garantia natural, nem simbólica, de que irá formar-se um laço entre eles. Mas, por mais que não seja algo natural, instintivo, ainda se espera isso da mulher. Porém, essa função ainda é vista, na nossa sociedade.

Na animação, a jovem Aurora, aos dezesseis anos, no auge de sua mocidade, como as meninas da época, acaba por virar mulher, e assim, outro homem havia de assegurá-la, não um homem que ela pudesse escolher, mas em uma máxima passividade, um homem que a escolhesse. Conforme trazido por Corso e Corso (2006), de todas as princesas dos contos de fadas, a *Bela Adormecida* é a mais passiva, também exposto através do nome, por ser bela e adormecida. Tendo como principal característica a beleza inerte, objeto de cuidado e contemplação. Nessa história, a mulher e seu mundo esperam

imóveis, por um novo senhor para voltar a girar. Ocupando uma posição paradigmática da feminilidade tradicional. Onde o pai a conduz e a entrega nos braços do marido. Simbolicamente, esse gesto expõe a ideia de objeto, esse que não possui desejo e querer para definir sua trajetória.

Essa questão pode ser vista e entendida em um diálogo entre as fadas, na animação: “*Oh! Eu não sei por que casar com um príncipe!?*” diz uma das fadas, e a outra responde: “*Isso não nos cabe decidir.*” Ao final, Aurora casa-se com o príncipe que a salva, sem antes saber se ele era o que havia encontrado anteriormente. Ao passo de que esse havia sido escolhido, não por ela, mas por seu pai, o rei. O que nos leva a pensar novamente sobre esse lugar que representa muito uma atitude passiva da mulher. Sem poder escolher, a partir de seus desejos...de seu querer.

Em A Bela Adormecida, Aurora diz às fadas, após ver o príncipe, pela primeira vez: “*Óh queridas, esse é o dia mais belo de minha vida. Maravilhoso! Tão belo. Esperem até conhecê-lo.*” Assustadas, questionam as fadas: “*Falou com algum estranho?*” E, então ela responde: “*Ele não é um estranho, vimo-nos antes, uma vez num sonho.*” De alguma forma, mesmo antes de salvá-la de um sono profundo, como ocorre no final do filme. O príncipe já parece expor algo de salvação. Como se fosse o único que pudesse ajudá-la a sair dali, daquela vida, ajudá-la a mudar sua realidade. Também nos remete à fragilidade associada à mulher, na época, frente ao homem, o cuidado.

Como já exposto, as diferenças entre o masculino e o feminino na sociedade, foram constituídas, a partir de posições onde o masculino está relacionado à atividade e o feminino com passividade. Entretanto, Freud (1933), nos traz sobre a cautela que se deve ter, ao perceber esses papéis, dessa forma, tão rígida. “Devemos, contudo, nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influência dos costumes sociais, que de forma semelhante compelem as mulheres a uma situação passiva” (FREUD, 1933, p. 116).

Em seu texto “Feminilidade”, Freud (1933), traz algumas contradições ao falar da mulher e da feminilidade. Mas por fim, nos traz a importância de lembrar que não se trata de uma passividade completa:

Poder-se-ia considerar característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos. Isso naturalmente não é o mesmo que passividade; para chegar a um fim passivo pode ser necessária uma grande quantidade de atividade (p. 143).

Costumes sociais, esses que ajudam a nos formar como sujeitos, e que podemos perceber essa diferença na atualidade, em como o contemporâneo tem auxiliado, de uma forma um tanto diferente, influenciar a mulher e o homem. Como podemos perceber em Malévola, com seu novo papel, influenciada por diferentes costumes, continua não tendo um comportamento ou atitude passiva, mas nessa releitura, não é retratada como total do mal, por ser essa figura com um papel tão diferente do tradicional feminino, o que nos remete a pensar sobre essa mudança de lugar, de concepção do feminino e do ser mulher na contemporaneidade.

Kehl expõe o que era esperado do papel feminino:

A fim de melhor corresponder ao que se espera delas (que é ao mesmo tempo sua vocação natural!), pede-se que ostentem as virtudes próprias da feminilidade: o recato, a docilidade, uma receptividade em relação aos desejos e necessidades dos homens e, a seguir, dos filhos. (KEHL, 1998, p. 58).

Aurora demonstra um pouco da feminilidade tradicional<sup>4</sup>, construída pelo homem, a partir de discursos, promovendo adequações da mulher, unindo atributos, funções e restrições. Maria Rita Kehl (1998), em sua produção *Deslocamentos do Feminino*, fala sobre a constituição do lugar da família e a criação de um padrão de feminilidade, esse que ainda é presente, que possui como função principal promover o casamento entre a mulher e o lar. Essa posição feminina que serviria como sustentação do homem burguês.

Na animação, *A Bela Adormecida*, é como se esse lugar belo e inerte de Aurora existisse para a sustentação desde príncipe, forte e viril, que salva, que é Felipe. Consegue sustentar seu papel, no momento em que salva a princesa de um eterno sono profundo, trazendo-a, novamente à vida. Ou seja, Aurora retorna a viver, somente pela existência e bravura desse homem. Beavouir (1949), em seus estudos sobre o sexo feminino, expõe sobre esse lugar de opressão ocupado pela mulher, que se expressa quando se elogia, como sendo valores femininos, “frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem.”

---

<sup>4</sup> Para Kehl (1998) a feminilidade tradicional, é construída pelo homem. Como um conjunto de atributos que fazem parte das mulheres, em função do corpo e da capacidade de procriar.

Muitas mudanças ocorreram na sociedade, puderam ser vistas, também, nas modificações e criações de leis. Como a Lei 6.515/1977 (Lei do Divórcio), a partir da qual a mulher passa a possuir o direito de separar-se e divorciar-se do marido, sem a obrigação até então, imposta também pela igreja, de que o casamento é para toda a vida. Essa que antes era “propriedade” do marido, agora obtém seus direitos e obrigações iguais a ele, no artigo 5º da Constituição Federal, essa sendo a Lei Máxima do Brasil.

A mulher atual acaba por atuar em vários papéis. Esses que parecem ser frutos de suas lutas e reivindicações. As mulheres tiveram a oportunidade de ingressar em universidade, também em função da expansão da escolaridade brasileira. Buscando essa melhora na escolarização, a mulher pôde se posicionar em outros cargos, até mais importantes. Junto a isso, como também em função disso, cresce o movimento feminista. Que então, acarretaram várias mudanças na sociedade como, por exemplo, a redução da taxa de fecundidade, a partir da década de 1970 (GUALBERTO 2012).

Fraisse e Perrot (1995, p. 9) expõem:

O momento histórico em que a vida das mulheres se altera, ou mais exatamente o momento em que a perspectiva de vida das mulheres se altera: tempo da modernidade, em que se torna possível uma posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro e atriz política, futura cidadã.

E, dessa forma, entendem-se as mudanças de papéis da mulher, desde a animação até o filme. Em *Malévola*, a própria pôde se colocar mais, expondo fragilidades, problemas, desavenças, como também, os motivos que a levaram a agir de tal forma.

Desde jovem, *Malévola* era referência a seu povo. Numa das cenas iniciais, chamam para que ela defenda-os, pois um humano (os quais eles conhecem apenas por fazerem mal) havia invadido suas terras e roubado algo. *Malévola*, então, sem muito medo, vai até o encontro desses para verificar o que aconteceu e resolver o problema. Alguns de seu povo a procuram e dizem, em um tom de desespero: “*Malévola, os poderosos guardas acharam um humano roubando no poço das joias.*” E então, ela vai até o encontro desse. Até os poderosos guardas parecem possuir medo do tal humano, mas ela, nem tanto.

Gualberto (2012), também expõe que a mulher tendeu a agregar várias funções e responsabilidades àquelas que possuíam anteriormente, não

deixando nenhuma. Esse papel “multifacetado” que a mulher ocupa, atualmente, pode acabar por gerar frustração, pela dificuldade de conseguir desempenhar todas essas tarefas com êxito, justamente por serem muitas. A mulher contemporânea busca a excelência da maternidade, a excelência profissional, como também, a excelência matrimonial.

O novo papel de Malévola nos apresenta essa mulher forte, porém, como também nos traz a teoria, tem suas fragilidades, inerente a qualquer sujeito. De uma forma simbólica, Malévola é sensível ao ferro, como é mostrado no início do filme e no final. Quando tenta adentrar ao reino, atrás de Aurora, tem de atravessar proteções de ferro, que o Rei colocou ali propositalmente.

Como exposto por Maria Rita Kehl (1998), as inscrições de mulher, no discurso do “Outro”, não é rigidamente fixada. Ao longo da história, tende a passar por modificações. Como pode ser visto nos lugares ocupados pela mulher, que seja “da inocência ou do pecado, da castração ou da onipotência, da sexualidade desenfreada e ameaçadora ou de uma vocação “natural” ao pudor e a castidade”. Esses que correspondem aos deslocamentos que ocorrem ao longo dos anos, que acabam por escapar do controle e da vontade dos sujeitos.

Assim como, citado por Gualberto (2012, p. 15):

Neste cenário moldado pela mulher pós-moderna traz em seu escopo uma alusão a sentimentos contraditórios onde os sinais aparecem no descontrole do seu comportamento e, neste momento, a mulher liberta-se de suas defesas deixando por vezes emergir vontades reais e que ficam puramente em grande parte do tempo em seus conteúdos inconscientes, um exemplo disso são os sonhos, eles muitas vezes ilustram os desejos burlados por mecanismos.

Malévola ocupa um lugar de força, como defensora de seu povo, entretanto, como exposto pelo autor supracitado pôde perceber Malévola, ao decorrer do filme, deixando-se de suas defesas, e assim, expondo-nos vontades e desejos reais: Como a maternagem e o amor despertado por Aurora.

## **COMO TERMINAM A ANIMAÇÃO E O FILME E A NOÇÃO DE AMOR**

“Sabe, eu não devia estar falando com estranhos... mas já o conheço! Foi você o sonho bonito que eu sonhei, foi você, eu lembro tão bem você na linda visão. E me fez sentir que o meu amor nasceu então.” É o que fala e canta Aurora, na animação, nos expondo que aquele príncipe fez-se real, mas foi

projetado, de certa forma, em sua fantasia. Tal fato que podemos relacionar com o amor idealizado.

“Aonde? Aonde? Aonde eu irei encontrar um alguém. Que me queira, que me adore. Alguém que me faça feliz” canta Aurora. Expõe Zalberg (2008), sobre as necessidades de um amor e que a dependência em relação a esse ser amado, acabam sendo impostas, historicamente, como característico do feminino. Porém, até hoje há o culto ao amor, porque por mais que as mulheres na atualidade tenham a possibilidade de adquirir outras conquistas fálicas, essas não superam o conflito não resolvido na ordem do "ser", ou seja, ela necessita ser amada para "ser". E sendo assim, acaba por definir sua feminilidade através da parceria com um homem.

Entretanto, Aurora mostra sua incrível beleza e sedução. Conforme Corso e Corso (2006), de que não há uma melhor resposta do que o desejo de ser desejado, que ser escolhido sem ao menos ter a intenção de seduzir, podendo assim, perceber o impacto de seus encantos. E assim, completa Jerusalinsky (1971/2014) apontando que “a passividade integra a erótica humana assumindo um lugar privilegiado na erótica feminina.”

Diana e Mario Corso (2006), explicam que, quando se trata de amor, a mulher parece se colocar o dilema de que será bela enquanto se fingir de morta. Onde a passividade não é definida pela ausência de ação, mas Malévola atua como uma substituta má da mãe. Supostamente movida pela força do ódio por não ter um lugar reconhecido, por ter sido traída, esquecida, e então rogará uma praga à transformação de Bela Adormecida em mulher.

No filme *A Bela Adormecida*, Malévola prende o príncipe para que ele não consiga salvar Aurora, ou seja, acredita que ele tem o amor verdadeiro em relação à Aurora, esse que poderia salvá-la e salva. “Agora se verá comigo ó príncipe, e com todos os poderes do mal”, diz Malévola, no momento em que o príncipe tenta passar por ela, para salvar Aurora. Ou seja, tenta impedi-lo.

Em *Malévola*, diferentemente da animação, ela quer que Aurora seja salva, dessa forma, até auxilia o príncipe a chegar a ela, entretanto, está certa de que ele não irá conseguir, pois o amor verdadeiro não existe. Parece querer nos expor algum(a) conceito/olhar/concepção da mulher atual, essa que parece não crer no amor verdadeiro, ao menos não do homem, como um par amoroso, para com ela.

Malévola desacreditou nesse amor ao que foi traída por seu enamorado (o atual Rei), na parte inicial do filme, quando ainda jovem. Após, nunca mais acreditou na existência desse, vindo de qualquer homem que fosse, ao rogar a praga à Aurora, tinha certeza de que nenhum outro homem poderia salvá-la, pois por ela não teria amor de verdade. Após lançar o feitiço à Aurora, completou: “A princesa vai poder acordar do seu sono profundo, mas somente por um beijo de amor”.

Quando perceberam que não havia como, voltar atrás, do feitiço, o corvo disse esperançoso à Malévola: “Um verdadeiro beijo de amor pode quebrar o feitiço”, Malévola ri e diz “Não existe tal coisa”. Mas não é apenas Malévola que não crê nesse amor, o próprio Rei (o qual a traiu), também expõe que compartilha dessa ideologia. Após Aurora cair no sono da morte, as fadas questionam sobre ir atrás de uma resolução para o problema: “E o beijo de amor verdadeiro?” diz uma delas, completa a outra: “É! O beijo! Sim!”. E então, responde o Rei: “Não existe amor verdadeiro!”

Fator que nos remete teoria da atualidade, Amor Líquido<sup>5</sup>, trazido por Bauman (2004), quando expressa que esse amor acaba por representar possibilidades de se sentir inseguro e desprovido. Para o autor, nos tempos modernos e pós-modernos, houve uma dissolução na sociedade, destacando sobre a “fragilidade dos laços humanos”, tendo um capítulo que discorre sobre a dificuldade de amar o próximo. O que nos leva a crer em uma descrença no amor, na atualidade.

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos (BAUMAN, 2004, p.8).

Mais ao final, quando Malévola tem o desejo de que Aurora não seja mais acometida pelo feitiço, juntamente com o corvo (em corpo humano, como Malévola o transformou), tentam pensar formas de salvá-la. Esse ainda pensa

---

<sup>5</sup> Conceito trazido por Zygmunt Bauman, em sua obra Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos (2004), sobre o amor na modernidade.

na hipótese do amor, tentando levar até Aurora o príncipe, o qual ela conheceu na floresta.

No filme, entende-se que esse amor, não existe vindo de um homem, e nem foi preciso existir, pois o salvador à vida, não precisa ser, necessariamente, um homem, há a possibilidade de ser uma mulher. Mais específico ao filme, pode ser, também, alguém que possui um amor materno, como o de Malévola para com Aurora.

Da mesma forma, em Malévola, o dom da beleza também é dado à Aurora, entretanto, ao final, para que retornasse de seu sono profundo, sua beleza não foi o primordial. E sim, sua forma de ser e agir, seus entrelaces com Malévola, que então criou um sentimento de amor em relação à Aurora.

Malévola, expõe no filme, de algum modo, o que podemos relacionar à mãe suficientemente boa<sup>6</sup>, aquela que exerce sua função, na relação com o bebê, com as qualidades essenciais, de proteção, aceitação e apoio, fornecendo a ele o Holding e o Handling.<sup>7</sup> Oferecendo ao bebê os cuidados necessários, não apenas físicos, mas disponibilidades psíquicas, investimento no olhar de desejo. Desde que as fadas levam Aurora para o bosque e fracassam na tentativa de cuidá-la, Malévola, juntamente com a ajuda do corvo, assume seus cuidados, estando distante, porém, presente todo momento. Desde dar a ela o alimento, como salvá-la de acidentes. E após, quando um pouco maior, apresenta o mundo, de uma forma simbólica, mostrando um pouco de seu povo para a menina.

Winnicott (1975) cita que ao olhar do outro o bebê é visto e existe, assim tem condições de olhar e ver. Podendo olhar criativamente, o que apercebe também percebe. E algumas cenas nos mostram Malévola e Aurora, ainda bebê, tendo esse contato. Percebe-se então, que a menina compreende esse olhar, essa presença. E a partir desses contatos, acontecem as relações da maternagem e o desenvolvimento do amor. Quando maior, Aurora encontra

---

<sup>6</sup> A *mãe suficientemente boa* é um conceito de Winnicott. Trazido em sua obra *A preocupação materna primária*. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. 1956. e *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria de desenvolvimento emocional*. 1983.

<sup>7</sup> Também conceitos trazidos por Winnicott, nas obras supracitadas.

Malévola, que tenta se esconder dela, mas a menina a vê e diz: “Eu sei quem é você, você é a sombra que sempre esteve por perto, cuidando de mim, você é a minha fada madrinha”.

Lejarraga (2011) expõe sobre o relacionamento amoroso, com consideração e cuidado com o outro. Sobre a preocupação e reparação de danos, possivelmente provocados pela ambivalência, bastante presente na relação de Malévola e Aurora, no filme. A autora traz que “o círculo benigno de machucar e reparar, atacar e cuidar” sempre se repete, nos vínculos afetivos duradouros.

No filme, Malévola lança o feitiço em Aurora “A princesa vai de fato crescer com graça e beleza, e ser amada por quem a conhecer. Mas, ao por do sol do seu 16º aniversário ela espetará o dedo no fuso de uma roca de piar, e então, cairá no sono da morte. Um sono do qual ela nunca acordará.” Após o decorrer do filme “Eu revogo o feitiço, lanço o bem não o mal.” Nesse momento, Malévola, mostra o arrependimento, à vontade e tentativa de desfazê-lo, como uma reparação do erro, mas até então, não consegue.

Ao final do filme, quando Aurora já está em seu sono da morte, depois de tantas tentativas, porém sem resolução para esse problema. Malévola se dirige a ela e diz: “Não vou pedir o seu perdão, porque o que fiz a você é imperdoável, eu estava cega de ódio e revolta. Querida Aurora, roubou o resto do meu coração e agora te perdi pra sempre. Eu juro não abandonar você enquanto eu viver. E nem um dia se passará sem que me sinta culpada.” Ela chora, se aproxima dela e dá-lhe um beijo na testa. Logo, Aurora desperta de seu sono e diz: “Olá fada madrinha”.

Aurora também tem esse sentimento por Malévola, também quer ficar junto a ela, realmente houve uma troca. Sorridente, Aurora diz à Malévola “Vamos voltar pros Mors<sup>8</sup> agora?” E então ela responde: “Se é o que você deseja”.

Após, enfrentam juntas, o Rei e seus homens. Esse que também ficou “cego” de ódio e revolta por Malévola ter lançado um feitiço em sua filha, porém,

---

<sup>8</sup> Mors é onde vive Malévola, com seres diferentes dos humanos, que vivem com a natureza e cuidam dela.

durante todo o filme viveu em função disso, não dando atenção à sua mulher e nem mesmo no final à sua filha. Malévola, por sua vez, tomou por um total ódio e rancor em relação ao Rei, pois este que foi seu enamorado na adolescência volta a procurá-la depois, para cometer a traição. Engana-a e rouba suas asas para conquistar o reinado.

Desde que descobriu que ele lhe havia procurado em função disso, Malévola tomou-se de ódio. Ao final do filme, durante a batalha contra o Rei e seus guardas, Aurora liberta as asas de Malévola (que havia sido trancafiada, no castelo), as devolvendo à Malévola. Quase que, nos remetendo ao retorno da força, do amor. Como se de alguma forma, representado nesse ato, Aurora possibilitasse a ela outra forma de amar, mesmo depois de desacreditar no verdadeiro amor. E reencontrar esse amor faz com que Malévola se reconcilie consigo mesma. Jerusalinsky (1971/2014) aponta que a maternidade é exercida de um gozo fálico, mas também de uma exceção criadora, e a partir dela a mãe acaba por ter a possibilidade de um gozo que não passa pelo falicismo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conto de A Bela Adormecida, desde a sua primeira versão, teve muitas releituras, as quais possuíram muitos outros nomes e inúmeras mudanças ao longo da história da sociedade. Parece que, de alguma forma, ele foi se modificando, se moldando, sendo recriado pelos selfs e inconscientes de cada tempo, retratando questões de cada época.

Pensando nisso, o filme Malévola traz muitas reflexões acerca da mulher, pois, apesar de os contos sofrerem mudanças ao longo dos tempos, esse, em específico, nos traz maiores movimentações, de papéis, de lugares. O que nos faz refletir a respeito do feminino, hoje. Percebemos uma imagem feminina construída por diferentes discursos.

A partir da leitura desses filmes, a passagem do papel da mulher exposta neles, pode-se verificar essas mudanças que vivenciamos e vemos na nossa atualidade, de alguma forma, sendo expostas, como se um complementasse o outro. Analisando de outro ângulo, como pensamos em filmes e contos como formadores de opiniões e personalidades, por fazerem parte da infância, pode-se pensar em mudanças de papéis representativos.

A partir da história verifica-se a potência do poder masculino ao longo dos anos, sob o feminino. Essa que de várias formas, ao longo do tempo, buscou seu lugar, com lutas e reivindicações. E, após várias conquistas, é como se elas, de alguma forma, também estejam elucidadas na mudança dos papéis desse filme.

Na releitura, a mulher, no caso de Malévola, tem a possibilidade de se colocar, mais. Entretanto, nesse caso, o homem parece ter menos possibilidades, como o próprio príncipe, o corvo que a acompanha (que ela o transforma em homem). Porém, Malévola com seu poder desmaia-os e faz com eles o que bem entende.

A análise desse filme possibilitou várias deduções riquíssimas, mas destacaria como a mais valiosa a compreensão do papel da mulher na busca do “Ser Mulher” de modo pleno, inteiro, a satisfação consigo mesma, no mundo das relações, seja como filha, mãe, amiga. Como também, discutir sobre o homem, o papel desse e como ele está sendo retratado nos filmes. Pode ser como sugestão para futuros estudos!

Outro ponto interessante apontado, é a noção e entendimento de amor na atualidade, do homem em relação à mulher, a partir da visão feminina. Pois a animação, sendo mais antiga, deixa claro que todos, inclusive Malévola, acreditam no amor verdadeiro do príncipe para com Aurora e, realmente é, tanto que, ao fim, a salva. A sua releitura, o filme parece-nos querer expor certa descrença desse amor. Malévola tem certeza e está certa, até então, de que aquele amor verdadeiro não existe, ao menos no caso do homem com a mulher. E, por que não poderia ser verdadeiro?

Destacamos a relevância acadêmica, da modalidade apresentada, como um cenário fértil de discussão, no qual o psicólogo pode refletir e propor intervenções sobre o feminino na sociedade. Dentre tantas várias outras análises possíveis, pois por se tratar de um filme, possui uma riqueza de informações. Ao mesmo tempo, por mais que já tenha muitas mudanças, por se tratar de um conto, possui muitas leituras, atravessamentos e representações.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, A. M. A mulher e o direito do trabalho. São Paulo: LTR, 1995.
- BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M.; GASKELL, G. Pesquisa quantitativa com texto, imagem e som: Um manual prático. 4. Ed. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ, 2002 pp. 189-217.
- BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004
- BEAUVOIR, S. de. 1949. O segundo sexo: Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352009000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000200011)> Acesso em: 06 mai. 2015
- BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1980.
- BRASIL. Constituição, 1988.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências.
- BREUER, J.; FREUD, S. 1893-1895. Estudos sobre a histeria. Obras completas, ESB, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- BRUSCHINI, Cristina. In: SAFFIOTI, Heleieth I.B e VARGAS, Monica Munhoz (Orgs.). Mulher Brasileira é Assim. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1991.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DISNEY, W. A Bela Adormecida. [Animação-vídeo]. Direção de Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Estados Unidos, Walt Disney Pictures, 1959. 75 min.
- DISNEY, W. Malévola. [Filme-vídeo]. Produção de Joe Roth, direção de Robert Stromberg. Estados Unidos, Walt Disney Pictures, 2014. 97 min.
- FARIA, C. G. Sexualidade e estrutura psíquica. In Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Org.), Psicanálise e sexualidade: tributo ao centenário de Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade 1905- 2005 (pp.101-110). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005.
- FRAISSE, G.; PERROT, M. Introdução à história das mulheres no ocidente. Porto: Afrontamento, 1995
- FRANZ, M. L. V. A interpretação dos contos de fada. 1915. Tradução Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. Revisão Ivo Stornioio. São Paulo: Paulus, 1990.
- FREUD, S. O tema dos três escrínios. 1913. Obras completas, ESB, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- \_\_\_\_\_. Feminilidade. In: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. 1933. Obras completas, ESB, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago. 1987.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GODOY A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas. p.35. 1995

GUALBERTO, S. C. Mulher pós-moderna: uma percepção acerca de sua multiplicidade de papéis. Porto Velho, RO, 2012. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/portovelho/wp-content/uploads/2012/07/ARTIGO-VERS%C3%83O-FINAL.pdf>> Acesso em: 07 mai. 2015.

IRIBARRY, N. I. O que é pesquisa psicanalítica? Rio de Janeiro, *Ágora*, v. II n. 1, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982003000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100007)> Acesso em: 07 mai. 2015.

JERUSALINSKY, J. A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. 1971. Salvador, Bahia: *Ágalma*, 2014

KEHL, M. R. A mínima diferença: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. 1966.

Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LEJARRAGA, A. L. Amor e espaço potencial. *Rabisco Revista de Psicanálise*. Vol. 2 n. 1. Mai. Porto Alegre: Seminários Winnicott POA, 2011.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GRASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDONÇA, A.M.C. de.; SOUZA, D.M. O velho e os contos infantis. In: MENDONÇA, A.M.C. de.; SOUZA, D.M.; SANTOS, M.V.; MOURA, L. (Orgs) *Amadurecer: ensaios sobre a velhice*. Curitiba, PR: Maresfield Garden, 2013.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 4 ed. Petrópolis Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22. Ed Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NUNES, S. A. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

OLABUENAGA, J.I. R.; ISPIZUA, M.A. La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa. Bilbao, Universidad de deusto, 1989.

TRAVASSOS-RODRIGUEZ, F.; FERES-CARNEIRO, T. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. *Tempo psicanalítico*. 2013, vol.45, n.1, pp. 111-121. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382013000100008&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382013000100008&script=sci_arttext)> Acesso em: 09 mai. 2015.

POLITY, Elizabeth. Uma leitura winnicottiana na terapia familiar. In: Encontro Internacional de Família e Psicanálise-Universidade São Marcos. São Paulo, 1998. Disponível em <[http://www.winnicott.com.br/texto\\_detalhe.asp?txi\\_ID=43](http://www.winnicott.com.br/texto_detalhe.asp?txi_ID=43)>. Acesso em: 20 out. 2015

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.343-364.

ROUSSEAU, J.J. Emílio ou Da Educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. Martins Fontes. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

STEARNS, P. N. De História da Sexualidade. São Paulo: Contexto. 2010.

WINNICOTT, D. W. Sobre os elementos femininos e masculinos ex-cindidos. 1966. In: WINNICOTT, D. W. Explorações psicanalíticas. (pp. 133-143). Porto Alegre: Artmed, 2005.

WINNICOTT, D.W A preocupação materna primária. In: WINNICOTT, D. W. Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. 1956.p. 399-405. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro, Imago, 1975, pag. 157.

\_\_\_\_\_.D.W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WOLFF, M. P. Reflexões sobre o feminino. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v.42, n. 77, dez. 2009. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352009000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000200011) > Acesso em:03 mai. 2015.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. *Rev. Estud. Fem.* vol.13, n.2, pp. 331-341. 2005. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em:16 out. 2015.

## **FROM SLEEPING BEAUTY TO MALEFICENT: THE WOMEN ROLE IN SOCIETY**

### **ABSTRACT**

The present study aimed to analyze the role of women in society through the animation *Sleeping Beauty* and her retelling, the movie *Maleficent*, discussing the conception of women exposed in them. Using the method of content analysis, performing a transcription and analysis of speech and scenes, a historical, psychological and philosophical reflection about the female role was made. Thereby, it was possible to observe changes along the retelling of the tales themselves, as a way to rewrite the society and their roles, identifying thus the changes of women's role in society.

**KEYWORDS:** Woman. Social role of women. Female. Society.

## **LA BELLE AU BOIS DORMANT À MALÉFIQUE: LE ROLE DES FEMMES DANS LA SOCIETE**

### **RÉSUMÉ**

Cet article vise à analyser le rôle des femmes dans la société, à travers l'animation La Belle au Bois Dormant et son récit, le Maléfique de film, discuter de la conception des femmes les expose. Il y avait une réflexion historique, psychologique et philosophique sur le rôle des femmes. En utilisant la méthode de l'analyse de contenu, effectuer la transcription et l'analyse de certains discours et des scènes. Et vous pouvez vérifier les changements le long des réécritures de l'histoire elle-même, comme un moyen de réécrire la société et de leurs rôles. Ainsi, l'identification des changements de rôle des femmes dans la société mais aussi, ces modifications exposées dans ces films.

**MOTS-CLÉS:** Femme. Rôle social des femmes. Société.

Recebido em: 02-04-2017

Aprovado em: 21-05-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>



# O MONSTRO DEMASIADAMENTE HUMANO: O OLHAR DA PSICANÁLISE SOBRE O DESAMPARO

*Rafael Santos Barboza*<sup>1</sup>

## RESUMO

A proposta deste trabalho é pensar o conceito do desamparo sob o olhar psicanalítico, inserindo ainda outras discussões que consideramos importante, a partir da obra *Frankenstein (ou O Moderno Prometeu)*, escrito por Mary Shelley em 1818. Nesse sentido, lançamos mão da literatura como um instrumento para reflexão da psicanálise, nos remetendo ao próprio desenvolvimento das considerações iniciais de Freud. Analisamos ainda o papel do monstro no imaginário social, relacionando ao conceito de estranho familiar. Compreendemos, por fim, que a obra levanta questionamentos éticos e existenciais que cruzam o tempo, falando da própria natureza humana e suas configurações pulsionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Psicanálise. Frankenstein. Desamparo. Monstro

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT). Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aluno do curso de Psicoterapia Psicanalítica do Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA). Endereço: Avenida Deputado Silvio Teixeira, 691, 49025-100, Bairro Jardins, Aracaju, SE. [santosbrafael@gmail.com](mailto:santosbrafael@gmail.com).

## **INTRODUÇÃO**

A proposta deste trabalho é, a partir da obra Frankenstein (ou O Moderno Prometeu) – publicada pela escritora inglesa Mary Shelley em 1818 –, pensar o conceito do desamparo sob o olhar psicanalítico, inserindo ainda outras discussões que consideramos importante. Dessa forma, o romance em questão é pensado como um suporte para refletir sobre temas psicanalíticos. Aproximamos a literatura da psicanálise por acreditar que ambas elaboram narrativas do conflito humano a seu próprio modo, mas com diversas possibilidades de interlocução.

Nossa investigação, portanto, se debruça menos sobre o texto literário e suas possibilidades de interpretação e mais pela sua utilização como ferramenta para refletir acerca da dimensão humana. Não é nossa pretensão, e nem poderia ser, dadas as próprias exigências dessa tarefa, montar um esquema interpretativo para elucidar os dramas vividos pelos personagens criados por Shelley. Remetemos-nos, então, à proposta de Villari (2000) de "encontrar nos grandes escritores da Literatura o campo de onde resgatar algo do conhecimento da alma humana" (p. 126).

A literatura foi uma interlocutora significativa para o desenvolvimento da psicanálise através dos escritos de Freud: fazemos referência aqui a Édipo Rei de Sófocles, Hamlet de Shakespeare, Os Irmãos Karamazov de Dostoiévski, Fausto de Goethe, O Homem de Areia de Hoffman, entre outras. Não é difícil encontrarmos nesse autor um certo fascínio pelas possibilidades que as histórias dos livros nos trazem: "Aqueles livros que se assemelham a 'bons' amigos, aos quais devemos uma parcela do nosso conhecimento da vida e de nossa visão do mundo" (FREUD, 1906/2006, p. 225). Ou mesmo quando utiliza essas narrativas como auxílio para suas investigações: "[...] é difícil para o psicanalista descobrir algo novo que antes já não fosse conhecido por algum escritor" (FREUD, 1901/2006, p. 205).

Freud (1907/2006) exaltava a capacidade dos escritores de fazer seus personagens sonharem através da imaginação artística, afirmando ainda que aqueles que se prestam ao ofício literário "estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência" (p. 20). Os dramas e tessituras da humanidade foram uma importante matéria-prima para aquele que primeiro se debruçou com afinco acerca do inconsciente e os desafios que esse é capaz de lançar. De tal modo, objetivamos,

assim, uma leitura da própria psicanálise a partir do escrito de Shelley, mais do que uma compreensão psicanalítica da obra.

O contato com a finitude e a fragilidade da vida, além da sua proximidade com o universo literário, permeiam a história de vida da autora. Seu pai era um conhecido filósofo e poeta, William Godwin. Sua mãe, Mary Wollstonecraft, nome importante para o movimento feminista da época, faleceu durante o nascimento de Shelley, que além disso tem em seu histórico familiar o suicídio de sua irmã.

A escritora tinha quase 19 anos quando escreveu o romance (BLOOM, 1985). A obra é baseada no mito de Prometeu, referenciado no título original. Shelley lançou ainda outras obras, como o romance Valperga e The Last Man, mas nenhum chegou ao mesmo sucesso de Frankenstein. Essa história surgiu de um encontro com o poeta Lord Byron. Na companhia de outros escritores, o grupo lançou a proposta de que quem estivesse presente em uma reunião entre amigos produzisse histórias. Assim, inicialmente concebida como uma curta narração, a obra de Shelley começou a ganhar contornos mais detalhados a partir daí. Em 1818 o romance foi então publicado.

O impacto da história de Frankenstein é evidenciado pelo tempo em que a obra perdura no imaginário, passando por quase dois séculos de mudanças, transformações, continuidades e rupturas sócio-culturais, desde o seu lançamento. Para uma análise detalhada das diversas adaptações cinematográficas do livro de Shelley, vale a leitura do livro Da natureza dos monstros de Nazário (1998), que dedica um dos seus capítulos à história. Esse mesmo autor também lista alguns cientistas e médicos famosos na literatura que deram origem a algumas criaturas: Dr. Caligari, Dr. Dracula, Dr. Frankenstein, Dr. Jekyll, Dr. Vornoff, entre outros.

## **A CRIATURA E O CRIADOR**

Segundo Nazário (1998), o drama de Frankenstein insere-se no contexto romântico do Iluminismo. Um engano comum é inverter os nomes da criatura e do criador. Frankenstein refere-se ao personagem do cientista que deu origem ao experimento: Victor Frankenstein. Já a criatura, ao longo de toda a obra, sequer possui o direito de um nome próprio concedido. Esse anonimato na obra não é desintencionado.

A identificação entre a criatura e o criador é tão significativa que os nomes costumam ser trocados e confundidos, inclusive em reproduções teatrais e

cinematográficas (NAZÁRIO, 1998). Além disso, “para além dessas lendas, é a sonoridade do nome de Frankenstein que evoca algo monstruoso, adequando-se mais à Criatura do que ao criador” (NAZÁRIO, 1998, p.113). Desmerecedor de nome próprio, a criatura recebe o nome de tudo aquilo que comporta o mal: diabo, entre outros.

O crítico literário aponta que um dos paradoxos da história é a criatura de Frankenstein ser mais humana do que o seu criador. Afinal, “o livro de Mary Shelley suscita uma identificação do leitor com aquilo que o monstro tem de humano” (NAZÁRIO, 1998, p.109). O fato de ter sido produto do retalho de outros corpos intensifica a carnalidade da experiência levada a cabo por Frankenstein. A criatura que surgiu, de tal modo, dá origem a uma espécie de rompimento com as leis da natureza e o seu movimento de vida e morte, sendo sua criação marcada por essa descontinuidade

Victor Frankenstein, para alguns, personifica a redenção científica, que em seus progressos viria para dominar a provação da finitude da vida, mas que, entretanto, é incapaz de amar a sua cria. O embate entre homem e ciência também pode ser traduzido, adentrando na narrativa da obra, no conflito entre o ser humano e as limitações e percalços impostos pela natureza. A questão do desamparo, a qual nos debruçaremos, surge a partir da posição do homem diante daquilo que possui um fim.

Como homem envolvido no espírito do seu tempo, Freud, em determinados momentos da sua obra, acreditava no avançar científico frente às inquietudes do homem, inclusive quanto aos seus próprios desejos, que pareciam lhe escapar. Em *Totem e Tabu* (1913/2006), por exemplo, apresenta três visões do homem acerca do universo que o rodeia: a fase animista, que se corresponde com o narcisismo infantil; a fase religiosa, relacionada à escolha dos objetos; por último, a fase científica, em que o indivíduo alcança maturidade a partir das adequações à realidade.

Em outros momentos, contudo, passa uma visão pessimista acerca dessa apropriação científica pelo homem, em razão da sua destrutividade: “As criações humanas são facilmente destruídas, e a ciência e a tecnologia, que as construíram, também podem ser utilizadas para sua aniquilação” (FREUD, 1927/2006, p. 16).

## **A PERGUNTA DOS MONSTROS**

Para Cohen (2000), os monstros, de uma maneira geral, revelam e materializam os sentimentos de uma determinada época e lugar, o que o leva a dizer que “o corpo

monstruoso é pura cultura” (p. 27). Dentro do significado do termo monstro existe a noção do estranho, do que está fora do lugar e do que não é natural aos olhos da razão. Dessa forma, trata-se de uma figura que pressagia a reordenação, a revolução e a transgressão (NAZÁRIO, 1998). Para Freud (1919/2006), “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (p. 305), alienado pelo processo de repressão.

Essa aparente ambiguidade é provocada pela operação da repressão, por um lado, e pelo retorno do recalçado, por outro. No mesmo texto ele acrescenta que “a morte aparente e a reanimação dos mortos têm sido representadas como temas dos mais estranhos” (FREUD, 1919/2006, p. 263). Alerta, contudo, que o estranho presente nas obras imaginativas, como a literatura, possui uma natureza diferente do que é experimentado na vida real, pois seu conteúdo não é defrontado com o teste de realidade. Além disso, Freud chama atenção para o fato de que nem tudo o que é assustador é, ao mesmo tempo, estranho, sendo o último relacionado ao recalçado que submerge. Podemos hipotetizar, desse modo, se o fascínio provocado pela criatura de Frankenstein não nos diz algo da noção de um estranho familiar, já trabalhado por Freud.

A confusão gerada sobre uma possível classificação para o que é a criatura de Frankenstein não é à toa: trata-se um autômato, um morto-vivo, um novo tipo de ser humano?

[...] essa recusa a fazer parte da 'ordem classificatória das coisas' vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma - suspensa entre formas - que ameaça explodir toda e qualquer distinção” (COHEN, 2000, p. 30).

A mirabolância do experimento do Dr. Frankenstein não reveste a sua obra de um caráter sagrado, mas é vivida com culpa e aturdimiento. No universo da criação imaginária, os monstros são compreendidos aqui, então, como espelhos do estranho mais íntimo. Nazário (1998) chama atenção da associação feita entre feiúra e maldade, que como demonstra diversas passagens do livro, custam à criatura cenas em que ele é violentado. O espelho possui um caráter objetificador ao ser humano quando imprime a marca da realidade a esse olhar especular sobre si. Nazário (1998), nesse sentido, lembra de um ataque comum ao outro: “Por que você não se olha ao espelho?”. A partir dessa ideia, podemos conjecturar a criatura de Frankenstein como

uma objetificação ou materialização da sua subjetividade, naquilo que o processo criador possui de refletor da intimidade do sujeito.

O monstro, então, é sempre o outro: “Desde tempos imemoriais, a dominação deformou a imaginação humana, que não cessa de investir e de projetar, sobre o outro, a imagem do monstro, para que possa matá-lo” (NAZÁRIO, 1998, p. 285). A psicanálise, contudo, aponta para a negação do que há de mais íntimo na figura do estranho.

Da promessa de um novo tipo de humano, desacomodado da necessidade da reprodução sexual, a Criatura de Frankenstein trespassa barreias antes impostas pela natureza e pela realidade: “O monstro é transgressivo, demasiadamente sexual, perversamente erótico, um fora-da-lei: o monstro e tudo o que ele corporifica devem ser exilados ou destruídos. O reprimido, entretanto, como o próprio Freud, parece sempre retornar” (COHEN, 2000, p. 48).

## **ADENTRANDO O DRAMA DA HISTÓRIA**

Frankenstein inspirava-se, em grande parte, na determinação dos alquimistas em sua busca para revolucionar a matéria, interessando-se, por exemplo, pelo elixir que garantiria a continuidade da vida sobre a morte. O livro começa com uma carta escrita por R. Walton endereçada para a sua irmã, a Senhora Saville. Nesse documento, Walton fala dos seus planos juvenis de embarcar em uma grande aventura marítima ao Pólo Norte, que estava próxima de se tornar realidade: “Eu bem poderia ter escolhido uma vida de luxo e prazer; mas preferi a glória a todos os atrativos da riqueza”<sup>2</sup>.

Na quarta carta presente no início do livro Walton relata um acidente estranho para a sua irmã, quando vislumbrou, de longe, uma criatura gigantesca, mas com aspecto humano, que estava sendo transportado por cães em um trenó, e que depois acabou se perdendo na paisagem. Em outro momento, a equipe da embarcação se depara com outro sujeito enfraquecido e próximo da morte, ao qual Walton oferece hospedagem e cuidados. Após o convívio no navio e a criação de um laço de proximidade, o indivíduo, que é o próprio médico Victor Frankenstein, percebe que

---

<sup>2</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p.9.

Walton possui desejos intensos similares aos que o levaram a seu infortúnio, decidindo então contar-lhe a sua história, para que seu ouvinte possa tirar algum proveito de sua experiência. A partir daí, inicia-se o primeiro capítulo da obra.

Vemos que Victor, no início do livro, é empático com os sentimentos e a força do desejo de glória do aventureiro Walton, antecipando, contudo, as possibilidades de sofrimento justamente por conta de suas acentuadas ambições. Victor inicia a sua narrativa falando do seu pai, uma figura conhecida e dedicada às funções públicas, que ao visitar a casa de um velho amigo que havia enfrentado graves dificuldades financeiras e foi morar em outro país, acaba encontrando a filha desse colega, sua futura esposa.

A aliança entre os pais de Victor é marcada pela caridade e o altruísmo voltado para os desprovidos de carinho e suporte. Algum tempo depois, uma criança é adotada pelo casal, Elizabeth, pela qual Victor nutria adoração: “Passei a olhar Elizabeth como uma dádiva, uma coisa minha, que eu teria de amar e proteger minuto a minuto”.<sup>3</sup>

Desde cedo, Victor nutre paixão pela curiosidade e o conhecimento, obstinado pelo mistério das origens: “Para mim, o mundo era um segredo que eu procurava desvendar”<sup>4</sup>. Em suas pesquisas sobre as ciências naturais, nascia em Victor sua obsessão pela busca do elixir da vida, o que permitiria, em suas primeiras fantasias, “banir a doença do organismo humano, tornando o homem invulnerável a todas as mortes”<sup>5</sup>. Após experienciar com fascinação a destrutividade de um raio lançado pela natureza em um carvalho, o jovem Victor deixa de lado os conhecimentos advindos da história natural para se dedicar à investigação da matemática, em busca de uma maior exatidão.

Para Freud (1915/2006), a morte é um acontecimento natural da vida. Entretanto, a negação da sua própria condição de finitude faz com que o ser humano, inconscientemente, esteja convencido da sua própria imortalidade, silenciando sempre que possível este fato. Nesse sentido, “a própria morte também é

---

<sup>3</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p.29.

<sup>4</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p.30.

<sup>5</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p.34.

inconcebível, e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores" (p. 230).

Pouco antes de ingressar na universidade, Victor vivencia a dor da morte de sua mãe, após conseguir cuidar de Elizabeth: "Não cabe descrever os sentimentos daqueles cujos laços de afeto se romperam pelo mais irreparável dos males: nas faces, o desespero, e em torno, o vazio"<sup>6</sup>. Esse acontecimento parece intensificar a sua obstinação em explorar as forças desconhecidas que regem a criação.

O estudo da vida, segundo o pensamento de Victor, deveria passar primeiramente sobre a morte, os processos de deterioração, a finitude do corpo humano, elementos "suscetíveis de ferir a delicadeza do sentimento humano"<sup>7</sup>. A morte tornava-se uma afronta para o cientista. Em trecho poético de *O Futuro de Uma Ilusão*, Freud (1927/2006) fala dos limites que fazem parte da experiência humana em sua aventura civilizatória, incluindo a inevitabilidade da morte:

Ninguém, no entanto, alimenta a ilusão de que a natureza já foi vencida, e poucos se atrevem a ter esperanças de que um dia ela se submeta inteiramente ao homem. Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificados como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização (p. 10).

Em *Sobre a Transitoriedade*, Freud (1915/2006) inicia o texto relatando uma caminhada por um campo na companhia de um amigo e um poeta. Apesar da beleza do lugar, narra que o poeta não conseguia extrair nenhuma alegria daquela paisagem, afinal, ela estava destinada à extinção com a chegada do inverno, o que a revestia de transitoriedade. Em um trecho posterior, após refletir sobre a beleza e o tempo, Freud sugere que o que prejudicou a fruição da beleza pelos seus companheiros foi uma incapacidade de vivenciar o luto: "A ideia de que toda essa beleza era transitória comunicou a esses dois espíritos sensíveis uma antecipação de luto pela morte dessa

---

<sup>6</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 38.

<sup>7</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 34.

mesma beleza [...]” (p. 346). Remetemos esse texto de Freud à incapacidade do Doutor Frankenstein de suportar a finitude das coisas, transformada então em arrogância e vaidade.

Durante suas pesquisas, como em uma revelação, Victor se espanta com uma luz de conhecimento que havia alcançado pelos seus próprios esforços: a causa fundamental da geração da vida: "Eu tinha a fórmula. Faltava-me a matéria-prima. Onde e como obtê-la?"<sup>8</sup>. Entre suas motivações; fala no rompimento dos laços entre a vida e a morte; a criação de uma nova espécie pura e feliz, que iria dever-lhe a existência; a própria vitória da ressurreição. A matéria-prima obtida por Victor para compor o seu experimento advinha de corpos humanos em necrotérios e matadouros. Interessante notarmos que a criatura não é reanimada a partir de um sujeito específico, mas da costura de vários corpos.

## **A CRIATURA NASCENDO DE DOIS ESPANTOS**

"Respirou. Sim, respirou com esforço, e um movimento convulso agitou-lhe os ombros"<sup>9</sup>. Nesse momento, a criatura de Frankenstein abre os olhos. Uma terrorífica surpresa se abate sobre Victor, entretanto, ao se deparar com as feições horrendas da sua criação: "Eis que, terminada minha escultura viva, esvaía-se a beleza que eu sonhara, e eu tinha diante dos olhos um ser que me enchia de terror e repulsa"<sup>10</sup>. Destituído da inscrição subjetiva do outro, a criatura sente-se abandonada a esmo em um mundo ameaçador.

A questão do desamparo foi bastante trabalhada por Freud (1925/2006) no seu texto Inibições, Sintoma e Ansiedade. Segundo ele, "uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A ansiedade é a reação original ao desamparo no trauma, sendo reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda" (p. 192). O autor conecta a questão do desamparo emocional à necessidade biológica do sujeito por alguém que ofereça cuidados: "O homem não parece ter sido dotado, ou ter sido dotado num grau muito pequeno, de

---

<sup>8</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 48.

<sup>9</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 52.

<sup>10</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 53.

reconhecimento instintual dos perigos que o ameaçam de fora” (p. 163). Nesse mesmo texto, Freud posiciona o nascimento como uma experiência protótipa de desamparo.

Ferenczi, lançando mão dos conceitos de Freud, afirma que nos primeiros anos do humano está mais próximo do não-ser do que do ser, ressaltando então a importância de um ambiente acolhedor, de forma que: "A criança deve ser levada, por um prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados, a perdoar aos pais por terem-na posto no mundo sem lhe perguntar qual era a sua intenção pois, em caso contrário, as pulsões de destruição logo entram em ação" (FERENCZI, 1929/1992, p. 50).

Ao adormecer após a fuga quando conhece a sua criação, a qual descreve como demoníaca, Victor tem um pesadelo: "Sonhei que via Elizabeth passeando, vaporosa, pelas ruas de Ingolstadt. Surpreso, abracei-a, mas quando a beijei, seus lábios adquiriram a lividez da morte; suas feições se contraíram e, numa transmutação, apertei conta mim o cadáver de minha mãe. Uma mortalha envolvia-lhe as formas e vi os vermes da sepultura subindo pelas dobras do pano"<sup>11</sup>.

Isolado, a criatura permanece sozinha em seu lugar, enquanto Victor vagueia pelas ruas como fugindo das sombras que o perseguiram. Sucedido o seu experimento, Victor se dizia com aversão a tudo o que remetia à ciência natural. Acreditando estar livre da sua criação, seguia uma vida tranquila e o cientista já planejava uma mudança de cidade.

Na obra, portanto, a criatura carece de uma figura socializadora. Os circuitos pulsionais do sujeito são constituídos a partir do seu desamparo primordial e da necessidade de um outro que lhe invista, em Freud representado pelas figuras parentais. Para a psicanálise, o encontro com o desamparo é inevitável, ou seja, constituinte do que é o humano, em razão da sua dependência do outro, sublinhada pelo estado de neotenia do bebê. O ser humano, dessa forma:

---

<sup>11</sup> SHELLY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 32.

[...] nasce prematuramente no sentido de que apresenta, em relação a qualquer espécie do reino animal, uma prolongada deficiência de maturação neurológica, motora, que o deixa em um estado de absoluta dependência e desamparo. Em contraste com a lentidão da maturação motora, o desenvolvimento dos órgãos dos sentidos da criança é relativamente precoce e rápido: ela começa a sentir calor e frio desde o nascimento, a ouvir a partir das primeiras semanas, a olhar por volta do primeiro mês e assim por diante (ZIMERMAN, 2007, p. 85).

Tal estado de dependência e seu conseqüente sentimento de desamparo vivo em determinados momentos permaneceria inscrito em nosso psiquismo ao longo de toda a vida. A ideia de prover vida a alguém que já morreu toca o nosso próprio desamparo frente à finitude, na esperança de superar essa limitação e dar uma continuidade ao que antes era um limite intransponível. Assim, podemos conjecturar se a criatura não é uma gênese do desamparo – representado pelo personagem científico e ambicioso de Victor Frankenstein.

Ao regressar para sua casa após um passeio, Victor recebe uma carta do pai, anunciando a morte do seu irmão, William, em um misterioso assassinato. De volta à cidade com o intuito de reunir-se com os familiares, o cientista defronta-se com uma visão, que logo desaparece escalando uma montanha: “Com sua estatura gigantesca, ali estava, em toda a sua hediondez, o próprio monstro, o demônio a que eu dera vida. Que fazia ali a criatura? Seria ele – estremeci ao pensá-lo – o assassino de meu irmão?”<sup>12</sup>. À parte de um lugar próprio na humanidade, a Criatura vai atrás de quem o gerou.

Victor estremece-se ante o seu perseguidor, que com vontade própria no sentido de provocar o mal, obstinava a destruição de tudo que lhe fosse precioso. Chegando na casa dos seus familiares enlutados pela morte de William, descobre que uma falsa acusação pesava sobre a babá Justine Moritz, que acaba sendo condenada pelo assassinato. Victor não se autoriza a contar o que sabe acerca do caso, sob a chance de ser tomado como louco, devorando-se então em culpa: “Tais eram os sentimentos que me enegreciam a alma, e que pareciam profetizar, na visão dos que em vão choravam sobre os túmulos de William e Justine, apenas as primeiras vítimas das minhas artes diabólicas”<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 70.

<sup>13</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 80.

Em outro momento da obra, Victor se depara mais uma vez com a sua criação, após a morte de William e Justine, durante passeio em um vale montanhoso. Nesse momento, a criatura fala pela primeira vez na narrativa: “O destino dos desgraçados é ser odiado por todos. Mas por que devo ser odiado, eu, que sou mais miserável que todos os viventes?”<sup>14</sup>. Após breve confronto físico, a criatura anuncia condições para que a morte não venha a acometer outras pessoas, como uma chance de entendimento, convidando primeiramente Victor a conhecer aquilo que havia lhe transcorrido no convívio dos homens.

Nesse ponto, a criatura torna-se a narradora da sua própria história. “Quanto a mim, em vez de um novo Adão, sou o anjo decaído que você priva do direito à alegria, sem que me caiba culpa”<sup>15</sup>, afirma para o seu criador. Ele também o questiona “Se você, que é meu criador, me renega, que posso esperar de seus semelhantes, que nada me devem?”<sup>16</sup>.

Rememorando os primeiros dias da sua existência, a criatura narra a sua dificuldade em apreender a realidade que, subitamente, lhe era apresentada: “Estranha multiplicidade de sensações apossara-se de mim”<sup>17</sup>. Quando não era a luz forte que o acometia, a escuridão o desnor-teava. Sozinho e pouco capaz de distinguir aquilo que estava à sua volta, dizia, entretanto, já conhecer desde o início a dor.

À criatura não se é concedida uma posição como sujeito desejante. Sua própria constituição física é fragmentada, retalhada entre corpos inorgânicos. Remetemos essa experiência à descontinuidade experienciada pela Criatura relativo aos circuitos do autoerotismo e do narcisismo, além da formação de um eu integrado. Rocha (2012), por exemplo, nos lembra que a descoberta da unidade do corpo se dá a partir da transformação do autoerotismo para o narcisismo da criança. É através dessa estruturação que o sujeito possui as condições necessárias para que se constitua como um ser desejante. Sem a ilusão da autossuficiência, proporcionada pelo investimento afetivo dos cuidadores, o desamparo primordial intensifica-se de maneira terrorífica.

---

<sup>14</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 93.

<sup>15</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 94.

<sup>16</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 94.

<sup>17</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 97.

Com esforço, passou a diferenciar melhor suas sensações e percepções, distinguindo as árvores que ofereciam sombra, as aves que emitiam agradáveis sons, a água que aplacava a sua sede. Andando a esmo pela cidade, em busca de abrigos improvisados e alimento, a criatura era recebida ora com repugnância ora com ódio por aqueles com quem cruzava. Mesmo nessa trajetória opressora, emocionava-se com alguns episódios, como quando ouviu, pela primeira vez, o som de um instrumento musical.

Protegido em uma cabana, observava o funcionamento de uma aldeia pobre, entre a luta pela sobrevivência diária e as relações que aquelas pessoas mantinham umas com as outras: “Vim a saber que essa gente tinha um meio de comunicação recíproca de seus atos e sentimentos, através de sons articulados. Percebi que esses sons causavam prazer ou dor, sorrisos ou tristeza, no espírito e semblante dos que se comunicavam”<sup>18</sup>. Preso em seu desamparo, a criatura experimenta o mundo e sua relação com os outros sob o viés da exclusão.

Diante do seu reflexo, amedrontou-se: “E que terror senti quando me vi refletido numa poça de água! A princípio, recuei assombrado, incapaz de crer que aquela era minha imagem, e quando me convenci de que era na realidade o monstro que sou, fui assaltado pelo desespero e me senti extremamente mortificado”<sup>19</sup>. Ao invés da ilusão necessária da autossuficiência, a criatura de Frankenstein é lançada em uma dolorosa experiência de miséria afetiva, atraindo a destrutividade daquilo que não recebeu continência.

Através da escuta de grandes relatos contidos nos livros de História que eram discutidos na aldeia, depreendia que “o ser humano era, a um só tempo, poderoso, virtuoso e magnífico, tanto quanto vil e cheio de vícios. Tão depressa personificava tudo quanto se possa conceber de nobre e divino, quanto se transmudava na própria essência do mal”<sup>20</sup>. A travessia da Criatura entre os limiares do humano e do não-humano nos remete à capacidade da figura do monstro de diluir tais distinções e fronteiras, exigindo a abertura das categorias tradicionais de conhecimento (COHEN,

---

<sup>18</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 107.

<sup>19</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 108.

<sup>20</sup> SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 114.

2000). Assim, “ao revelar que a diferença é arbitrária e flutuante, que ela é mutável antes que essencial, o monstro ameaça destruir não apenas os membros individuais de uma sociedade, mas o próprio aparato cultural por meio do qual a individualidade é construída e permitida” (p. 40).

Ao comparar-se com outros seres, a criatura inferia que não poderia ser considerado como humano: “Olhando e perscrutando pelas redondezas, não vi nem ouvi alguém que se me assemelhasse. Então eu era um monstro, uma nódoa na terra, da qual todos os homens fugiam e a quem ninguém queria reconhecer por seu igual!”<sup>21</sup>. No texto *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, Freud (1914/2006) sugere que a auto-estima está ligada à libido narcisista, de forma que a vivência da impotência, a incapacidade ao amor e perturbações físicas e mentais afetam esse aspecto no sujeito.

Após algum tempo de observação, a criatura fica sabendo da história trágica que havia levado aquela família até a sua situação atual, envolvendo a paixão de Felix, um dos moradores, por uma mulher, a tentativa de salvar o seu pai da prisão em nome do novo amor, que resultou na condenação e exílio de Felix e os demais.

Em uma noite, durante um passeio pelos arredores da sua cabana, a criatura se depara com uma mala com três livros e resolve apoderar-se deles: *Paraíso Perdido*, *Vidas Paralelas* e *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Sobre sua imersão na literatura, dizia que aquelas obras o causavam êxtase, ao mesmo tempo em que, frequentemente, o lançava a uma profunda depressão. Segundo Nazário (1998) “Na psique da Criatura, há uma nítida oposição entre natureza e sociedade, com preferência pela natureza, onde não há espelho que a reflita, nem pai que a socialize” (p. 286). A inclinação da criatura de Frankenstein pela literatura pode representar essa maior proximidade com o que é da natureza, em contraposição àquilo que tem as mãos do homem.

“Tal como Adão, eu não era ligado por qualquer elo a outro ser existente”<sup>22</sup> relata o personagem de Shelley. A certa altura, a criatura decide que havia chegado a hora de apresentar-se para a família, que lhe parecia tão respeitosa e digna de admiração.

---

<sup>21</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p.115.

<sup>22</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 114.

Para isso, acredita que sua chance estaria no ancião De Lacey, que por ser cego, não iria se amedrontar com o aspecto físico de sua visita. Esse encontro, entretanto, termina em tragédia. Antes de começar a contar a sua história, o restante da família – Felix, Safie e Agatha – reaparecem na aldeia e, ao se depararem com a criatura, são acometidos por terror e pânico, em que Felix responde agredindo a criatura até afugentá-la para a floresta.

“A partir daquele instante declarei guerra à espécie humana e, mais do que todos, concentrei meu ódio naquele que me havia criado, arrojando-me àquele caos”<sup>23</sup>, anunciava através da sua narração. Após refletir com mais calma, lhe vem a possibilidade de ter passado por um mal entendido, contudo, ao regressar, descobre que a família, assustada com o que havia acontecido, resolve sair do local, nunca mais tornando a vê-los.

Em seguida a essa situação, a criatura condena o seu criador: “Dotara-me de um cérebro e de um coração, de percepções e paixões, e me deixara ao léu, alvo do escárnio e da perseguição da humanidade”<sup>24</sup>. Decidi, então, direcionar a sua revolta para aquele que o colocou no mundo em situação tão trágica, aproveitando-se de algum conhecimento de geografia para procurar Frankenstein onde quer que estivesse.

Para Nazário (1998), Frankenstein substitui a “relação sexual procriadora pela masturbação procriadora” (p. 100), destituindo a necessidade do outro na geração de um ser, lançando mão de matéria inorgânica – corpos sem vida –, engenharias mecânicas e das próprias forças da natureza – o uso dos raios. Apesar de ser revivido como um ser humano com características de desenvolvimento maturacional físico, a criatura de Frankenstein era dependente da provisão ambiental como um recém-nascido. O descompasso entre a aparência da criatura e a sua necessidade de proteção é, portanto, uma das características do personagem.

Durante o seu percurso, atravessando ainda outras situações de repulsa e hostilidade, a criatura explica como realizou o assassinato do irmão de Victor Frankenstein, incutindo ainda a responsabilidade pelo crime para a babá, que acabou condenada.

---

<sup>23</sup>SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 131.

<sup>24</sup>SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 134.

Após narrar sua história, a criatura faz o seu pedido: “O ser humano jamais aceitará minha companhia, mas alguém tão deformado e horrendo como eu não se negará a isto. Minha companheira deve ser da mesma espécie e ter os mesmos defeitos. Você tem de criar esse ente”<sup>25</sup>. Assim, ele poderia afastar-se da humanidade em paz. O desejo por uma relação significativa, faltante na história de vida da criatura de Frankenstein, pode ser entrevisto em sua intensa necessidade de ter uma companheira ao seu lado.

De início, Frankenstein recusa-se veementemente a solicitação da criatura em conceder-lhe alguém do sexo oposto. Contudo, ao perceber a possibilidade de se ver livre de um ser que poderia causar mal para os seus semelhantes, assente à súplica e dá início à obra, percorrendo enquanto isso um longo caminho de viagens.

Passado certo período, Frankenstein pondera sobre sua decisão, e pesa sobre ele a possibilidade de que a sua nova criação poderia aumentar o estrago que havia feito: “Estremeci-me ao pensar na condenação que as gerações futuras poderiam fazer recair sobre mim, que não hesitara em comprar a própria paz ao preço, talvez, do flagelo de toda a raça humana”<sup>26</sup>. Com esse pensamento, destrói o que havia começado, para o desespero e ódio da criatura, que condena Frankenstein a uma vida tão miserável quanto a sua. Posteriormente, a criatura assassina o melhor amigo de Frankenstein, Henry Clerval, deixando ainda a culpa pela morte sob responsabilidade de Frankenstein.

De volta à Genebra, Victor reencontra-se com Elizabeth, com a qual havia trocado cartas confessionais anteriormente: “Somente Elizabeth tinha o dom de arrancar-me a essas crises. Sua doce voz me acalentava, e ela chorava comigo e por mim. Exortava-me com a visão de melhores dias. Ah! sempre existe o consolo da resignação para o infeliz; mas não há paz para o culpado”<sup>27</sup>.

No dia do casamento de Victor com sua prima Elizabeth, a criatura assassina a sua futura esposa. A partir desse acontecimento, dá início à sua busca por vingança, mesmo que essa custe-lhe a vida. A vingança de Victor, entretanto, não é consumada.

---

<sup>25</sup>SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 134.

<sup>26</sup>SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 161.

<sup>27</sup>SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 184.

O cientista acaba morrendo no navio de Walton. Ao cometer o assassinato do seu criador, a criatura pode enxergar a possibilidade de finalmente possuir sua identidade, mesmo que seja a de monstro, marca sob a qual era marginalizado.

O corpo de Victor é visitado pela criatura, que, no final, expressa sua culpa: "Erguerei uma pira e consumirei até as cinzas este arcabouço miserável, de modo a que não possa restar de seus despojos o mínimo indício da minha imagem que possa orientar algum outro desavisado na tentativa de percorrer a senda maldita do meu criador, procurando refazer a sua obra"<sup>28</sup>.

#### Considerações finais

Para Cohen (2000), os monstros fazem uma pergunta fundamental aos humanos: Por que nós fomos criados? Em sua busca pelo ilimitável, o cientista deparou-se com a demanda de amor daquilo que vive e sente. A criatura de Frankenstein, em seu nascimento instrumentado pelas possibilidades da ciência, revive novamente o desamparo e a ansiedade de separação ao encontrar-se repudiado pelo seu genitor, aqui desempenhado na figura do médico que lhe dá a vida. Mesmo fisicamente capacitado para buscar o seu próprio alimento, a criatura não deixava de carecer do investimento afetivo necessário para a constituição de uma segurança no mundo pelo sujeito.

A continência do ambiente é fundamental para desenvolver no ser humano a segurança de que sua angústia frente ao mundo pode ser suportada e, então, elaborada de forma criativa. Tanto o cientista quanto a sua criatura representariam, por esse olhar, conflitos internos e dilemas da humanidade, falando assim de sentimentos e vivências profundas.

A marca da alteridade, nesse sentido, é constitutiva na formação e no sentido do eu. A criatura de Frankenstein reconhece-se como monstro a partir do não reconhecimento do outro, difundindo seu desajuste para a própria experiência social de uma maneira geral. Para ser respondida de forma segura, a pergunta "quem, afinal, sou eu?" necessita da assinatura tanto da alteridade como da identificação.

O monstro é entendido aqui como um ser demasiadamente humano. A sua representação como o oposto da humanidade pode ser entendido, em grande parte,

---

<sup>28</sup>SHELLEY, Mary. Frankenstein. São Paulo: Publifolha, 1998, p. 214.

através do conceito de estranho em Freud: aquilo que não reconhecemos no consciente, mas que no fundo seja da maior intimidade. Na figura do monstro, o demasiadamente humano é perseguidor e ameaçador, causador de medo e repulsa. O drama da criatura revela o humano.

Diante da falta de um continente para seu desamparo primordial, a criatura, desde o seu nascimento, é destituída de uma posição no laço social. O desamparo humano face à sua insuficiência para sobreviver o lança à dimensão da demanda por amor. Os monstros ou as figuras monstruosas, presenças constantes nas construções ficcionais das artes, revelam aspectos do nosso imaginário, desejos inconscientes, conflitos reprimidos, vazios incontornáveis. De tal maneira que esses seres são produções da imaginação humana, produções fantasmáticas que abrem caminhos para a melhor compreensão acerca do nosso próprio psiquismo. Falar da natureza dos monstros, assim, não é, senão, falar da nossa própria natureza.

A criatura de Frankenstein carrega consigo a marca da inadequação, do aniquilamento e do não-ser. Contudo, o verdadeiro nascimento humano se dá através da troca de afetos, no início, principalmente com seus cuidadores mais próximos, e a partir daí, com o meio. O sentimento de ser não provém do nascimento, mas da experiência. De tal maneira, a obra levanta questionamentos éticos que cruzam o tempo.

## REFERÊNCIAS

- BLOOM, H. Posfácio. In: SHELLEY, Mary. Frankenstein. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FERENCZI, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: FERENCZI, Sándor. Obras completas – Vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 1929/1992.
- FREUD, S. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1907/2006.
- \_\_\_\_\_. O Estranho. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago, 1919/2006.
- \_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI) Rio de Janeiro: Imago, 1927/2006
- \_\_\_\_\_. Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago, 1925/2006.
- \_\_\_\_\_. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XVI). Rio de Janeiro: Imago, 1915/2006.
- \_\_\_\_\_. Resposta a um questionário sobre leitura. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago, 1906/2006.
- \_\_\_\_\_. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago, 1901/2006.
- \_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1914/2006.
- \_\_\_\_\_. Sobre a transitoriedade. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1915/2006.
- \_\_\_\_\_. Totem e tabu e outros trabalhos. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1913/2006.
- NAZÁRIO, L. Da natureza dos monstros. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- ROCHA, Z. O papel da ilusão na psicanálise Freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 15, n. 2, p. 259-271, 2012.
- VILLARI, R. A. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 20, n. 2, p. 2-7, 2000.
- ZIMERMAN, D. Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus. Porto Alegre: Artmed, 2007.

## **THE MONSTER ALL TOO HUMAN: THE VIEW FROM PSYCHONALYSIS ABOUT HELPLESSNESS**

### **ABSTRACT**

The purpose of this work is to think about the concept of helplessness from the psychoanalytical view further adding other discussions that we consider important based on the novel *Frankenstein (or the Modern Prometheus)*, written by Mary Shelley in 1918. In this sense, we use the literature as a tool for reflection on psychoanalysis, making reference to the own development of the early considerations of Freud. We also analyze the monster's role in the social imaginary making connection with the conception of the strangely familiar. We understand that the work raises ethical and existential questions that cross time approaching human nature itself and its pulsional settings.

**KEYWORDS:** Literature. Psychoanalysis. Frankenstein. Helplessness. Monster.

## LE MONSTRE TROP HUMAIN: LE PERSPECTIVE DE LA PSYCHANALYSE SUR L'ABANDON

### RÉSUMÉ

La proposition de se travaille est de nous faire penser au concept de l'abandon sous le regard psychanalytique, incluant d'autre discussion que nous considérons importante, ce à partir de l'œuvre Frankenstein (ou Le Prométhée Moderne), écrit par Mary Shelley en 1818. Dans ce sens nous utilisons la littérature comme un instrument de réflexion de la psychanalyse, nous rapportant au propre développement des considérations initiales de Freud. Nous analysons aussi le rôle du monstre dans l'imaginaire social, le plaçant en relation avec le concept d'étranger familial. Nous comprenons au final, que l'œuvre mes en évidence des questions éthiques et existentielles qui traversent le temps, nous rapportant à la propre nature humaine et ces configurations pulsionnelles.

**MOTS-CLÉS:** Littérature. Psychanalyse. Frankestein. Abandon. Monstre.

Recebido em: 23-03-2017

Aprovado em: 20-04-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

# ESCRITA E EMBRIAGUEZ EM FERNANDO PESSOA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

*Yrismara Pereira da Cruz<sup>1</sup>*

*Raul Max Lucas da Costa<sup>2</sup>*

## RESUMO

O presente trabalho objetiva investigar a relação entre escrita e embriaguez em Fernando Pessoa a partir do referencial teórico da psicanálise, para isso adotou-se o método da psicanálise aplicada. Constatou-se por meio da análise dos escritos que o álcool e a escrita em Pessoa se entrelaçam no sentido de ambas serem utilizadas como medidas paliativas frente ao mal-estar, e por terem o efeito de "narcose", modificando-se apenas no grau de moderação. Outra relação observada entre álcool-escrita se deu no sentido de ambas estarem atreladas ao corpo. Desta forma, concluiu-se que uma escrita-alcoolizada em Pessoa é possível no sentido que nem toda ação tóxica desencadeia efeitos nocivos, e que a associação álcool-escrita pode proporcionar uma relação entre a fantasia e a realidade gerando um apaziguamento do sujeito frente ao mal-estar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernando Pessoa. Escrita. Embriaguez. Escrita-alcoolizada. Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE. Rua Antônio Dias Sobreira, 442, 63020-110, Bairro Limoeiro, Juazeiro do Norte, CE. (88) 98878-3708. [yrismaracruz@hotmail.com](mailto:yrismaracruz@hotmail.com).

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Licenciado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando em Psicologia pela UNIFOR. Professor do curso de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE. Rua Gilder Fernandes Gonçalves, 176, 63024-130, Bairro São José, Juazeiro do Norte, CE. (88)98812-3335. [raulmax@leaosampaio.edu.br](mailto:raulmax@leaosampaio.edu.br)

## **INTRODUÇÃO**

Fernando Pessoa é um dos mais importantes poetas contemporâneos, e o maior da literatura portuguesa, conhecido como o poeta da dissonância, é um dos poucos casos de heteronímia na literatura universal. Pessoa escreveu, pela vida, perto de 30 mil papéis, algo equivalente a quase 60 livros de 500 páginas. No que diz respeito a temática dos seus escritos, eles estavam relacionados quase sempre a ele mesmo ou aos seus "eus", assim como à família, amigos, admirações literárias, mitologia, ritos iniciáticos, vida, morte, bebida (CAVALCANTI FILHO, 2011).

Desde a infância, a leitura e a escrita estiveram presentes na vida de Fernando Pessoa, com isso, podendo-se dizer que a "sua vida estava atrelada a escrita de modo que tudo que estava a sua volta era trasladado para o real da escrita" (NOBRE, 2010, p. 208). No que diz respeito aos laços sociais que o mesmo mantinha, vale destacar que Pessoa tinha poucos amigos, visto que suas amizades se restringiam aos círculos literários. Desta forma, sendo o isolamento sua outra marca.

Fora o vício pela leitura e a escrita, na biografia de Fernando Pessoa o consumo de bebidas alcoólicas com o cigarro é ressaltado. No que se refere à prática de beber de Fernando Pessoa, vale elucidar que é uma temática que gera discordância entre os biógrafos, críticos literários, familiares, amigos e leitores; sendo que até mesmo a causa de sua morte, que no primeiro momento foi atrelada ao consumo exacerbado de bebidas alcoólicas (que por ventura lhe causou cirrose hepática), é contestada.

Desta forma, não se sabe se a tentativa de negar um possível alcoolismo em Pessoa acontece com o intuito de "limpar" a história de vida do poeta ou se o consumo de bebida por ele não se dava de forma exacerbada como se diz. No entanto, o que se sabe é que, de forma exagerada ou não, Pessoa consumia bebidas como, por exemplo, o vinho e a aguardente, e essa relação álcool-Pessoa pode ser observada através dos seus escritos. "Todos os meus gestos mais certos, as minhas ideias mais claras, e os meus propósitos mais lógicos, não foram, afinal, mais que bebedeira nata" (PESSOA, 2000, p.173).

Mediante o consumo de bebidas alcoólicas por Fernando Pessoa, o presente trabalho tem como problemática a seguinte: os escritos pessoanos que abordam o verbete beber, podem ser associados ao uso que o mesmo fazia, sendo uma "escrita-alcoolizada"? Como a psicanálise posiciona-se diante dessa possível relação?

O que se sabe, a priori, é que para a psicanálise, a análise de obras literárias e produções artísticas é uma ferramenta importante para o entendimento das manifestações do inconsciente. Exemplos deste tipo de prática, no campo psicanalítico, podem ser representados pela análise de casos como o de Leonardo da Vinci feita por Freud e Joyce em Lacan (NOBRE, 2010).

No que diz respeito à ligação entre álcool e escrita para a psicanálise, inicialmente não se tem produções que liguem ambos diretamente, com isso, a relevância deste trabalho é resultado do intuito de contribuir dentro deste campo de investigação, buscando compreender se álcool e escrita entrelaçam-se. Desta forma, o objetivo do presente trabalho é investigar a relação entre a escrita e a embriaguez em Fernando Pessoa a partir da psicanálise.

Para essa análise, temas como as fontes de sofrimento frente ao mal-estar, abordadas por Freud (1930/2010), assim como os meios de amenizá-las serão explanados; as contribuições de Freud e Lacan dentro do campo da escrita também serão elucidadas. Desta forma, a partir do referencial teórico-metodológico psicanalítico se buscará compreender se a relação álcool-escrita-produção em Fernando Pessoa pode existir.

## **MÉTODO**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, que segundo Gil (2010) esse tipo de estudo é elaborado em cima de material já publicado (revistas, livros, teses, dissertações, artigos, etc.) e permite investigar uma gama de fenômenos amplos.

Visto que o objetivo da pesquisa é analisar a relação da embriaguez e a escrita em Fernando Pessoa, partindo de um viés psicanalítico, será utilizado, para essa análise, o método da psicanálise aplicada que consiste em três fatores fundamentais: observação, investigação e interpretação; e que se baseia em aplicar o método psicanalítico fora do contexto clínico. Vale elucidar que este tipo de método no campo psicanalítico está presente desde Freud, embora o mesmo não tenha utilizado o termo "psicanálise aplicada", esse tipo de método foi utilizado por ele para analisar obras de arte, a cultura, a sociedade e o funcionamento psíquico do ser humano (KOBORI, 2013).

Para a construção do presente estudo foi feita a leitura de duas biografias sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa, sendo elas: Fernando Pessoa: uma quase

autobiografia, escrita por Cavalcanti Filho (2011); e Fernando Pessoa: uma biografia do íntimo, por Nuno Hipólito (2012/2013). No que diz respeito aos poemas que serão analisados, os mesmos foram selecionados por trazerem no corpo do texto a relação com o beber e a embriaguez.

No que se refere ao referencial teórico-metodológico da psicanálise, para a análise dos poemas e trechos pessoanos que serão analisados no presente trabalho, foram utilizados textos de Freud como os aqui citados: Uma Nota Sobre o “Bloco Mágico” (1925/1996); O escritor e a fantasia (1908/2015); O Mal-estar na Civilização (1930/2010). Conceitos propostos por Lacan, que possuem relação com a proposta do trabalho, como traço unário, identificação, gozo e escrita também foram explanados.

Autores que desenvolvem trabalhos no campo da escrita e psicanálise como Doris Rinaldi, Garcia-Roza e Nadia Ferreira, entre outros, também foram consultados; assim como de áreas afins como Daniel Lins. Também foram feitas pesquisas nas bases BVS-PSI e Scielo com a combinação das palavras-chave álcool, escrita e psicanálise; na busca de artigos, dissertações e teses que abordam a temática aqui estudada.

## **FERNANDO PESSOA: EFEMÉRIDES DE UMA VIDA**

"Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,  
não há nada mais simples  
tem só duas datas — a da minha nascença  
e a da minha morte.  
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus."  
(CAEIRO, 1946/1993)

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu a 13 de junho de 1888 em Lisboa, no Largo de São Carlos, em um apartamento bem em frente ao Real Teatro de São Carlos -o mais rico e elegante de Lisboa. Seu pai, Joaquim de Seabra Pessoa era um empregado público da Repartição de Contabilidade da Secretaria dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, e que durante a noite trabalhava junto à direção do Diário de Notícias, escrevendo pequenas e despretensiosas críticas musicais; sua mãe, Maria Magdalena Pinheiro Nogueira, era um exemplo de mulher culta da época, visto que lia muito, fazia versos, tocava piano, conhecia latim e falava fluentemente francês e alemão; além de inglês (CAVALCANTI FILHO, 2011).

Por volta dos cinco anos Fernando Pessoa perde seu pai, que morre vítima de tuberculose. Com isso, ele passa a morar em um novo endereço mais modesto, visto que a família passava por dificuldades financeiras, junto com a mãe, a avó paterna Diónisia (que sofria de demência e que era constantemente internada em manicômios e que era conhecida por não gostar de crianças) e seu irmão Jorge, que morre com 1 ano de idade, vítima de tuberculose. Vale destacar, que foi neste contexto de mudanças, que com 6 anos surge seu primeiro heterônimo, o Chevalier de Pas, a quem escrevia cartas e lhe servia como amigo (HIPÓLITO, 2012/2013).

No início do ano de 1895, Maria Magdalena, mãe de Fernando Pessoa, resolve casar com o comandante João Miguel Rosa, e após o casamento passaria a morar em terras estrangeiras. No primeiro momento, Fernando ficaria em Portugal com a tia-avó Maria Xavier Pinheiro, no entanto, quando a mãe consultou Pessoa sobre sua partida, surge seu primeiro poema registrado, onde ele escreve para a sua mãe:

à minha querida mamã:  
“Eis-me aqui em Portugal  
Nas terras onde eu nasci  
Por muito que goste delas  
Ainda gosto mais de ti.”  
(PESSOA, apud, HIPÓLITO, 2012/2013)

Em 30 de dezembro de 1895 ocorre o segundo casamento da mãe, o noivo é representado pelo irmão, o general Henrique Rosa, com quem Pessoa, mais tarde, passa a ter acesso a discussões literárias, a conhecer poetas de Lisboa e a se iniciar na prática de beber. O comandante estava em Durban (África do Sul), onde tomava posse como cônsul interino de Portugal, sendo o motivo para o não comparecimento ao casamento. Em 20 de janeiro de 1896, partem de Lisboa a mãe já casada e Fernando Pessoa para morar em Durban com o comandante (CAVALCANTI FILHO, 2011).

No mesmo mês de sua chegada Fernando Pessoa começa a estudar em uma escola de freiras irlandesas — a Saint-Joseph Convent School, situada na rua em que morava; e apesar dos muitos colegas de classe, não conseguia (ou não queria) fazer amigos. Foi na sua morada na África que ganhou irmãos, Henriqueta Madalena (que nos últimos 15 anos de Pessoa seria sua companhia mais constante), Madalena Henriqueta (morta em 25/6/1901, de meningite), Luís Miguel (Lhi) e João Maria (Mimi) (CAVALCANTI FILHO, 2011).

Em 7 de abril de 1899, começa seus estudos na Durban High School, uma escola rigorosa e ao estilo inglês, destinada apenas para crianças brancas do sexo masculino. Tem uma carreira escolar exemplar, sendo considerado um dos melhores alunos. Neste período, já se destacava com o escrito dos seus poemas, chegando a ganhar o prêmio Rainha Victória destinado ao melhor ensaio inglês (HIPÓLITO, 2012/2013).

Em junho de 1901, o padrasto é nomeado cônsul de primeira classe; e com direito a licença, decide passar um ano longe de Durban, indo então para Lisboa. Segundo Hipólito (2012/2013), esta viagem de Fernando Pessoa a Portugal, em 1901, é decisiva para seu ingresso nos escritos portugueses, devido ao fato de que nesta viagem ele passa a ter um contato maior com a língua portuguesa e nele é avivado o gosto de escrever em português. Em 1905, com 17 anos, Fernando Pessoa regressa a Portugal definitivamente, onde permanecerá até a sua morte, tendo ido viver com as tias Maria e Rita e avó Dionísia. De acordo com Cavalcanti Filho (2011), seu regresso a Portugal se deu por dois motivos: o primeiro estaria relacionado a conflitos familiares, onde Fernando Pessoa julgava-se incompreendido por parte da família devido seu estado mental; e o segundo motivo seria seu interesse pela literatura portuguesa e seu gosto de ler e escrever.

Vale destacar que seu interesse em escrever e ler está presente desde a infância, quando aos 3 anos já juntava letras que via em jornais e livros, e aos 4 anos já escrevia frases inteiras. Ainda jovem Fernando Pessoa lia um livro por dia; e com o tempo passa a ler dois por dia, sendo um de poesia ou literatura e outro de ciências ou filosofia. Entre seus escritores favoritos destacam-se Walt Whitman e William Shakespeare, escritores em que Fernando Pessoa inspirou-se continuamente (CAVALCANTI FILHO, 2011).

Com seu regresso a Lisboa, Pessoa passa a ter um maior contato com a literatura através do seu tio Henrique Rosa, irmão do seu padrasto, que era poeta e que foi o responsável por ingressá-lo no meio literário. Em 2 de outubro de 1905, começa a frequentar o Curso Superior de Letras da Universidade de Lisboa; mas, por falta de motivação e por se julgar incompreendido, não conclui o curso (HIPÓLITO, 2012/2013).

Após abandonar o curso de letras em 1908, e por passar a ser cobrado pelas tias no sentido de estabelecer um futuro profissional, ele decide tornar-se independente, indo morar sozinho. Nesse cenário sua avó Dionísia falece, e ele sendo

o seu herdeiro passa a ter recursos financeiros para montar uma tipografia chamada Íbis, que veio a falir. Vale destacar, que em um segundo momento de sua vida, passa a trabalhar nas casas comerciais como correspondente de línguas estrangeiras e posteriormente como tradutor de obras literárias para o português (HIPÓLITO, 2012/2013).

Morando sozinho e tendo recursos financeiros para se manter, Fernando Pessoa passa a ser um frequentador assíduo dos cafés em Lisboa, sendo nos círculos de café que começa a ter um maior contato com discussões literárias e com isso, a conhecer escritores, dentre estes, vale destacar aquele que ele julgou ser seu melhor amigo, Mario de Sá-Carneiro (HIPÓLITO, 2012/2013).

Mario de Sá, de acordo com Cavalcanti Filho (2011), foi de suma importância para o aparecimento público dos heterônimos de Fernando Pessoa. Embora seus heterônimos existissem desde a infância, foi com o apoio de Mario de Sá que eles se tornaram mais reais e Pessoa passou a exaltá-los. Vale destacar que o próprio Mario tinha heterônimos e que esta prática era bastante presente nos círculos literários em Portugal.

No que se refere a criação dos heterônimos, Fernando Pessoa registrou o dia 8 de março de 1914 como o dia em que criou seus três principais heterônimos: Alberto Caeiro (o antimetafísico), Álvaro de Campos (modernista, homem do tempo das máquinas) e Ricardo Reis (voz conservadora, classicista). Segundo Cavalcanti Filho (2011), dentre heterônimos propriamente ditos e semi-heterônimos, a obra de Fernando Pessoa conta com 127.

Os anos de 1915 e 1916 foram marcantes para Pessoa. Neste período ocorreu o lançamento da revista *Orpheu*, Revista modernista que surgiu das discussões literárias que ocorriam nos cafés e cervejarias em Lisboa, da qual Fernando Pessoa fazia parte, tendo apenas 3 edições. Outro fato foi que suas questões esotéricas, assim como seu interesse por astrologia, ficaram mais acentuados, onde ele passa a se preocupar mais com o futuro. O último fato ocorrido nesse período foi o suicídio de seu amigo Mario de Sá, que o deixou bastante abalado e fez com que seu isolamento aumentasse (HIPÓLITO, 2012/2013).

“Ah! meu maior amigo, nunca mais  
Na paisagem sepulta desta vida  
Encontrarei uma alma tão querida  
As coisas que em meu ser são as reais.  
(...)  
Não mais, não mais, e desde que saíste  
Desta prisão fechada que é o mundo,  
Meu coração é inerte e infecundo  
E o que sou é um sonho que está triste.”  
(PESSOA, apud, CAVALCANTI FILHO, 2011)

Em novembro de 1919 Pessoa conhece Ofélia Queiroz, uma mulher mais jovem que ele 12 anos. Conheceu em um dos escritórios em que trabalhava como tradutor. Ofélia teria sido contratada para ser secretária; ela foi a única namorada que ele teve em sua vida. Foi com ela que Pessoa trocou inúmeras correspondências e foi ela uma das poucas pessoas com quem ele mantinha contato, visto que ao passar dos anos Pessoa passou a se isolar cada vez mais (HIPÓLITO, 2012/2013).

“A Ophelia  
Não creio ainda no que sinto –  
Teus beijos, meu amor, que são  
A aurora ao fundo do recinto  
Do meu sentido coração.”  
(Pessoa, apud, CAVALCANTI FILHO, 2011)

Fernando Pessoa, ao longo de sua vida, escreveu para muitos jornais e revistas, no entanto, em vida não teve seu reconhecimento como escritor. No total, Pessoa escreveu, pela vida, para 50 jornais ou revistas, neles sendo publicados 134 textos em prosa e 300 poemas. O único livro publicado em vida foi Mensagem, em 1934, em virtude de um concurso, concurso este que ficou em segundo lugar (HIPÓLITO, 2012/2013).

De acordo com Cavalcanti Filho (2011), as tentativas frustrantes de se estabelecer na vida literária através do reconhecimento dos seus escritos fizeram com que Pessoa passasse a se isolar, e conseqüentemente o consumo de álcool e cigarro, nessa fase, tornou-se um hábito regular, assim como seu interesse por astrologia. Outro fato é que no seu isolamento Fernando Pessoa temia ficar louco assim como sua avó Dionísia.

No que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas, Cavalcanti Filho (2011) exalta na biografia de Fernando Pessoa que este, desde os 18 anos já bebia demasiadamente, que Pessoa bebia álcool logo que acordava e por todo o dia, sem contar a inevitável garrafinha das noites. Armando Ventura Teixeira, seu barbeiro, testemunha:

O Fernando — que a gente não sabia que era um grande poeta — bebia uma garrafa de aguardente que até a gente pensava que o Fernando queria se matar. O dr. Jaime Neves chega a proibi-lo de beber: Um cálice a mais de aguardente seria o fim. Pessoa não lhe atende (CAVALCANTI FILHO, 2011, p. 578).

Fernando Pessoa era um assíduo frequentador do Abel Pereira da Fonseca, mais conhecido como Adega Val do Rio, onde comprava bebidas e cigarros; Cavalcanti Filho (2011) destaca que quando os amigos não conseguiam encontrá-lo era só deixar recado no Abel. Luís Pedro Moitinho de Almeida, relata:

Muitas vezes assisti a cenas como esta: o Sr. Pessoa que estava trabalhando, em via de regra, à máquina de escrever, visto que não minutava o que datilografava, levantava-se, pegava no chapéu, compunha os óculos, e dizia com ar solene: “Vou ao Abel.” Ninguém estranhava essa atitude. Num único dia foram tantas as idas “ao Abel” que me permiti dizer ao “Senhor Pessoa”, num dos seus regressos ao escritório: “O senhor aguenta como uma esponja!”, ao que ele imediatamente respondeu, com as suas habituais ironias “Como uma esponja? Como uma loja de esponjas, com armazém anexo.” (CAVALCANTI FILHO, 2011, p. 585).

A dependência do álcool, por Fernando Pessoa, com o tempo agrava-se, quando ele passa a ter delirium tremens (D.T), que corresponde, na fase inicial, a um estado psíquico de extrema ansiedade, com sudorese, tremores e distúrbios do sono; até que vem, depois, um período de estado caracterizado por confusão mental, desorientação, inquietação, hipo ou (mais frequentemente) hipertermia e alterações da sensopercepção, com presença de alucinações liliputianas (visão de elementos diminutivos) e zoopsias (visão de animais) (CAVALCANTI FILHO, 2011). No que se refere aos sintomas do D.T vivenciados por Pessoa, ele escreve:

“Na realidade outro dia,  
Batendo o meu sapato na parede  
Matei uma centopeia  
Que lá não estava de forma alguma.  
Como é que pode?  
É muito simples, como vê  
Só o início do D.T.  
Quando o jacaré cor-de-rosa  
E o tigre sem cabeça  
Começam a crescer  
E exigir serem alimentados  
Como não tenho sapatos  
Para os matar  
Penso que devo começar a pensar  
Será que eu deveria parar de beber?”  
(PESSOA, *apud*, CAVALCANTI FILHO, 2011)

O uso contínuo de bebidas alcoólicas associadas com cigarro e um extremo isolamento, levaram, no dia 30 de novembro de 1935, aos 47 anos de idade, no Hospital São Luís dos Franceses, já bem debilitado, Fernando Pessoa a óbito, deixando escrita sua última frase: “Eu não sei o que o amanhã trará” (CAVALCANTI FILHO, 2011).

De acordo com a certidão de óbito a causa de sua morte foi cirrose, causada pelo uso demasiado de álcool que o mesmo fez ao longo de sua vida. No entanto, a causa de sua morte até os dias de hoje é contestada, visto que acreditasse que a medicina da época era empobrecida para realizar tal diagnóstico, com isso atualmente é dito que a causa foi pancreatite aguda (CAVALCANTI FILHO, 2011).

## **ESCRITA E PSICANÁLISE**

“Depois de escrever, leio...  
Porque escrevi isto? Onde fui buscar isto?  
de onde veio isto? Isto é melhor que eu...  
Seremos nós, neste mundo, apenas canetas  
com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?”  
(PESSOA, 1995, p. 391)

A escrita enquanto forma de comunicação na história das civilizações data seu surgimento por volta de 4.000 a.C, os chamados cuneiformes, desenvolvidos pelos

162 *Psicanálise & Barroco em revista | v.15, n. 01 | julho de 2017*

sumérios na Mesopotâmia. Antes da escrita, os homens dedicaram-se ao desenho como forma de registro de comunicação. Vale destacar que o surgimento da escrita não se tratou de uma continuidade do desenho, visto que ela propôs outra lógica, sendo representativa (SERAFINI, 2006).

Sendo assim, o surgimento da escrita marca uma nova forma de expressão, não se limitando apenas por sua capacidade de registrar a história, mas por ultrapassar limites geográficos, sobreviver a épocas, ajudar a construir ou desconstruir culturas, universalizar religiões, ideias, pensamentos, ao mesmo tempo em que permite ao homem registrar, através da letra, seus pensamentos e emoções (HIGOUNET, 2003).

Freud faz sucessivas formulações acerca da formação do aparelho psíquico anteriormente a carta 52. No texto Projeto Para uma Psicologia Científica (Freud, 1895/1996), por exemplo, ele apresenta a teoria do traço mnemônico como uma marca feita no aparelho psíquico, marca que constitui a memória ao trilhar caminhos neuronais que se encontravam mais permeabilizados. Sendo que o aparelho psíquico é aqui concebido como um modelo de funcionamento bastante semelhante ao cérebro.

De acordo com Moschen; Sei (2014), na Carta 52, o aparelho psíquico passa a ser compreendido pela estratificação de inscrições em que as inscrições psíquicas sofrem rearranjos e retranscrições ao longo da vida. A noção de inscrição apresentada redimensiona a concepção do aparelho psíquico, visto que o aparelho psíquico passa a ser constituído de signos inscritos e retranscritos.

Sendo assim, a memória, nesse contexto, passa a ser compreendida como o resultado de muitas inscrições de traços mnemônicos que são permanentemente reestruturados segundo novas configurações e encadeamentos, assegurando que essas transcrições não sejam a cópia do original. Aqui “o traço começa a se tornar escritura” (DERRIDA, apud, MOSCHEN; SEI, 2014, p. 330), ou seja, “começa a se fundar no pensamento freudiano a ideia de que a soma da escrita de cada traço cifra um texto, que mais adiante será entendido como o inconsciente” (FRAGELLI, 2002, p.35).

No texto Uma Nota Sobre o Bloco Mágico, Freud (1925/1996) utiliza-se da escrita para pensar sobre o funcionamento do aparelho psíquico, destacando a necessidade de escrever para não esquecer, e que ao tomar notas por escrito é garantido o funcionamento da memória, a escrita assim, aparece como sendo o suporte da

memória, como um traço que pode ser inscrito numa superfície e ser acessado a qualquer tempo.

Nesse sentido, para o registro da escrita pode-se escolher uma superfície para manter o traço intacto, exemplo, uma folha de papel escrita com tinta. No entanto, o fato dessa folha poder ser preenchida, não tendo mais espaço para escrever e sendo necessário utilizar outra folha, surge o seguinte questionamento a partir de Freud: como deveria ser constituído um aparelho psíquico que preservasse o traço e, ao mesmo tempo, fosse apresentada como uma superfície aberta a novas escrituras? (SERAFINI, 2006).

É nesse sentido que se introduz a noção de apagamento. Freud (1925/1996) utiliza o invento Bloco Mágico que se refere a uma prancha de escrever, da qual as notas podem ser apagadas mediante um fácil movimento de mão, para representar a sua concepção de aparelho perceptual. Este invento, diz respeito a um modo de escrever em que o traço permanente, assim como o apagamento do traço, estão presentes conjuntamente.

Freud (1925/1996) vê nesse brinquedo uma semelhança de como o inconsciente trabalha com os traços mnêmicos, visto que a escrita neste dispositivo não depende de caneta, podendo ser feita com um objeto pontiagudo que marca a superfície e essa marca pode ser apagada, para que a superfície seja preenchida com novos traços. Vale destacar, que mesmo sendo apagado o traço da prancha, o mesmo fica retido enquanto marca na prancha da escrita. Por fim, Freud propõe que se utilizasse uma mão para escrever no bloco mágico e outra para mover a haste que apaga, teríamos um representante concreto do modo que o mesmo tentou representar o funcionamento do aparelho perceptual da mente.

Segundo Serafini (2006), o Bloco Mágico, para Freud, pareceu resolver as dificuldades que o mesmo tinha na concepção do aparelho psíquico, de modo a considerar tanto a permanência dos traços mnêmicos como a possibilidade de novos traços. Sendo assim, com o invento, é possível demonstrar a forma como a inscrição e o apagamento, ou presença e a ausência do traço vão constituir o registro psíquico.

No que se refere a escrita como produção literária, Freud (1908/2015), no texto O escritor e a fantasia, discute sobre as motivações que levam o escritor às suas produções e, conseqüentemente, como os escritos causam efeitos no leitor. Neste sentido, enfatiza a importância do fantasiar como constituinte da matéria-prima da criação literária. Para explicar o fantasiar no escritor, Freud traçou um paralelo entre

o jogo infantil e o ato criativo, visto que tanto a criança quanto o escritor brincam de ser um outro a partir da leitura que fazem do mundo em que vivem; uma leitura criativa e inusitada.

Segundo Garcia-Roza (2005), os processos criativos estão relacionados aos processos sublimatórios. Vale exaltar que a sublimação, para Freud, refere-se:

A um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta desloca-se para um alvo não sexual, investindo em objetos socialmente valorizados (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 734).

Com isso, a sublimação é um dos destinos da pulsão, cuja finalidade maior é promover uma quietude onde existe sofrimento psíquico e organizar esse sofrimento de tal forma que ele possa desempenhar uma função útil e construtiva. O aparelho psíquico, que a grosso modo, caracteriza-se pela capacidade de elaborar determinadas quantidades de energia psíquica, visando a organização interna do sujeito, possui dois modos de funcionamento: o processo primário e o processo secundário, que correspondem respectivamente ao princípio do prazer e ao princípio da realidade (GARCIA-ROZA, 2005).

O processo primário realiza-se por meio de uma descarga de energia imediata, sem barreira (energia livre), como acontece nos sonhos e nos sintomas. O processo secundário, por sua vez, realiza-se por meio de uma descarga de energia lenta, retardada e controlada (energia ligada), como acontece nos trabalhos com a linguagem, a atenção, a memória e o pensamento (GARCIA-ROZA, 2005).

Desta forma, nos escritores literários, é comum o argumento que a escrita ameniza a dor, suaviza o sofrimento e alivia as tensões, pelo fato da sublimação ser contrária a formação de sintoma, visto que a sublimação opera como um processo capaz de transformar o mundo interno do artista em algo prazeroso e organizado. Vale destacar que, embora tenha sua importância, a sublimação não é garantia contra o sofrimento, contra a dor de viver (CARVALHO, 2001).

No que se refere a escrita, para Lacan, vale exaltar que a mesma está no centro de suas discussões sobre o sujeito, podendo-se dizer que o mesmo apresenta a constituição do sujeito e da escrita como homólogas (BORGES, 2008). A constituição do sujeito, para Lacan, por sua vez, é concomitante à constituição do significante, visto que a possibilidade do sujeito dizer-se em sua singularidade é dada pelo seu engendramento na cadeia significante.

No que diz respeito a construção do significante, no seminário 9, A Identificação, Lacan (1961-62/2011) propõe que esta ocorre em três tempos. Primeiramente ocorrendo a inscrição de um traço, que alude à primeira marca recebida pelo sujeito; por seguinte ocorre seu apagamento ou rasura, que corresponde ao que Freud propôs como recalque, permanecendo inconsciente; e por fim, um terceiro momento em que o sujeito pode se dizer a partir da interpretação que faz das marcas que lhe foram inscritas (FRAGELLI, 2002).

Detalhando os tempos da construção do significante, vale salientar que no primeiro tempo tem-se a inscrição do traço e a formação e constituição da letra. A letra sendo o elemento para tratar da singularidade do sujeito, e que, no contexto da constituição, marca a diferença mínima entre cada inscrição. Sendo assim, esta é o resultado do encontro da percepção com o que será o sujeito, o elemento mínimo de um enigma que “Marca o tempo primeiro da instalação do significante, ofertando-se como suporte material para que sobre ele a operação se desdobre” (FRAGELLI, 2002, p.40).

O segundo tempo faz referência ao apagamento do traço para que se possa constituir o significante. Essa operação é efetivada pelo recalque originário, que evita que o traço tenha acesso à consciência, instituindo S1, traço unário, que corresponde ao primeiro significante do sujeito. É com o apagamento que os significantes posteriores que estiverem ligados a S1 serão recalcados (LACAN, 2003).

A partir dessa operação os significantes passam a formar uma cadeia, iniciando a operação significante e imprimindo um texto ao inconsciente. De acordo com Fragelli (2002, p. 62),

O apagamento do traço faz uma marca, é o S2 que se institui pelo mesmo movimento que condenou S1 ao inconsciente. Assim ordenados, S1 - S2 estão ligados, mas separados. Eles se juntarão a outros significantes (S3, S4, Sn...), que montarão uma cadeia, e então a operação significante poderá se desenrolar.

O terceiro tempo da construção do significante é marcado pelo momento em que o sujeito pode fazer a leitura das marcas que anteriormente foram lhe inscritas, sendo essa ação a condição de sua constituição, visto que permite dar uma significação própria e interpretar suas marcas no campo do Outro. Vale salientar, que o responsável por essa leitura é o significante o Nome-do-Pai, visto que ele é que admite a divisão do sujeito pela linguagem que submete o sujeito à lei simbólica, interditando o desejo do Outro e possibilitando um lugar diferente daquilo que falta ao Outro. “Essa

interdição é o que, ao barrar o gozo, articula a cadeia significante, e permite que as marcas do Outro transformem-se em marcas próprias, para que o sujeito possa se dizer” (LACET, 2003, p.55).

De acordo com Lacet (2003), só é possível o acesso às algumas leis do funcionamento do inconsciente, devido ao fato que ele migra do real para o registro simbólico, sendo que: “É o significante que escava seu lugar no real sob a forma de letra, por meio do rastro apagado ou por meio do traço unário, sendo esses três elementos a base do funcionamento da escrita” (MACHADO, apud, LACET, 2003, p.58).

Sendo assim, Lacan aborda a função da escrita no inconsciente e na constituição do sujeito a partir do traço unário, neologismo que construiu a partir da noção de traço único (einzigerZug) formulada por Freud na teoria da identificação, presente no capítulo 8 da obra *Psicologia das Massas e análise do Ego*. Lacan retoma essa noção, dando-lhe um caráter estrutural, como marca primeira que inaugura o sujeito. Essa marca inscreve uma diferença a partir da qual o sujeito insere-se em uma série simbólica (RINALDI, 2012).

Com isso, de acordo com Rinaldi (2012), na constituição do sujeito, o traço unário tem função de bastão, como traço distintivo, sendo que quanto mais estiver distintivo mais estará apagado, pois é na medida em que se reduz ao traço sem qualidade é que ele funcionará como suporte da diferença, e é isso que introduz no real do ser falante a diferença como tal, já que no real não há nada.

Se o traço apaga a Coisa (das Ding), dela restando apenas rastros de gozo, a passagem ao significante se dá a partir dos diversos apagamentos que farão surgir o sujeito em seus diferentes modos de manifestação. O traço unário é significante, portanto, não de uma presença, mas de uma ausência apagada que, a cada volta, a cada repetição, presentifica-se como ausência. É aí que se localiza o ponto radical, arcaico, suposto na origem do inconsciente (RINALDI, 2006, p. 77)

Desta forma, a escrita não é apenas o traço sobre o papel, nem apenas as marcas do alfabeto deixadas sobre o suporte. A escrita é o que indica uma diferença. Como linguagem que rompe o continuum do mundo e estabelece uma marca que singulariza o que antes era indissociado (BORGES, 2008).

## **A MARCA DA EMBRIAGUEZ NOS ESCRITOS PESSOANOS: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA**

“Tem um outro universo o que está doente  
Que o que está são. O mundo é haver gente.  
Tudo flui, nada é certo. Bebe é sê  
Inconsciente conscientemente”  
(PESSOA, 2003)

Lins (2013), no seu livro *O último copo*, destaca que em diversos períodos da história até a contemporaneidade, escritores, pintores, cantores, artistas em sua maioria, fizeram ou fazem o uso de álcool como linha de fuga. Podendo ser dado como exemplo Sartre, Marguerite Duras e Simone de Beauvoir em Paris, Francis Bacon em Londres, Vinicius de Moraes, Tom Jobim ou Lima Barreto no Rio de Janeiro e porque não citar até mesmo Fernando Pessoa em Lisboa, entre tantos outros.

No que se refere ao uso do álcool pelo escritor, Lins (2013, p. 47) destaca: “o escritor, poeta, movidos a álcool escrevem com suas tripas, com seu estômago, suas dores e alegrias, eles escrevem, sobremaneira, com seu porre, com seu sangue”. Desta forma, a escrita alcoolizada é uma escrita a risco, visto que põe afora a representação, o sentimento, com puras sensações, isto é, com afetos, instintos, “pedaços de vida” que excedem o sensacional, o sentimental. Sendo assim a escrita para Lins é:

Sempre alcoolizada, sivática, agreste, madeira de lei que jamais se curva ao poder, ela é bicho do mato, inculta, furiosa, sáfara, esquiva, feroz, indomável, bárbara! Toda escrita é, pois, anômala, irregular, anormal. Ainda que seja em muitos casos uma invenção sóbria, a escrita precisa de um corpo sem órgãos, de uma não consciência ativa, de um mínimo de loucura não psiquiátrica, de um saber antecipado, de um livro por vir. Aqui também, não há nem muleta nem bula, cada um vive sua bebedeira com experimentação ou experiência, mas sempre -talvez- sob o signo de uma beleza imperceptível (LINS, 2013 p. 127).

Freud (1930/2010), no seu texto *O mal-estar na civilização*, destaca ser quase impossível vivermos a vida como ela apresenta-se, em função das diversas dificuldades, decepções e exigências que a cultura impõe. Nessa direção, ele aponta sete saídas possíveis ao mal-estar, quais sejam: o amor, a religião, a atividade científica, a arte, o delírio, a sublimação e os narcóticos como forma de amenizar o mal-estar. Dentre essas saídas Freud localiza a intoxicação como o método mais “cru”, no entanto, o mais eficaz ao mal-estar, pois, ao influir sobre o organismo e alterar

a química deste, promove efeitos no corpo. Com isso, amenizando os efeitos da exigência civilizatória.

Rabêlo (2005) situa a intoxicação como um meio de fuga da realidade, um paliativo. Ressalta que os efeitos vivenciados com a intoxicação são similares em outros meios de fuga ao mal-estar; no entanto, Freud situa a intoxicação como o método lenitivo mais simples e menos elaborado, visto que este entra na discussão como limite de comparação. Sendo assim, intoxicação, ciência, religião, psicanálise e a própria arte são dispostas lado a lado como respostas culturais ao mal-estar.

Fazendo-se um paralelo entre a arte e a intoxicação vale exaltar que Freud utiliza-se do termo “narcose” para se referir tanto aos efeitos provocados pela intoxicação, assim como aos efeitos da arte no psiquismo; sendo que na arte, a narcose é moderada, visto que proporciona uma relação entre fantasia e realidade. Sendo assim, para Freud a narcose na arte não se constrói em cima de uma fuga da realidade, ela produz um apaziguamento do sujeito com seu mal-estar (RABÊLO, 2005).

“Freud fornece subsídios para que consideremos a possibilidade de um uso estético - não patológico - da intoxicação” (RABÊLO, 2005, p.25)”. Com isso, ascende passagem para uma busca da relação entre intoxicação e sublimação, visto que nem toda ação tóxica desencadeia efeitos nocivos para o sujeito e que, paralelamente, existe a possibilidade de um recurso não-toxico desencadear reações patológicas similares a intoxicação crônica (RABÊLO, 2005).

Na tentativa de fazer uma ligação entre a arte e a intoxicação, pode-se citar o poema de Fernando Pessoa “Parece às vezes que desperto” (1930/1935) que aborda a relação da embriaguez e a necessidade de escrever.

Parece às vezes que desperto  
E me pergunto o que vivi;  
Fui claro, fui real, é certo,  
Mas como é que cheguei aqui?  
A bebedeira às vezes dá  
Uma assombrosa lucidez  
Em que como outro a gente está.  
Estive ébrio sem beber talvez.  
E de aí, se pensar, o mundo  
Não será feito só de gente  
No fundo cheia de este fundo  
De existir clara e èbriamente?  
Entendo, como um carrocel;  
Giro em meu torno sem me achar...  
(Vou escrever isto num papel  
Para ninguém me acreditar...)

Vale destacar que Fernando Pessoa, em sua vida, manteve uma relação estreita tanto com o vícios da intoxicação álcool e cigarro, quanto com a escrita como produção artística, dedicando a ela horas dos seus dias, sendo ambas medidas paliativas ao mal-estar. Vale salientar que o uso de substâncias intoxicantes, para Freud (1930/2010), como recurso ao mal-estar, provoca no sujeito uma imediata produção de prazer, assim como um alto grau de desejo de independência do mundo externo, visto que funciona como um “amortecedor de preocupações”.

Galvão (2000) alerta que o sujeito ao utilizar as drogas como refúgio ao mal-estar, depara-se com a sensação de interrupção de plenitude quando a ação química da mesma cessa e com isso o mal-estar aparece, como destacado no poema de Fernando Pessoa "A bebedeira às vezes dá Uma assombrosa lucidez... Estive ébrio sem beber talvez."

Com o presente trecho citado é notório a reação do sujeito frente ao mal-estar, onde o mesmo passa a se questionar sobre o mundo e sobre seu lugar nele; no poema isso é observado no seguinte trecho: “Giro em meu torno sem me achar”. Vale salientar que com o deparar-se com o mal-estar o sujeito pode passar a procurar fazer mais uso de substâncias intoxicantes entrando no circuito alcoólico: "álcool –mal-estar– mais álcool" (GALVÃO, 2000, p.3).

No que diz respeito ao trecho que exalta a necessidade de registrar através da escrita a sensação vivenciada ao se deparar com mal-estar: “Vou escrever isto num

papel Para ninguém me acreditar...”, vale ressaltar a temática abordada por Freud (1925/1996) no texto Notas sobre o bloco mágico, onde o mesmo propõem de maneira direta a ligação entre o aparelho psíquico e a escrita, e mais aprofundadamente a relação do aparelho psíquico e a memória. Desta forma, a necessidade de se fazer o traço (escrita) como destacado no poema de Pessoa faz-se pela necessidade de não esquecer, de deixar registrado em papel os conflitos vivenciados frente a assombrosa lucidez.

Fazendo uma relação com a embriaguez e a escrita abordadas no poema, vale destacar que a embriaguez, ao provocar um distanciamento da realidade, pode vir a causar o esquecimento. Com o registro através da escrita é permitido que o traço fique registrado em superfície, podendo ser consultado, olhado em um segundo momento.

Dentre os poemas de Fernando Pessoa nos quais ele aborda os motivos que levam um sujeito a beber, vale destacar um trecho do poema presente na obra “Canções de Beber, Rubai'yat de Fernando Pessoa” (2003):

Ao goso segue a dôr, e o goso a esta.  
Ora o vinho bebemos porque é festa,  
Ora o vinho bebemos porque ha dôr.  
Mas de um e de outro vinho nada resta.

Freud (1930/2010), no texto Mal-estar na civilização, questiona os motivos que impedem o homem de ser feliz. Para essa problemática destaca existir três fontes de sofrimento que dificultam chegar a felicidade, sendo elas: a natureza, o corpo e a relação com os outros. Para as duas primeiras fontes de sofrimento destaca que esse sofrer é inevitável, visto que nunca será domada completamente a natureza nem o organismo, por serem construções transitórias, limitadas e em adequação, com isso, o sofrer partindo dessas fontes só pode ser abolido em parte. No que diz respeito à terceira fonte de sofrimento esta encontra-se atrelada à civilização e às exigências e ideais culturalmente construídos.

Na tentativa de fugir das exigências civilizatórias o sujeito busca medidas paliativas como os entorpecentes “Ora o vinho bebemos porque ha dôr”. Fazendo uma ligação entre o poema e a vida de Fernando Pessoa, vale destacar que o mesmo se julgava incompreendido pela família, devido ao fato de escolher viver uma vida sem muitas regalias, dedicando seu tempo aos escritos. A família, por sua vez, cobrava de Pessoa que o mesmo tivesse uma estabilidade financeira e profissional. No que se

refere a essas exigências vindas da família de Pessoa, vale destacar que estas são frutos das exigências em se viver em sociedade, que Freud destaca como fonte de sofrimento.

O uso de entorpecentes afasta-tristeza auxilia o sujeito a subtrair as pressões da realidade a qualquer momento, visto que causa um ganho imediato de prazer “Ora o vinho bebemos porque é festa”. No entanto, do mesmo modo que o uso de entorpecentes como satisfação de instintos gera felicidade, usá-los como único recurso ao mal-estar gera desperdício de energia, que poderia ser utilizado em outras atividades humanas, ao mesmo tempo que limita as fontes de refúgio ao sofrimento “Mas de um e de outro vinho nada resta” (FREUD, 1930/2010).

Outro meio de afastar o sofrimento frente ao mal-estar é o deslocamento da libido através da sublimação, no entanto a fraqueza desse método está no fato de não ser aplicado a todos, visto que requer talento e disposições especiais. Esse recurso ao mal-estar também não garante uma total proteção quanto ao sofrimento pois não tem como funcionar como um escudo impenetrável frente as misérias sociais vindas das relações com os outros (FREUD, 1930/2010).

No que diz respeito a junção entre a bebida, como entorpecente, e a escrita como sublimação, ambas funcionando como "narcose" para o sujeito frente ao Mal-estar, para essa relação pode-se citar trechos de cartas pessoais de Fernando Pessoa, onde aparenta que a prática de beber e escrever era algo possível em suas produções. A Ophelia ele escreve: “Não te admires de a minha letra ser um pouco esquisita. A razão é a de eu ter descoberto aqui em casa um vinho do Porto esplêndido, deque abri uma garrafa, já bebi metade” (PESSOA, apud, CAVALCANTI FILHO, 2011, p.579). Vale salientar, que em outras cartas destinadas a Ophelia e a amigos, Fernando Pessoa diz tê-las escritas no “estilo do Abel”, o Abel sendo a Casa Abel Pereira da Fonseca, mais conhecida como Adega Val do Rio, onde ele costumava comprar bebidas.

No que se refere ao corpo e à escrita, Borges (2008) destaca que é necessário reconhecer o escrever como um fazer com o corpo, visto que todo o corpo é tomado para que se possa desempenhar os procedimentos que estão implicados no ato de escrever. Ressalta que o fato do significante fazer semblante faz com que a escrita possa aparecer como se não estivesse ligada ao corpo. No entanto, nos movimentos necessários para escrever, o gozo do corpo faz retorno e a escrita do corpo e o corpo da escrita se confundem.

Sendo que o gozo por ingestão de substâncias intoxicantes está atrelada ao corpo, sendo esse o lugar de manifestação desse gozo e que este está marcado pela cadeia significativa, assim como a escrita como marca do significante, pode-se dizer que uma “escrita alcoolizada” é possível, sendo que “o corpo do poema e o corpo do poeta se entrelaçam” (BORGES, 2008, p. 354). Um trecho do livro *Desassossego*, escrito pelo semi-heterônimo de Fernando Pessoa, Bernardo Soares (2000), ressalta essa ligação entre corpo e embriaguez:

Se um homem escreve bem só quando está bêbado dir-lhe-ei: embebede-se. E se ele me disser que o seu fígado sofre com isso, respondo: o que é o seu fígado? É uma coisa morta que vive enquanto você vive, e os poemas que escrever vivem sem enquanto (PESSOA, 2000, p. 342).

Ferreira (2013) destaca que a escrita faz com que Fernando Pessoa não tenha medo da morte e com isso ironize os homens que se apavoram com ela. Sendo assim, é observado no trecho que o corpo que sumirá ficará gravado em poesia, e com isso o escritor passará a existir através de seu nome próprio, no caso de Pessoa, sendo ele um significante associado à história da literatura portuguesa.

De acordo com Ferreira (2013) o genial em Fernando Pessoa é que o que deveria ser recusado por seu eu é transformado em outro, que é ele mesmo, para ser incorporado à sua obra. O exemplo desse processo está presente em seus heterônimos que apresentam vestígios da sua singularidade. Sendo assim, com seus heterônimos Pessoa desdobra os conflitos do eu para além de sua própria imagem. No poema intitulado *O bêbado caía de bêbado* (1930-1935), essa transformação em um outro que é ele mesmo fica evidenciado;

E eu, que passava,  
Não o ajudei, pois caía de bêbado,  
E eu só passava.  
O bêbado caiu de bêbado  
No meio da rua.  
E eu não me voltei, mas ouvi. Eu bêbado  
E a sua queda na rua.  
O bêbado caiu de bêbado  
Na rua da vida.  
Meu Deus! Eu também caí de bêbado  
Deus.

Com o poema citado é observado como o poeta descreve o bêbado na rua ao mesmo tempo que se coloca no lugar do bêbado, chegando a confundir os papéis “O bêbado caiu de bêbado... Eu também caí de bêbado Deus “com isso fica notório no presente poema uma identificação do tipo imaginária que Lacan situa como a forma que o eu só se identifica com as imagens que se reconhece, quer dizer, com imagens pregnantas que de perto ou de longe, evocam apaixonadamente a figura humana do outro, seu semelhante (FINK,1998).

Fink (1998) destaca que as relações imaginárias são definidas por duas características proeminentes: amor (identificação) e ódio (rivalidade), sendo que na medida em que o outro é igual a mim, eu amo e me identifico com ele e sinto seu prazer ou dor como meus. Esse tipo de identificação é notório no poema quando o eu poeta clama por um “Deus” para o bêbado da rua, assim como clama esse mesmo “Deus” para si, desta forma as dores misturam-se e o eu e o outro tornam-se iguais. Silva Júnior (2000) destaca que quando o poeta escreve enquanto outro, e para o outro, o que ele faz na verdade é uma autopsicografia; e talvez ser o outro seja o único modo que ele encontra para falar de suas dores.

Sendo assim essa marca de ser um outro está presente em toda a obra de Fernando Pessoa, através dos seus heterônimos, e no que diz respeito à marca da embriaguez no escrito de seus heterônimos vale elucidar que esta também se faz, seja em Ricardo Reis, que fala sobre o beber em um dos seus principais poemas “Odes”; seja em Álvaro de Campos no poema “Tabacaria” ou Alberto Caeiro nos “Poemas Inconjuntos”, entre outros heterônimos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sendo o objetivo deste trabalho investigar a relação entre a escrita e a embriaguez em Fernando Pessoa, a partir de um referencial teórico psicanalítico, a conclusão aqui exposta é que essa relação álcool-escrita em Fernando Pessoa é passível de análise, embora dentro do campo psicanalítico não tenha nada a priori que sustente diretamente essa relação.

A partir de medidas paliativas como a intoxicação e sublimação citadas por Freud como recurso ao mal-estar, foi observado que a relação álcool-escrita é possível, visto que o álcool, ao proporcionar ao sujeito um alto grau de desejo de independência do mundo externo proporciona ao escritor uma visão ampla do mundo. Isso é observado através dos poemas quando Pessoa questiona-se sobre o mundo e sobre a relação que tem com ele. Também foi observado que o escritor por muitas vezes coloca-se no lugar de outro como meio de “fugir” do mundo externo para escrever, esse tipo de fuga também se faz quando se utiliza os entorpecentes frente ao mal-estar; e como representativo dessa relação, vale ressaltar, o poema analisado neste trabalho: O bêbado caía de bêbado.

Outro fato observado na relação álcool-escrita deu-se na correlação existente entre álcool-corpo e corpo-escrita, visto que o gozo por uso de entorpecentes faz-se no corpo que é marcado pela cadeia significante, e pôr a escrita ser o registro do significante; sendo assim, a relação álcool-corpo-escrita entrelaça-se, não sendo possível afirmar quem produziu quem, com isso “o gozo do corpo faz retorno e a escrita do corpo e o corpo da escrita se confundem” (BORGES, 2008).

Vale elucidar que este trabalho não teve por objetivo afirmar que o uso de bebidas alcoólicas por Fernando Pessoa foi o motivo que o levou à vasta produção literária que temos acesso hoje, visto que como já foi citado a sublimação é um método que não se aplica a todos, por requerer talento e disposições, exemplo disso é termos Fernando Pessoa como um dos poucos casos de heteronímia na literatura universal.

Outro fato é que este trabalho não teve por finalidade afirmar ou negar um alcoolismo em Fernando Pessoa, ou que o uso do álcool sempre vai produzir uma escrita. O motivo desta produção foi mostrar que nem toda ação tóxica vai desencadear somente efeitos nocivos para o sujeito, e que a relação álcool-escrita pode proporcionar uma relação entre a fantasia e a realidade gerando um apaziguamento do sujeito frente ao seu mal-estar e levando o mesmo a produzir, escrever.

É importante destacar que o uso de bebidas alcoólicas no meio literário é uma prática bastante recorrente, como já citado neste trabalho. No que se refere a Fernando Pessoa ficou notório que o mesmo vivenciava conflitos familiares por acreditar que não era compreendido, assim como era um sujeito que tinha como marca o isolamento; desta forma, o álcool para Pessoa aparece como recurso ao mal-estar, e embora atrelem a causa de sua morte ao excesso das bebidas, o que se sabe é que esta não o impediu de ser genial com seus escritos, sendo hoje Fernando Pessoa o significativo maior da literatura portuguesa.

Por fim, vale destacar que ao concluir a escrita de um texto o sujeito não resta no mesmo lugar, algo do seu texto faz marca nele, nesse sentido “escrever comporta um certo risco, pois nunca se sabe o que dessa escrita vai resultar em termos de textos, nem tampouco como se vai sair dessa experiência” (RICKES, 1998, P.40). Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa foi alcançado; porém, a mesma terá continuidade, tanto pelo fato da temática escrita-alcoolizada no viés psicanalítico ser algo que mereça mais pesquisa, tanto pelo fato da produção literária de Fernando Pessoa ser imensa, não se limitando ao corpo deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, Sonia. Letra a letra, o gozo da escrita. Revista Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro v.40, n. 2, p. 339-375, 2008.
- CARVALHO, Ana Cecília. Pulsão e simbolização: limites da escrita. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- CAVALCANTI FILHO, José Paulo. Fernando Pessoa: uma quase autobiografia. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- FERREIRA, Nadiá Paulo. Malditos, obscenos e trágicos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- FINK, Bruce. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FRAGELLI, Ilana Katz. A relação entre escrita alfabética e escrita inconsciente: um instrumento de trabalho na alfabetização de crianças psicóticas. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- FREUD, Sigmund. (1895) Projeto para uma Psicologia Científica. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I.
- \_\_\_\_\_. (1896) Carta 52. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Vol. I.
- \_\_\_\_\_. (1908) O escritor e a fantasia. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- \_\_\_\_\_. (1925) Uma Nota Sobre o 'Bloco Mágico'. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.
- \_\_\_\_\_. 1930) O Mal-estar na Civilização. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- GALVÃO, Virgínia Lúcia Britto. Gozo e alcoolismo. In: Trabalho apresentado na XII Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia. Anais da XII Jornada do Círculo Psicanalítico. Salvador, novembro, 2000.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar um projeto de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.
- HIGOUNET, Charles. História concisa da escrita. 10ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- HIPÓLITO, Nuno. Fernando Pessoa: uma biografia do íntimo. São Paulo: 2012/2013. Disponível em <[http://www.umfernandopessoa.com/uploads/1/6/1/3/16136746/fernandopessoa\\_biografia.pdf](http://www.umfernandopessoa.com/uploads/1/6/1/3/16136746/fernandopessoa_biografia.pdf)>. Acesso: 05 de agosto de 2015.
- KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. Revista de Psicologia da UNESP, São Paulo, v. 12, n. 2, 2013.
- LACAN, Jacques. A Identificação: seminário 1961-1962. Tradução: Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2011.
- LACET, Cristine. Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. Estilos da Clínica, São Paulo, Vol. VIII, n. 14, p. 50-59, 2003.
- LINS, Daniel. O último copo: álcool, filosofia, literatura. São Paulo: Civilização brasileira, 2013.
- MANDIL, Ram. Para que serve a escrita? In: ALMEIDA, Maria Inês de (Org.). Para que serve a escrita? São Paulo: Educ, 1997, p. 103-117.

- MOSCHEN, Simone; SEI, Carla Cervera. Da escrita no corpo à escrita no papel: os caminhos do aprender a escrever. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 325-338, mai./ago. 2014.
- NOBRE, Thalita Lacerda. Considerações sobre Psicanálise e literatura: uma leitura de Madame Bovary. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 207-224, 2010.
- PESSOA, Fernando (1955). *Poesias Inéditas (1930-1935)*. Lisboa: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. (1946). *Alberto Caeiro poemas Inconjuntos*. 10°. Lisboa: Ática, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Obra poética*. Lisboa: Nova Aguilar Editora, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Melhores poemas*. 9°. São Paulo: Global, 1997, p. 171. (Seleção de Teresa Rita Lopes).
- \_\_\_\_\_. *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Canções de beber, Ruba'iyat na Obra de Fernando Pessoa*. Maria Aliete Galhoz (org., prefácio), nota prévia Halima Naimova, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- RABÊLO, Fabiano Chagas. *Intoxicação crônica e laço social: uma leitura psicanalítica dos tratamentos de dependentes químicos*. Dissertação de mestrado, departamento de psicologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- RICKES, Simone Moschen. Escrever o que não se sabe. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 15, p. 36-42, nov. 1998.
- RINALDI, Doris. Joyce e Lacan: algumas notas sobre escrita e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 19, n. 188, dez. 2006.
- \_\_\_\_\_. *Escrita e Invenção*. *Revista Affectio Societatis*, Colômbia, v. 9, n. 16, jun. 2012.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SERAFINI, Giovana de Castro Cavalcante. A escrita e a Psicanálise. *Revista Organon*, Porto Alegre, v. 23, n. 40/41, p. 93-105, 2006.
- SILVA JUNIOR, Nelson. Modelos de subjetividade em Freud: Da catarse à abertura de um passado imprevisível. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XIII, n. 139, p. 34-48, 2000.

## **WRITING AND DRUNKENNESS FERNANDO PESSOA: A PSYCHOANALYTIC STUDY**

### **ABSTRACT**

This paper aims to investigate the relationship between writing and drunkenness from Fernando Pessoa from the theoretical framework of psychoanalysis, for this we adopted the method of applied psychoanalysis. It was found by analyzing the writings alcohol and writing are intertwined in the sense that both are palliative front measures malaise, and both have the effect of "narcosis" in the subject, modifying only the degree of moderation. Another trend observed in relation alcohol writing occurred towards both are linked to the body. So, it appears that when Pessoa was writing when he was drunk it is possible that the toxic action did not trigger harmful effects, and that the combination with alcohol and writing can provide a link between fantasy and reality creating a calm subject against the discomfort.

**KEYWORDS:** Fernando Pessoa. Writing. Drunkenness. Drunk writing. Psychoanalysis.

## **ÉCRIT ET IVRESSE CHEZ FERNANDO PESSOA: UNE ÉTUDE PSYCHANALYTIQUE**

### **RÉSUMÉ**

Le présent travail vise enquêter la relation entre écrit et ivresse chez Fernando Pessoa à partir du référentiel théorique de la psychanalyse, raison pour laquelle la méthode de la psychanalyse appliquée a été adoptée. Il a été constaté à travers l'analyse des écrits que l'alcool et l'écrit chez Pessoa ont un lien dans le sens que les deux soient utilisés comme des mesures palliatives face au malaise, et pour causer l'effet de "narcose", en se modifiant seulement au degré de moderation. Autre relation observée entre alcool-écrit s'est montrée dans le sens que les deux soient liés au corps. Par conséquent, il a été conclu qu'un écrit-alcoolisé chez Pessoa est possible dans le sens que toute action toxique ne déclenche pas nécessairement des effets nocifs, et que l'association alcool-écrit peut proportionner une relation entre la fantaisie et la réalité en générant un apaisement de la personne face au malaise.

**MOTS-CLÉS:** Fernando Pessoa. Écrit. Ivresse. Écrit-alcoolisé. Psychanalyse.

Recebido em: 22-02-2017

Aprovado em: 02-03-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>



# A LINGUAGEM DA IMAGEM: NOTAS SOBRE O SUJEITO EM CAUSA NA TV E NO CINEMA

*Maysa Puccinelli<sup>1</sup>*

*Daniela Scheinkman Chatelard<sup>2</sup>*

## RESUMO

A montagem da imagem televisiva e cinematográfica é tributária de uma lógica de produção que determina a linguagem final de ambas. Assim, investigamos um contraste entre uma e outra, considerando a posição do espectador enquanto sujeito de linguagem. O pano de fundo teórico que sustenta esta discussão está referido às contribuições lacanianas, sobretudo, ao enredamento pulsional escópico, á captura do sujeito na cadeia significante e á produção de sentido figurada pela fantasia. Veremos que, enquanto um tipo de linguagem cinematográfica pode se construir sob uma racionalidade que comporte o sujeito, a imagem televisiva se erige na contramão desta lógica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Imagem. Televisão. Cinema.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do Corpo Freudiano, Escola de Psicanálise, Núcleo Goiânia. Psicanalista. (62) 8424-1121. [maysapuccinelli@gmail.com](mailto:maysapuccinelli@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia pela Universidade de Paris. Professora adjunta do Departamento de Psicologia Clínica, IP, UnB. Membro da Associação Brasileira de Estudos Sobre o Bebê. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Psicanalista. [dchatelard@gmail.com](mailto:dchatelard@gmail.com)

## **INTRODUÇÃO**

Sobre a tela do contemporâneo projeta-se a primazia da imagem. As imagens, em suas diversas representações figuraram toda a história da humanidade. Entretanto, os milênios que separam os primeiros desenhos rupestres da invenção do cinematógrafo não se comparam à extensão e profundidade com que o mundo icônico adentrou o cotidiano contemporâneo. Os aprimoramentos tecnológicos da produção da imagem avançam sobre as vidas e passam a mediar, inclusive, o laço social. Antes mesmo que a criança figure sua imagem corporal pela imagem do outro, quando ainda tem seu corpo retalhado pelas pulsões auto eróticas, já se encontra exposta aos encantos dos diversos aparatos tecnológicos, produtores de imagem. É nesta sociedade muitas vezes pensada sob a égide do espetáculo e do escopismo, de um dar-a-ser tributário a um dar-a-ver, na qual os domínios da imagem-plena se erigem cada vez mais nítidos, que o sujeito – vazado com suas faltas e contornos falhos – se constitui.

Dentre os diversos objetos da cultura representativos do imperialismo imagético contemporâneo, elegemos neste estudo a televisão e o cinema. A proposta deste trabalho não se dobrará ao valor estético e artístico da imagem produzida por um ou outro. O recorte empreendido situa-se na hiância entre o sujeito de linguagem e a linguagem das telas – de tv e cinema; entre a esquizo do olhar e a costura da imagem.

Assim, uma investigação de base psicanalítica permitirá entendermos como a imagem pode servir de pastagem para o olho, ao convidar o sujeito a depor ali seu olhar, como quem depõe armas (LACAN, 1998[1964]); e viabilizará, ainda, a desmontagem daquilo que, ao sujeito, se constitui miragem. Vejamos:

## **DA PULSÃO Á IMAGEM**

Encontramos as bases do circuito pulsional nas teorizações em que Freud (2004 [1915]) situa a Schaulust – prazer de olhar – no campo da pulsão sexual, definindo-a por pulsão escópica. O autor percebe ainda que toda pulsão teria ao menos dois destinos constituintes e não excludentes entre si: reversão em seu oposto e retorno ao próprio eu; logo, haveria uma construção gramatical subentendida nas vozes do verbo implicado na pulsão: voz ativa (eu olho), voz passiva (sou olhado), voz reflexiva (eu me olho). Freud, assim, resigna a pulsão escópica ao dualismo olhar/ ser olhado.

Com Lacan (1998 [1964]), o olhar ganha estatuto de objeto pulsional. Deste modo, a pulsão se inscreve para além da montagem no jogo gramatical, sob um paradigma topológico, no qual se desenha um circuito que faz da pulsão, estrutura. Estrutura que aponta uma ambivalência entre atividade e passividade, em Freud; ou uma esquizo entre olhar e visão, com Lacan; denunciando assim, a divisão do sujeito, sua Spaltung, constitutiva da pulsão (QUINET, 2002).

O fundamental neste processo do circuito pulsional, é sua circularidade, *Verkehrung*, vai-e-vem em torno de um objeto pensado sob a insígnia puramente topológica, imaterial, essente, objeto que veste a pulsão com sua falta, nomeado por Lacan como objeto a:

“(...) é este objeto que confundimos muito frequentemente com aquilo sobre o quê a pulsão se refecha - este objeto, que de fato é apenas presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos sob a forma de objeto perdido, a minúsculo.” (LACAN, 1998 [1964], p. 170).

Na busca do objeto perdido a pressão da meta pulsional impele a uma trajetória de forças inerente ao dispositivo da pulsão que mantém o circuito. Ou seja, conquanto a pulsão não se satisfaça, sua moção será mantida e repetida, pois “o essencial nesse processo é a troca do objeto, sem alteração da meta” (FREUD, 2004 [1915], p.152). Ou seja, em termos de circuito pulsional, a satisfação equivale à derivação; somente em sua deriva, de objeto á objeto, ou ainda, de imagem à imagem, a pulsão se satisfaz (QUINET, 2002).

Partimos do circuito pulsional para chegar ao alvo da trajetória que esta discussão disparou: contrastar a produção da imagem televisiva e cinematográfica, no que concerne ao sujeito de linguagem, em sua posição de espectador.

### **FIAT LUX IN ÉCRAN – FAÇA-SE A LUZ NA TELA**

Já nas origens da televisão e do cinema, percebemos uma distinção técnica fundamental: enquanto a imagem cinematográfica, rigorosamente contemporânea à psicanálise<sup>3</sup>, nasce da fotografia; a imagem televisiva provém de uma evolução da

---

<sup>3</sup> Em 1885 os irmãos Lumière exibiam projeções públicas das imagens captadas por seu cinematógrafo em Paris, ao passo que Freud publicava em Viena seus *Estudos sobre a histeria*, sob coautoria de Breuer.

eletrônica<sup>4</sup>. Apesar da similitude em sua forma final, as raízes distintas da tv e do cinema, determinam, sobretudo, o modo de apresentação das imagens ao espectador.

Enquanto a imagem cinematográfica é favorecida pela ambientação a qual se destina e pode oferecer uma narrativa integral da obra, a produção dos programas para TV leva em conta que tudo deve ser entendido o mais rapidamente possível, sem questionamento, dúvida ou furo. Não deve haver nenhum punctum de não significação. De acordo com Kehl (2005), no movimento das imagens veiculadas pela TV, não há espaço para uma significação outra, que não seja aquela planejada para que o significante seguinte se apresente, pois, “significação e imagem se confundem” (p.144). Nesta cadeia, imagens, vozes e sons são interligados para produzir um sentido unívoco, cuja função reside em ligar-se ao fotograma, a cena, ao ato posterior.

As inferências quanto á imagem produzida para televisão, poderiam igualmente prestar-se a composição do cinema. Entretanto, devemos nos ater que apesar da similaridade formal das imagens, ao cinema é possível subtrair-se desta lógica maciça de produção, como inúmeras obras o fazem. Enquanto a cadeia imagética televisiva, ao fabricar um mundo homogêneo e bem organizado, assenhora-se de nossas próprias significações, erige-se tal qual muro onde nenhum outro sentido deverá advir; na produção da imagem de que trata a obra cinematográfica, por vezes, imprime-se um furo pelo qual “o agenciamento de imagens nos põe em questão, problematiza a realidade e pode nos colocar na vertigem, por vezes poética, de um mundo heterogêneo do qual não somos senhores” (RIVERA, 2008, p. 08).

Assim, quando um enredo – televisivo ou cinematográfico – é apresentado ao espectador, se estabelece uma linha de ficção tecida na contação daquela história. Sabemos que a história contada, não é a história do sujeito, não obstante, é como se fosse. Podemos supor então, que há qualquer coisa de mítico no enredamento pulsional exercido sobre o sujeito que se coloca ante uma superfície projetora de imagem unificada e plena de sentido, seja ela espelho, tela de tv ou de cinema.

---

<sup>4</sup> De acordo com Motón (2009), no texto *O Homem e o Mundo Midiático no Princípio de um Novo Século*, a evolução dos meios audiovisuais se deu em dois blocos distintos a partir de seu suporte fundamental: fotográfico ou eletrônico. Evolução do cinema: fotografia(1826), cinema mudo (1895), cinema sonoro (1926); Evolução da TV: telegrafia (1838), telefonia (1876), radiotelefonia (1896), radiodifusão(1920), televisão (1926).

Suscitamos, aqui, o que Lacan (1998 [1949]), definiu como Estádio do Espelho: momento lógico, configurador do Eu, marcado pela insuficiência motora e imaturidade neurológica, no qual há uma antecipação da unificação do corpo através da imagem. As pulsões auto-eróticas, narcisicamente dirigidas ao corpo do enfans, seriam então investidas em uma imagem ideal – Ideal-Ich – que anteciparia a forma unificada ao corpo da criança (QUINET, 2002). Portanto, o trajeto pulsional que surge de uma anti-imagem (imagem despedaçada de um corpo retalhado pelas pulsões parciais) dá unidade ao corpo prefigurado pela imagem no espelho; imagem de um outro, do qual não se distingue. É nesta estranha e idêntica imagem ideal que o sujeito se identifica e se rende a um estado jubilatório produzido pela “satisfação narcísica de saber-se corpo” (QUINET, 2002, p.128).

Assim, a disposição ao encantamento imagético tem raízes psíquicas profundas e anteriores à produção tecnológica da imagem, ancora-se na marca daquele amor que o sujeito teve por sua auto-representação e em sua condição de ser intercambiável a qualquer objeto (LACAN, 2008[1959-1960]), inclusive imagem televisiva ou cinematográfica.

Devemos lembrar que a noção de objeto é introduzida por Freud sob o manto de uma relação de miragem, pois “o problema da identificação está ligado a este desdobramento psicológico que situa o sujeito numa dependência em relação à imagem idealizada, forçada, de si mesmo” (LACAN, 2008[1959-1960], p. 121). Assim, uma identificação imaginária se dará como alienação, na qual a consistência subjetiva está na base do que se é para o olhar do Outro (KEHL, 2004), situando a instância do eu em uma linha de ficção.

Ora, se a identificação com a imagem é uma forma de alienação (KEHL, 2005), podemos considerar que ao se identificar com a história ali representada, o espectador se aliena, ainda que parcialmente, de sua própria linha de ficção. Contrariamente ao espelho, no qual o objeto olhar passa pelas fases do circuito pulsional e culmina no retorno para o sujeito que se vê olhado e, por isso mesmo, passa a existir como objeto de desejo de um Outro (CHATELARD, 2005); na projeção, sobretudo televisiva, a trajetória pulsional atrela-se na sequência de imagens, ad æternum, que se ligam no instante mesmo em que produzem sentido (KEHL, 2005).

É como se o sujeito ficasse preso no tempo crucial de Narciso: entre a ignorância de não saber-se imagem e a condição de sujeito de desejo, objeto de desejo do Outro refletido. Ou ainda, nas palavras de Lacan (1998[1949]) “antes de se objetivar na

dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito" (p. 97), perdido na fascinação do olhar.

Para a criança este tempo de Narciso é demovido, na medida em que, ao procurar a realidade de si, encontra apenas a imagem do outro, esgotando assim sua identificação especular (GARCIA-ROZA, 2004). Portanto, o estádio do espelho deve ser entendido como um momento mítico, uma matriz formadora de um primeiro esboço do ego, pois: "fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade" (LACAN, 1998/ 1964, p. 100).

No narcisismo em que mergulha a criança, a díade Mãe-bebê é apanágio da relação especular. Um tempo escandido entre na alienação da imagem de um Outro que lhe constitui e o advento de um vir-a-ser sujeito de desejo. Neste tempo, não se pode inferir a assunção de um sujeito, pois o desejo do infans está alienado ao desejo da mãe. É preciso um terceiro elemento que corte esta fascinação narcísica.

Somente com a entrada do pai nesta relação dual, a lei da castração incidirá barrando o gozo mortífero da mãe e oferecerá a possibilidade de um sujeito vir-a-ser, pois produzirá uma ferida narcísica, da ordem de uma Spaltung, que não só dividirá o sujeito, como marcará sua captura pela linguagem sujeitando-o ao significante da Lei. Assim, a constituição subjetiva não reside na ilusão de completude narcísica, mas sim na separação promovida pelo corte deste tempo especular, ao que circunscreve o sujeito em sua condição de falta-a-ser, por sua determinação de sujeito desejante (QUINET, 2002).

Sabemos, pois, que na produção da imagem televisiva, um corte que cause separação não é requisito, já que incorreria no risco de desorganizar a realidade, ao romper a obturação imaginária e inscrever a falta no Outro; suscitaria uma angustia que nos faria "aparecer como objeto, por nos revelar a não autonomia do sujeito" (LACAN, 2005 [1962-1963], p. 58).

Por processo análogo é possível supor que na obra cinematográfica haja identificação e alienação do sujeito a imagem especular. Sobretudo, quando nela

prevalece uma narrativa clássica <sup>5</sup>, tributária de um modelo hegemônico de entretenimento voltado para massa.

Entretanto, certas obras conservam a possibilidade de o sujeito escapar deste engodo. O cinema moderno, por exemplo, tem a narrativa calcada em indagações estéticas que refletem inovações técnicas, criando uma linguagem situada fora dos processos de encenação convencional impostos pela tradição americana (Xavier, 2005). Já o cinema atual, inspirado pela arte contemporânea, lança mão das fórmulas clássicas, hiper-fetichizadas, voltadas para o entretenimento, a fim perverter suas referências centrais e deslocá-las, criando uma relação de estranhamento que transforma o mais familiar, no mais estranho. Isso porque, não há um compromisso de produção de sentidos já que texto, imagem e som não seguem necessariamente uma linearidade dramática. As suturas operadas na montagem não apagam as próprias marcas, outrossim, revelam um jogo ilusionista entre imagem e espectador.

A montagem desta categoria de obra cinematográfica, não mais se orienta por uma significação apaziguadora e harmoniosa, mas sim por uma forma que frequentemente sustenta em conflito elementos da gramática fílmica (som, imagem, luz, texto, ângulo, etc), figurando-se como obra resistente a alienação subjetiva.

Do conflito engendrado neste processo, podemos supor um funcionamento pulsional distinto daquele submetido à fascinação em causa no movimento contínuo das imagens televisivas. Ao se deparar com a ruptura da linha de ficção na qual o roteiro se desenrola, a pulsão enredada pela imagem retorna ao espectador e conclui o circuito. Por assim dizer, a pulsão escópica descarrilha-se da linha ficcional da narrativa e pode se realinhar no corte da linha de ficção do próprio espectador. Este corte o separa do especular e lhe restitui a condição de sujeito, ao passo que nodula sua angústia e coloca, momentaneamente, seu próprio enredo em desalinho.

Tal restituição subjetiva pode ser entendida nos meandros do circuito pulsional, no que concerne seu último tempo.

---

<sup>5</sup> Sobre a distinção entre narrativa clássica e moderna, ver Ismail Xavier - O discurso cinematográfico (2005) no qual define a narrativa clássica como produtora de um discurso de sentido unívoco com início, meio e fim bem definidos, de modo a envolver o espectador em uma estória contada como realidade.

Segundo Freud (2004[1915]), o terceiro tempo da pulsão segue de uma transformação da atividade em passividade e da escolha de outra meta, pela qual o sujeito é colocado na posição de ser olhado; haveria, portanto, o surgimento de “um novo sujeito, ao qual nos mostramos para sermos contemplados por ele” (p.154). O que Lacan constata quanto ao “aparecimento de ein neues Subjekt” (LACAN, 1998[1964], p. 169), é que dele não se denota a forma reflexiva com a qual Freud termina a gramática pulsional na frase: eu me olho. Para Lacan, do que trata esta construção é, na verdade, de um “fazer-se ver”, pois, à guisa do aparecimento deste novo sujeito, constitui-se ali, também, um objeto. A pulsão consiste neste movimento ao Outro, para qual o sujeito se mostrará “numa outra cena, no campo do Outro, como um ‘novo sujeito’” (SCHEINKMAN, 1995, p.49-50).

Deste modo, no processo de restituição subjetiva, a pulsão parte da pura percepção, do puro narcisismo, para um campo no qual é introduzido o eu (CHATELARD, 2005); satisfaz-se em sua condição de circularidade, pois retorna para o sujeito barrando-o em seu gozo imaginário; projeta uma sombra na qual o sujeito não reencontra sua imagem (RIVERA, 2008).

### ***FIAT UMBRA IN EST – FAÇA-SE A SOMBRA NO SER***

No vazio da não significação, deduz-se um ponto de estranhamento que salta à tela. Assim, mais do que exibir-se em oco do qual se supõe um objeto caído, o espaço irreconhecível sidera o sujeito para que este o preencha com sua angústia – que é sempre angústia de castração (CHATELARD, 2005).

Quanto ao objeto destacado, sua consistência é tal como se o olhar, de relance, se fisgasse no horror da castração; como se o próprio olho resvalasse por um instante no real. E mesmo que o desfile de imagens não cesse de perfilar-se, aquele ponto não especularizável restará como se sacralizasse o destino do mito: aos olhos de Édipo, restam os alfinetes de Jocasta.

Percebemos, pois, um a mais de sideração na obra cinematográfica, ao levar em conta o paradoxo de que, na sutura de imagens pela qual se edifica, é possível entrever a figuração da falta. Se por um lado, não há imagem da falta (QUINET, 2002), por outro, é disso que se trata a consistência figurada na tela por imagens. A imagem cinematográfica faz passar por identificável algo impossível de reconhecer: a pulsão não simbolizada (RIVERA, 2008), um resto de operação que resistirá à significação no bloco geral do enredo.

Este nó sombrio de não significação é figurado pela falta no Outro. A resposta do sujeito para o horror causado por esta imagem será a construção do fantasma. (LACAN, 1998[1964]). Assim, lá onde o vazio de significação se abre, o Neues Subjekt aparece e cai como objeto (resto da operação subjetiva); separa-se do Outro enredo e dependura-se com sua fantasia. Entretanto, ainda que o fantasma lhe cesse a queda, não lhe resguardará de um instante de Vertigo<sup>6</sup>.

O ponto figurado pela falta, no qual o discurso não alcança, denuncia a precariedade deste mundo imagético, ao transparecer o risco iminente de súbita fragmentação, que em vias de fato, só ocorre no tempo do intervalo do frame para, no momento seguinte, realinhar-se na ficção da narrativa. Restitui-se a captura pela imagem, condicionada ao rigor de uma rede de linguagem simbólica, sem que se apague do corpo de sua história a vacuidade do corte real. Assim, de acordo Guimarães (2004), o cinema continua sendo “uma aparição repetida do real para velá-lo, infinitizando-o em sua inesgotabilidade” (p. 101), e ainda um confronto com o real que, “nas palavras de Frederico Fellini, é um confronto com a morte” (idem).

## MORRER É PRECISO

Pela introdução da morte da imagem é possível estabelecer uma distinção radical no uso da temporalidade no cinema e na TV, desde a cadência intervalar até o tempo final. No cinema a noção de tempo pode ser marcada: 1º) pela extensão formal da obra, composta por início e fim; 2º) pelo compasso de afânise e restituição da imagem, simulada no vazio de significação que dá borda à angústia e mortifica o sujeito em seu flerte com o real.

Já na produção da imagem televisiva o que está em jogo é justamente o logro da morte pela destituição temporal, pois: 1º) a significação é dada de antemão, prescindindo de qualquer instante de atribuição de sentido por parte do sujeito; 2º) o tempo só existe por simulação de intervalos – comerciais – que não possuem outra função, que não a de ligar um fragmento de programa ao outro, ad aeternum, rumo

---

<sup>6</sup> Referência ao clássico de Hitchcock, Um corpo que cai (Vertigo, 1958). De acordo com Rivera (2008), este filme “explora uma semelhança, não formal, mas estrutural, com a concepção psicanalítica da fantasia” (p. 53) ao figurar um jogo de imagens na produção de uma realidade que cai á medida que a narrativa se desenrola.

ao infinito. Para o programa televisivo o único tempo possível é o agora. A noção de fim ou morte só é tangível pela ação de ligar/ desligar o aparelho. A televisão coloca em ato o que no humano é pura fantasia: a completude e a infinitude.

Deste modo, faz semblante de um Outro total, do qual nada cai, nada se destaca, nada é vazio. Ora, se na montagem não cabe objeto a, tampouco, sujeito barrado, o que está em causa é a aniquilação do desejo, que se sustenta pela interdição. Isso porque a TV cria uma ilusão permissiva de que ao sujeito nada faltará, na medida em que tudo seja consumido. A oferta subjetiva proporcionada pela TV baliza-se, portanto, na identificação do Sujeito de Desejo á um Sujeito de Consumo, que se institui no momento em que depõe o olhar na caixa televisiva, como quem, novamente, “depõem as armas” (LACAN, 1964, p. 99). Assim, a televisão executa um papel perverso ao apresentar a imagem como fetiche, objeto mágico de satisfação do desejo que denega a falta, um substituto pleno para tamponar a castração, que recobre não só as falhas de seu próprio contorno, como se estende em mascarar a falta do sujeito.

Apesar da articulação proposta, uma ressalva é indispensável quanto ás atribuições da produção da imagem. Ainda que a hipótese de que um tipo de linguagem cinematográfica possa se construir sob uma racionalidade que comporte o sujeito, por remeter aos processos de constituição subjetiva, ao passo que a montagem televisiva segue na contramão desta lógica, vale lembrar que devido ao dualismo pulsional, uma imagem, ou seqüência de imagens, não pode ser toda escopicizada, ou seja, há sempre um ponto de opacidade carregado pela pulsão. Além disso, o sujeito, por estrutura, é faltante, na medida em que ele não pode dizer nada que não esteja submetido ao reino da linguagem. Assim, por mais que a TV pretenda o não comparecimento do sujeito com sua significação, este resiste e escapa à sedução imagética.

Para concluir, evocamos novamente o mito de Narciso, a fim de ressaltar o contraste: enquanto a imagem televisiva captura o olhar em fascinação e o aprisiona entre a ignorância e o desejo; a obra cinematográfica realiza o destino mítico do sujeito ao mergulhá-lo na *Verkehrung* da pulsão – que também é pulsão de morte – para que o sujeito, em seguida, renasça *Vitória-Régia*: aparecimento de *ein neues Subjekt*.

## REFERÊNCIAS

- CHATELARD, Daniela S. O conceito de objeto na psicanálise. Do fenômeno á escrita. Tradução Procópio Abreu. Brasília: Editora UNB, 2005.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIV, p. 75-108. Edição Standard Brasileira.
- FREUD, Sigmund. Pulsões e destinos da pulsão (1915). In: \_\_\_\_\_. Obras Psicológicas de Freud. L.A. Hanns, Trad. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I, p. 133-173. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente.
- GUIMARÃES, Dinara M. Vazio iluminado: o olhar dos olhares. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- KEHL, Maria Rita. Televisão e Violência do Imaginário. In: J. M. Gagnebin. Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- LACAN, Jacques. O Seminário: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: \_\_\_\_\_. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: \_\_\_\_\_. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. O Seminário: A angústia (1962-1963). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. O Seminário: A Ética na Psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MONTÓN, Angel. O homem e o mundo midiático no princípio de um novo século, In: Nóvoa, J., Fressato, S. B. & Feigelson, K. (Org.). Cinematógrafo: um olhar sobre a história. Salvador/São Paulo: DUFBA/ Editora da UNESP, 2009.
- QUINET, Antônio. Um olhar a mais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.
- RIVERA, Tânia. Cinema, imagem e psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2008.
- SCHEINKMAN, Daniela. Da pulsão escópica ao olhar: um percurso/ uma esquizo. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995.
- XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

## **THE IMAGE'S LANGUAGE: NOTES ABOUT SUBJECT IN QUESTION ON TV AND ON CINEMA**

### **ABSTRACT**

The assembly of the television and cinematographic figure is dependent on a logic of production that determines the final language of both. Thus, we investigated a contrast between one and another, considering the position of the viewer as subject of language. The theoretical back ground that sustain this discussion is referred to Lacan's contributions, especially, to scopic entanglement drive, to capture the subject in the significant chain and the production of figurative sense of fantasy. We'll see that, while a kind of cinematic language can be built by a rationality that supports the subject, the television picture is constructed antagonistically to this logic.

**KEYWORDS:** Subject. Image. Television. Cinema.

## **LE LANGAGE DE L'IMAGE: NOTES SUR LE SUJET EN QUESTION À LA TÉLÉVISION ET DANS LE CINÉMA**

### **RÉSUMÉ**

Le montage de l'image télévisée et cinématographique est soumise à une logique de production qui détermine ses langages finaux. Ainsi, nous avons étudié un contraste entre eux, considérant la position du spectateur en tant que sujet du langage. Le contexte théorique qui soutient cet argument fait référence aux contributions lacaniennes, surtout, à l'attachement pulsionnelle scopique, à la capture du sujet dans la chaîne signifiante et à la production de sens causé par le fantasme. Nous verrons que, pendant qu'un type de langage cinématographique peut être construit sous une rationalité qui contient le sujet, l'image télévisée est construite à l'envers de cette logique.

**MOTS-CLÉS:** Sujet, Image, Télévision. Cinéma.

Recebido em: 08-04-2017

Aprovado em: 15-06-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PSICANALISTA FRENTE À ARTE

*Marcelo de Oliveira Prado*<sup>1</sup>

*Tiago Ravello*<sup>2</sup>

## RESUMO

Buscamos neste trabalho estabelecer uma categorização da relação entre a arte e a psicanálise na obra freudiana a partir de uma análise utilizando os quatro discursos propostos por Lacan. A partir deste objetivo, propomos três categorias, em que a primeira, a análise do autor a partir da obra, pode ser articulada predominantemente com o discurso de mestria, a partir do qual a noção de caráter e as comparações entre a transferência do analista com o autor e a sua contratransferência na análise também puderam ser articuladas. A segunda categoria, a análise do discurso de personagens de uma obra de ficção para demonstração de um saber já construído, pode ser relacionada com os discursos histórico e universitário. Na terceira categoria, pudemos articular o efeito da arte enquanto explicitador do impacto real de *das Ding* com o discurso do analista.

**PALAVRAS-CHAVES:** Sublimação. Arte. Discursos. Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Rua Aidê de Souza, 86, 79060-010, Vila Olinda, Campo Grande, MS. (67) 3029-2126, (67) 9215-3586. [deoliveiraprado9@gmail.com](mailto:deoliveiraprado9@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor adjunto do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), Cidade Universitária, s/n, 79070-900, Campo Grande, MS, Caixa-postal: 549. (67) 3345-7585. [tiagoravello@yahoo.com.br](mailto:tiagoravello@yahoo.com.br)

## **INTRODUÇÃO**

A aproximação entre a psicanálise e a literatura em Freud possui várias possibilidades, como quando por diversas vezes ao longo de sua extensa produção, focou nas possibilidades de análise do autor através da obra. É neste enfoque que se situa, apenas para citar um exemplo, o artigo sobre Leonardo da Vinci. Freud escreveu que o artista provavelmente não teve uma vida sexual intensa ou mesmo ativa – por falta de interesse –, e que esta seria sublimada através da criação artística e em sua ânsia pelo conhecimento (1910/1996). Fazer uma análise deste tipo impõe limitações éticas, uma vez que é baseada em biografias e documentos e não no discurso do analisando em uma situação de análise. Em outros momentos, Freud utilizou trechos literários e até mesmo obras inteiras, como no texto *Delírios e Sonhos na Gradiva* de Jensen (1907/1996). Nesta, Freud as tomou como campo de trabalho para suas hipóteses – na forma de análise dos discursos de personagens –, partindo de um pressuposto por ele lançado de que ao artista era possível alcançar a verdade antes do cientista. Da mesma forma, questionamos como seria um discurso analítico – segundo orientação lacaniana – frente aos efeitos estéticos produzidos a partir da experiência de contato com uma obra de arte. Uma vez que esta pode sugerir uma posição subjetiva frente ao desejo, que poderá ser assumido, de diferentes maneiras pelo indivíduo. Os efeitos estéticos da arte são tratados por Freud (1919/1996), por exemplo, em relação ao fenômeno do estranho, em que algo é sentido desta maneira justamente pelo contrário, por ser familiar, por indicar o retorno do recaiado, como na compulsão à repetição, dando a possibilidade de retomar uma experiência e em alguns casos demandar a ressignificação da história individual. Os efeitos estéticos podem levar um sujeito para a análise a partir de um corte ou criando um enigma, em que o sujeito se questione do porque de tais efeitos, por exemplo. Da mesma maneira, a sublimação, por vezes comparece enquanto uma saída possível para a análise e uma alternativa ao recalque (FREUD, 1910/1996), na forma de criação ou fruição artística.

Frente a estas questões, propomos a partir de uma reflexão sobre a aproximação entre psicanálise e arte na obra freudiana – atravessado por uma leitura lacaniana –, relacionar a posição do psicanalista frente à arte, em especial a literatura, tanto em relação a uma obra, quanto aos efeitos estéticos que com frequência se constata na fala de pacientes e na cultura, de maneira geral. Para isso, desenvolveremos uma

articulação das abordagens freudianas da arte com a ética da psicanálise, no que se refere aos discursos que formam laço social e a possibilidade da produção de uma fala plena (LACAN, 1970/1992 e 1953/1998). Num segundo momento, discutiremos o fenômeno do estranho (FREUD, 1919/1996) produzido pela arte e sua relação com o impacto de das Ding (LACAN, 1969 -1970/1992), considerando também a discussão lacaniana do conceito de sublimação enquanto elevação do objeto à dignidade da coisa (LACAN, 1959-60/2008).

## **ANÁLISE DO AUTOR A PARTIR DA SUA OBRA: A NOÇÃO DE CARÁTER E O DISCURSO DO MESTRE**

Com o objetivo de pesquisar na obra freudiana textos que relacionem a psicanálise com a arte, tomamos de início o ensaio Dostoievski e o parricídio (1928/1996), por este permitir um ponto de discussão que nos interessa; a relação do psicanalista com a arte, uma vez que Freud escreveu a respeito do autor e de sua obra. Segundo nota de Strachey, editor inglês das Obras Completas de Freud, tal texto foi escrito a pedido de editores, para que servisse de introdução ao volume de um livro sobre o caráter e obra de Dostoievski<sup>3</sup>, especificamente a respeito das supostas origens do romance Os irmãos Karamazov. A noção de caráter na psicanálise está ligada às leituras nas quais é dado destaque às fixações em fases do desenvolvimento psicosssexual, que ocorreriam por conta de traumas experienciados, por exemplo, no período de desmame, controle dos esfíncteres ou no período de pesquisas sexuais infantis.<sup>4</sup> Essas leituras, das quais não compartilhamos se apoiam

---

<sup>3</sup> Freud realizou análises de autor a partir da obra e de biografias em outros momentos, como indicado na Introdução deste trabalho a respeito de Leonardo da Vinci (1910/1996). Freud (1900/1996) também realizou análises a respeito das motivações profundas no ato de criação de Shakespeare ao escrever as obras *Hamlet* e *Macbeth*, em que teriam sua origem nos sentimentos do autor pelo filho que teria morrido e nos conflitos com seu próprio pai. Freud (1917/1996) escreveu ainda uma análise a respeito de uma lembrança de Goethe, presente em uma autobiografia do autor. Freud faz a análise a partir da comparação com um paciente que atendeu e que tinha uma lembrança e história semelhantes à de Goethe.

<sup>4</sup> Estas noções de caráter estão presentes, por exemplo, em Zimmerman (1999, p. 200) que discute a etiologia da fobia, em que cita a visão da “[...] escola kleiniana, que enfatiza o fato de a fobia resultar da fixação na fase evolutiva do sadismo oral canibalístico, com a respectiva projeção dos primitivos objetos aterrorizantes sobre o espaço exterior que, então o transforma em fóbigeno”. Outro momento em que discorre sobre a temática se dá em relação à “[...] *caracterologia obsessiva* [que] implica na presença permanente e predominante dos conhecidos traços de meticulosidade, dúvida, intolerância,

*Psicanálise & Barroco em revista | v. 15, n. 01 | julho de 2017* 199

em passagens do texto freudiano como nas que indica que o caráter seria resultado de fixações, sublimações e formações reativas de pulsões infantis, especialmente as ligadas à disposição perverso-polimorfa (FREUD, 1905/1996). O problema desta noção de caráter está no teor rígido e naturalizante que pode assumir, como quando Freud escreve que “[...] o caráter, em sua configuração final, se forma a partir das pulsões<sup>5</sup> constituintes: os traços de caráter permanentes são ou prolongamentos inalterados das pulsões originais, ou sublimação dessas pulsões, ou formação reativa contra os mesmos” (1908/1996, p. 164).

Tal noção tem como argumento a hipótese de que indivíduos que nascem com a zona erógena anal preponderante em relação às outras, podem, no decorrer do desenvolvimento psicosssexual, abandonar tal erotismo por este não servir aos fins de reprodução, dando origem a características de personalidade como ordem, parcimônia e obstinação. Estas características são apontadas, por vezes, como traços permanentes e imutáveis ou indicando a necessidade de superar tais fixações patológicas e avançar para a fase genital da sexualidade. Porém, devemos considerar que Freud, no decorrer de sua obra modificou a importância do orgânico na construção psíquica, priorizando a percepção que se tem das diferenças anatômicas entre os sexos na construção do masculino e do feminino (1925/1996), por exemplo.

Portanto, a dimensão do corpo na neurose obsessiva não deve ser requisitada na suposta reação ao erotismo anal ou à homossexualidade, mas sim, nas dificuldades de implicação e identificação com o corpo, como discutem Coppus & Bastos (2012), a respeito de queixas comuns na clínica de mulheres obsessivas que buscam um corpo perfeito, idealizado, que funcione “sem rateios” (p. 118). Desta maneira, em uma leitura lacaniana, este corpo que é psíquico, construído e abordado pela linguagem, no qual se considera o papel do significante, de maneira que ele “[...] é a causa do gozo. Sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo? Como, sem o significante, centrar esse algo que, do gozo, é a causa material?” (LACAN, 1972-73/1985, p. 36). Ou seja, o significante é a via pela

---

etc., sem que isso altere a harmonia do indivíduo ou que o faça sofrer exageradamente [...]”.  
(ZIMERMAN, 1999, p. 202, itálicos no original).

<sup>5</sup> Optamos por substituir pulsões onde havia instintos – substituição esta bem aceita no campo psicanalítico – por este último carregar uma noção naturalizante que não corresponde ao *trieb*, em alemão.

qual se constrói um corpo e modifica as relações do sujeito com o mundo, não sendo, o órgão, o determinante nestas relações.

Em outros momentos de sua obra, Freud propõe uma forma diferente de abordar o caráter, em oposição à preponderância do erotismo, a favor de um papel maior do recalque, por conta das influências da cultura em que “costuma-se dizer que a luta contra uma pulsão tão poderosa, com a acentuação de todas as forças éticas e estéticas necessárias para tal, ‘enrijecem’ o caráter.” (FREUD, 1908/1996, 181). Logo, estas duas últimas noções de formação do caráter, uma com preponderância do erotismo e inatismo – se *trieb* do alemão for lido como instinto, leitura esta reforçada pela tradução da edição inglesa da *Imago*, com a qual não concordamos –, e a outra privilegiando o papel das restrições culturais, podem ser entendidas como complementares, em vez de antagônicas, “elas simplesmente apontam para extremidades diferentes do conflito entre as pulsões sexuais e a repressão” como propõem Silva & Albertini (2005, p. 290). Porém, isto não elimina, a nosso ver, o teor naturalizante e de rigidez das produções psíquicas contidas na noção de caráter, presente na própria análise que Freud realizou a respeito de Dostoievski, segundo qual afirma ser possível distinguir quatro facetas da personalidade do autor: o artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador (1928/1996). O talento do artista criador não é colocado em questão, porém, quando diz de sua moral, Freud aponta que os conflitos do escritor para conciliar suas exigências pulsionais com as exigências da cultura implicaram em sua neurose. Sendo que esta teria o impedido de contribuir para o avanço da humanidade, uma vez que se tornou submisso às autoridades temporal e espiritual, no caso, o czar e o Deus cristão. Tais interpretações a respeito de Dostoievski implicam em dois problemas: a fragilidade de tais análises do autor feitas a partir de biografias e de produções artísticas, e, o posicionamento do psicanalista, no lugar da assunção de um determinado saber, ao invés da sustentação de um local de um suposto saber, no que pese a interpretação como relação entre saber e verdade (LACAN, 1969-1970/1992).

O primeiro problema se dá uma vez que tais interpretações não são como a análise do discurso de um paciente em uma situação de análise, na qual há processos tratados por Freud (1914/1996) como fundamentais para tal experiência: a associação livre, a transferência e a compulsão à repetição por parte do paciente. Este modelo de interpretação endereçada a Dostoievski por Freud não favorece a produção de um sujeito da enunciação, mas somente um sujeito do enunciado, um sujeito falado como

é o eu. Lacan (1960/1998) trata do sujeito do enunciado como aquele que é designado pelo sujeito da enunciação, o sujeito do Inconsciente, que se apresenta como descontinuidade no real, que causa furos no sentido e que por sua vez determina o discurso. Ou seja, o sujeito do enunciado é discurso do ego consciente, que tenta manter uma coerência e uma totalidade. Porém, ele é determinado pelo sujeito do inconsciente, que por sua vez, se apresenta no ato falho e no chiste, por exemplo, como aquilo que marca uma ausência de saber sobre si. No texto a respeito de Dostoievski, Freud tomou sua obra e dados biográficos como um conjunto de saber, não se preocupando com as lacunas existentes, o que produz um sujeito do enunciado. Na análise do autor a partir de sua obra não é possível produzir um sujeito da enunciação, que pode vir a ser presente no discurso de um paciente ou na própria cultura a partir do efeito de uma obra de arte, por exemplo. Da mesma maneira, não há como – utilizando-se de biografias ou de obras de arte – o analista dar a sua contrapartida com a atenção flutuante (FREUD, 1912/1996). Sem estes requisitos, como sustentar uma interpretação que se enquadre eticamente no discurso analítico? Em relação ao segundo problema, é reconhecido que a suposição de um saber do psicanalista pelo analisando é condição para que haja uma transferência pela via do saber. Todavia, este deve ser apenas um suposto saber, não podendo o analista se colocar como início da cadeia significativa do paciente, o S<sup>1</sup>, ocupando a posição que Lacan (1969-1970/1992) chamaria de mestria.

Para continuarmos a discussão a respeito das implicações na relação do psicanalista com a arte, tomaremos como base os discursos que formam laço social, presentes em O Seminário XVII – O avesso da psicanálise (LACAN, 1969-1970/1992), recurso ao qual recorreremos no decorrer de todo o texto. Neste, Lacan discorre a respeito da produção dos quatro discursos: do mestre, do universitário, do analista e da histérica, representados respectivamente por S<sup>1</sup>, S<sup>2</sup>, a e \$. O S<sup>1</sup>, chamado de significativo mestre, que intervém no campo da linguagem para representar a incidência do significativo como organizador inicial da cadeia; o S<sup>2</sup>, a bateria de significantes nomeada como saber, responsável pela ligação dos significantes em uma relação de rede; o \$, chamado sujeito barrado ou sujeito dividido, ou seja, a posição de seu descentramento imposto pela castração; o objeto a, definido como um resto da operação de surgimento do sujeito na cadeia significativa, sendo causa de desejo.

$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$	$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$	$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$	$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$
<i>DM</i>	<i>DH</i>	<i>DU</i>	<i>DA</i>

De modo que os quatro elementos estão presentes em cada modalidade de discurso, que diferirão entre si na medida em que se dá um quarto de giro de volta no matema e um dos elementos assume a posição de agente do discurso, considerando que:

*O agente*: Estrutura a produção discursiva, domina o laço social, ao dar o *tom* ao discurso e ao possibilitar que haja alteridade. O agente não é aquele que age, é o agenciador, promove o discurso. É movido pela verdade, lugar que pode ser ocupado por qualquer termo. *O outro*: É aquele a quem o discurso se dirige. O outro precisa do agente para se constituir. *A verdade*: A verdade sustenta o discurso, mas é acessível apenas pelo *semidito*. Ela não pode ser toda dita, havendo uma interdição entre a produção e a verdade. *A produção*: É o efeito do discurso, é aquilo que resta. (SANTOS, SADALA; BORGES, 2012, p.559, itálicos no original).

$\frac{\textit{agente}}{\textit{verdade}} \rightarrow \frac{\textit{outro}}{\textit{produção}}$
---

A partir da teoria dos quatro discursos proposta por Lacan, podemos fazer uma crítica às leituras baseadas na noção de caráter uma vez que estas seriam operadas a partir do discurso do mestre, criando a ilusão de que quem fala também saberia e dominaria totalmente o objeto do qual fala. Esta noção implica no recalçamento da falta, em que não se considera os traços estruturais do sujeito em sua matéria composta de linguagem, que impõe as vacilações da cadeia significante, em que podemos questionar a suposta estabilidade e constância de produções psíquicas rígidas e naturalizantes, como a de caráter (DOR, 1991). É neste sentido que relacionamos a análise do autor a partir da obra com o discurso de mestria, uma vez que Freud – ocupando a posição de agente do discurso, o S<sup>1</sup>, toma a obra de Dostoiévski como um conjunto de saber, o S<sup>2</sup>, sem se preocupar com as lacunas existentes. Esta análise remete à suposta possibilidade de conhecimento prévio e totalizante do objeto, representado pelo objeto a no lugar de produção. O objeto a testemunha a não inscrição do real e, portanto a não possibilidade de conhecimento

do objeto real, o que o \$ no lugar da verdade<sup>6</sup> revela, já que o texto escrito por Dostoievski não se endereçava a um analista, em que este último recalca sua castração em não poder saber e dominar tudo sobre o objeto. Todavia, sabe-se que sustentar a ilusão de mestria exige um alto preço a se pagar com os imperativos superegóicos (KOSOVSKI, 2010), em que o analista pode deslocar-se à posição do escravo na articulação do discurso do mestre, no intuito de manter a ilusão de mestria na qual o gozo se encontra como produção. Segundo Kosovski (2010, p. 293), “quanto mais alheio à sua divisão, mais exigente se faz o imperativo categórico, instância que toma o eu como objeto, maltratando-o e incitando-o a gozar”. Esta não é uma boa saída para o analista, porém corre-se este risco caso não se esteja constantemente refletindo a respeito de sua práxis e de sua análise pessoal.

Com este primeiro dado, podemos fazer um questionamento: qual o papel do psicanalista frente a uma obra de arte? Deveria ele atender a uma demanda relativa à curiosidade sobre a intimidade de um artista? Outro questionamento possível é o seguinte: de quem é a demanda deste tipo de análise? Não seria, na maioria das vezes, uma demanda do próprio analista? Retomaremos a discussão da demanda de análise de um autor na parte final do próximo subcapítulo. As análises realizadas por Freud a respeito de Dostoievski a partir de sua obra, contrariamente ao que se faz em uma situação de análise na qual as interpretações são feitas no intuito de que o sujeito se reconheça como barrado e possa produzir um saber no lugar de verdade – em vez do analista oferecer respostas prontas –, nos faz pensar na necessidade de reafirmar o reconhecimento do sujeito do inconsciente no fazer do psicanalista, para que se possa ter uma atitude diferente das posturas realistas e que se supõem totalmente neutras (LACAN, 1966/1998). Ser totalmente neutro implicaria na possibilidade de existir um sujeito coincidente consigo mesmo, um sujeito que não implicaria em um posicionamento subjetivo ao qual se tenha que estar constantemente refletindo a respeito de qual lugar se está ocupando em seu discurso (LACAN, 1960/1998). O que é contrário ao sujeito proposto por Lacan (1969-70/1992), como um efeito de

---

<sup>6</sup> No decorrer do texto, quando usarmos o termo verdade não será no sentido do senso comum, mas sim como conceito proposto por Lacan (1966/1998) como aquilo que se encontra no registro do Real, testemunha do furo do Real no Imaginário humano, sendo, portanto acessível apenas pela via do Simbólico enquanto um semidito. Logo, no processo analítico visa-se a produção de uma saber que se aproxime da verdade do sujeito.

significante, um sujeito que gira nos discursos se posicionando ao ser uma hora jogado no discurso histórico, em outro momento no discurso do analista, do universitário, do mestre, ou outros que vão além desta formalização. Isto não quer dizer que devemos investigar o que de Freud haveria nas suas interpretações de Dostoiévski e assim repetir tal equívoco, mas sim no intuito de reconhecer que a análise de um autor a partir da sua obra ou de biografias não produz um sujeito da enunciação, mas somente um sujeito falado, como discutido anteriormente.

Ou seja, se partirmos da concepção lacaniana de sujeito como posição, a análise do autor pela obra implica também em fixar a posição do analista como sujeito neutro, como um intérprete/observador. Sem a suposição de saber por parte do analisando que sustenta a experiência transferencial, perde-se a lógica da análise das posições frente ao significante e, sendo o sujeito o que representa um significante para outro significante, o analista abriria mão de um questionamento frente ao sujeito do inconsciente. Por isso insistimos na seguinte crítica: não seria esta uma proposta inconsistente com o discurso do analista, no qual este deveria interpretar criando um enigma (LACAN, 1970/1992) que faça o sujeito se questionar e impulsioná-lo a buscar um saber de si?

## **A TRANSFERÊNCIA DO ANALISTA EM RELAÇÃO AO AUTOR DE UMA OBRA E A CONTRATRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE**

Frente às questões levantadas no subitem anterior, persistimos na busca de qual o papel do psicanalista frente à arte. Se considerarmos a situação da formação de um analista lacaniano, esta implica na construção de um sujeito e de uma ética, que depende essencialmente de sua própria análise. Freud (1912/1996) já recomendava a análise dos psicanalistas, advertindo a respeito dos riscos de projetar no paciente seus próprios conflitos inconscientes caso o analista não se digne à experiência de se analisar. De forma semelhante, em uma análise lacaniana, o analista fará suas intervenções a partir da fala do paciente, e somente a partir desta, tirando o foco do que o analista pode vir a sentir a partir do discurso do paciente. Porém, considerando a pluralidade de vertentes da psicanálise, na formação de um analista, por vezes, este precisará fazer uma análise com duração determinada, que

pode não garantir uma experiência analítica por ser padronizada<sup>7</sup>. Por conta desta variedade de vertentes da psicanálise, discutiremos brevemente a temática da contratransferência, um dos pontos mais controversos a respeito da formação dos analistas e que implicam na sua prática, logo podem implicar também na relação do psicanalista com a arte. Zambelliet *al.* (2013) discutem duas vertentes opostas da contratransferência, ditas clássica e contemporânea, de maneira que, em sua versão clássica, a contratransferência é vista como um problema a ser dominado pelo analista e na versão contemporânea ela é considerada uma ferramenta essencial do processo analítico (Zambelliet *al.* 2013).

Os autores destacam Ferenczi como um representante da noção contemporânea de contratransferência, em que este defendeu a tese de que o analista pode, a partir de sua sensibilidade e empatia, compreender mais profundamente as reações emocionais do paciente que não são expressos pela fala. Isso, na medida em que o analisando mobiliza sentimentos contratransferenciais no analista, este pode usar tais sentimentos como instrumento para compreender o paciente e então usar da “benevolência” (Zambelliet *al.*, 2013, p. 10), no objetivo de não repetir um trauma infantil do paciente com postura distante ou rígida do analista. Sobre esta afirmação, podemos fazer alguns questionamentos: qual o controle que o analista tem na repetição que o paciente opera em análise? Freud admite (1914/1996) não ser de serventia, muitas vezes, pedir ao paciente que prometa não tomar decisões importantes durante a análise. Entendemos que o analista não pode contar com este tipo de controle em hipótese alguma, pois isto seria uma tentativa de adaptação ao sintoma e não de asenhoramento do mesmo, como propõe Lacan na sua ética do bem dizer o sintoma.

A respeito desta questão ética, Quinet (2000) escreve que a passagem do semi-dizer ao bem dizer o sintoma significa uma mudança na economia do gozo a partir do efeito na enunciação do sujeito, uma mudança que visa o advir da

---

<sup>7</sup> No site da Federação Brasileira de Psicanálise - FEBRAPS, instituição filiada à IPA, é possível acessar a lista de exigências para a formação do analista. Entre as exigências estão a análise de alta frequência (3 a 5 sessões semanais) com analista determinado para esta função, em que a formação varia entre 5 a 10 anos, dependendo do programa de cada Instituto vinculado à FEBRAPS e o tempo que o candidato leva para cumprir o programa. Disponível em: <http://febrapsi.org.br/formacao/>, acesso em 21 de nov. de 2013.

singularidade do sujeito, o que é diferente de uma adaptação ou eliminação do sintoma. Antes mesmo de questionar o controle que o analista teria sobre a compulsão à repetição, nos perguntamos, há análise sem repetição? Freud (1914/1996) escreve a respeito do começo do tratamento como sendo marcado pela compulsão à repetição, não podendo o paciente escapar a ela enquanto estiver em análise. Este posicionamento que criticamos se encaixa ainda nos seguintes problemas discutidos por Lacan como aqueles que advêm na psicanálise quando se abandona a fala como fundamento de sua práxis: “[...] a pedagogia materna, a ajuda samaritana e a mestria/dominação dialética” (1953/1998, p. 244). Neste caso, a ajuda samaritana estaria, portanto, presente na utilização da benevolência enquanto instrumento contratransferencial e mestria na tentativa de controlar como se dá a compulsão à repetição do paciente. Zambelliet al. (2013, p. 12) também discute a leitura de Heimann a respeito do conceito de contratransferência, em que “se o ego do analista é suficientemente capaz de tolerar tais sentimentos sem evitá-los ou julgá-los, ele poderá compreender e acompanhar os movimentos internos e fantasias inconscientes do paciente [...] na qual a contratransferência pode ser compreendida como parte da comunicação afetiva e inconsciente da relação transferencial”.

Estes posicionamentos sobre a contratransferência que apostam na compreensão do paciente e, no caso de Heimann, também em comunicação afetiva inconsciente, podem sugerir posicionamentos realistas. O que implica no não reconhecimento da castração imposta pela linguagem – que impede o acesso à realidade factual e objetiva – (LACAN, 1966/1998) e da não possibilidade de comunicação na transmissão de uma mensagem de um emissor a um receptor a partir do momento em que se trata sempre de dois sujeitos. Mais do que isso, não seriam estes posicionamentos próximos aos de uma psicoterapia pela identificação com o mestre, em um assujeitamento do analisando ao Outro, como discute Miller (1997)? Isto na medida em que o analista passaria a compreender o que o analisando quer lhe dizer, inclusive naquilo que o paciente não pode comunicar através da fala. Como propõem Zaslavsky & Santos (2005), na qual a relação de objeto primária pré-verbal que determinaria a personalidade do paciente só poderia ser apreensível pela transferência e captada pelo analista a partir da contratransferência. Posição esta que Miller (1997, p.17) articula categoricamente como: “o avesso da psicanálise é o discurso do mestre”.

Compartilhamos da orientação lacaniana em psicanálise, em que consideramos a discussão sobre a contratransferência como o posicionamento de Souza & Coelho (2012) no que discutem a neutralidade analítica que, apesar da filiação, não é correspondente à neutralidade científica, que pressupõe objetividade e distanciamento. Nossa posição é de que tal neutralidade científica é impossível de ser alcançada uma vez que somos seres de linguagem – e, portanto, não temos acesso a uma realidade que seja independente do sujeito nem a um código ordenador da linguagem para além do próprio campo da linguagem, expresso na máxima lacaniana da inexistência da metalinguagem. Logo, o que entra em questão não é a existência ou não da contratransferência, mas sim, a dimensão ética do posicionamento do analista frente a ela para que a relação imaginária não seja um obstáculo aos atos de enunciação. Em outras palavras, é necessário lidar com a contratransferência em sua própria análise e não sobrepujá-la, como teria afirmado Freud (1910/1996, p. 150). Porém, é questionável se Freud teria mesmo feito esta indicação, como propõem Andrade & Herzog (2011) ao escrever a respeito de um equívoco na tradução do termo alemão *bewältigen*, usado por Freud e traduzido como sobrepujar – ultrapassar, dominar – referindo-se ao destino da contratransferência na análise. Para Andrade & Herzog (2011) o termo que melhor traduz o sentido proposto por Freud é “lidar com, elaborar”. Desta maneira, segundo Andrade e Herzog (2011), o analista deve lidar com a sua contratransferência e elaborá-la para evitar a atuação a partir da mesma na sua prática analítica.

Mas, em relação à arte, como o analista deve se posicionar? Freud, ao escrever sobre Dostoiévski, fez suas análises a partir de associações suas e não do próprio escritor, uma vez que este não endereçou sua criação a um analista, o que é a base da relação de transferência. Portanto, não podemos considerar condizentes com o discurso do analista as análises freudianas como as que dizem respeito das crises históricas de Dostoiévski, assim como seu masoquismo expresso no grande sentimento de culpa e a expressão de sua perversão em seus personagens, bem como o desejo de matar seu pai satisfeito no ato de um personagem (FREUD, 1928/1996). Freud, neste texto, acaba por se aproximar de uma abordagem realista dos fenômenos psíquicos – o que pode levar a uma desconsideração da implicação do sujeito pesquisador no seu fazer –, além de assumir o discurso do mestre, quando poderia ter assumido um discurso diferente, mais próximo do discurso do analista como o faz em outros textos, os quais discutiremos no decorrer deste

trabalho. No momento, acreditamos ser importante frisar que Freud, na leitura que propomos não ocupou em todos os momentos ou em sua maioria a posição de mestre na sua relação com a literatura, mas apenas em alguns momentos. É nesse mesmo sentido que Castro (2009) atribui parcialmente a Freud a posição de mestre na criação da IPA enquanto Instituição por ele inicialmente controlada, na qual exercia de certa maneira o papel de pai e de ideal da massa de psicanalistas a ela ligada, bem como no seu ensino, em que controlava rigidamente a produção de seus discípulos.

Retomando a questão da demanda de análise de um autor, podemos recorrer a Freud (1930/1996), em uma carta escrita em consequência de ter ganhado o prêmio Goethe – de reconhecimento da importância de sua obra –, na qual relaciona a psicanálise com a obra do escritor. Freud relaciona a obra de Goethe com a psicanálise dizendo que este tinha a compreensão da importância das primeiras relações afetivas nos humanos e da força de Eros, em que também parafraseava conteúdos oníricos e por vezes, aproximava-se da técnica psicanalítica ao tentar aliviar o sofrimento de outro<sup>8</sup>. No discurso lido por Anna Freud na entrega do prêmio, Freud analisa a necessidade de obter dados pessoais dos artistas por parte dos biógrafos e de admiradores das obras de autores. Estes teriam uma motivação ambivalente, em que expressam “[...] a necessidade de adquirir relações afetivas com esses homens, acrescentá-los aos pais, aos professores, aos exemplos que conhecemos ou cuja influência já experimentamos, na expectativa de que suas personalidades sejam tão belas e admiráveis quanto as obras de arte deles que possuímos.” (FREUD, 1930/1996, p. 216).

Freud (1930/1996) se referia à motivação dos biógrafos, mas não seriam estas, na maioria das vezes para não cairmos em uma generalização, motivações dos analistas também? Quanto aos analistas, ele defende serem justificáveis tais análises ao se colocarem a serviço da biografia quando estas tornam possível uma melhor compreensão de uma obra. Entendemos que a motivação do analista não pode ser esta, pois isso seria uma racionalização e redução da produção artística, o que é incoerente com o discurso do analista que tem a motivação de implicar o real e permitir o advir da verdade.

---

<sup>8</sup> A relação de trechos da obra de Goethe com tais temas podem ser vistas no texto *O prêmio Goethe* (Freud, 1930/1996).

$$\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$} \quad \frac{\textit{professor}}{\textit{significante mestre}} \rightarrow \frac{a - \textit{estudante}}{\textit{sujeito dividido e alienado}}$$

Neste texto predomina o discurso universitário, na medida em que o saber, S<sup>2</sup>, constituído por Freud é o agente que de certa maneira implica outros analistas no lugar do objeto a, a produzir análises a respeito de autores, desde que estas supostamente respondam às expectativas do agente. No caso ao qual nos referimos nos dois parágrafos anteriores, há margem para que se entenda que Freud defenderia uma complementariedade no trabalho do analista e do biógrafo, quando se esperaria que o analista procurasse na biografia de um autor as motivações da sua obra enquanto criação singular. A produção é de um sujeito dividido, o \$, que nunca alcançará as exigências do agente. O S<sup>1</sup> no lugar da verdade ordena ao analista enquanto estudante que este continue a produzir e a querer saber sempre mais. Por sua vez, o agente ao mesmo tempo que é um sujeito é também assujeitado, já que não produz o saber pelo qual se julga as suas expectativas estarem ou não satisfeitas. O agente também obedece a uma Instituição, que supostamente o autoriza a pensar livremente, logo ele se autoriza por outros, a respeito, por exemplo, do professor como principal agente no discurso universitário (SANTOS; SADALA; BORGES, 2012). A transferência do analista com um autor também se faz presente no trecho destacado acima, o que tentamos relacionar neste trabalho com a contratransferência do analista em relação ao analisando, o que distancia sua prática do discurso analítico. Frente a todas estas questões, insistimos que fazer uma análise deste tipo impõe limitações éticas, uma vez que o autor não endereçou sua criação a um analista – não havendo transferência e repetição –, distanciando-se do discurso analítico e aproximando-se, sobretudo do discurso do mestre e, por vezes, do discurso universitário.

## **ANÁLISE FREUDIANA DO DISCURSO DAS PERSONAGENS DE UMA OBRA FICTÍCIA E O DISCURSO UNIVERSITÁRIO**

A análise do discurso de uma personagem de uma obra fictícia, num primeiro momento, não aponta grandes problemas, uma vez que se trata de personagens, logo não se está violando a vida de um sujeito, nem produzindo um falso saber a respeito de uma história individual. As objeções a estas interpretações podem perder força

ainda mais se pensarmos nelas enquanto instrumentos didáticos, para demonstração e articulação de conceitos e proposição de hipóteses, ou como um convite ao engajamento numa forma discursiva. É nesse contexto que Freud (1900/1996) se utiliza, por exemplo, de um conto de fadas para explicar a função da censura na formação de sonhos típicos de nudez<sup>9</sup>. Neste texto, Freud faz uma homologia entre a função do mal entendido neste conto de fadas – o receio das pessoas em serem punidas por não ver a roupa do rei em vez de se questionarem sobre a honestidade dos falsos tecelões – e o mal entendido do conteúdo manifesto do sonho de nudez – em que a pessoa nua se envergonha e as pessoas agem com indiferença, quando o desejo realizado e disfarçado é o de exibição. Freud (1900/1996, p. 291) também propôs outras análises do discurso de personagens, como o complexo de Édipo da personagem shakespereana Hamlet – que supostamente seria um histórico por renunciar às investidas de Ofélia – e da própria personagem Édipo, de Sófocles. Assim como quando apresenta rapidamente alguns casos clínicos e paralelamente faz análise das falas das personagens como Lady Macbeth que se viu arruinada pelo êxito, enlouquecendo depois de ter concretizado seu plano de matar o Rei ao incitar seu marido a fazê-lo (FREUD, 1916/1996).

Estas análises dos discursos das personagens para demonstração de fenômenos psicológicos aproximam a psicanálise da arte pela operação do discurso universitário. Nesse discurso, o agente, encarnação do todo-saber (S2), toma o outro (a), personagem, como objeto sobre o qual aplica seu saber prévio, sem se dar conta que é gozado pelo saber do mestre (S<sup>1</sup>), que de fato constituiu o saber que o orienta. Questionamos se Freud não estaria fazendo estas análises como demonstração de um saber constituído por ele mesmo, nesse caso circulando entre as posições de verdade – enquanto início das cadeias significantes que estruturam o saber psicanalítico – e de agente do discurso universitário na medida em que incita outros

---

<sup>9</sup> O conto de fadas *A roupa nova do Imperador*, de Hans Anderson, que conta a história de um rei que foi enganado por dois charlatões que foram ao seu reino dizendo-se tecelões, que faziam um tipo de roupa especial, a qual somente os inteligentes e que faziam bem seu trabalho poderiam ver. O rei pagou uma fortuna aos tecelões, mas quando lhe entregaram a roupa ele não a conseguia ver, nem ninguém, mas todos fingiam vê-la, pois nenhum deles queria passar-se por burro ou que não fazia bem seu trabalho.

psicanalistas a fazer o mesmo, como quando propõem a análise da *Gradiva* de Jensen (1907/1996) na medida em que poderia lançar luz sobre os processos de criação.

Queremos destacar que as análises freudianas dos discursos das personagens e de conjuntos de obras de ficção foram uma importante contribuição para que a arte ganhasse dignidade enquanto objeto científico de pesquisa. Tais análises tem ainda uma importância didática e, portanto não podem ser negligenciadas, ainda que não superem o peso da experiência analítica na formação de um analista ou de quem se interesse em conhecer a psicanálise. Outro ponto importante a ser destacado é que estas análises a respeito de personagens servem também à popularização e circulação do saber, em que a psicanálise se relaciona com outras áreas e adentra na cultura.

A partir do que foi discutido até aqui, pudemos ter uma visão da obra freudiana em que vários posicionamentos discursivos são assumidos em relação à arte, por exemplo, quando Freud (1900/1996) analisa Shakespeare a partir de sua obra – ao propor a hipótese de que Hamlet teria como inspiração a morte de seu filho Hamnet e a relação do próprio autor com seu pai; e *Macbeth*, segundo Freud também trataria de temática semelhante na ausência de filhos do casal principal da referida obra – e operaria, assim, o discurso do mestre. Bem como no mesmo texto analisa o discurso das personagens criadas pelo autor, como a histeria de Hamlet a partir da recusa sexual do mesmo em relação à personagem Ofélia, no qual é predominante o discurso universitário. Por este motivo, propomos a reflexão sobre os aspectos éticos envolvidos no que tange ao discurso do analista (LACAN, 1970/1992) – presente ou não nestas articulações uma vez que é própria aos discursos a possibilidade de girar e mudar o posicionamento do sujeito. Considerando ainda que cada discurso implica em ganhos e obstáculos, destacamos a importância da reflexão de tais relações implicadas pelos discursos e não uma normatização da relação entre psicanálise e literatura. Esta reflexão constante é necessária, pois qualquer que seja a atuação do psicanalista, ela tem seus reflexos na clínica e na formação de um analista, como discutido no subcapítulo anterior a respeito da contratransferência do analista em relação ao paciente comparada com a transferência daquele em relação a um autor de uma obra de arte.

## **ANÁLISES DO DISCURSO DAS PERSONAGENS DE UMA OBRA FICTÍCIA POR AUTORES ATUAIS**

Tomamos como exemplificação de autores atuais que se propõem a realizar análise de discursos de personagens de histórias fictícias, Nascimento & Fontenele (2010). As autoras partem da obra *A serpente*<sup>10</sup> de Nelson Rodrigues, para percorrer a respeito dos caminhos da feminilidade de duas irmãs, interpretando os discursos das personagens para fazer uma articulação entre a psicanálise e a literatura dramática, no que se refere à feminilidade. O que, no conjunto da obra e pela fala das personagens, permite análises como a seguinte: “parece-nos que Lígia só pode tornar-se mulher na medida em que seu cunhado a remete à Guida, ou seja, ao mesmo tempo em que se coloca no lugar da outra, o faz tomando para si o homem dessa. Guida, por sua vez, só é mulher quando Lígia não o é.” (NASCIMENTO; FONTENELE, 2010, p. 127). As autoras discutem ainda em suas análises conceitos como do estágio do espelho na formação do eu de Guida, tendo a irmã como sustentáculo de sua imagem e da feminilidade possível de Lígia – que fingiu por um ano ser feliz no casamento –, assim como seu desejo de insatisfação.

Ferreira (2013) também utiliza do discurso das personagens presentes nos textos dramáticos de Nelson Rodrigues para articulação de temáticas e conceitos freudianos e lacanianos como ideal de ego, crimes motivados pelo sentimento de culpa e desejo enquanto desejo do Outro. Em seu recente livro, Ferreira (2013) também recorre a obras de autores como Fernando Pessoa e Gregório de Matos Guerra – entre outros – nas suas diversas propostas de interlocução entre a psicanálise e a literatura. No presente momento, selecionamos uma passagem do livro da autora em que ela faz uma análise a partir de um apanhado geral da obra de Fernando Pessoa:

---

<sup>10</sup> A obra que as autoras utilizam para suas análises trata-se de duas irmãs que vivem no mesmo apartamento com seus respectivos maridos, porém uma delas, Lígia, continua virgem depois de um ano de casada e inveja a irmã, Guida, a quem escuta todas as noites os gemidos de amor, através das paredes finas do quarto. No desenrolar da estória, Guida oferece o marido para que Lígia – que acabara de se separar e ameaçava atirar-se da janela – perca a virgindade e sinta os prazeres do sexo.

O drama da existência humana é um dos temas que persegue os escritos de Fernando Pessoa: um sujeito, sem acesso à sua verdade, sendo sustentado por um desejo sem objeto. A cada dizer, uma dor escrita sem encontrar um porto seguro. Tal qual o sorriso de Monalisa e o gesto de São João Batista, nos quadros de Leonardo da Vinci, a poesia de Fernando Pessoa aponta para alguma coisa da ordem do inapreensível que resiste a toda interpretação. (FERREIRA, 2013, p. 121)

Conforme temos discutido neste trabalho, o trecho acima pode ser lido como operado a partir do discurso universitário. Ferreira enquanto agente do discurso, ocupando a posição do S<sup>2</sup> toma a obra de Fernando Pessoa como objeto a ser descrito e analisado por um saber prévio, constituído antes mesmo de Ferreira e que tem seu representante no lugar da verdade como S<sup>1</sup>. O sujeito dividido na produção pode ser representado ainda pelo analista quando este se depara com as limitações deste tipo de análise, como a possibilidade de produção de um sujeito do enunciado – sujeito falado da personagem – muito maior que a de um sujeito da enunciação produzido pelo efeito de significante, que seria mais provável de ocorrer operando-se o discurso do analista. Isto porque estes tipos de análise são comuns no ambiente universitário, como aulas de psicopatologia nas quais personagens são tidas como exemplos de neuroses, ambiente este em que o psicanalista atua prioritariamente com o discurso universitário, preocupado com a transmissão do saber psicanalítico, o que é necessário e de extrema importância para a formação de um futuro analista. Na mesma medida, o discurso diametralmente oposto da histeria pode fazer-se comparecer como forma de engajamento do aluno no campo analítico, ou seja, ofertando a personagem como um passo necessário a *fazer desejar* o saber do mestre (o que reinvocaria para a leitura dos autores que balizam o campo).

Torna-se importante para a presente discussão, a consideração de que os discursos são cíclicos, o que permite que um efeito analítico possa ocorrer a partir da fala de um professor que atue prioritariamente com o discurso universitário. De maneira semelhante, a ciclicidade dos discursos também permite que se mude o posicionamento do sujeito nas análises que envolvam a literatura. Para ressaltarmos esta facilidade de dar um giro discursivo e mudar de posicionamento em relação a um mesmo autor e obra, recorreremos também a Ferreira (2013) em que, depois de citar

um trecho<sup>11</sup> da obra de Fernando Pessoa, a autora faz uma ressalva quanto as suas análises:

Essa afirmação – “não sei quem sou” – poderia tanto se inscrever na histeria, desembocando na premência de fabricar um mestre, na dúvida crucial do obsessivo ou no delírio do psicótico. A denegação faz parte da neurose, assim como a forclusão da psicose. Não estou afirmando que Fernando Pessoa é neurótico ou psicótico. Em absoluto. O nome Fernando Pessoa tem como referência um homem que existiu em uma época determinada, o que implica, é lógico, a possibilidade de inscrição em uma dessas estruturas. Mas existe uma obra que sobreviveu ao corpo desse homem e que foi arcada por um nome próprio. É do que ficou escrito com o selo desse nome que me ocupo. (FERREIRA, 2013, p. 122).

A autora afirma que não pretende com suas análises tomar como objeto a subjetividade de Fernando Pessoa, o que pode deixar de caracterizar seu discurso como de mestria e aproximá-lo do discurso universitário como discutido no parágrafo anterior. Isto porque ela se abstém de classificar o autor em alguma estrutura, posicionamento com o qual concordamos, uma vez que a obra de Fernando Pessoa não foi direcionada a um analista, não havendo processos essenciais a uma análise como a transferência, a associação livre e a repetição. Porém, a autora assume um posicionamento diferente em relação a análises feitas do autor Gregório de Matos Guerra. Ainda que a autora tente manter-se no discurso do analista, a ciclicidade dos discursos é inevitável e assim, o discurso de mestria pode ser visto na seguinte análise a respeito das denúncias de Gregório de Matos à sociedade baiana, lugar onde viveu o autor, em que este “vítima dos próprios impulsos sexuais, desloca o sentimento de culpa, tema de seus poemas religiosos, para o compromisso de proclamar ao mundo as chagas sociais, tornando-se vítima da própria obsessão” (FERREIRA, 2013, p. 85).

O posicionamento da autora nesta análise se assemelha com o discurso de mestria, pois toma a obra do autor como um discurso direcionado a um analista e, portanto, como um discurso analisável. Ferreira enquanto agente, no lugar do S<sup>1</sup>, aparentemente se coloca como início da cadeia associativa de Gregório de Matos – o que não quer dizer que tenha sido intencional por parte da autora, mas apenas uma

---

<sup>11</sup> O trecho em questão é o seguinte:  
“NÃO SEI QUEM SOU, que alma tenho.  
Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo.  
Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).  
Sinto crenças que não tenho  
[...] Sinto-me múltiplo.”  
(PESSOA, 1976, apud FERREIRA, 2013, p. 121).

consequência da inevitabilidade do giro nos discursos, como destacado no parágrafo anterior –, uma vez que não tem acesso à fala do próprio autor. Ela parte então do saber psicanalítico, o  $S^2$ , e toma o autor e sua obra como objeto  $a$ , o que denuncia no lugar da produção do discurso a impossibilidade de conhecimento real do objeto. A questão de a autora ter partido de um saber prévio para propor suas análises aproxima estas interpretações do discurso universitário, porém, ele parece estar prioritariamente articulado no discurso do mestre, pois há no lugar da verdade o  $\$$ , que denota a impossibilidade de um saber totalizante sobre o objeto.

Ressaltamos a importância de obras como as de Ferreira, de grande contribuição para a popularização e transmissão do saber psicanalítico, podendo ser ainda fonte de efeitos estéticos e analíticos por parte do leitor. Portanto, a leitura que propomos de que suas análises por hora circulem entre os discursos universitários e do mestre não significam demérito, mas sim posicionamentos que fazem parte da construção do saber. Isto é facilmente perceptível nas diversas possibilidades de relação entre a psicanálise e a literatura em Freud, como temos tratado neste texto, bem como na obra de Lacan (1953/1987), que propõem a análise da recusa de Goethe frente ao objeto desejado, a partir de seu livro de memórias, para discutir a tese do mito individual do neurótico. Dessa maneira, tanto Freud como Lacan se posicionaram como analistas, mas também se posicionaram como agentes do discurso do mestre em articulações teóricas pontuais, o que não implica no descrédito de suas contribuições à construção do saber psicanalítico.

## **ANÁLISE DOS EFEITOS ANALÍTICOS DA ARTE**

Além da primeira forma de relação da psicanálise com a arte presente na obra de Freud – análise de personagens fictícias – no texto sobre a Gradiva, há uma segunda proposta, de que ao artista é possível chegar à verdade antes do cientista. Esta tese abre a possibilidade de uma relação com a arte mais coerente com o discurso do analista, uma vez que os efeitos produzidos pela arte compõem-se como operantes na produção de discursos. Entre os possíveis efeitos causados pela arte está o estranho, que é tratado por Freud (1919/1996) como um efeito estético que está para além do belo, enquanto qualidades de sentir. Neste texto, Freud destaca a facilidade que o autor de uma ficção demonstra, por vezes, em permitir por meio de sua obra que o leitor retome experiências universais como o complexo de castração e a compulsão à repetição, sentindo um estranhamento, por exemplo. Desta maneira,

o impacto da arte pode variar muito de sujeito para sujeito, podendo também ser compartilhado a partir de “núcleos especiais de sensibilidade” (FREUD, 1919/1996). A respeito disto, Freud se diz curioso sobre que núcleo comum seria este, que permitiria aos integrantes de uma cultura denominar como estranhos determinados fenômenos, apesar do termo muitas vezes não ter um sentido claramente definível, ou seja, parece haver ligado à própria definição de estranho algo de inapreensível. É esta parte inabordável da experiência de estranhamento, ligada aos núcleos especiais de sensibilidade, que iremos relacionar com a sublimação enquanto um ato do sujeito em elevar o objeto à dignidade da Coisa<sup>12</sup> (LACAN, 1959-1960/2008).

A arte, anterior à psicanálise, se mostra como um lugar que é possível ao sujeito do inconsciente advir, enquanto “[...] o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (LACAN, 1953/1998, p. 260). Ao lado da psicanálise, a arte considera e dá valor aquilo que permite, segundo Lacan (1953/1998, pp. 260-261) resgatar a verdade e que este chamou de “monumento” – o corpo enquanto estrutura de linguagem e núcleo histórico da neurose –, os “documentos de arquivo” – remetendo-se às lembranças da infância –, as tradições, os sonhos, as contradições do discurso consciente e a fala. Isto pode ser visto na obra de Nelson Rodrigues, que é apontada por Nascimento & Fontenele (2010) – em seu estudo sobre a sexualidade feminina presente na obra “A serpente” –, como “pestilenta” (p.114), assim como a psicanálise freudiana, por exporem, de diferentes maneiras os mecanismos e fantasias inconscientes. A arte, portanto, encontra-se no caminho contrário às tentativas de objetivação do homem – como, por exemplo, o excesso de medicalização – que promovem a alienação do sujeito sobre a sua verdade, que é inconsciente.

Tomaremos como base para o encaminhamento final da presente discussão, as temáticas lacanianas da fala plena e fala vazia, assim como o conceito de sublimação proposto pelo autor. Fala plena e fala vazia, presentes no texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (LACAN 1953/1998) são conceitos que queremos

---

<sup>12</sup> A Coisa, ou *das Ding* é um conceito que Lacan retoma do texto *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895/1996) como aquilo que do objeto decai, aquela parte do fenômeno que sempre falta quando experienciada pelo indivíduo. Essa falta se dá pela impossibilidade de se apreender o objeto em sua totalidade através da percepção, consequência da própria impossibilidade de apreensão do real, o que por sua vez permite a construção de uma realidade subjetiva.

articular com a hipótese do efeito artístico ser promotor de uma fala plena. A sublimação enquanto elevação do objeto à dignidade da Coisa, presente na segunda parte do Seminário VII (LACAN, 1959-1960/2008) denominado O problema da sublimação, é um conceito que relacionaremos com o efeito estético da arte que inclui o estranho, para além do belo, enquanto o convite ao posicionamento do sujeito frente ao seu desejo.

Ao propor a sublimação como o ato de elevar o objeto à dignidade da Coisa, Lacan (1959-1960/2008, p. 158) destaca que “toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno desse vazio”. Segundo Lacan (p.144), a Coisa, “[...] se ela ocupa esse lugar na construção psíquica que Freud definiu sobre a base da temática do princípio do prazer, é que ela é [...] o que do real primordial, diremos, padece de significante”. Padecer do significante, entretanto, não quer dizer apenas sofrer da falta de significantes que sejam suficientes para dar um fechamento à experiência – o que demanda sempre novos encadeamentos na cadeia –, mas sim da falta implicada em todo significante na sua arbitrariedade e não referência ao real, o que é causa de toda a sorte de enganos. A Coisa, ao implicar o real<sup>13</sup>, não se inscreve, podendo apenas ser contornada pelo sujeito, de maneira que a arte explicita esse vazio da experiência humana advinda da falta de um objeto para a pulsão (LUCERO; VORCARO, 2013). E seu efeito enquanto sublimação está justamente no impacto causado por essa falta, que convida o sujeito a se posicionar frente ao seu desejo, uma vez que ele seja tocado pelo fenômeno artístico.

A questão do sujeito ser ou não afetado pela arte nos faz questionar se não seria a partir dos núcleos especiais de sensibilidade ao qual Freud se refere no texto sobre o estranho, como destacamos no início deste subitem. Pois tais experiências retomam a castração e a compulsão à repetição, por exemplo, que tem um impacto da ordem do real, que implica o sujeito em sua falta estrutural enquanto ser de linguagem, permanecendo para o sujeito algo de inassimilável e inabordável em algum nível

---

<sup>13</sup> Considerando a estrutura do nó borromeano, *das Ding* implica o real, porém, “no nível da sublimação o objeto é inseparável de elaborações imaginárias e, muito especialmente, culturais”. (LACAN, p. 123, 1959-1960). Ou seja, a partir de uma construção imaginária, com recursos simbólicos, há maneiras prontas de se lidar com a falta colocada por *das Ding*, oferecidas como objeto a pela cultura, onde reside o reconhecimento social nas “sublimações coletivas”.

mesmo que ele faça elaborações e construções simbólicas a respeito. Lucero & Vorcaro (2013, p. 29, *itálicos no original*) discorrem sobre o assunto:

A elaboração de construções fantasmáticas, místicas, religiosas, científicas, enfim, tudo que se pode fazer com o significante, relaciona-se, de alguma maneira, com das Ding. No entanto, se a maioria desses processos se coloca ao lado do princípio de prazer, de evitar das Ding, a criação artística possui algo além do princípio de prazer, que vai ao encontro de das Ding, causando a sensação do estranho.

Independente de ser um sentimento bom, de fruição ou de estranhamento, ou ainda de catarse, quando a arte é elevada à dignidade da Coisa, algo que escapa à possibilidade de inscrição no real é explicitado e colocado no centro da experiência de sujeito. Para Freud (1905/1996), o efeito estético da arte dependia em grande parte da identificação de quem frui da arte com o que está sendo apresentado na obra, como por exemplo, no caso do teatro. Freud (1905/1996) propõe ainda que a identificação com o herói pode atingir seu público causando-lhe efeitos essencialmente catárticos, se causa prazer em vez de sofrimento ao retratar conflitos que na realidade do sujeito lhe trazem grande pesar. Lacan tem um posicionamento diferente em relação a isto:

Para Lacan, o reconhecimento social da verdadeira obra de arte não advém da identificação dos espectadores/leitores com as fantasias do artista, mas de algo que permanece enigmático, inassimilável em seu trabalho. [...] Esse ponto estranho (Unheimlich), que o psicanalista francês encontra descrito no próprio texto freudiano, remete à das Ding, ao que é inexplicável até para os próprios artistas. Há algo da criação artística que escapa ao próprio artista. (LUCERO; VORCARO, 2013, pp. 30-31, *itálicos no original*).

Concordamos com a posição lacaniana de que o efeito estético da arte reside, no tocante a das Ding, no que de inassimilável há na experiência humana e não na identificação – esta última pode estar presente, mas não é a base do efeito estético. Os núcleos de sensibilidade que permitem o compartilhamento de experiências a partir de efeitos estéticos residiriam também neste efeito inabordável da dimensão real de das Ding. Os núcleos de sensibilidade seriam, neste sentido, uma maneira de lidar com a castração sem ter que deixar de levar em consideração o reconhecimento de seu impacto. Por conseguinte, há a implicação do real na experiência, logo, os núcleos de sensibilidade no sentido freudiano seriam, no sentido lacaniano, justamente o posicionamento do sujeito na sublimação ao elevar o objeto que lhe expõe o vazio à dignidade da Coisa. As experiências a partir das quais o indivíduo constrói a sua história singular lhe possibilitam a construção de núcleos de

sensibilidade na relação dialética entre o impacto da castração e o posicionamento do sujeito frente a ela. O efeito do fenômeno artístico ao implicar o real, não permitiria, então, o advir de uma fala plena?

Retomaremos agora a discussão a respeito da fala vazia e fala plena, conceitos que consideramos importantes, no que propomos com sua relação aos núcleos de sensibilidade. Lacan (1953/1998) destaca o excesso de imaginarização enquanto fator que favorece a perpetuação de uma fala vazia, um engodo, distante da verdade subjetiva, que é inconsciente e tem determinação simbólica. Contrariamente, a fala plena se realizaria a partir da história do sujeito, o que não tem nada a ver com uma rememoração realista e fatídica dos acontecimentos. Logo também vai ao sentido contrário do *hic et nunc* – aqui e agora –, mas se realiza na referência à história do sujeito no contexto da relação com o outro, em um intersubjetividade. Esta intersubjetividade pode nos ajudar a compreender os efeitos de arte que afetam a tantos sujeitos, Sales (2004, p. 54):

O objeto da psicanálise, para Lacan, não é uma realidade individual, mas a realidade intersubjetiva concreta e autônoma do discurso. [...] Logo, o inconsciente, apesar de não remeter à miragem de uma coletividade, é uma estrutura simultaneamente singular, porque determina a urdidura subjetiva do desejo e, social, porque sinônima, em última instância da estruturado discurso humano em geral [...]. Assim, a verdade mais íntima é também uma verdade universal.

Desta maneira, podemos aproximar a intersubjetividade destacada por Lacan com os núcleos de sensibilidade a que Freud se refere ao falar da possibilidade de se compartilhar os elementos necessários para definir o que é estranho, por exemplo. Considerando o interesse lacaniano de retorno às teses fundamentais de Freud sob a égide do axioma de um inconsciente estruturado pela linguagem, nossa hipótese é de que estes núcleos de sensibilidade, que tratam da possibilidade de compartilhar uma experiência afetiva pela arte podem ser uma via de acesso a uma fala plena, na medida em que mobilizam os sujeitos a se engajarem em discursos. A posição do analista, neste caso, seria a de desejar que o paciente fale mais a respeito destes efeitos e se possível tentar produzir um efeito como o da arte em sua interpretação. Sobre o discurso do analista, Teixeira & Couto propõem que ele “[...] engendra a situação analítica a partir do lugar do outro ocupado pelo sujeito dividido e possibilita que o analisante produza um saber no lugar da verdade em vez de o analista oferecer-lhe soluções prontas” (2010, p. 586).

$\frac{a \rightarrow \$}{S_2 // S_1} \quad \frac{\textit{desejo inconsciente}}{\textit{enigma}} \rightarrow \frac{\textit{sujeito dividido}}{\textit{significante mestre}}$
---

O fenômeno artístico, quando produz um efeito de explicitação do real, colocando o vazio no centro da experiência do indivíduo ocupa a posição de objeto a, causa de desejo. Neste contexto, o outro, que frui da arte, é tratado como sujeito dividido, o que permite o desvelamento do recalcado. O sujeito tocado pela arte em seus núcleos de sensibilidade tem a condição necessária de tentar produzir seu próprio S<sup>1</sup>. Pois como Lacan (1959-1960/2008) destaca, a arte, por vezes nos mostra a partir da ilusão, que esta transcende a si mesma, de modo que o que buscamos nela só é abordável pela via do significante. “É o que torna a dar eminentemente a primazia do âmbito da linguagem, onde só lidamos deveras, em todos os casos, com o significante. E é o que, da ordem das artes, confere sua primazia à poesia.” (p. 166). Neste sentido o analista deve ser como o poeta que joga com o significante em detrimento do sentido e do significado que lhe são posteriores, para que possa emergir a experiência de sujeito. Ainda que a produção do S<sup>1</sup> não chegue a se concretizar, é possível a produção de um saber tocado pela verdade.

De acordo com a nossa proposta, consideramos importante retomar o que Lacan (1953/1998) afirmou em outro momento, a respeito da importância de se conhecer profundamente os recursos de uma língua, em especial os que se realizam nos textos poéticos para o aprimoramento da técnica psicanalítica, de maneira que “[...] o psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala” (p. 245). Desta forma, o estudo da arte, e especialmente da linguagem presente na poesia é um dos caminhos para que o analista aprimore a sua interpretação e permaneça em sua função, de acordo com o discurso do analista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de retomarmos as conexões entre as formas de relação entre a arte e a psicanálise, a partir de uma leitura com os discursos propostos por Lacan, devemos fazer uma ressalva importante de que os discursos são cíclicos. O que significa que ocupar, por vezes, na produção do saber, a posição de agente nos discursos de mestre e universitário, ou até mesmo o discurso histórico – uma vez que a dimensão da sedução e da alienação do desejo na alteridade se fazem presentes nos convites

ao campo psi – é inevitável, o que não significa necessariamente um demérito, mas algo que faz parte da construção do saber. Consideradas estas questões, retomamos os resultados da pesquisa, em que Freud, em determinados momentos de sua extensa obra, propôs análises de autores a partir de suas obras e biografias, como fez com Dostoiévski, Leonardo da Vinci e Shakespeare. Neste tipo de análise, pudemos ver a articulação predominante do discurso de mestria. Uma vez que não há da parte do autor o endereçamento da obra a um analista, não havendo desta maneira transferência, repetição e associação livre, fenômenos essenciais a um processo analítico. Questionamos se a não consideração destas questões por parte do psicanalista, em que se posiciona como se tivesse domínio total e completo sobre o objeto, implicaria num escamoteamento de sua castração. O discurso de mestria também pode ser articulado com a noção de caráter proposta na análise de Dostoiévski, e com a comparação entre a transferência do psicanalista em relação a um autor de uma obra e a sua contratransferência na análise.

Buscamos por meio desta comparação, reafirmar a necessidade de constante reflexão do psicanalista para que ele não se deixar levar pelo imaginário do discurso do mestre tentando ser o início da cadeia significante para o paciente, por exemplo, mas de se colocar como objeto a, de permitir que o sujeito reconheça sua falta e produza o início de sua cadeia, no caminho para uma fala plena.

Em outros momentos, a relação entre a psicanálise e arte em Freud se deu a partir das análises dos discursos de personagens, com o objetivo de exemplificar o saber já construído e propor novas hipóteses de fenômenos psicológicos, ao qual podemos articular prioritariamente com o discurso universitário. Este tipo de análise é de grande importância para a popularização e transmissão da psicanálise, e ainda que num primeiro momento o sujeito produzido seja da ordem de um enunciado, um sujeito falado – a personagem –, isso não impede que o leitor experiencie um efeito estético ou analítico a partir de tais construções.

Sobre a relação do discurso analítico com a arte, Lacan (1967-1968/2006, p. 54) propõe que “o mínimo seria que os psicanalistas percebessem que são poetas”. Isto no sentido de que a base de seu trabalho se detém no significante e em seus efeitos, o que não acontece, por exemplo, numa análise didática ou numa intervenção na qual o psicanalista se coloca como mestre, produzindo significados prontos para o paciente, favorecendo o advir de um sujeito do enunciado, calando assim o sujeito da enunciação. O poeta, pelo contrário, não tem

um compromisso com o significado, pois trabalha com a metáfora, por exemplo, o que expõem vazios de significação. Desse vazio advém a possibilidade do leitor fazer seus próprios encadeamentos significantes, se posicionando ao lidar com o furo, que remete à castração. Furo este que relacionamos com os núcleos de sensibilidade em Freud que, construídos a partir da história do sujeito na dialética de impacto da castração e sua elaboração, permitem a vários indivíduos serem afetados pelo fenômeno artístico, ao atingi-los naquilo que há de comum entre eles, ao explicitar o vazio da experiência, de *das Ding*. A partir deste impacto de *das Ding* o sujeito pode se posicionar e sublimar, elevando o objeto de sua fruição artística à dignidade da Coisa.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. B. T.; HERZOG, R. Os afetos do analista na obra freudiana. *Psicol. clin.* [online], Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652011000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652011000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 out. 2013.
- CASTRO, J. E. Considerações sobre a escrita lacaniana dos discursos. *Ágora* (Rio de Janeiro). v. XII, n. 2: 245-258, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151614982009000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151614982009000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 27 dez. 2013.
- COPPUS, A. N.; BASTOS, Angélica. O corpo na neurose obsessiva. *Psicol. clin.* [online], Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, Dez. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652012000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000200009)> Acesso em: 17 abr. 2013.
- DOR, J. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus-Timbres Ed., 1991.
- FERREIRA, N. Malditos, obscenos e trágicos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1900) A interpretação dos sonhos. vol. IV.
- \_\_\_\_\_. (1905a) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. vol. VII.
- \_\_\_\_\_. (1905b) Personagens psicopáticos no palco. vol. VII.
- \_\_\_\_\_. (1907) Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. v. IX.
- \_\_\_\_\_. (1908a) Caráter e erotismo anal. vol. IX.
- \_\_\_\_\_. (1908b) Moral sexual civilizada. vol. IX.
- \_\_\_\_\_. (1910a) Cinco lições de psicanálise. vol. XI.
- \_\_\_\_\_. (1910b) Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. vol. XI.
- \_\_\_\_\_. (1910c) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. vol. XI.
- \_\_\_\_\_. (1912) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1914) Recordar, repetir e elaborar. vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1916) Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1917) Uma recordação de infância de Dichtungund Wahrheit. Vol. XVII.
- \_\_\_\_\_. (1919) O estranho. vol. XVII.
- \_\_\_\_\_. (1925) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1928) Dostoievski e o parricídio. vol. XXI.
- \_\_\_\_\_. (1930) O prêmio Goethe. vol. XXI.
- KOSOVSKI, G. F. O semblante, o corpo e o objeto. *Fractal: Rev. de Psic.*, vol. 22, nº 2, pp. 285-296, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v22n2/05.pdf>> Acesso em: 30 dez. 2013.

LACAN, J. (1953a) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1953b) O mito individual do neurótico. In: FALO – Rev. Bras. do Campo Freudiano. Brasil: Fator Ed., 1987, pp. 9-19.

\_\_\_\_\_. (1959-1970) O Seminário, Livro VII: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 2008.

\_\_\_\_\_. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1966) A ciência e a verdade. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1967-1968) Meu ensino. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. (1969-1970) O Seminário, Livro XVII: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. (1972-1973) O Seminário, Livro XX: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LUCERO, A.; VORCARO, A. Do vazio ao objeto: das Ding e a sublimação em Jacques Lacan. *Ágora* (Rio de Janeiro) [online], vol. XVI, nº especial abril, pp. 25-39, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982013000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982013000300003&script=sci_arttext)> Acesso em: 05 mar. 2014.

MILLER, J. A. Psicoterapia e psicanálise. In: *Psicanálise ou Psicoterapia* (org. Jorge Forbes). São Paulo: Papirus, pp. 9-19, 1997.

NASCIMENTO; FONTENELE. Aspectos da sexualidade feminina em A Serpente, de Nelson Rodrigues. *Rev. Letras, Curitiba*, n. 82, p. 113-130, set./dez. 2010. Editora

UFPR. Disponível: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/25087/16783>> Acesso em: 13 dez. 2012.

PESSOA, F. Obra em prosa. In: FERREIRA, N. *Malditos, obscenos e trágicos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

QUINET, A. *A descoberta do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

SALES, L. S. Linguagem no Discurso de Roma: Programa de Leitura da Psicanálise. *Rev. Psicologia: Teoria e Prática*, vol. 20, nº 1, pp. 049-058, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722004000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722004000100007&script=sci_arttext)> . Acesso em: 13 fev. 2013.

SANTOS; SADALA; BORGES. Avaliação Institucional: por que os atores silenciam? *Rev. Educ. Real.* [online], Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 551 -568, maio/ago. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&pid=S2175-62362012000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&pid=S2175-62362012000200012)> Acesso em: 08 dez. 2013.

SILVA, J. R. O. ; ALBERTINI, P. Notas sobre a noção de caráter em Reich. *Rev. Psicol. Cien. Prof.* [online], vol. 25, nº 2, pp. 286-303, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000200010&script=sci_arttext)> Acesso em: 13 fev. 2013.

SOUZA, C. R. A.; COELHO, D. M. O neutro em psicanálise: da técnica à ética. *Fractal, Rev. Psicol.* [online], Rio de Janeiro, v. 24, n.1, Abril de 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922012000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922012000100007&script=sci_arttext)> Acesso em: 21 nov. 2013.

## *Considerações sobre o Papel do Psicanalista Frente à Arte*

TEIXEIRA, V. L.; COUTO, L. F. S. A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. *Rev. Psicologia em Estudo* [online], Maringá, v.15, n. 3, pp. 583-591, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a16>> Acesso em: 03 dez. 2013.

ZAMBELLI, C. K.; TAFURI, M. I. ; VIANA, T. C.; LAZZARINI, E. R. Sobre o conceito de contratransferência em Freud, Ferenczi e Heimann. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro [online], vol. 25, nº 1, pp. 179-195, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652013000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652013000100012&script=sci_arttext)> Acesso em: 15 out. 2013.

ZASLAVSKY, J.; SANTOS, M. J. P. dos. Contratransferência em psicoterapia e psiquiatria hoje. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre*, v. 27, n. 3, dez. Disponível em: 2005. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010181082005000300008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010181082005000300008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 nov. 2013

ZIMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

## **CONSIDERATIONS ON THE ROLE OF PSYCHOANALYST FORWARD TO ART**

### **ABSTRACT**

We seek in this paper to establish a categorization of the rapport between art and psychoanalysis in Freud's work from an analysis using the four discourses proposed by Lacan. From this goal we propose three categories, in which the first, the analysis of the author through the artistic creation can be linked predominantly with the discourse of mastery. In which the personality notion and a comparison between the transfer of the analyst with the author and countertransference in the analysis could also be articulated. The second category, the analysis of characters' discourse in a fiction novel for knowledge purposes already built can be related to the hysterical and university discourse. In the third category we articulate the art as proposing a form to explicit the real's impact of *das Ding* with the analyst's discourse.

**KEYWORDS:** Sublimation. Art. Discourses. Psychoanalysis.

## **CONSIDERATIONS SUR LE RÔLE DU PSYCHANALYSTE DEVANT L'ART**

### **RÉSUMÉ**

On cherche dans ce travail établir une catégorisation de la relation entre l'art et la psychanalyse dans l'œuvre de Freud à partir d'une analyse qui fait usage des quatre discours proposés par Lacan. On propose trois catégories, dont la première, l'analyse de l'auteur à partir de l'œuvre peut être liée principalement au discours du maître, d'où la notion de caractère et ses rapports avec le transfert de l'analyste sur l'auteur et son contre-transfert dans l'analyse pourraient également être articulés. La deuxième catégorie, l'analyse du discours des personnages dans une œuvre de fiction pour la démonstration d'un savoir déjà construit, peut être liée aux discours de l'universitaire et des hystériques. Dans la troisième catégorie, nous articulons le but de l'art comme ce qu'explique l'impact réel de das Ding avec le discours de l'analyste.

**MOTS-CLÉS:** Sublimation. Art. Discours. Psychanalyse.

Recebido em: 11-02-2017

Aprovado em: 05-04-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>



# O LADO OCULTO DA INFÂNCIA: UM OLHAR PSICANALÍTICO ACERCA DA PERVERSIDADE INFANTIL

*Andressa Alves Ferreira<sup>1</sup>*  
*Marcos Pippi de Medeiros<sup>2</sup>*

## RESUMO

Este artigo visa discutir a perversidade infantil a partir da teoria psicanalítica, buscando relacionar infância, perversão e cultura, bem como, discutir esses elementos a partir do livro *Precisamos falar sobre o Kevin* (2007), de Lionel Shriver. O trabalho parte de formulações teóricas acerca da perversão para, a partir disso, construir um ensaio onde será analisada a infância de Kevin Khatchadourian, autor de um massacre que teve como consequência a morte de onze pessoas, além de seu pai e sua irmã. No ensaio, busca-se tecer considerações, identificando elementos marcantes de sua vida, como sua relação com seus pais e com a sociedade, a fim de construir indagações acerca da perversidade infantil nos processos subjetivos e sociais contemporâneos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perversão na infância. Perversidade. Psicanálise. Cultura.

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano, UNIFRA (Santa Maria, RS). Pós-Graduada em Psicologia Organizacional e do Trabalho, UNIFRA (Santa Maria, RS). [psi.andressaferreira@gmail.com](mailto:psi.andressaferreira@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia pela UNIJUÍ, Ijuí, RS. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC, São Paulo, SP. Doutorando em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, Porto Alegre, RS. Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano, UNIFRA, Santa Maria, RS. [marcosdemedeiros@uol.com.br](mailto:marcosdemedeiros@uol.com.br)

## **INTRODUÇÃO**

Vivemos em uma sociedade que costuma associar as crianças a “anjos”, seres puros, inocentes e sem maldade. Adota-se o paradigma de que estas são incapazes de sentir ódio, de cometer crimes ou de praticar violência. Espanta-se quando uma criança é acusada de ter cometido alguma atrocidade. Porém, contrariamente à ideia que se tem, a criança, como o adulto, também possui seus próprios desejos, e isto inclui aspectos sombrios, ocultos, que implicam na sua subjetividade (DOR, 1991).

Muitas vezes, algumas situações tornam-se mais graves devido à força da suposta inocência na palavra criança. Portanto, os relatos das fantasias e dos planos para prejudicar alguém, confidenciados ao analista, rejeitam a contaminação dessa visão popular ou de qualquer outro contra-argumento psicológico que busque justificar o ato em função do egocentrismo infantil. A psicanálise, sabendo que a infância é marcada tanto pela ingenuidade quanto pela presença de fantasias sádicas, não contempla nem o ponto de vista popular da candura dos pensamentos infantis, nem a visão estereotipada da maldade da criança atribuída pelo cinema americano (FRANÇA, 2005).

A escolha do tema se deu em decorrência da importância em discutir acerca da perversidade infantil, esse lado oculto que temos tanta resistência em perceber. De acordo com Dor (1991), há uma dificuldade muito grande em diferenciar perversidade de perversão, visto que dispomos sempre apenas de uma única palavra: perversão. A perversidade refere-se a um tipo de malignidade em realização no indivíduo, em alguns de seus atos e comportamentos. Um ensaio foi desenvolvido a partir do livro: *Precisamos falar sobre o Kevin* (2007), de Lionel Shriver. A escolha desse livro deve-se à aproximação com a temática proposta, visto que aborda a perversidade na infância/adolescência, que culmina com uma chacina cometida pelo personagem. O ensaio foi realizado com o objetivo de propor uma discussão, pois ele funcionou como um dispositivo capaz de permitir a análise do tema proposto.

## **A PERVERSÃO NA TEORIA PSICANALÍTICA**

A perversão é compreendida no que se refere à cultura, como uma expressão do próprio laço social, visto que no laço social perverso o indivíduo acha um jeito de reunir, no fantasma, a posição fálica do indivíduo e a posição objetal. O ponto principal desta reflexão não é a estrutura perversa do indivíduo, mas sim a entrada deste em

formações ou montagens perversas, isso substitui a promessa dos ideais. Ainda, entrar em uma montagem perversa requer o abandono da singularidade em detrimento de perseguir, exclusivamente, o gozo do Outro (CALLIGARIS, 1986).

Na teoria psicanalítica, a participação na montagem perversa implica uma posição do sujeito, principalmente frente ao próprio fantasma materno. A relação entre mãe e filho é perversa, pois é admitido que o filho esteja a serviço da satisfação da mãe, isso é considerado lógico e normal. Independentemente da idade que o indivíduo tiver, sua relação perversa com sua mãe permanece, apenas é recalçada. A mulher é dona dos filhos seja qual for o sexo deles e sua relação íntima com o corpo do filho é contemplada como legítima, ou seja, é uma perversão legitimada. A mãe desempenha uma perversão indispensável para a constituição de um sujeito, já este depende de que ela suponha um sujeito aí. Ela o supõe a partir de seu próprio fantasma, o que significa que o supõe capaz de responder à sua própria demanda. Então, essa posição perversa indispensável no fantasma materno é a que estabelece na criança um fantasma de perversão - perversa polimorfa (JERUSALINSKY, 2002).

O sadismo infantil do perverso polimorfo encontra um de seus possíveis destinos no campo da produção de uma neurose infantil, consequência do trabalho do recalçamento que poderá ceder lugar a uma neurose adulta simultânea à formação de um sintoma substituto da não castração materna. Em compensação, a não castração materna poderá ser recusada e o sadismo infantil resultará em uma perversão (FLEIG, 2009).

Freud, nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, enfatiza que:

“É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser introduzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra poucas resistências, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção” (FREUD, 1905, p.180).

A psicanálise da criança escolhe as condições que se colocam em jogo no Complexo de Édipo, e determinam sua sequência, na observação da constituição de uma organização perversa. Sendo assim, os impasses frente à angústia de castração e os mecanismos de defesa para contorna-la, transformam a faixa etária dos sete aos dez anos em um período privilegiado para essa observação, o que não exclui, de maneira nenhuma, a possibilidade de também observarmos a existência de manifestações perversas em crianças menores (FRANÇA, 2005).

As perversões não se aprofundam apenas nas teorias sexuais infantis, mas também na questão da diferença dos sexos. A recusa da castração sustentada pela clivagem do eu registra a constituição do processo perverso na problemática fálica. A atribuição do falo à mãe é uma das respostas que a criança produz frente ao enigma da diferença dos sexos. Portanto, esta resposta depende de uma construção fantasmática que pertence ao registro das teorias sexuais infantis (DOR, 1991).

De acordo com o autor supracitado, a atribuição fálica é vivida como faltante. Instrui o objeto fálico como um objeto imaginário e a castração como irredutivelmente vinculada à dimensão imaginária do falo e não à presença ou à ausência do órgão: o pênis. A criança não recusa facilmente à representação da mãe fálica, pois recusar a essa representação seria, para ela, ser abruptamente confrontada com o real da diferença dos sexos, que se constitui na alternativa: ser castrada ou não ser castrada. Esse confronto com a castração não pode deixar de ser angustiante para a criança.

A criança descobre através da figura paterna um concorrente fálico e percebe dois tipos de realidade que vão desde já interrogar a direção de seu desejo. Primeiramente, constata que o objeto do desejo materno não depende exclusivamente de si. Em segundo lugar, descobre sua mãe como uma mãe faltante, em nada satisfeita pela própria criança identificada ao falo, seja ao objeto de seu desejo. Esse duplo acontecimento, que não deixa de inscrever o pai no registro da rivalidade fálica imaginária, está na origem da instauração de dois traços de estrutura estereotipados: o desafio, seguido de seu complemento inseparável, a transgressão. Através da figura paterna, perfila-se, assim, o universo de um novo gozo, tão estranho quanto proibido, já que a criança se sente excluída (DOR, 1991).

O autor acima mencionado afirma que a partir da negação do perverso em relação à questão do desejo da mãe pelo pai, este se condena a aguentar as aflições do horror da castração. Nestas condições, conserva uma relação sintomaticamente estereotipada com a mãe, além disso, com as mulheres. Porém, essa negação não poderia manter-se sem que o perverso identificasse, por outro lado, esse desejo da mãe pelo pai, pelo menos para disso fazer o objeto de sua negação.

O horror da castração contribui para que o perverso não possa achar nenhuma saída possível para o gozo, a não ser sob a forma de um compromisso. Assim, o perverso não pode se opor a esta outra construção fantasmática que consiste em instituir a mãe onipotente ao reinado do desejo. Apenas a aceitação incondicional ao fantasma de uma mãe não faltante neutraliza a incidência de um pai, não aceitando

mais nele o que a mãe deseja. A partir daí, o perverso pode seguir se comportando como único e exclusivo objeto de desejo que a faz gozar (DOR, 1991).

Conforme Dor (1991), o apelo sedutor da mãe traduz-se então, neste momento fundamental do Édipo, em um verdadeiro convite ao tormento para a criança. Efetivamente, por mais que a criança perceba nele uma autêntica instigação ao gozo, a mãe não deixa, muitas vezes, de se calar sob o sentido da intrusão paterna e da questão do desejo que ela supõe. Na convivência erótica que a mãe compartilha com a criança, ela pode iludir-se sobre a ausência de mediação paterna frente ao desejo da mãe. Contudo, o pai não deixa de aparecer como um intruso, continua não confirmando o comprometimento do seu desejo por ele e também não confirma sua eventualidade junto à criança. O lugar do pai não pode revelar-se de outra forma senão como perturbador e enigmático. A suspensão significativa da questão do desejo da mãe colabora para manter a ambiguidade que atíça a atividade libidinal da criança. No mais, ela se esforçará, em compensação, para seduzir cada vez mais o objeto de seu gozo, na esperança de desaparecer alguma dúvida sobre o sentido da instância paterna, confiando nessa incitação materna que a instiga a menosprezá-la. O desafio, traço típico da estrutura perversa, achará nesse convite ao menosprezo seu mais essencial ardor.

A mãe do perverso não “manda no pai” e não pode ser inscrita nas mães psicotizantes. A criança continua bem confrontada à dimensão de um desejo referido em Nome-do-Pai, isto é, sujeitada à lei do desejo do Outro. Trata-se de manifestar que a significação que adquire não é mais necessariamente trazida pela palavra do pai à qual se submete à mãe. É por esta causa que a complacência silenciosa paterna contribui para reforçar o equívoco, autorizando o discurso materno a se constituir o embaixador da interdição. Mas é também por razão dessa delegação que a criança é, apesar de tudo, remetida a uma interdição reportada à lei do pai, fosse ela enunciada pela mãe, que a subtrai assim à saída psicotizante (DOR, 1991).

A mãe é ameaçadora e interditora, intercessora da fala simbólica do pai, é também uma mãe sedutora, incentivando a criança a fazê-la gozar, que despreza a significação estruturante da lei do pai. A alienação da criança à intriga da sedução materna e à negligência simbólica paterna tem como crucial consequência instigar a criança a confortar o fantasma de uma mãe onipotente, que é a mãe fálica à qual ela não abdicará. A imagem dessa mãe fálica irá, a partir de agora, lhe seguir sem

descanso, em cada vez que promover uma estratégia desejante em relação às mulheres (DOR, 1991).

Segundo Dor (1991), o perverso precisa assegurar-se de que a lei de fato existe, que pode achá-la e buscar experimentar nela a economia de seu gozo. É nesse sentido que a transgressão é o correlato inevitável do desafio. Não há forma mais adequada de assegurar-se da existência da Lei do que se esforçando para transgredir as interdições, e as leis que as instituem simbolicamente. Aliás, o perverso encontra sempre a aprovação que procura neste deslocamento metonímico da transgressão das interdições já que essa aprovação é o limite que remete, ela própria metonimicamente, ao limite da interdição do incesto. Alguns perversos podem vir a ser grandes moralistas. Outros irão preferir desempenhar suas aptidões nos mistérios da iniciação, da reforma especulativa, da educação, até mesmo da reeducação, trabalhando para a promoção de ordens de valores dos quais nunca descansarão em melhorar e fundamentar as regras e as leis.

## **A INFÂNCIA ATRAVÉS DOS TEMPOS: REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO SOCIAL**

A criança é um ser que sente raiva, tem desejos destrutivos, tristeza, passa por conflitos e contradições, possui sexualidade, escapa ao controle da educação, é um ser desejante. Portanto, não é desde sempre que esse conceito de criança existe. Ele tem se alterado através dos tempos, a partir das diferentes visões do mundo, de acordo com um determinado tempo e lugar. Pode-se dizer que a ideia que temos hoje de criança é uma “invenção” da Modernidade (PRISZKULNIK, 2004).

Até o século XII, a arte medieval não conhecia a infância, não tentava representá-la, pois não havia interesse. Apenas o tamanho das crianças as diferenciava dos adultos, eram vistas como homens de tamanho reduzido. Até o século XIII, as crianças não eram caracterizadas por uma expressão particular. A infância era um período de mudança que, quando ultrapassado, sua lembrança era logo perdida. (ARIÈS, 1981).

Por volta do século XIII, a infância surgiu no mundo das representações, a partir da maternidade da Virgem Maria. O sentimento fascinante da tenra infância continuou restrito ao menino Jesus até o século XIV. Na fase gótica apareceu a criança nua, relacionada à morte e à alma. Na arte medieval francesa, a alma era representada por uma criancinha nua e geralmente assexuada (ARIÈS, 1981).

No século XIV, começaram a surgir histórias de crianças nas lendas e nos contos. A partir da iconografia religiosa, passou a destacar-se uma iconografia leiga, nos séculos XV e XVI, porém a criança ainda não era representada sozinha. Nessa época, também se desenvolveu a cena de gêneros, onde muitas vezes as crianças eram protagonistas principais ou secundárias. A partir disso, começou-se a pensar em duas ideias: primeiro, a de que as crianças se misturavam com os adultos na vida cotidiana e que participavam de reuniões, jogos e passeios; segundo, a ideia de que os pintores apreciavam representar a criança por sua graça (coincidiu com o sentimento da infância “engraçadinha”) e se satisfaziam em destacar a presença da criança dentro do grupo ou da multidão (ARIÈS, 1981).

No século XV, o retrato passou a ser uma nova representação. Antes, ninguém pensava em manter o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta, ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era somente uma fase sem importância, que não fazia sentido lembrar; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa “coisinha desaparecida tão cedo” fosse digna de lembrança: havia muitas crianças, cuja sobrevivência era bastante problemática. Faziam-se muitas crianças, para conservar apenas algumas: as que conseguiam sobreviver. O alto índice de mortalidade infantil perdurou por muito tempo, sendo assim, as pessoas não podiam se afeiçoar muito às crianças, pois a morte era considerada uma perda casual, já que elas morriam em grande número. Essa indiferença era algo normal na época e persistiu até o século XIX (ARIÈS, 1981).

De acordo com o autor supracitado, o prazer pelo retrato mostrava que as crianças começavam a sair do anonimato, pois os adultos passaram a querer conservar sua lembrança. O retrato da criança morta, particularmente, demonstra que essa criança já não era mais tão considerada como uma perda inevitável. No início do século XVII, além dos retratos terem se tornado mais numerosos, a criança passou a ser representada sozinha. As famílias queriam ter retratos de seus filhos ainda crianças, mesmo que a mortalidade infantil tenha se mantido em alto nível, e tal prática de preservação da lembrança da infância nunca mais desapareceu. Foi como se a consciência comum descobrisse que a alma da criança também era imortal. Com certeza, esse valor dado à personalidade da criança estava relacionado a uma cristianização mais profunda dos costumes. No século XIX, a fotografia substituiu a pintura.

No século XIX, a criança era vista pela sociedade conservadora como um ser puro, assexuado. Sendo assim, a descoberta da sexualidade provocou muitos protestos e espanto, pois esta foi considerada um escândalo. A partir daí, a sagrada associação entre criança e inocência ficou abalada (PRISZKULNIK, 2004). Em relação ao sentido da inocência infantil, houve duas atitudes morais: preservá-la da sujeira da vida, e principalmente da sexualidade admitida entre os adultos; e fortalecê-la, desenvolvendo o caráter e a razão. O nosso sentimento contemporâneo da infância deve-se à associação desta ao primitivismo ou ao irracionalismo. Essa ideia nasceu com Rousseau, contudo pertence à história do século XX (ARIÈS, 1981). O que talvez revele o cerne de nosso mal-estar e ambiguidade para com elas.

## **PERVERSÃO, CULTURA E INFÂNCIA**

De acordo com Lebrun (2008), o ódio nos habita; está em nós, na medida em que podemos ser objeto ou vítima dele. O ódio está em nossa vida cotidiana, em nossas cóleras, em nossa violência, em nossa agressividade, como também em nossos enganos, em nossos erros, assim como em nossos acertos, até mesmo em nossos silêncios, enfim, o ódio está em nossas vidas desde o início.

É preciso perceber que o ódio primeiramente refere-se à linguagem; que o nosso ódio tem um rumo para além dos primeiros outros - os pais. O ódio nos habita devido ao fato de falarmos, pois falamos somente com palavras que vêm do outro. Portanto, somos seres alienados, limitados pelas palavras, escravos da linguagem. Falar também é pôr o outro em si, percebê-lo ali, revelá-lo como inscrito no coração de nosso ser. Falar supõe o vazio, supõe um recuo, acarreta não estar mais ligado às coisas. Falar também supõe poder se expressar, assumir responsabilidades. Precisamos sustentar o ato de dizer, e isso é muito angustiante (LEBRUN, 2008).

Ser capaz de ódio também é precisar se proteger quando for ameaçado. Porém, acima de tudo, é necessário diferenciar o ódio do que chamamos de gozo do ódio, em outras palavras, a satisfação que é possível tirar do fato de autorizá-lo, de deixá-lo em livre curso e assim gozar de odiar aquele que está responsável de me transmitir esse traço da minha condição, mais do que assumir que o meu ódio se endereça ao vazio. É o não discernimento entre esses dois lugares de endereçamento que gera, da mesma forma, o assassinato e a violência. Portanto, não é o ódio em si que precisa ser renunciado, mas sim o gozar de seu ódio (LEBRUN, 2008).

Em relação à criança, Prizskulnik (2004) afirma que a construção desta ocorre muito antes de nascer, pois ela já ocupa um lugar no imaginário dos pais; já é marcada pelo desejo inconsciente destes; representa algo; tem um lugar marcado simbolicamente. Quando nasce, ela já se depara com uma trama que não pode evitar, isso acontece devido ao fato de o ser humano fazer parte de uma dada filiação, de uma dada sociedade, de uma dada cultura. Logo, ela nasce inserida na linguagem e em um determinado contexto familiar e socioeconômico-cultural.

Os pais sempre idealizam a criança, fantasiam que ela será estudiosa, obediente, educada, inteligente, ou seja, esperam que ela seja perfeita. Porém, isso é impossível, pois a criança pode vir a fracassar. Esse fracasso pode até ser “saudável”, na medida em que fracassar perante a um ideal inatingível é a condição de encontrar um caminho próprio, de buscar usufruir suas características específicas e singulares (PRISZKULNIK, 2004).

Em relação à perversão, Roudinesco (2008) afirma que a perversão existe em todas as sociedades. É um fenômeno sexual, psíquico, político, trans-histórico. E se todas as culturas compartilham atitudes coerentes (interdições do incesto, demarcações da loucura, designação do monstruoso ou do anormal), a perversão naturalmente possui seu espaço nessa combinatória. Portanto, pelo seu status psíquico, que remete à essência de uma clivagem, ela é, da mesma forma, uma necessidade social. Ao mesmo tempo em que conserva a norma, assegura aos seres humanos a subsistência de seus prazeres e transgressões. Para Roudinesco (2008, p. 13): “os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos”.

## **PRECISAMOS FALAR! SOBRE O KEVIN? A PERVERSIDADE INFANTIL NA CULTURA**

O livro de Lionel Shriver intitulado *Precisamos falar sobre o Kevin* traz uma narrativa densa em que Eva Khatchadourian busca encontrar respostas para o fato de o filho Kevin ter cometido um massacre em sua escola, matando onze pessoas (nove alunos, uma professora e um funcionário), além de seu pai e sua irmã mais nova. Sendo assim, ela escreve longas e detalhadas cartas ao “marido ausente”, Franklin Plaskett, analisando como era sua vida anteriormente, a decisão de ter um filho, o desenvolvimento da criança e outros momentos significativos. Em seu relato,

pontua confissões, traz à tona questões que ocultou do marido, procura respostas e analisa suas próprias atitudes, como também as atitudes do filho.

Anteriormente, Eva possuía a vida que sempre sonhou: o emprego perfeito e o marido ideal. Trabalhava na A Wing& a Prayer, uma empresa de viagens que ela mesma havia fundado e estava sempre viajando para diferentes países, como guia de turismo. Seu marido, um típico norte-americano, era o homem que sempre desejou alguém que lhe amava e que era fiel. Para ela, ter um ao outro já era suficiente, a vida que levavam como casal era intensa e agradável. A decisão de ter um filho fora discutida por ambos, Eva sabia que o marido desejava uma criança e para satisfazê-lo criou desculpas a ela mesma, dizia ao marido que eram felizes demais e que tudo parecia bem resolvido, sua empresa havia decolado, possuíam bastante dinheiro, mas não tinham como gastá-lo:

“Então o que foi que me fez sair de cima do muro? Você, para começo de conversa. Porque se nós éramos felizes, você não, não exatamente, e eu devia saber disso. Havia um vazio na sua vida que eu não podia preencher (...)” (SHRIVER, 2007, p. 40).

Porém, a sua verdadeira opinião sobre crianças era que estas eram ingratas, faziam barulho e sujeira. Já o marido queria um filho para responder à “Grande Questão”, o velho dilema existencial, o que seria uma demanda bastante intensa para ser investida em um filho antes mesmo deste nascer. Como que uma criança recém-nascida seria responsável por algo tão grande? Que tamanha responsabilidade para ser colocada em um recém-chegado! Essa criança vem pra preencher um vazio não só da mãe, como também desse pai, embora atravessada pelo fantasma materno.

A decisão definitiva em ter um filho só veio na noite em que Franklin se atrasara para chegar em casa, pois a sua picape havia quebrado. Enquanto Eva o aguarda, preocupada com o que pudesse ter acontecido e com medo de perdê-lo, percebe que talvez um dia ele não voltasse mais para casa. Pensando nisso, deseja ter alguém ao seu lado para também sentir falta de Franklin, caso isso viesse a acontecer: “Eu queria arrumar um backup, uma espécie de cópia de segurança, para você e para nós (...)” (SHRIVER, 2007, p. 65). A partir daí, é possível refletir que este filho mata seu pai mais adiante, ou seja, será que essa não seria a maneira que Kevin encontrou para corresponder à demanda da mãe? Afinal, matando o pai conseguiria ocupar esse lugar de backup e finalmente realizaria algo deste fantasma. Quando o marido finalmente chega, eles transam e ela decide não colocar o diafragma. À primeira vista, Eva se empolga com sua atitude, mas quando percebe que o marido está vivo e que

voltará para casa nos próximos dias, começa a se arrepender. “Porém aquela decisão apressada tomada em maio fora uma ilusão” (SHRIVER, 2007, p. 71). Não há dúvidas que ela prefere uma vida confortável e estável a uma vida com filhos, exigências e transtornos, afinal, quando chegava de suas viagens que duravam meses, sempre contava com a presença de um marido carinhoso lhe esperando, oferecendo seu peito macio e aconchegante para ela deitar. Nos dias que seguem, Franklin continua tentando engravidá-la e ela, para não lhe magoar, não lhe conta nada sobre seu arrependimento. Como já foi discutido a partir dos autores anteriormente abordados, pode-se afirmar que a criança ocupa um lugar no imaginário, no fantasma materno que aponta um lugar ao sujeito, que antecipa sua chegada ao mundo. Kevin, ao nascer, já ocupa uma posição, e, quem sabe, até mesmo um destino.

Embora Eva não desejasse a maternidade, desejava o desafio de tal função. Assim como se via seduzida pelo desafio de fazer suas viagens, comprar a passagem, chamar o taxi e confirmar reservas, também se seduzia pelo desafio a ser mãe: “Franklin, eu tinha um verdadeiro pavor de ter um filho (...). A intransponibilidade da tarefa, sua falta absoluta de atrativos, foi o que, no fim, me seduziu” (SHRIVER, 2007, p. 45). Ao que parece, Eva encara o desafio de ser mãe com uma lógica empresarial, como se ter um filho fosse o mesmo que ter uma empresa, onde ela teria que exercer uma função administrativa. Talvez ela esperasse que fosse acabar gostando de ser mãe, assim como acabou gostando de fazer suas viagens a trabalho:

“Depois que adquiri o hábito de enfrentar meu próprio desafio – e provar repetidas vezes minha independência, competência, maturidade e mobilidade – o medo aos poucos se inverteu: mais do que uma nova viagem à Malásia, eu temia ficar em casa” (SHRIVER, 2007, p. 44).

Tinha a expectativa de que ter um filho seria o mesmo que visitar um país estrangeiro, pois ao pôr os pés num novo país ela ficava deslumbrada. Portanto, quando percebe que não sente o mesmo quando vê Kevin pela primeira vez, decepciona-se intensamente. Para Jerusalinsky (2002), a mãe supõe o filho a partir de seu próprio fantasma, o que significa que o supõe capaz de responder à sua própria demanda. Então, essa posição perversa indispensável no fantasma materno é a que estabelece na criança um fantasma de perversão - perversa polimorfa.

Quando vai à ginecologista para fazer o exame para confirmar a gravidez e a ginecologista lhe dá a notícia de que está grávida, Eva fica pálida, sente um frio estranho e as pernas começam a bambearem. A ginecologista lhe pergunta se ela estava bem e lhe diz com severidade: “Eva, eu pensei que você estivesse tentando

engravidar. A notícia deveria ser boa” (SHRIVER, 2007, p. 68). A partir daí, pode-se refletir sobre o quanto a sociedade exige, cobra e pressiona as mulheres constantemente para que estas se tornem mães, sem levar em consideração o desejo destas de quererem ou não ter um filho. Essa exigência social também aparece presente no momento em que Eva percebe como se sente em relação à gravidez: “Sentia-me dispensável, jogada fora, engolida por um grande projeto biológico que não iniciei nem escolhi, que me produziu, mas que também iria me mastigar e depois cuspir fora. Eu me sentia usada” (SHRIVER, 2007, p. 67).

O pai fica ansioso, começa desde cedo a escolher o nome do filho, decide parar de beber, lê manuais de instrução de como lidar com a gravidez e fica em dúvida se deve fazer sexo com sua esposa ou não, pois teme machucar o bebê. Nessas suas atitudes, demonstra que deseja intensamente esse filho, ao passo que a esposa não, pois esta apenas tenta relembrar o motivo de sua decisão, da sua vontade de ter um backup, uma cópia de segurança. Tenta se agarrar a esse motivo com todas as suas forças, tenta convencer a ela mesma de que fez a escolha certa. No que diz respeito ao backup, é possível refletir que Eva não conseguiu construir seu amor maternal pelo filho, pois uma mãe torna-se mãe muito antes do nascimento de um filho, e isso não ocorre com Eva, no caso dela há um conflito entre a posição de mulher e a de mãe. Em relação à decisão do sobrenome, depois de muito debaterem, chegam a um acordo: se for menino, o sobrenome será Khatchadourian, se for menina será Plaskett. Mais tarde, Eva discutiria essa questão do sobrenome com Kevin em uma das suas visitas na penitenciária, dizendo: “Mas briguei muito para que você tivesse o meu sobrenome” (SHRIVER, 2007, p. 75). Com isso, é possível perceber o quanto o sobrenome ocupa um lugar de importância para Eva, este representa sua identidade, é a lembrança de que viera de uma família tradicional armênia, também é o que a une a seu pai que fora “cruelmente massacrado” em uma guerra. Kevin lhe responde que fora graças a ele que todo mundo do país sabia soletrar esse sobrenome agora. Com essa resposta, Kevin demonstra que tentou corresponder à fantasmática e aos investimentos da mãe, destacando esse sobrenome tão incomum de origem armênia que ela se orgulhava tanto e, mais do que isso, ele cometera seu próprio massacre, como se estivesse honrando seus ancestrais, vingando-se.

Em relação ao sexo do bebê, Eva sempre imagina uma menina, pois tem pavor de meninos, desde quando era criança, os considera como “animais perigosos”. Quando ela faz o ultrassom e vê o feto pela primeira vez, se pergunta: quem é esse?

Não consegue reconhecer esse filho como sendo dela, ele é um desconhecido que nada tem a ver com ela. Já o pai, quando descobre que é um menino, fica ainda mais convicto de que o filho é seu. Isso irrita Eva profundamente, pois ele começa a desenvolver cuidados extremos com ela, lhe controla com o medo de que ela perca o seu filho, maneira à qual Franklin começa a se referir ao bebê. Eva não quer tomar esses cuidados, pois ao contrário do marido, ela não teme que algo aconteça ao filho; nela há falta de desejo. Diz a ele que se soubesse que engravidar seria representar uma “maturidade fajuta” teria reconsiderado a sua decisão. Bravo, o marido lhe pede para que jamais repita isso, que nunca diga que se arrepende do filho, sendo assim, Eva obedece às ordens do marido fielmente, pois é a partir daí que ela começa a ocultar pensamentos e sentimentos dele.

Kevin nasce com duas semanas de atraso, para a mãe, ele “já fazia cera” desde que estava no útero, porém, o pai não se aflige com esse atraso. Este aguarda o filho com ansiedade e enquanto espera por ele, compra carrinhos de bebê, bichinhos de pelúcia e xales de crochê, atitudes estas que não agradam Eva: “Você estava simplesmente louco para se atirar nesse negócio de ser pai, não estava? Para mergulhar num abismo, se jogar numa pira. Será que nossa vida em comum era algo assim tão insuportável para você, tão vazia?” (SHRIVER, 2007, p. 91). Como ela não deseja o bebê, é possível que não consiga entender como o marido pode estar tão apreensivo com a chegada do menino; é a partir daí que começa a perceber também que está perdendo a atenção exclusiva que recebia dele, para o filho. Não há dúvidas que sua vida estava se transformando e, aos poucos, o que antes era uma relação entre dois, agradável, intensa e romântica, foi cedendo lugar a uma relação entre três, com outro membro que não era nada bem-vindo por ela, tornando-os assim uma família, palavra esta que sempre remetia uma estranheza para Eva. Fica evidente aí que essa mãe deseja apenas o pai. Isso nos faz retomar o que Dor (1991) apresenta em relação ao desejo materno. Para ele, a criança, primeiramente, constata que o objeto do desejo materno não depende exclusivamente de si. Em segundo lugar, descobre sua mãe como uma mãe faltante, em nada satisfeita pela própria criança identificada ao falo, seja ao objeto de seu desejo. É assim que a criança fica identificada na posição perversa.

Quanto ao parto, Eva acha que deve ser durona e opta por não usar anestesia. Essa decisão talvez se explique pelo fato de que ela precisava sentir a dor física para conseguir se deparar com a realidade e também com ela mesma diante a

maternidade. Além disso, tem a intenção de impressionar o marido, provar a ele que é capaz de passar por isso. A recusa pela anestesia também pode ser explicada como a forma a qual ela percebeu o nascimento do filho: “Agarrei-me a essa recusa, como se a grande questão fosse passar pelo pequeno teste, e não dar à luz. Enquanto recusasse a agulha, eu estava ganhando” (SHRIVER, 2007, p. 94). Neste momento, já é possível perceber que ela começa a travar uma batalha pessoal contra Kevin, assim como quando ela percebe que estava resistindo ao parto: “Assim, me esforcei, momento em que tive de reconhecer que estava, sim, resistindo ao parto. Toda vez que aquela massa enorme se aproximava do canal minúsculo, eu o sugava de volta. Porque doía. Doía de verdade”<sup>3</sup> (SHRIVER, 2007, p. 94). Até o último minuto Eva demonstra ter esperança de que esse filho não nasça. A dor em que se depara nesse momento é a dor emocional, a dor de ter que carregar esse “fardo” para o resto da vida. Diante disso, sente desprezo: “Odiei a mim mesma por ter concordado com o humilhante teatro, quando eu estava ótima antes e bem naquele momento poderia estar na França”<sup>4</sup> (SHRIVER, 2007, p. 94).

Logo após o nascimento, quando Eva tenta dar o seio para Kevin, ele vira seu rosto, enojado, como se de alguma forma ele já pudesse antecipar alguma coisa da sua posição no discurso materno. Kevin recusa o leite da mãe, a mãe recusa Kevin, e é nesse momento que os dois travam a batalha a qual duraria anos. Para o marido, ela finge estar feliz, dizendo apenas que o bebê é lindo. Franklin o pega no colo, Kevin coloca seu braço ao redor do pai, como se tivesse reconhecido quem era seu verdadeiro protetor. Quando devolve o bebê para a mãe, este começa a berrar. A mãe, apática, não estabelece nenhum vínculo inicial com seu filho, o holding é insuficiente já que esta não investe no bebê e quem aparece realizando os primeiros cuidados é o pai. Eva decide aí que nunca revelará a ninguém que o parto não lhe comovera. Nesse momento, ela oculta seus sentimentos, afinal, o que as pessoas diriam se soubessem que não sentiu nada ao ver seu filho pela primeira vez? Como seria revelar aos seus amigos que, para ela, não ocorreu o momento indescritível, a paixão à primeira vista e o amor incondicional quando pegou Kevin no colo? Talvez

---

<sup>3</sup> Grifos do autor

<sup>4</sup> Grifos do autor

ela não tivesse tido a experiência que seus amigos lhe relataram, mas teve a sua própria experiência, única e exclusiva. Mesmo que a sociedade exija que a mulher sintasse realizada ao ver seu filho pela primeira vez, muitas delas não têm sentimento algum, afinal, o amor por um filho não é natural, ele é construído ao longo da relação.

Kevin somente aceita se alimentar quando o pai lhe dá a mamadeira preparada no microondas e recusa quando a mãe tenta fazer o mesmo. Eva cria a fantasia de que Kevin já tinha descoberto o jogo dela, pois tudo que fazia a ele não vinha de forma natural. Com isso, é possível de se pensar que provavelmente o menino tenha mesmo sentido o fingimento de Eva enquanto esta se forçava a lhe dar abraços e beijos, achando que seriam suficientes. Nos primeiros momentos com o filho, Eva já foi capaz de perceber que o tão esperado sentimento maternal, que é tão retratado nos filmes, livros e comerciais, não aparecera. Esse filho vinha lhe esgotando intensamente há semanas, tinha acessos de birra durante horas, porém quando o pai estava presente o filho tinha, segundo ela, “acessos de paz”. Fica claro aí que Eva não consegue entender a mensagem do filho que chora incessantemente, então esta não realiza ações que atendam a um suposto desejo. Ela cria a ilusão de que o filho demonstra esses temperamentos tão opostos devido a um plano de fazer com que os pais se desentendam. Com isso, não consegue perceber que talvez o filho só esteja procurando alguém que supra suas necessidades, corresponda sua demanda. O seu desejo pelo marido é tanto que as necessidades do filho ficam em segundo plano. Quando Eva desenvolve mastite nos dois seios e precisa ficar uns dias internada no hospital, tomando antibióticos por via intravenosa, prefere sentir dor a ficar na companhia do filho: “O alívio da simples quietude era imenso” (SHRIVER, 2007, p. 118). O choro acaba sendo o pano de fundo para uma série de expressões da mãe. Isso apenas confirma que Eva nunca pôde construir seu lugar materno, embora mostrasse desesperadamente o desejo de fazê-lo, pois ela não suporta o efeito desse filho sobre ela, e se Eva nunca se tornou mãe, Kevin nunca se tornará filho. Nesse ponto é preciso enfatizar que não se trata simplesmente da ausência de uma mãe amorosa, mas da incapacidade da formulação desse amor como sintoma de uma conflitiva que em última instância é social, uma vez que revela um conflito inconciliável entre sua posição de mulher na cultura e as demandas sociais na maternidade representadas pelo pai.

Em certo momento, Eva desabafa com a babá de Kevin sobre suas decepções em relação à maternidade. Quando ela se demite e vai embora, Eva percebe que o

filho está chorando e decide não pegá-lo no colo: “Não havia ninguém ali para me obrigar, e eu não queria. Eu não iria, como Siobham sugerira, dar uma olhada em sua fralda, nem esquentar a mamadeira. Eu o deixaria chorar até cansar” (SHRIVER, 2007, p. 128). Com isso, compreende-se que Eva opta por deixar Kevin chorar até esgotar todas as suas energias psíquicas, sendo que, nessa fase, a criança depende inteiramente dos cuidados de um adulto, pois ainda não sabe se cuidar sozinha. Ela fala para o filho: “Qual é o problema com você, seu merdinha? Está satisfeito agora que arruinou a vida da mamãe?” (SHRIVER, 2007, p. 128). Neste momento, percebe-se que Eva deixa de fingir e ocultar seus sentimentos de Kevin e diz o que verdadeiramente pensa sobre ele, porém sua sinceridade é totalmente agressiva e a atitude é violenta, como também aparece na seguinte fala:

“A mamãe era feliz antes que o Kevin mijão viesse ao mundo, você sabia? E agora a mamãe acorda todo dia querendo estar na França. A vida da mamãe agora é uma droga, você não acha que a vida da mamãe é uma droga? Você sabia que em certos dias a mamãe preferia estar morta? Para não escutar você guinchar nem mais um minuto, tem dias que a mamãe gostaria de pular da ponte do Brooklyn...” (SHRIVER, 2007, p. 129).

Diante desta ideia, entende-se que, no discurso de sua mãe, ele é o pivô de sua infelicidade e não realização profissional. Se este foi o discurso de Eva sobre o filho desde os primeiros meses de vida, como Kevin poderia desempenhar outro papel se não o de ser de fato quem destrói a vida da mãe?

Depois desse ocorrido, Kevin para de berrar definitivamente e passa a ficar em silêncio, inerte. Como ele ainda não havia aprendido a falar, Eva decide levá-lo a um pediatra, com a esperança de que o filho tenha algum problema: “Eu queria ao menos sentir pena de Kevin, o que já me parecia um começo” (SHRIVER, 2007, p. 138). Talvez ela achasse que dessa forma conseguiria sentir empatia pelo filho e ter algum sentimento por ele, mesmo que fosse de pena, já que o único sentimento que lhe despertara até então fora a raiva. Portanto, a única coisa que o médico percebe em Kevin, é que ele tinha uma moleza em seu corpo, acabando assim com as expectativas de Eva. Até esse momento, fica difícil perceber por que Kevin não assume uma posição autista. O que faz com ele escape dessa posição, lançando-se numa montagem perversa?

Quando Kevin estava com quatro anos, Eva resolve viajar até a África na tentativa de provar a ela mesma que sua vida não mudara. Porém, dias depois,

percebe que sua vida mudara sim e que até então ela não havia se responsabilizado por seu filho:

“Nada é interessante se você não estiver interessado. Em vão, eu vinha esperando de braços cruzados que Kevin me provasse, me demonstrasse ser digno do meu ardor. Era coisa demais para pedir a um menino tão pequeno, que só conseguia ser adorável a meus olhos se eu o deixasse ser. Estava na hora de eu ceder um pouco também” (SHRIVER, 2007, p. 145).

Portanto, Eva não levou em consideração que nessa época os dois já haviam criado um laço, Kevin já estava se constituindo e talvez essa sua decisão por investir no filho tivesse vindo tarde demais. Quando chega ao aeroporto, abraça o filho primeiro e lhe diz que promete nunca mais na vida ficar tanto tempo longe. Talvez seja de se pensar que, por causa dessa mesma promessa, Eva ainda visita Kevin na penitenciária, mesmo não sendo mais obrigada a ir. Quando chega em casa, tenta “cumprir seu papel” de tentar ser uma mãe melhor, contratando outra pessoa para cuidar de seus negócios na empresa para poder ficar em casa com o filho. Essas atitudes tomadas nada mais são do que um resultado da sua culpabilização diante às grandes expectativas que criou em relação ao filho e da exigência de que ele correspondesse a elas, enquanto ela pouco se esforçava para fazer o mesmo.

Kevin usa fraldas até os seis anos. Os pais, querendo evitar a angústia dessa fase, permitem que ele deixe de usá-las quando estiver preparado, porém Kevin parece achar agradável e muito confortável. Já Eva, acredita que esta era apenas mais uma forma que Kevin encontrara para controlá-la. Na escola, a professora se recusa a fazer esse trabalho, sendo assim, Eva, que voltara a trabalhar, precisa sair de seu trabalho diversas vezes para trocar o filho. É possível que esta seja a forma que Kevin encontrou para receber atenção de sua mãe, pois indo até a escola para trocar as fraldas de Kevin, Eva perdia preciosas horas de trabalho e passava esse tempo com o filho:

“Sim, ele se submetia às trocas sem fazer muito escândalo. Ele parecia adorar o ritual e talvez tenha inferido, diante da minha crescente rapidez, um constrangimento para ele gratificante, porque passar algodão nos seus testículos quando já estava com quase seis anos começava a parecer ligeiramente indecente” (SHRIVER, 2007, p. 225).

A relação entre mãe e filho é perversa, pois é admitido que o filho esteja a serviço da satisfação da mãe, isso é considerado lógico e normal. Independentemente da idade que o indivíduo tiver, sua relação perversa com sua mãe permanece, apenas é recalçada. (JERUSALINSKY, 2002). Pode-se pensar aí numa questão de

erotismo/erotização entre os dois. Dor (1991), afirma que a criança se esforçará para seduzir cada vez mais o objeto de seu gozo, na esperança de desaparecer alguma dúvida sobre o sentido da instância paterna, confiando nessa incitação materna que a instiga a menosprezá-la. O desafio, traço típico da estrutura perversa, achará nesse convite ao menosprezo seu mais essencial ardor. Esse erotismo também aparece presente quando Kevin, já adolescente, se masturba com a porta aberta e Eva consegue vê-lo do corredor: “Saber que eu estou vendo... acho que isso o excita” (SHRIVER, 2007, p. 348). Kevin goza quando é pego em ato por ela, pois quando a mãe sai ele ri: “Embora a maioria dos homens pratique esse exercício de olhos fechados, Kevin tinha os dele entreabertos, para melhor lançar a mãe um olhar sonso e sonolento por cima do ombro” (SHRIVER, 2007, p. 349-350). O apelo sedutor da mãe traduz-se, então, neste momento fundamental do Édipo, em um verdadeiro convite ao tormento para a criança. Efetivamente, por mais que a criança perceba nele uma autêntica instigação ao gozo, a mãe não deixa, muitas vezes, de se calar sob o sentido da intrusão paterna e da questão do desejo que ela supõe. Na convivência erótica que a mãe compartilha com a criança, ela pode iludir-se sobre a ausência de mediação paterna frente ao desejo da mãe (DOR, 1991).

Durante uma tarde, depois de Eva ter trocado a fralda de Kevin várias vezes no dia, ele a suja novamente. Vendo isso, ela fica muito brava e acaba atirando seu filho longe. Kevin, quando aterrissa, olha para a mãe com curiosidade, como se finalmente tivesse se interessado por algo. Quando Eva percebe que ele havia quebrado o braço, lhe pede desculpas. Ao mesmo tempo em que sente remorso, sente um alívio: “Exteriormente, eu estava desolada. Mas bem no meu cerne o momento fora abençoado” (SHRIVER, 2007, p. 231). Essa atitude faz com que ela se sinta bem, pois qual mãe nunca fantasiou jogar seu filho longe num momento de raiva? Portanto, Eva faz isso num sentido literal e, para ela, isso é libertador, pois, dessa maneira, consegue externalizar o ódio que sente do filho. Além do mais, mesmo sendo uma atitude totalmente negligente, Eva é sincera nesse momento, não finge seu sentimento e talvez seja por esse motivo que Kevin demonstra curiosidade, afinal ele estava presenciando o outro lado da mãe:

“Por dois segundos, senti-me completa e também a verdadeira mãe de Kevin Khatchadourian. Senti que estava próxima dele. Senti-me eu mesma – meu verdadeiro eu, sem expurgos – e senti também que estávamos finalmente nos comunicando” (SHRIVER, 2007, p. 232).

Nesse momento, Eva percebe que Kevin quase sorria. É possível de se pensar que, a partir daí, Eva e Kevin estabelecem uma cumplicidade. A prova disso acontece quando os dois voltam do hospital e Franklin pergunta diretamente a Kevin o que houve em seu braço e este lhe responde: “Eu estava com cocô na fralda. A mãeemãe foi buscar mais lenços umedecidos de papel. Eu caí do trocador. No... no meu caminhão Tonka. A mãeemãe me levou ao doutor Goldpum”<sup>5</sup> (SHRIVER, 2007, p. 235). Kevin mente ao pai para proteger a mãe e, depois disso, anuncia que precisa ir ao banheiro. É relevante também que se reflita sobre a duplicidade da palavra mãe (mãemãe) que Kevin atribui a Eva, como se quisesse se referir à ambivalência da relação, à dupla posição que essa mãe ocupa diante dele, oras como cúmplice, espectadora do gozo, oras como aquela que sustenta a posição dele no próprio fantasma.

Para Eva, o filho tem uma personalidade diabólica, um caráter maligno. Diante de seus olhos, todas as ações que ele realiza servem para lhe atingir ou prejudicar outras pessoas. Como numa situação em que Kevin observa o árduo trabalho que sua mãe tem ao forrar a parede de seu escritório com mapas de suas viagens, enquanto ouvia o filho dizer que aquilo era “besta”. Deixando Kevin sozinho por alguns minutos, volta à sala e vê que o seu papel de parede está coberto de tinta vermelha e preta vinda do revólver de brinquedo dele. Quando o menino diz que agora o ambiente estava especial, Eva automaticamente interpreta isso como uma maldade, uma tentativa de sabotá-la. Também há o momento em que Eva tenta ensinar o filho a ler e, depois de muitas horas de esforço sem sucesso, Kevin entoa todo o alfabeto, do A até o Z. A interpretação dela não podia ser diferente: “Era óbvio que ele estava me negando toda e qualquer satisfação de propósito. Ele estava decidido a fazer com que eu me sentisse inútil e desnecessária” (SHRIVER, 2007, p. 228).

É possível afirmar que, para ela, Kevin não é o filho ideal, é o filho que a frustra desde seu nascimento, ele não corresponde às suas expectativas. Até mesmo o fato de Kevin ter as características físicas parecidas com as dela é motivo de frustração, pois Eva queria um filho que parecesse com o marido, queria reconhecer os traços de Franklin em Kevin. Porém, na adolescência, quando Eva finalmente consegue realizar

---

<sup>5</sup> Grifos do autor

seu desejo de perceber semelhanças entre os dois, também não sente-se satisfeita: “Embora seja verdade que, no passado, busquei fadiga na fisionomia de Kevin alguma semelhança com o pai, agora vivo brigando com essa impressão maluca de que ela faz de propósito, para eu sofrer” (SHRIVER, 2007, p. 207).

Para o pai, Kevin é um menino adorável, porém é apenas um pouco pensativo e introvertido. Franklin não aparece em momento algum exercendo seu poder paterno, pelo contrário, sempre que a mãe tenta impor limites a Kevin, ele aparece interferindo. Permite que o filho faça o que quiser, não é só um pai liberal, brincalhão, como também é um pai que não castra. Defende o filho de todas as situações e acusações da esposa. Está sempre preocupado em não magoar Kevin, que acaba tomando partido dele vezes demais: “E por acaso já lhe ocorreu que, se essa cena foi assim tão tenebrosa, quem sabe Kevin esteja meio traumatizado também?” (SHRIVER, 2007, p. 222). Kevin faz o pai de bobo, sai ileso de todas as situações, abusa desse aliado para muitas vezes atingir a mãe, não havendo uma relação real de amor com ele. Dor (1991), afirma que o lugar do pai não pode revelar-se de outra forma senão perturbador e enigmático. Já o pai investe no filho, mas parece tentar suprir a falta de investimento da mãe neste. Leva-o a museus, ensina a jogar beisebol, além do mais, é também ele próprio que compra a Kevin o arco e flecha, objeto que ele mais tarde utiliza para cometer o massacre. Enquanto isso, Kevin acha seu pai um “babaca” e considera a relação entre os dois uma “fraude”, que não vinha de forma natural.

Essas relações apenas se intensificam quando a linda e adorável Celia nasce, esta planejada e desejada pela mãe que engravida do marido sem lhe contar. Quando descobre-se grávida, Eva sente-se renovada, esperançosa e sente que essa filha é realmente dela. Quando Kevin nota que Eva está diferente, distancia-se dela, afinal, ele pressente a presença desse objeto de desejo da mãe. Já o marido, não se mostra interessado pela filha em nenhum momento. Com Celia, Eva não cria muitas expectativas, não exige que sua vida mude, como fez com Kevin. É possível perceber que o nascimento de Celia fora o oposto ao de Kevin: a menina nasce com duas semanas de antecedência, Eva fica ansiosa com o nascimento dela, a filha aceita seu seio sem hesitar e ela não chora quando nasce. Franklin percebe que a mãe dá um tratamento diferente para Celia e teme que Kevin perca sua atenção, sendo assim, começa a criticar a menina sempre que pode, o que acaba tornando os filhos uma disputa para os dois. Eva acha sua filha encantadora: “Talvez meu amor por Celia tinha vindo muito fácil” (SHRIVER, 2007, p. 265). Porém, com Kevin não acontece o

mesmo: “Nunca foi fácil gostar de Kevin, menos ainda amá-lo, mas, sendo assim, ele deveria ser o garoto perfeito para gente como eu. Era difícil amar Kevin da mesma forma como era difícil comer bem em Moscou (...)” (SHRIVER, 2007, p. 266). Já Celia adora o irmão, porém a mãe identifica o filho como um perigo para ela. Embora muitas vezes Kevin apronte com Celia, ela nunca perde a fé de que o irmão seja uma boa pessoa, ao contrário da mãe que sempre acusa o filho.

Depois da chacina, Eva tenta entender os motivos que levaram o filho a cometer tal ato. Percebe que todas as vítimas que Kevin escolhera tinham em comum o fato de sentir gosto por algo: “(...) um jogador de basquete, um hispânico estudioso, um fã de cinema, um violinista clássico, um ator emotivo, um hacker, um gay que estudava balé, uma ativista política feiosa, uma beldade cheia de si, um funcionário de meio período que trabalhava na cantina da escola e uma professora de inglês dedicada” (SHRIVER, 2007, p. 291). Para Kevin, todas as suas vítimas eram ridículas e, além do mais, eram favoritas de algum professor. Ao longo do livro, Kevin demonstra antipatia com a palavra “favorito”, então a partir daí, pode-se pensar que talvez ele tenha matado Celia por esta ser a filha favorita da mãe e o pai por ser o objeto de desejo desta, afinal ela o amava mais do que a seus filhos. Também é possível refletir que Kevin, matando o pai e a irmã, conseguiria finalmente ser o único na vida da mãe. Nas visitas, Eva nota que o filho sente-se satisfeito com ele mesmo, orgulha-se de ser uma celebridade. Ela acredita que talvez tivesse transmitido a Kevin sua propensão a enfrentar desafios e que seja por causa disso que ele cometera o massacre. De acordo com Dor (1991), o perverso precisa assegurar-se de que a lei de fato existe, que pode achá-la e buscar experimentar nela a economia de seu gozo. É nesse sentido que a transgressão é o correlato inevitável do desafio.

Eva é condenada por negligência materna e, mesmo não se culpando totalmente, a sociedade lhe pune. Depois do ocorrido, ela tem dificuldades de aparecer em público, pois ninguém se esquecera do ocorrido e, além do mais, ela havia aparecido em todos os jornais. Os vizinhos atiram galões de tinta vermelha na varanda, nas janelas e na porta da casa onde vivia antes com Franklin, Kevin e Celia: “Nossa casa não fora esguichada com os jorros fosforescentes da indignação espontânea, e sim lambuzada com um ódio que fervera em fogo lento, até ficar grosso e saboroso como um requintado molho francês” (SHRIVER, 2007, p. 18). Porém, Kevin não lhe culpa, pelo contrário, numa entrevista para um documentário, ele a defende quando lhe perguntam sobre o processo por negligência e, além do mais, a

câmera gira e capta uma foto sua na parede da cela, a mesma foto que sumira do dia em que Celia nasceu e que Eva acreditava que Kevin tinha picado em pedacinhos.

Por fim, Eva acaba sozinha, sem marido nem filha, vivendo num duplex espremido e precário. Não se muda da cidade, pois prefere continuar perto do filho, sendo agora conhecida por todos como a mãe de Kevin Khatchadourian, esta é sua nova identidade: “Mãe do ignóbil Kevin Khatchadourian é quem sou agora, uma identidade que significa mais uma das pequenas vitórias de nosso filho. A AWAP (empresa da mãe) e nosso casamento não são mais que notas de rodapé agora, interessantes apenas na medida em que iluminam meu papel como mãe de um garoto que todos amam odiar” (SHRIVER, 2007, p. 200). A única pessoa que lhe resta é Kevin e eles acabam vivendo exclusivamente um para o outro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A perversidade na infância é um tema pouco debatido na psicanálise e na sociedade em que estamos inseridos. Há uma grande dificuldade em lidar com esse conceito porque este nos horroriza, nos causa espanto, afinal, é praticamente inimaginável que um ser tão “inocente”, como uma criança, seja capaz de cometer um ato criminoso. Porém, ao mesmo tempo também nos fascina e nos atrai, afinal somos todos seres constituídos de ódio. Assim como já havíamos discutido anteriormente, Lebrun (2008) afirma que o ódio nos habita, está em nós, na medida em que podemos ser objeto ou vítima dele. Kevin Khatchadourian endereça seu ódio ao vazio para encobrir a falta materna e goza de seu ódio ao cometer o massacre em sua escola.

Frequentemente, discutem-se apenas questões que dizem respeito a um perverso constituído clinicamente e não na nossa implicação nesses processos, na cultura contemporânea, no ódio e no gozo. Aqui, talvez seja importante esclarecer que durante o ensaio não nos detivemos em diagnosticar Kevin como perverso ou não. Nosso objetivo foi considerar a sua montagem perversa, o laço que se dá entre este e seus pais e o que Kevin tem a nos dizer.

Podemos pensar que Kevin realiza perversamente, a partir de seu ato, alguma coisa do fantasma ou da montagem que o aliena. Kevin não realiza apenas a montagem particularizada de sua constelação familiar, mas também pensando que os pais vetorizam algo dos ideais que nos vem da cultura, o que poderíamos pensar que Kevin realiza também desses ideais da cultura ainda que recalcados, que não reconhecidos no âmbito de nossas demandas sociais contemporâneas? A partir de

Freud e Lacan aprendemos que a literatura antecipa questões à psicanálise e à cultura e que a verdade do sujeito tendo estrutura ficcional encontra no escrito literário a possibilidade de uma escuta muitas vezes mais verdadeira que a própria realidade. Parafraçando Contardo Calligaris em *Essas crianças que amamos demais*, Kevin é nosso retrato menos confessável do ideal que depositamos sobre as crianças e adolescentes no contemporâneo, queremos que eles gozem e nos realizem completamente; e podem acabar fazendo.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. A história social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CALLIGARIS, C. Essas crianças que amamos demais. In.: CALLIGARIS, C. Crônicas do Individualismo Cotidiano. São Paulo: Ática, 1996.
- CALLIGARIS, C. Perversão – um laço social. Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan. 1986.
- COSTA, A.; POLI, M. C. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. Pulsional. ano XIX, n. 188. 2006. Disponível em: <[http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188\\_02.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188_02.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2013.
- DOR, J. Estrutura e perversões. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FLEIG, C. B. Sadismo ou maldade infantil. In. Tribuna Freudiana (Revista da Associação Clínica Freudiana de São Leopoldo), ano XV. n. 18, 2009.
- FRANÇA, C. P. Pai fouveiro: o pacto perverso. Psychê, São Paulo, v. 9, n. 15, jun. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 out. 2013.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- JERUSALINSKY, A. Há perversões na infância? In. Seminários II. 2 ed. São Paulo: USP/Lugar de vida, 2002.
- LEBRUN, J. P. O futuro do ódio. Porto Alegre: CMC, 2008.
- PRISZKULNIK, L. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. Psic, São Paulo, v. 5, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167673142004000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167673142004000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 out. 2013.
- ROUDINESCO, E. A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- SHRIVER, L. Precisamos falar sobre o Kevin. Trad. Beth Vieira e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

## THE HIDDEN SIDE OF CHILDHOOD: A PSYCHOANALYTIC POINT OF VIEW ABOUT PERVERSITY IN CHILDHOOD

### ABSTRACT

This article aims to discuss the perversity in childhood under psychoanalytic theory, trying to relate childhood, perversion and culture, as well as to discuss these elements considering the book *We need to talk about Kevin* (2007), by Lionel Shriver. This paper presents theoretical formulations about perversion and, from this, it is built an essay in which it is examined Kevin Khatchadourian's childhood, a boy responsible for a massacre that resulted in the death of eleven people, including his father and sister. In the essay, we seek to make considerations, identifying some important features of his life, as his relationship with his parents and society in order to build an investigation on perversion in childhood and on subjective and contemporary social processes.

**KEYWORDS:** Perversion in childhood. Perversity. Psychoanalysis. Culture.

## **LA FACE CACHÉE DE L'ENFANCE: UN REGARD PSYCHANALYTIQUE SUR LA PERVERSITÉ ENFANTINE**

### **RÉSUMÉ**

Cet article envisage à rapprocher la perversité enfantine à partir la théorie psychanalytique en cherchant de mettre en relation l'enfance, la perversion et la culture, bien que discuter ces éléments à partir du livre *Il faut qu'on parle de Kevin* (2007), de Lionel Shriver. L'article a comme point de repère des formulations théoriques sur la perversion, a fin de construire une essay dans lequel on analyse l'enfance de Kevin Khatchadourian, l'auteur d'un massacre qui a eu comme conséquence la mort de onze personnes, et encore de son père et de sa soeur. Dans cet essay on cherche à faire de sconsidérations, en identifiant des éléments mémorables dans la vie de Kevin, tels que la relation avec ses parents et avec la société, à fin de construire des questions à propos de la perversité enfantine dans les processus subjectifs et sociaux contemporains.

**MOTS-CLÉS:** Perversion dans l'enfance. Perversité. Psychanalyse. Culture.

Recebido em: 20-01-2017

Aprovado em: 14-03-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>



# APROPRIAÇÕES DO SABER PSICANALÍTICO PELA PSICOPEDAGOGIA: CONTRIBUIÇÕES AO CAMPO DO DESEJO

*Joyce Hilario Maranhão<sup>1</sup>*

*Camilla Araújo Lopes Vieira<sup>2</sup>*

*Karla Patrícia Holanda Martins<sup>3</sup>*

## RESUMO

Este artigo discute quais leituras a psicopedagogia faz da psicanálise para apoiar sua práxis e que contribuições do campo psicanalítico são possíveis para se considerar o sujeito e suas dimensões transferenciais no processo psicopedagógico. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica na base de dados BVS psi. no período de maio a junho de 2016. A análise crítica de artigos científicos que versam sobre intervenções psicopedagógicas fundamentadas nas teorias psicanalíticas circulou em torno de dois eixos: constituição psíquica e noção de sujeito para a psicanálise; e laço social e transferência. Conclui-se que o trabalho do psicopedagogo orientado pela psicanálise pode contribuir para intervir nas dificuldades de aprendizagem e na inclusão no campo educacional que leve em consideração o desejo do sujeito e sua relação com o aprender.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicopedagogia. Psicanálise. Educação.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará. Psicóloga especialista em Pediatria e Psicopedagogia. Rua José Paulo Sobrinho, 554, 60.875-525, Fortaleza, CE. [joyce\\_hilario@hotmail.com](mailto:joyce_hilario@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Campus Sobral. Doutora em Saúde Coletiva pela UFC/UECE/UNIFOR. [tgd.camilla@gmail.com](mailto:tgd.camilla@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Campus Fortaleza. [kphm@uol.com.br](mailto:kphm@uol.com.br)

## **INTRODUÇÃO**

A psicopedagogia é o campo de conhecimento, atuação e pesquisa nas áreas de saúde e educação que trabalha com o processo de aprendizagem humana dentro de um contexto sócio-histórico, relacionado ao sujeito, ambiente familiar, escolar e comunitário. De acordo com o código de ética da profissão (ABPp, 2011), a intervenção psicopedagógica se baseia em procedimentos próprios da psicopedagogia, a fim de intervir nos diferentes modos de aprendizagem e consequentemente nas dificuldades advindas desse processo no âmbito clínico e institucional de forma preventiva e/ou terapêutica.

Atualmente a psicopedagogia conta com uma fundamentação teórico-prática e métodos, instrumentos e técnicas de atuação própria sobre o processo de aprendizagem e serviu-se de conhecimentos da Psicologia, Pedagogia, Psicanálise, Fonoaudiologia, Medicina, dentre outros, para construir sua práxis, tendo, portanto um caráter interdisciplinar (Bossa, 2007; ABPp, 2011; Costa, et al., 2015).

A inclusão da psicanálise pela Psicopedagogia como teoria que colabora para a compreensão acerca da relação entre o indivíduo que aprende e o processo de aprendizagem, coloca-a na posição de um saber sobre o indivíduo e suas relações com o mundo. No entanto, cabe fazer algumas reflexões a partir dos textos freudianos sobre o sujeito do inconsciente e suas relações transferenciais com os pares, cuja busca pelo conhecimento e a situação de aprendizagem estão no campo do desejo.

A teoria freudiana nos lembra do lugar de não-saber do analista, embora este exerça certa autoridade diante do analisando, para possibilitar um saber que advém da própria pessoa que procura a análise. Isso é possível porque a análise sustenta-se na relação transferencial em que o sujeito do inconsciente poderá revelar-se através de seus significantes. A transmissão da psicanálise em uma disciplina dentro de uma área que trabalha a partir das dificuldades de aprendizagem suscitou reflexões acerca de como a teoria psicanalítica pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem do psicopedagogo e do aprendente tanto no aspecto teórico como metodológico.

Os apontamentos sobre a educação vêm na discussão metapsicológica entre a estruturação psíquica e a cultura. Isto porque as primeiras investigações infantis estão ligadas à pulsão de saber sobre sua origem, isto é, de onde vêm os bebês (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b; 1907/2015a; 1908/2015b). Freud traz uma nova perspectiva

da infância ao afirmar que a sexualidade já está presente nas crianças e que tais atividades têm haver com a estruturação psíquica, com o Complexo de Castração<sup>4</sup> e o complexo de Édipo<sup>5</sup>. A castração é responsável pelo deslocamento da pulsão de saber para outras finalidades, inclusive a criatividade e a aquisição de conhecimento (Freud, 1905/1996a).

Antes mesmo de seu nascimento, o bebê é desejado e já está suposto no campo simbólico pelos pais, há a esperança de que o filho preencha o lugar vazio na ferida narcísica de seus cuidadores, numa infalibilidade fálica de um pequeno rei. Em um primeiro tempo, os pais contribuem para a apropriação do corpo e formação da autoimagem pelo bebê, através da criação da imagem de um Eu ideal, a qual ele possa identificar-se e estruturar-se psiquicamente. O bebê encontra-se desamparado diante das investidas pulsionais, a partir da função de maternagem exercida pelos cuidadores poderá imaginariamente controlar tais pulsões e os objetos do mundo que transforma o mal estar em prazer (Freud, 1914/2010a; 1923/2011a).

Em outro momento, o jogo contínuo de ausência e presença da mãe e a entrada de um terceiro que exerce a função paterna, representante simbólico da cultura, irão enlaçar o bebê no Complexo de Édipo. A lei paterna aponta para a limitação e impossibilidade de realizar o desejo e para a postergação desse prazer, que castra o bebê e revela que há algo de faltoso nele e em seus pais, ao emergir assim o sujeito. A castração edípica, por meio da personificação da alteridade em um pai que é real, marca a passagem do Eu ideal e da predominância dos processos psíquicos inconscientes para um Ideal de Eu, vindo então à criança a existir enquanto sujeito (Freud, 1914/2010a; 1923/2011a).

O Supereu surge da diferenciação do Eu como um resquício da repressão do Complexo de Édipo, da função do pai e da influência do mundo externo, uma vez que

---

<sup>4</sup> Complexo de Castração: Trata-se de uma experiência psíquica a partir da percepção tanto pelo menino como pela menina da presença/ausência do pênis. A crença universal da posse do pênis e a percepção que a mãe não o possui geram no menino a angústia da perda do pênis tal qual ocorreu com a sua mãe, enquanto na menina gera sentimentos negativos referentes à mãe ao perceber que também lhe falta o pênis.

<sup>5</sup> Complexo de Édipo: A mãe é o primeiro objeto de amor do bebê, sendo alvo de investimento libidinal. A entrada do pai e o complexo de castração desfazem a relação dual entre mãe-criança, o amor antes direcionado a mãe será renunciado pelo menino em troca de uma identificação com o pai. Na menina, o amor pela mãe dá lugar aos sentimentos negativos ao perceber que ambas são faltosas, escolhendo o pai como seu objeto de amor.

a superfície corporal do bebê é transpassada de sentidos e estímulos sensoriais que também participam da estruturação psíquica. Como um depositário das representações psíquicas da realidade externa, o Supereu vai de encontro aos impulsos do desejo do Inconsciente ao encontrar outros caminhos para a satisfação, sendo um deles o investimento da criança na figura do professor (Freud, 1923/2011a; 1924/2011b).

Embora o sujeito compareça com seus traços e consiga dar sentido as suas experiências, a identificação e investimento da criança em substitutos que lhe trazem satisfação trazem em seu bojo resquícios do narcisismo dos pais e da relação transferencial com eles estabelecida, sendo modelo para os novos laços sociais (Freud, 1914/2010a; 1920/2010b; 1912/2010c, 1914/2010d; 1923/2011a). A escola é o segundo grupo cultural a qual a criança tem acesso, assim, as vinculações sócio-afetivas que irão ser construídas se sustentarão ainda nos efeitos da relação parental.

No campo educacional, nos primeiros escritos freudianos a educação era vista sob a perspectiva profilática das condutas sociais indo de encontro ao desejo do sujeito (1905/1996a, 1907/2015a, 1908/2015b, 1908/2015c). Para Freud (1908/2015b), “o peso da educação e a diferente intensidade do instinto sexual possibilitam, sem dúvida, fortes variações individuais no comportamento sexual das crianças, influenciando, sobretudo quanto ao momento em que surge o interesse sexual infantil” (p.392).

Os problemas na educação das crianças seriam causados pelo não reconhecimento e exclusão da sexualidade da vida infantil e consequente repressão pelos adultos das atividades das crianças, o que é considerado um excesso, uma vez que as forças psíquicas do Eu no período de latência já dominariam por si só o fluxo da pulsão, através de mecanismos de defesa que fazem emergir o sentimento de vergonha, os ideais estéticos e morais, entre outros e da sublimação para outros destinos é um deslocamento dos impulsos sexuais infantis para outras atividades (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b).

Com as revisões teóricas, essa percepção é abandonada e o interesse da criança pelo conhecimento apresenta-se como um produto do Complexo de Édipo e da castração psíquica (Freud, 1905/1996a; 1920/2010b; 1937/1996b). O desejo de aprender infantil possibilita o estabelecimento de relações transferenciais com a figura do educador, substituta das figuras parentais.

A transferência é o investimento libidinal de uma pessoa que foi parcialmente satisfeita que se volta para a figura de autoridade (Freud, 1912/2010c; 1914/2010d; 1915/2010e; 1912/2012), assim, “é perfeitamente normal e compreensível, portanto, que o investimento libidinal de uma pessoa em parte insatisfeita, mantido esperançosamente em prontidão, também se volte para a pessoa do médico” (Freud, 1912/2010b, p.136).

As expectativas conscientes e inconscientes produzem a transferência através da idealização de um saber que o outro supostamente tem e que poderá ser transmitido também na relação de ensino-aprendizagem. Da mesma forma que na relação fraternal, a transferência pode se manifestar por sentimentos ambivalentes relacionados à ameaça do desamparo. As resistências que tanto atrapalham a análise do sujeito também comparecerão na educação, manifestadas por meio dos problemas escolares e dificuldades de aprendizagem que podem se repetir no decorrer do processo de escolarização do sujeito (Freud, 1937/1996b; 1912/2010c; 1914/2010b; 1915/2010e).

Do lado do educador, aponta-se também sua posição de sujeito desejante, estar à frente da educação das crianças requer uma implicação com o ato de transmitir seu conhecimento, desejo este relacionado às suas experiências infantis fraternais e educacionais (Freud, 1915/2010e; 1912/2012).

Em outra posição, não mais de autoritarismo e repressão, mas de autoridade e também de ser desejante, a educação possibilita dar voz ao sujeito, que permite o reconhecimento da impossibilidade de realização do desejo, mas sem deixar de satisfazê-lo parcialmente (Freud, 1915/2010e). No entanto, não basta que o adulto responda a todas as questões levantadas pela criança, pois o esclarecimento não esgota a complexidade da sexualidade, não se trata de saber mais ou saber menos, mas do lugar de um não-saber o educador pode estabelecer uma relação transferencial que permite ao sujeito se identificar com a sua figura e investir em seu processo educacional e não apenas no conteúdo a ser aprendido, ao revelar a impossibilidade de educar, isto é, a incompletude desse processo, uma vez que a aprendizagem segue junto ao desejo do sujeito (Freud, 1937/1996b; 1912/2012).

A releitura dos textos freudianos por autores da Psicopedagogia contribuiu para a fundamentação teórica da práxis psicopedagógica e para a compreensão da relação entre o aprendente e o processo de aprendizagem, bem como da relação

transferencial entre o educador e o educando, ao considerar o desejo e atemporalidade do inconsciente.

Este artigo é fruto de um percurso das autoras pelos campos da psicanálise, educação e psicopedagogia. Nos cursos de especialização em psicopedagogia, a psicanálise é posta como uma disciplina relevante para a compreensão da singularidade do processo de ensino-aprendizagem e das suas dificuldades do aprendente, assim, por vezes é confundida como um saber a mais sobre o ser humano. Instigadas pela formação em psicopedagogia e atravessadas pela psicanálise é que se propôs esta pesquisa bibliográfica acerca da bibliografia científica produzida a partir da aproximação desses dois campos, a fim de analisar as leituras que a psicopedagogia faz do campo psicanalítico e de refletir como a psicanálise pode contribuir para a práxis da psicopedagogia.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Diante do que foi explanado, realizou-se um estudo de natureza qualitativa, a partir das indagações acerca de quais leituras a psicopedagogia faz da psicanálise para apoiar sua práxis e quais contribuições do campo psicanalítico são possíveis para se considerar o sujeito e suas dimensões transferenciais no processo psicopedagógico.

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, no período de maio a junho de 2016, a partir de artigos científicos publicados na base de dados BVS psi, utilizou-se como critérios de inclusão e exclusão os descritores psicanálise e psicopedagogia. Encontrou-se 10 artigos publicados entre os anos de 1990 a 2012, no entanto, três textos não foram utilizados nesse estudo, pois não estavam disponíveis on line e um quarto artigo foi retirado da análise, pois versava sobre a atuação da fonoaudiologia na clínica interdisciplinar dos distúrbios de linguagem. Houve a leitura dos textos freudianos que versam sobre a noção de sujeito, inconsciente, transferência e repetição, conceitos centrais para a Psicanálise, além dos textos que contribuem para a aproximação do campo psicanalítico à educação. Após a leitura crítica dos trabalhos científicos, construiu-se um diálogo com os textos freudianos, a fim de conhecer qual leitura se faz da psicanálise nos trabalhos relacionados ao campo psicopedagógico e refletir quais contribuições são possíveis para esta área.

## **RESULTADOS E DISCURSSÃO: A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E A NOÇÃO DE SUJEITO PARA A PSICANÁLISE**

No percurso de construção teórico e metodológico da psicopedagogia ao mesmo tempo foram incluídas algumas teorias psicológicas e a psicanálise para a compreensão do desenvolvimento humano e do processo de aprendizagem. Alguns trabalhos trazem uma tentativa de compatibilização da teoria psicanalítica de Freud no que se refere à afetividade com teorias cognitivas, a exemplo da Psicologia genética de Piaget, o que autoriza cada abordagem a dizer sobre um aspecto do indivíduo.

No texto de Correa (1990), as duas epistemologias são confrontadas a partir da noção de sujeito. De antemão, nos é alertado sobre a diferença entre os conceitos de sujeito em uma e outra abordagem. Na psicologia genética existe um sujeito do conhecimento, racional. Em psicanálise o sujeito pertence ao campo do desejo, inconsciente. Correa (1990) conclui que há uma diferença epistemológica irreduzível entre as teorias, embora Piaget tenha feito um paralelo a fim de articular os conceitos de inconsciente afetivo e cognitivo em um evento da Sociedade Americana de Psicanálise no ano de 1972, onde proferiu a palestra “Inconsciente Afetivo e Cognitivo” (Correa, 1990).

Em Psicanálise, a aprendizagem não se orienta pela dimensão cognitiva, antes participa da constituição psíquica a partir da problemática da origem da criança e do desejo de aprender (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b; 1907/2015a; 1908/2015b). O efeito do Complexo de Édipo e da castração narcísica na relação da criança com seus pais permitem mais tarde fazer laço com outras pessoas da sociedade e investir em produções que lhe proporcionem satisfação (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b).

A educação formal é objeto de investimento a partir da relação transferencial com a figura de autoridade que transmite algum conhecimento no contexto escolar (Freud, 1912/2010c; 1914/2010d; 1915/2010e; 1912/2012). Os problemas de aprendizagem advindos da escolarização são sintomas de um sujeito que não se encontra nesse processo, deste modo, a psicopedagogia mais que trabalhar para o auxílio da aquisição da lógica matemática, leitura, ortografia e demais conhecimentos encaixados em disciplinas escolares, pode contribuir de forma terapêutica, na medida em que ao identificar que conteúdos psíquicos prejudicam a aprendizagem do sujeito, pode partilhar e construir um trabalho junto aos psicanalistas e psicólogos.

Ireland (2012) traz a discussão sobre a clínica psicanalítica com crianças e adolescentes que apresentam, de acordo com o discurso dos pais, problemas relacionados à escola são diagnósticos fechados ou reprovação escolar. A autora aponta que a psicanálise contribui para a compreensão do funcionamento psíquico, e embora não se alinhe, a termos como “transtornos”, dificuldades ou problemas comuns à medicina, pedagogia, psicologia e psicopedagogia, se aproxima dessas áreas no acompanhamento interdisciplinar. De acordo com (Ireland, 2012) a clínica psicanalítica trata a partir de seu arcabouço teórico e metodológico, e considera como marcos da constituição psíquica a “neurose, psicose, perversão e estados fronteiros, que subjazem a diversos sintomas, inclusive os da área da aprendizagem” (p.152).

Para Ireland (2012) quatro dimensões da psicanálise são relevantes para dialogar com o processo de aprendizagem: pulsão epistemofílica, isto é, pulsão do saber ou do conhecimento, inibição intelectual, produção do pensamento e produção do conhecimento. Para tanto discute um caso clínico que desliza entre um quadro de psicose de acordo com os escritos de Freud ou uma tendência antissocial conforme contribuições de Winnicott (1987 apud Ireland, 2012). Fundamenta seu trabalho nas releituras dos textos freudianos de Bion (1991; 1994 apud Ireland, 2012) sobre a estruturação de um aparelho psíquico que dê suporte aos pensamentos e possibilite o ato de pensar. Em Melanie Klein (1991; 1996 apud Ireland, 2012) busca o desenvolvimento do ego e em Sara Pain (1985 apud IRELAND, 2012) a diferença entre problemas escolares e problemas de aprendizagem, ao considerar os comprometimentos das atividades escolares como formações reativas do ego advindas da dificuldade em transitar do grupo familiar ao grupo social, manifestadas pela resistência às normas disciplinares, má integração no grupo de pares, desqualificação do professor, dentre outros (Pain, 1985 apud Ireland, 2012).

A noção de sujeito é colocada em relação ao tempo singular de cada indivíduo para aprender, principalmente diante de limitação como a psicose ou tendência antissocial. Esses dois conceitos não serão explanados nessa discussão, pois enfatiza na problemática da constituição psíquica, a partir de duas leituras de textos freudianos, bionianos e kleinianos por Ireland (2012) na tentativa de explicar um Ego suficientemente fortalecido e capaz de dar suporte ao processo de aprendizagem.

A autora utiliza-se da parceria com a psicopedagogia para trabalhar problemas escolares que chegam à sua clínica que não seriam de ordem cognitiva, mas de cunho psicológico que fazem resistência ao laço social com as pessoas da escola e a

possibilidade de vincular-se a figura do professor e assim quem sabe poder se beneficiar de algum conhecimento escolar.

Com Freud aprende-se que o Eu realiza a mediação entre o inconsciente e o supereu, tarefa que tem suas consequências, pois ao lidar com a limitação da realização da satisfação do desejo e a sujeição parcial às normas e leis da cultura e sociedade gera alguns sintomas (Freud, 1923/2011a; 1924/2011b). Com o trabalho analítico não se espera apenas o fortalecimento do Eu, uma vez que as marcas das experiências infantis repetem-se na vida do sujeito, mesmo que de forma mais branda, faz resistência ao tratamento (Freud, 1914/2010d).

O trabalho psicopedagógico neste campo poderia usufruir mais de uma aposta na relação de alteridade entre o analisando e o contexto escolar, a fim de que ele enquanto estudante possa identificar-se com algum elemento da escola (professor, estudantes, coordenação, outros funcionários, momento da brincadeira e da alimentação) e fazer laço com o processo de educação formal.

## **LAÇO SOCIAL E TRANSFERÊNCIA**

Para a psicanálise (Freud, 1914/2010a; 1920/2010b; 1923/2011a), a constituição psíquica emerge da relação do bebê com seus genitores, a vinculação se dá a partir de um modelo de Eu ideal imaginado pelos pais e que servirá como primeira identificação para o bebê. Da castração narcísica irá surgir um ideal de Eu que permite ao sujeito buscar outras imagos as quais se identifica e investe. O desejo de conhecimento aparece com as primeiras experiências infantis na busca por sua origem e depois encontra receptáculo em outras atividades de pesquisa sobre si e o mundo (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b; 1914/2010a; 1923/2011a; 1907/2015a; 1908/2015b).

Em Almeida (2011), depara-se com a discussão acerca da família, grupo primário de vinculação da criança com o mundo, que junto a fatores genéticos e sociais, é importante na formação da identidade do sujeito e, por conseguinte, nas modalidades de aprendizagem. Assim para a autora, a perspectiva pedagógica fundamentada na psicanálise considera o campo familiar como momento inicial da aprendizagem humana, cuja modalidade de aprendizagem se constrói ao depender se no enlace parental a criança é reconhecida e desejada como sujeito aprendente e a significação que o grupo familiar dá ao ato de conhecer.

Ainda, Almeida (2011) traz a teoria da Epistemologia Convergente de Jorge Visca (1991 apud Almeida, 2011), teórico da psicopedagogia que propõe um trabalho clínico a partir da integração das estruturas cognitiva, afetiva e social. Na Epistemologia Convergente, se considera que o superego é o produto e representante da internalização das normas e padrões parentais, por sua vez, o laço parental reverbera no processo de aprendizagem da criança.

Se tal vínculo for de dependência, a posição do aluno será de subordinação ao conhecimento do professor. Há outros dois tipos de vínculos advindos das relações parental e fraternal do aprendente, que pode ser de cooperação e mutualidade ou competição e rivalidade intergeracional, sexual ou fraterno. A partir da relação vincular estabelecida na família e o desejo do aprendiz para aprender, uma relação poderá ser construída com a figura do professor, numa nova relação entre quem ensina e quem aprende.

Mais uma vez, a psicanálise é vista a partir da dimensão afetiva, talvez pelo amor primário dedicado aos pais mais tarde permitir que a criança invista em outros objetos do mundo e se vincule ao professor enquanto figura merecedora de seu apreço (Freud, 1912/2010c; 1914/2010d; 1915/2010e; 1912/2012). Muitos autores que orientam seu trabalho pela teoria psicanalítica têm se apropriado desta hipótese. Os pais são as primeiras pessoas a quem a criança supõe algum saber e reconhece à autoridade, esse vínculo parental é convocado a marcar presença na escola, seja nos momentos festivos e de devolutiva do trabalho pedagógico, seja nas dificuldades de aprendizagem, aonde a escola irá tencionar os pais a buscarem ajuda fora dela, muitas vezes no psicopedagogo.

É sobre o lugar ocupado pelos pais na relação da criança com a escola que Andrade (2002) relata a experiência de uma escola a partir da psicopedagogia institucional orientada pela psicanálise. As instituições são vistas “como produtos e produtoras de símbolos, cuja função consiste em reler a realidade a partir dos vários sentidos que se lhe podem ser atribuídos criativamente” (Andrade, 2002, p. 84), Deste modo, os sujeitos participantes da dinâmica institucional aprendem a lidar com seus desejos, a partir da alteridade e mediação das leis, embora a instituição não seja poupada do conflito entre realizar seus desejos individuais e as necessidades do coletivo.

Na relação pedagógica, a escola é reinvestida de identificações que a posicionam como uma extensão do espaço familiar, assim, neste escrito, o autor

defende a ideia de os pais e a comunidade exercerem a função de terceiro elemento na dinâmica inconsciente da escola, ao facilitar a mediação de conflitos e contribuir para a formação da autonomia moral e de valores das crianças e adolescentes, principalmente em situações cuja escola e a educação encontram-se desvalorizadas pelos estudantes, professores e comunidade. A partir da fundamentação teórica da psicanálise, a posição de um terceiro na relação do estudante com a escola exerce a função de castração ao apontar as limitações tanto dos aprendentes quanto da escola diante do processo de educação, ao mesmo tempo em que contribui para a construção de uma alteridade (Freud, 1914/2010a; 1923/2011a).

A psicopedagogia institucional atua com o coletivo que compõe o contexto escolar, e considera cada pessoa e cada situação que influencia o processo de aprendizagem. Olhar para o todo, sem coletivizar o trabalho com os indivíduos é um desafio ao qual o psicopedagogo se sente impelido através das contribuições da psicanálise, pois cada sujeito tem seu estilo de ensinar e aprender e destina sua energia pulsional a determinados objetos, o que diz respeito aquele enlace parental de outrora, e que reverbera no laço com as pessoas que compõem a escola e com este espaço (Freud, 1915/2010e; 1912/2012).

Essa vinculação ao ambiente escolar também diz respeito à relação transferencial e ao desejo de conhecimento. Se a identificação com o espaço físico e simbólico da escola não acontecem de maneira positiva para o aprendente e se esse não encontra a mínima sustentação da aprendizagem como objeto a ser investido pelos pais, professores e psicopedagogos, o que se prevê é o desinteresse pela aprendizagem no contexto escolar e o surgimento das dificuldades de aprendizagem e problemas na escola de ordem comportamental, a exemplo de depredação da infraestrutura, conflitos interpessoais, dentre outros.

O trabalho psicopedagógico escolar sofre influência da globalização da cultura e de tecnologias que adentram ao campo educacional. É o que se percebe em Travi, Oliveira e Santos (2009), com a problematização das concepções de ensino-aprendizagem na escola diante das transformações da sociedade e do aumento do fracasso escolar. Mediante um caso clínico de um adolescente com problemas de aprendizagem, discute a inclusão em interface entre o trabalho clínico, educacional e a família, ao considerar a complexidade de fatores que levam ao fracasso escolar.

A escola seria a re(produtora) deste fracasso por não conseguir responder as demandas da sociedade de constante formação e informação dos educadores,

exigências da globalização, e conseqüentemente não diminuir a evasão escolar e os problemas de aprendizagem, respectivamente, diante do desinteresse dos estudantes e devido as fragilidades estruturais e funcionais das escolas. As novas configurações familiares, o declínio das funções parentais e a transferência de responsabilidades outrora dos pais geram impasses na constituição psíquica das crianças e no desejo de aprender, que convoca a escola e os professores a se posicionarem e criarem estratégias que solucionem os problemas de aprendizagem e o fracasso escolar, função esta vivida com angústia e desamparo pelos educadores (Travi, Oliveira & Santos, 2009).

Deste modo, as autoras se orientam pelas contribuições de Françoise Dolto (1990 apud Travi, Oliveira & Santos, 2009) para considerar o intercâmbio das ordens sociológica, psicológica e pedagógica no fracasso escolar. Neste trabalho também se busca referências nos estudos de Paín (1986 apud Travi, Oliveira & Santos, 2009) para pensar a educação e a posição dos professores, assim, as autoras propõem um trabalho interdisciplinar, que articula a Pedagogia, Psicanálise e Psicopedagogia para apoiar o professor na inclusão da diferença, isto é, “o aluno que deflagra angústia no professor, por um distanciamento significativo em relação aquilo que ele espera” (Travi, Oliveira & Santos, 2009, p. 428).

Geralmente, ocupam este lugar aqueles alunos com necessidades especiais e/ou com problemas de aprendizagem. Na perspectiva de Dolto (1990 apud Travi, Oliveira & Santos, 2009), o trabalho psicanalítico com crianças e adolescentes está ligado também ao desejo dos pais, cujos problemas de aprendizagem também são sintomas da constituição do laço de filiação. Por isso, (Travi, Oliveira & Santos, 2009) defendem um trabalho clínico articulado com o trabalho educacional e se preocupam com a inclusão social para além da dimensão escolar, a exemplo do trabalho e esporte.

A análise crítica deste texto trouxe questionamentos acerca da demanda direcionada à educação e conseqüentemente à psicopedagogia para responder aos anseios contemporâneos de inclusão de todos que dela procuram auxílio, mesmo que esta ajuda não seja necessariamente solicitada pela criança ou adolescente. A educação compartilha da mesma impossibilidade de se concretizar tal como a psicanálise, pois o professor e o analista também são sujeitos desejantes e passíveis de sofrer dos efeitos de uma transferência negativa (Freud, 1937/1996b; 1915/2010e).

Com o trabalho psicopedagógico orientado pela teoria psicanalítica não é diferente, uma vez que o psicopedagogo está em constante formação profissional e carece de um momento psicoterapêutico para cuidar de si. Convoca-se novamente o reconhecimento de que não há um caminho para a satisfação total e nem para o apaziguamento de toda a angústia, uma vez que a falta é uma condição dos seres humanos. Assim, a inclusão vislumbrada irá se deparar com a inclusão de cada um de acordo com as suas possibilidades e limites.

Os artigos compõem uma leitura da psicanálise a partir da sua contribuição para a compreensão da subjetividade, ao desejo de aprender e a relação transferencial com os pais, professores e a escola. Milmann (2003) elabora o diálogo entre a psicanálise e a educação, interroga o lugar da clínica psicopedagógica com crianças e adolescentes que apresentam estruturação psicótica e o acompanhamento destes no contexto escolar do ensino público. A leitura que se faz da psicanálise vem das suas contribuições para a compreensão da linguagem em crianças com questões orgânicas e/ou psíquicas que afetam seu desenvolvimento e aprendizagem.

A autora fundamenta-se em Jacques Lacan (1955-6 apud Milmann, 2003) para explicar a psicose como um não enlaçamento dos três registros da experiência humana: Real, Imaginário e Simbólico, manifestando-se na falha da inscrição da função significante do Nome-do-Pai e no próprio funcionamento da linguagem. Esse impasse na linguagem produz efeitos na subjetividade dos psicóticos e na inserção no campo social e escolar, no que se refere à confusão diagnóstica da psicose com outros quadros, a exemplo do autismo, hiperatividade com déficit de atenção, problemas de conduta, deficiência mental e até altas habilidades (Milmann, 2003).

Em Jean Bergès (1988 apud Milmann, 2003) busca a explicação para o entrelaçamento entre a estruturação psicótica e o acesso à letra, pois na psicose há a sobreposição da imagem pura ao símbolo, o que dificulta encontrar sentido na leitura (Milmann, 2003). Ainda orientada por Bergès (1988 apud Milmann, 2003), a autora aponta que falhas nas funções parentais durante o desenvolvimento infantil reverberam no exercício das funções perceptivo-motoras, uma vez que a imagem corporal da criança não está organizada, dimensão importante para o ordenamento espaço-temporal no espaço gráfico do texto, que por sua vez possibilita o acesso à leitura. Assim, Milmann (2003) aborda a questão da dificuldade de leitura a partir de um corpo que apresenta falhas na fonação, audição, olhar e motricidade o que torna seu acesso à escrita restrito ao signo, não encontrando sentidos no texto.

A formação da imagem corporal e o domínio da linguagem são os primeiros efeitos da instauração e sustentação do simbólico na constituição psíquica que permite a interação da criança com a realidade e capacidade de responder as demandas que lhe são dirigidas. Na psicose, o desinvestimento ou percepção inadequada da realidade externa deixa o sujeito numa alienação que restringe o exercício das funções corporais e da linguagem (Freud, 1924/2011b) que repercute inclusive na questão do ensino-aprendizagem já que é de uma relação transferencial e de uma implicação do sujeito que se espera que ocorra a transmissão e identificação do conhecimento.

Concorda-se com a autora acerca da possibilidade de que haja uma intervenção com a criança psicótica em situação de escolarização, uma vez que o sujeito que aponta para uma estruturação psicótica cria seu próprio jeito de falar e agir no mundo, também não se trata de torná-la apta a adentrar a um mundo que não lhe afeta. O trabalho psicopedagógico orientado pela psicanálise diante da dificuldade de leitura ou de qualquer outro impasse na aprendizagem deve operar a partir dos detalhes reveladores da marca de cada um, a fim de tentar conciliar as reivindicações do sujeito com as exigências da realidade e assim construir algum laço social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aproximação dos campos da psicanálise e da psicopedagogia se fez através da inclusão das teorias psicanalíticas, em sua mais variada extensão através de inúmeros autores, no arcabouço teórico e metodológico à área psicopedagógica sob a perspectiva afetiva do processo de ensino-aprendizagem. A análise crítica de artigos científicos que versam sobre intervenções psicopedagógicas no âmbito institucional e clínico possibilitou a compreensão de quais leituras se tem da psicanálise e quais contribuições tem sido possíveis para o campo educacional e psicopedagógico no que se refere às dificuldades de aprendizagem e aos problemas escolares.

O retorno aos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana aponta para um sujeito inconsciente, cuja implicação com o conhecimento está no campo do desejo. Falar em psicopedagogia de uma intervenção direcionada para o processo de aprendizagem humana, que considera o ambiente familiar, escola e sociedade em um determinado contexto sócio-histórico é também falar de um sujeito que faz laços sociais e que sustenta suas relações a partir de identificações e investimento naquilo que lhe faz causa, inclusive no processo de educação formal. Percebe-se que as

influências ultrapassam os estudos freudianos e chegam à diversidade de psicanalistas que, de alguma forma, contribuíram com o campo, mesmo que se afastem em alguma medida dos constructos de Freud.

O trabalho do psicopedagogo orientado pela psicanálise mais que intervir nas dificuldades de aprendizagem e auxiliar na aquisição de conhecimentos formais, pode vir a contribuir para a identificação de conteúdos psíquicos que prejudicam a aprendizagem, atuando a partir das marcas reveladoras de cada um, numa inclusão no campo educacional que leve em consideração o desejo do sujeito e sua relação com o aprender. Por fim, o psicopedagogo também adentra esta relação com o aprendente implicado também como sua satisfação profissional, pois seu desejo em ensinar vai entrar no circuito pulsional no desejo de aprender da criança. As influências do campo psicanalítico são amplas e devem ser exploradas no sentido de contribuir para a não normatização e psiquiatrização da infância.

## REFERÊNCIAS

- ABPp. *Código de ética do psicopedagogo*. Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2011.
- ALMEIDA, A. P. D. Quando o vínculo é doença: a influência da dinâmica familiar na modalidade de aprendizagem do sujeito. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.28, n.86, p.201-213, 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-84862011000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862011000200011)>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- ANDRADE, F. C. B. Dentro ou fora essa escola, onde está? **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 7, n.12, p. 76-99, 2002. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282002000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000100008)>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- BOSSA, N. A. *A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Rio Grande do Sul: Artmed, 2007.
- COSTA, K; FERNANDES, J. S. G; ANDRADE, M. S.; MONTIEL, J. M.; BARTHOLOMEU, D. Psicopedagogia em foco: caracterização do status atual dos estudos no Brasil. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 32, n. 98, p.182-190, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862015000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000200008)>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- CORREA, J. De Freud a Piaget: Algumas considerações acerca da noção de subjetividade. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 58-65, jun-ago, 1990. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/21766>>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- DALPIAZ, S. L. Sobre o fazer clínico diante dos distúrbios de linguagem: o tempo e as condições para a enunciação. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 236-248, 1990. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/56580>>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- FREUD, S. Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: FREUD, S. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.7. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996a.
- \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, S. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.23. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996b.
- \_\_\_\_\_. O esclarecimento sexual das crianças (1907). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.8. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2015a.
- \_\_\_\_\_. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.8. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2015b.
- \_\_\_\_\_. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.12. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010a.
- \_\_\_\_\_. O Eu e o ID (1923). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.16. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Neurose e Psicose (1924). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.16. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2011b.
- \_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.14. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010b.

\_\_\_\_\_. A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.8. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2015c.

\_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.10. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010c.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, S. *Obras completas*. v. 10. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010d.

\_\_\_\_\_. Observações sobre o amor de transferência (1915). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.10. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010e, p. 210-228.

\_\_\_\_\_. Sobre a psicologia do colegial (1912). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v.11. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2012.

IRELAND, V. E. Queixas de aprendizagem — contribuições de outras disciplinas e da psicanálise. In: **Estudos de Psicanálise**. n.37, p.151-164, jul. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372012000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100014)>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.

MASINI, E. F. S. et al. *Psicopedagogia na escola: buscando condições para a aprendizagem significativa*. São Paulo: Unimarco/Loyola, 1993.

MILMANN, E. A instância da letra na leitura. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v.8, n.14, p.30-49, 2003. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/estic/article/download/61167/64143](http://www.revistas.usp.br/estic/article/download/61167/64143)>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.

RAMOS, G. P. Psicopedagogia: aparando arestas pela história. **VIDYA**, Santa Maria, v. 27, n. 1, p. 9-20, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/346/320>>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.

TRAVI, M. G. G.; OLIVEIRA, L. M; SANTOS, G. A. A escola contemporânea diante do fracasso escolar. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.26, n.81, p.425-34, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862009000300010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000300010)>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.

## **APPROPRIATION OF PSYCHOANALYSIS BY PSYCHOPEDAGOGY: CONTRIBUTIONS TO THE DESIRE OF THE FIELD**

### **ABSTRACT**

This paper proposes to discuss which readings psychopedagogy does psychoanalysis to support their practice and that the psychoanalytic field contributions are possible to consider the subject and its transference dimensions in the psychopedagogical process. Conducted a literature search for the period may-june 2016, from scientific papers published in BVS psi database. The review of scientific articles that deal with psycho-pedagogical interventions based on psychoanalytic theories circled around two axes: notion of subject for psychoanalysis; and social bond and transfer. It is concluded that the psychopedagogical work oriented by psychoanalysis contributes to intervene in learning difficulties and to an inclusion in the educational field that takes into account the desire of the subject and its relationship to learning.

**KEYWORDS:** Psychopedagogy. Psychoanalysis. Education.

## **L'APPROPRIATION DU SAVOIR PSYCHANALYTIQUE POUR LA PSYCHOPÉDAGOGIE: LES CONTRIBUTIONS AU DOMAINE DU DÉSIR**

### **RÉSUMÉ**

Cet article vise à discuter quelles lectures la psychopédagogie fait sur la psychanalyse pour soutenir ses pratiques et quelles contributions du champ psychanalytique sont possibles pour considérer le sujet et ses dimensions transférentielles dans le processus psychopédagogique. Durant les mois de Mai et Juin de 2016, il a été faite une recherche bibliographique d'articles scientifique publiés dans la base de données BVS psi. L'analyse d'articles scientifiques qui parlent sur l'intervention psychopédagogique fondée sur des théories psychanalytiques a été faite autour de deux axes: la constitution psychique et la notion du sujet pour la psychanalyse; et le lien social et le transfert. On a conclu que le travail du psychopédagogue orienté par la psychanalyse peut contribuer à intervenir dans les difficultés d'apprentissage et dans l'inclusion sur le champ d'éducation en considérant le désir du sujet et sa relation avec le fait d'apprendre.

**MOTS-CLÉS:** Psychopédagogie. Psychanalyse. L'éducation.

*Apropriações do Saber Psicanalítico pela Psicopedagogia: Contribuições ao Campo do Desejo*

Recebido em: 01-02-2017

Aprovado em: 16-03-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

## CONTENTS

THE PHENOMENON OF STREET MANIFESTATIONS IN BRAZIL: A PSYCHOANALYTIC READING OF MASS BEHAVIOR-----	32
SUBJECT, SPEECH AND IDEOLOGY: A PSYCHOANALYTICAL UNDERSTANDING ABOUT THE POSITION OF THE SUBJECT IN MEDIA-----	60
O SUJEITO DA PSICANÁLISE E O COGITO CARTESIANO: UMA QUESTÃO ESTRUTURAL -----	63
THE SUBJECT OF PSYCHOANALYSIS AND THE CARTESIAN COGITO - A STRUCTURAL QUESTION -----	84
CONSIDERATIONS ABOUT PHALLUS AND PSYCHOSIS -----	102
FROM SLEEPING BEAUTY TO MALEFICENT: THE WOMEN ROLE IN SOCIETY -----	127
THE MONSTER ALL TOO HUMAN: THE VIEW FROM PSYCHONALYSIS ABOUT HELPLESSNESS -----	150
WRITING AND DRUNKENNESS FERNANDO PESSOA: A PSYCHOANALYTIC STUDY -----	179
THE IMAGE'S LANGUAGE: NOTES ABOUT SUBJECT IN QUESTION ON TV AND ON CINEMA -	194
CONSIDERATIONS ON THE ROLE OF PSYCHOANALYST FORWARD TO ART -----	227
THE HIDDEN SIDE OF CHILHOOD: A PSYCHOANALALYTIC POINT OF VIEW ABOUT PERVERSITY IN CHILDHOOD-----	255
APPROPRIATION OF PSYCHOANALYSIS BY PSYCHOPEDAGOGY: CONTRIBUTIONS TO THE DESIRE OF THE FIELD-----	276

## SOMMAIRE

LE PHENOMENE DES MANIFESTATIONS DE RUE AU BRESIL: LECTURE COMPORTMENTS PSYCHANALITQUES MASSES -----	33
SUJET, DISCOURS ET IDÉOLOGIE: UNE COMPRÉHENSION PSYCHANALYTIQUE SUR LE POSITION DU SUJET EN DISCOURSES MÉDIATIQUES-----	61
L'OBJET DE LA PSYCHANALYSE ET DE COGITO CARTESIEN – UNE QUESTION STRUCTURELLE -----	85
CONSIDERATIONS SUR PHALLUS ET PSYCHOSES -----	103
LA BELLE AU BOIS DORMANT À MALÉFIQUE: LE ROLE DES FEMMES DANS LA SOCIETE ---	128
LE MONSTRE TROP HUMAIN: LE PERSPECTIVE DE LA PSYCHANALYSE SUR L'ABANDON---	151
ÉCRIT ET IVRESSE CHEZ FERNANDO PESSOA: UNE ÉTUDE PSYCHANALYTIQUE -----	180
LE LANGAGE DE L'IMAGE: NOTES SUR LE SUJET EN QUESTION À LA TÉLÉVISION ET DANS LE CINÉMA-----	195
CONSIDERATIONS SUR LE RÔLE DU PSYCHANALYSTE DEVANT L'ART-----	228
LA FACE CACHÉE DE L'ENFANCE: UN REGARD PSYCHANALYTIQUE SUR LA PERVERSITÉ ENFANTINE -----	256
L'APPROPRIATION DU SAVOIR PSYCHANALYTIQUE POUR LA PSYCHOPÉDAGOGIE: LES CONTRIBUTIONS AU DOMAINE DU DÉSIR-----	277